

BIOFRAGMENTOS

DE UMA

VIDA - EDUCAÇÃO

AMAZÔNICA

infância e arte menor com
paul klee



Jessé Campos



**NÚCLEO DE ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO BÁSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA
ASSOCIAÇÃO PLENA EM REDE**

JESSÉ PINTO CAMPOS

BIOFRAGMENTOS DE UMA VIDA-EDUCAÇÃO AMAZÔNICA:

Infância e arte menor com Paul Klee

**Belém-PA
2024**

JESSÉ PINTO CAMPOS

BIOFRAGMENTOS DE UMA VIDA-EDUCAÇÃO AMAZÔNICA:

Infância e arte menor com Paul Klee

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Polo Belém, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título do Doutor em Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gilcilene Dias da Costa.

Linha de Pesquisa: Saberes, Linguagem e Educação.

Belém-PA
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD]
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)**

- C198b Campos, Jessé Pinto.
Biofragmentos de uma vida-educação
amazônica: Infância e arte menor com Paul Klee /
Jessé Pinto Campos. — 2024.
251 f.: il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Gilcilene Dias da Costa
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação
Básica, Programa de Pós-Graduação em Educação
na Amazônia, Belém, 2024.
1. Vida-educação. 2. Arte menor. 3. Blocos de infância.
4. Paul Klee. 5. Biofragmentos. I. Título.

CDD 370

JESSÉ PINTO CAMPOS

BIOFRAGMENTOS DE UMA VIDA-EDUCAÇÃO AMAZÔNICA:

Infância e arte menor com Paul Klee

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Polo Belém, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito para a obtenção do título do Doutor em Educação na Amazônia.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **GILCILENE DIAS DA COSTA**
Data: 02/04/2024 16:06:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa
Orientadora/Presidente – PGEDA/UFPA

Documento assinado digitalmente
 **JOSE VALDINEI ALBUQUERQUE MIRANDA**
Data: 02/04/2024 16:59:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda
Membro Interno Titular – PGEDA/UFPA

Documento assinado digitalmente
 **JOSE VICENTE DE SOUZA AGUIAR**
Data: 02/04/2024 17:20:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Vicente de Souza Aguiar
Membro Interno Titular – PGEDA/UEA



Profa. Dra. Angélica Vier Munhoz
Membro Externo Titular – PPGEnsino/UNIVATES

Documento assinado digitalmente
 **MAXIMO DANIEL LAMELA ADO**
Data: 02/04/2024 21:10:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Máximo Daniel Lamela Adó
Membro Externo Titular – PPGEDU/UFRGS

Aprovação em: 28/03/2024



*Dedico aos momentos alegres da
infância, do pôr do sol à chuva no fim
da tarde, aos dias quentes de julho e
aos banhos de rio, ao tenro tempo
perdido no recreio e aos sorrisos dos
meus amigos e familiares.*

UM SONHO

O sonho começa na infância de um menino bem peralta que, desde criança, não parava de falar e sonhar em suas muitas travessias de vida rizomadas no seu percurso escolar e na sua vida no interior da Amazônia. O menino passava o dia a brincar na rua ou na frente da televisão... À tarde, jogava peteca, ocasionalmente, brincava de “fura-fura”, pira-se-esconde, entre muitas outras brincadeiras na companhia de seus muitos primos e amigos. Quando chovia, aproveitava para tomar banho na chuva; as valas enchiam de água, e ele fazia barquinhos de papel para ver até onde seriam levados pela correnteza. Assim, o menino agradece pela vida simples do interior e suas inúmeras amizades.

O menino construiu bons amigos na escola; na verdade, todos os seus melhores amigos vieram de lá. No Ensino Fundamental, ele começou com a vantagem de conhecer sua prima Yana, que, mesmo não estudando na mesma sala, brincava com ele no recreio. A prima Yana trazia outros muitos amigos, assim conheceu Camila, Fátima, Hudson, Neilliane, Raiane, Wendy... corriam até que suas bochechas ficassem rosadas ou brincavam no escorrega-bunda, no balanço ou apenas ficavam conversando na maloca. Essas amizades são seus alicerces, a força que o sustenta até hoje.

Assim, ele agradece por todas as horas de escuta e, vale também agradecer aos bons amigos que fez ao longo de sua vida-educação, os quais o fortaleceram nesse processo de doutorado: Elielma, Fabíola e Mary, obrigado pela companhia, pelos cafés e pelos corujões.

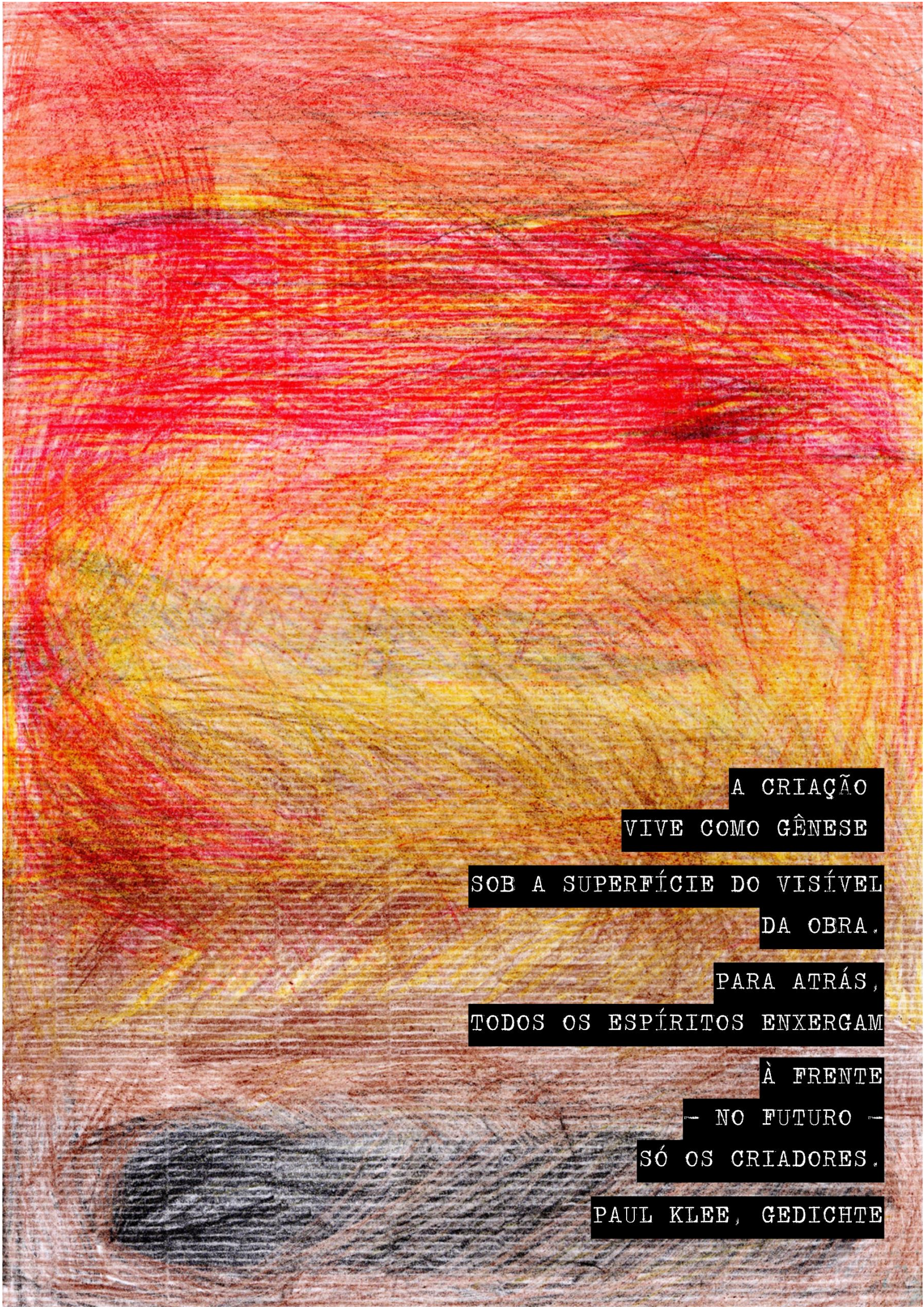
As amizades foram que o incentivaram a estudar e a melhorar em tudo que fazia. Agradece também à família de sua amiga Fátima, que o acolhia todos os dias quando ia à casa dela para estudar e fazer o dever de casa. Ele passava horas fazendo o dever de casa e, por vezes, seguiam até madrugada, desta maneira, reitera os seus sinceros agradecimentos a Tia Francisca e ao Tio João, por sempre incentivarem a sonhar.

O menino cresceu e a vida não parou de surpreender: foi o primeiro de sua família a ter a chance de estudar em uma universidade pública, oportunidade que agarrou com afinco. Nesse período, agradece aos seus pais, Lerde e Bonifácio, pelo todo o esforço despendido para realizar esse sonho, que também era deles. Agradece às suas tias Fátima, Lídia, Socorro e Antônia, que o incentivaram durante toda a vida acadêmica, bem como aos seus irmãos, Zequinha e Edo e Leo e sobrinho Felype e a outros familiares que promoveram suporte e alegam seus dias.

O menino sonhava ser grande; quando ainda era criança, queria logo crescer, avançar no tempo. A inocência é uma virtude da infância. Em seus muitos sonhos, fazer um mestrado e um doutorado era algo tão distante. Desta forma, coube-lhe tornar a distância proximidade, como missão de vida, decidiu realizar o sonho de sua criança interior. Por essa nobre razão, embarcou nessa jornada.

Grata surpresa, a vida acadêmica o presenteou-o com a sua querida orientadora, uma mulher tão doce e forte. Suas lições ensinam por um afeto tão potente que as palavras faltam para agradecer todo acolhimento desse percurso de vida-educação, desde o primeiro sim, a um adolescente fazendo iniciação científica, até a confiança do doutorado. Assim, reconhece que chegou até aqui pela sua paciência, e, sobretudo, por acreditar que poderia sonhar e realizar sonhos. Aos professores Angélica, Máximo, Valdinei e Vicente, agradece todas as contribuições para esta pesquisa; suas palavras foram o guia nos momentos de dúvidas.

Por caminhos e companhias sabe que nunca a escrita de uma tese é individual; sempre é coletiva, pois o sentir perpassa por muitos encontros. Assim, o menino diz obrigado: a todos os alunos que participaram das oficinas, às escolas que possibilitaram experimentar seu trabalho, ao PGEDA/EDUCANORTE e à CAPES, pelo fomento à pesquisa, e a todos que foram cruciais nessa jornada de viver e educar, permitindo que o sonho do menino do interior da Amazônia, que hoje pinta um novo mundo possível, cheio de alegrias e sensações, se realizasse.



A CRIAÇÃO
VIVE COMO GÊNESE

SOB A SUPERFÍCIE DO VISÍVEL
DA OBRA.

PARA ATRÁS,
TODOS OS ESPÍRITOS ENXERGAM

À FRENTE
— NO FUTURO —
SÓ OS CRIADORES.

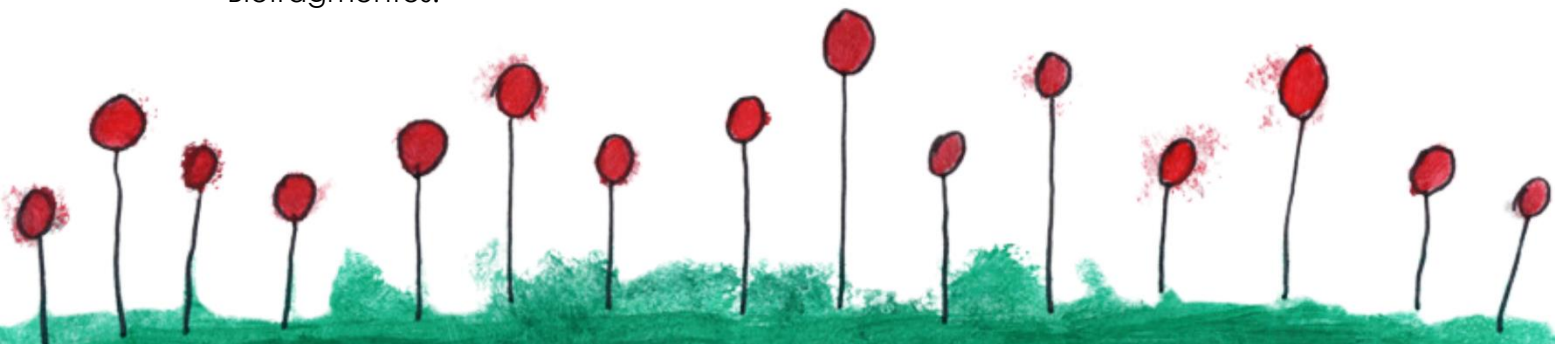
PAUL KLEE, GEDICHTE

RESUMO



A tese se movimenta nos blocos de infância experimentados com Paul Klee, entre seus diários e obras, no ensejo de fabular uma arte menor no encontro com a criação de biografemas, para assim experimentar biofragmentos de uma vida-educação amazônica enquanto criadora de afetos e acolhedora de desejos na educação. O biografema, conceito cunhado por Barthes, apresenta uma sobrevida aos sentidos ainda não explorados de uma vida-obra. Em nosso caso, mergulhamos nesse conceito em busca de criar novos rumos para a vida-obra de Paul Klee, por meio de uma arte menor que se expressa por uma enunciação coletiva experimentada nas transgressões, sensações, desejos e deleites da obra em tela, sem um modelo de representação, imitação e totalização. Ou seja, a arte menor, ao produzir biografemas, agencia as sensações e intensidades ainda veladas no interior dos biografólogos – quem escreve biografemas – sentidos profundos que vieram à superfície pelos afetos singulares experimentados com Klee por um tempo perdido. O método biografemático, desenvolvido por Corazza (2010, 2014), a partir do roubo do conceito de biografema de Roland Barthes, trata-se de um método que coloca a noção de biografia a ganhar uma nova escritura, para assim criar uma escrita livre dos ressentimentos do passado, dando-lhe novos sentidos. No método biografemático, nos debruçamos pelos diários de Klee (1990) e suas obras de arte, os quais experimentamos em oficinas na Educação Básica e no Ensino Superior, nos municípios de Mocajuba e Cametá, no Pará. As oficinas nos apresentaram signos potentes no encontro com a vida, uma vida desdobrada em biografemas embebidos em um ensinar e aprender que transborda a escola e seu entorno. Em via de compor um plano de composição, estabelecemos conversações com Klee (1990; 2019), Deleuze e Guattari (2010; 2011; 2015a; 2015b), Barthes (1978; 2004; 2005. 2017), entre outros, para compor biofragmentos de uma vida-educação amazônica no rumor dos afetos, sensações, acolhimento, intensidades e nas potências de uma arte menor na educação. Em suma, as linhas de escrita desta tese versam sobre biofragmentos de uma vida-educação em seu encontro com a vida amazônica, fabulando a arte menor como potência de vida-obra em Klee, pela qual criamos biografemas e biofragmentos singulares que vazaram signos para a educação ora escancarando uma dor, ora transbordando um afeto tenro de infância, signos criados no seio da escola que despertaram afetos singulares, estes que precisam ser acolhidos no solo escolar, para assim tocar o interior do outro, no rumor de um ensinar-aprender entre blocos de infância e sensações criadas na vida pelo doce viver da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Vida-educação. Arte menor. Blocos de infância. Paul Klee. Biofragmentos.



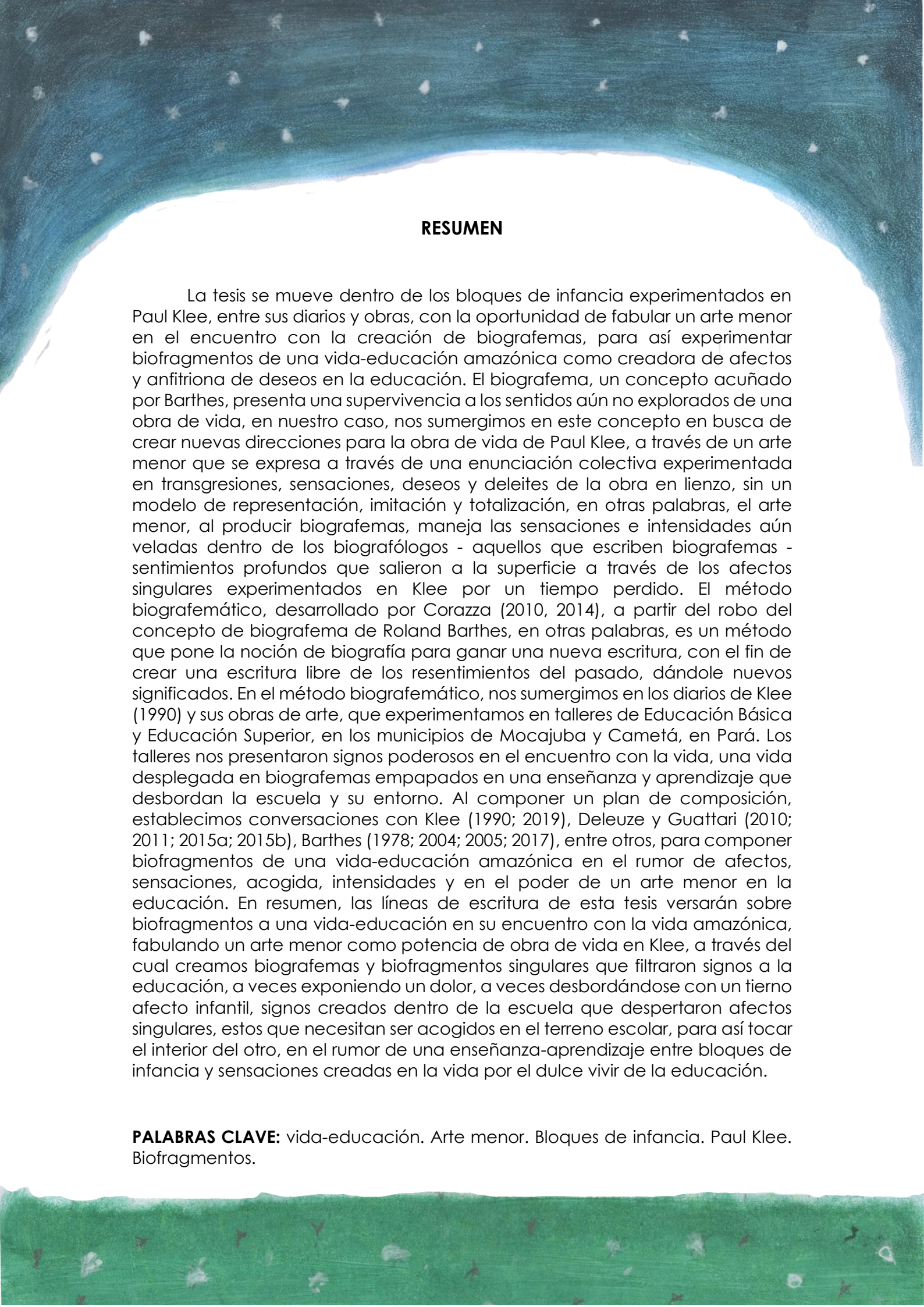
ABSTRACT



The thesis moves through the childhood blocks experienced by Paul Klee in his diaries and works. We aim to fable a minor art in the encounter with the creation of biographemes to experience a biographematic education as a creator of affections and desires in education. The biographeme is a concept created by Barthes that presents new ways to reveal the sense of unknowing of life and work. In our case, we seek to experiment and create new meanings for Paul Klee's life-work. The minor art expresses collective enunciation experienced in the transgressions, sensations, desires, and delights of the work on canvas without a representation model of imitation and totalization. In other words, the minor art produces biographemes that create sensations and intensities still unknown within the biographologists – who write biographemes – deep senses that came to the surface through the singular affections experienced in Klee during a lost time. The biographematic method developed by Corazza (2010, 2014) is based on Roland Barthes and his concept of biographeme. In other words, it is a method that brings a new notion to biography that gains new writing to create a composition without resentments of the past, giving it new meanings. In the biographematic method, we looked at Klee's diaries (1990) and his works of art, which we experimented with in workshops in Basic Education and Higher Education in Mocajuba and Cametá, cities in Pará. The workshops presented powerful signs in the encounter with life, a life experiment biographemes embedded in teaching and learning that experienced the school and its surroundings. To articulate theory and practice, we established conversations with Klee (1990; 2019), Deleuze and Guattari (2010; 2011; 2015a; 2015b), Barthes (1978; 2004; 2005. 2017), among others to compose a biographematic education in rumor of affections, sensations, reception, intensities and the powers of a minor art in education. In short, the lines of writing in This thesis provided clues to a biographematic life-education in its encounter with minor art as a power of life-work in Klee. We created unique biographemes and biofragments that emerge as signs of education, sometimes revealing pain and sometimes spreading affection. These signs were experienced in school and became singular affections that needed to get inside of school grounds to touch the interior of the other in the rumor of a teaching-learning between childhood blocks and sensations created in life for affection in education.

KEYWORDS: Life-education. Minor art. Childhood blocks. Paul Klee. Biofragments.

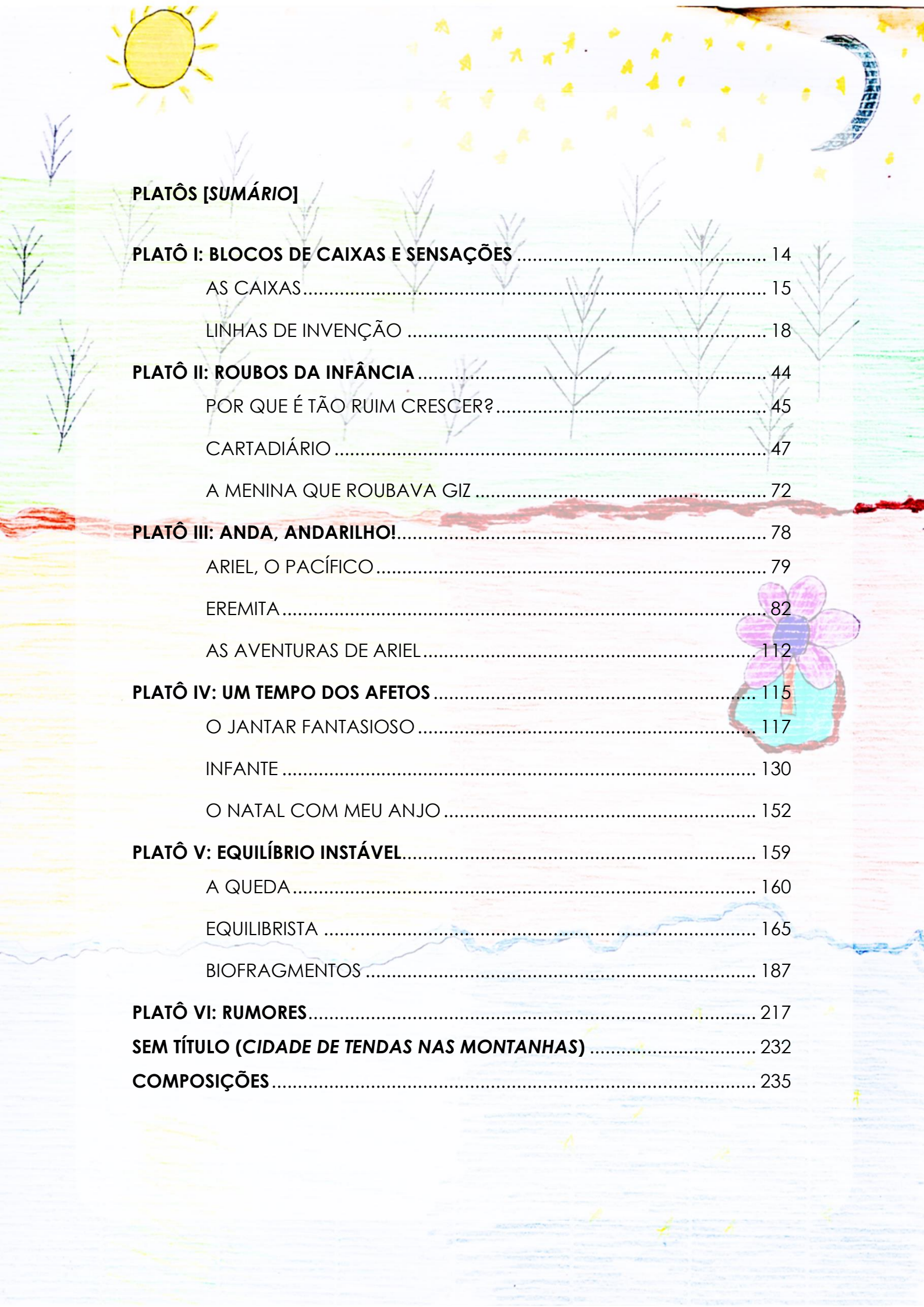




RESUMEN

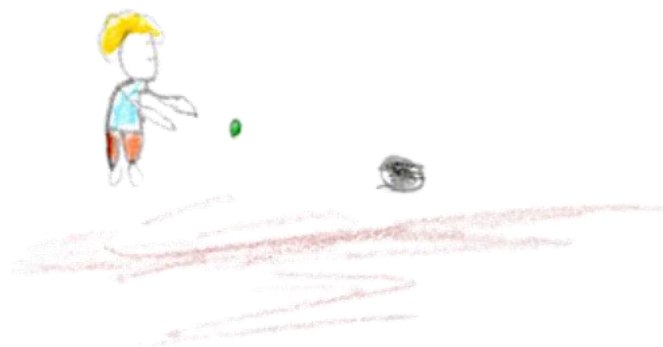
La tesis se mueve dentro de los bloques de infancia experimentados en Paul Klee, entre sus diarios y obras, con la oportunidad de fabular un arte menor en el encuentro con la creación de biografemas, para así experimentar biofragmentos de una vida-educación amazónica como creadora de afectos y anfitriona de deseos en la educación. El biografema, un concepto acuñado por Barthes, presenta una supervivencia a los sentidos aún no explorados de una obra de vida, en nuestro caso, nos sumergimos en este concepto en busca de crear nuevas direcciones para la obra de vida de Paul Klee, a través de un arte menor que se expresa a través de una enunciación colectiva experimentada en transgresiones, sensaciones, deseos y deleites de la obra en lienzo, sin un modelo de representación, imitación y totalización, en otras palabras, el arte menor, al producir biografemas, maneja las sensaciones e intensidades aún veladas dentro de los biografólogos - aquellos que escriben biografemas - sentimientos profundos que salieron a la superficie a través de los afectos singulares experimentados en Klee por un tiempo perdido. El método biografemático, desarrollado por Corazza (2010, 2014), a partir del robo del concepto de biografema de Roland Barthes, en otras palabras, es un método que pone la noción de biografía para ganar una nueva escritura, con el fin de crear una escritura libre de los resentimientos del pasado, dándole nuevos significados. En el método biografemático, nos sumergimos en los diarios de Klee (1990) y sus obras de arte, que experimentamos en talleres de Educación Básica y Educación Superior, en los municipios de Mocajuba y Cametá, en Pará. Los talleres nos presentaron signos poderosos en el encuentro con la vida, una vida desplegada en biografemas empapados en una enseñanza y aprendizaje que desbordan la escuela y su entorno. Al componer un plan de composición, establecimos conversaciones con Klee (1990; 2019), Deleuze y Guattari (2010; 2011; 2015a; 2015b), Barthes (1978; 2004; 2005; 2017), entre otros, para componer biofragmentos de una vida-educación amazónica en el rumor de afectos, sensaciones, acogida, intensidades y en el poder de un arte menor en la educación. En resumen, las líneas de escritura de esta tesis versarán sobre biofragmentos a una vida-educación en su encuentro con la vida amazónica, fabulando un arte menor como potencia de obra de vida en Klee, a través del cual creamos biografemas y biofragmentos singulares que filtraron signos a la educación, a veces exponiendo un dolor, a veces desbordándose con un tierno afecto infantil, signos creados dentro de la escuela que despertaron afectos singulares, estos que necesitan ser acogidos en el terreno escolar, para así tocar el interior del otro, en el rumor de una enseñanza-aprendizaje entre bloques de infancia y sensaciones creadas en la vida por el dulce vivir de la educación.

PALABRAS CLAVE: vida-educación. Arte menor. Bloques de infancia. Paul Klee. Biofragmentos.



PLATÔS [SUMÁRIO]

PLATÔ I: BLOCOS DE CAIXAS E SENSações	14
AS CAIXAS	15
LINHAS DE INVENÇÃO	18
PLATÔ II: ROUBOS DA INFÂNCIA	44
POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?	45
CARTADIÁRIO	47
A MENINA QUE ROUBAVA GIZ	72
PLATÔ III: ANDA, ANDARILHO!	78
ARIEL, O PACÍFICO	79
EREMITA	82
AS AVENTURAS DE ARIEL	112
PLATÔ IV: UM TEMPO DOS AFETOS	115
O JANTAR FANTASIOSO	117
INFANTE	130
O NATAL COM MEU ANJO	152
PLATÔ V: EQUILÍBRIO INSTÁVEL	159
A QUEDA	160
EQUILIBRISTA	165
BIOFRAGMENTOS	187
PLATÔ VI: RUMORES	217
SEM TÍTULO (CIDADE DE TENDAS NAS MONTANHAS)	232
COMPOSIÇÕES	235



PLATÔ I: BLOCOS DE CAIXAS E SENSações

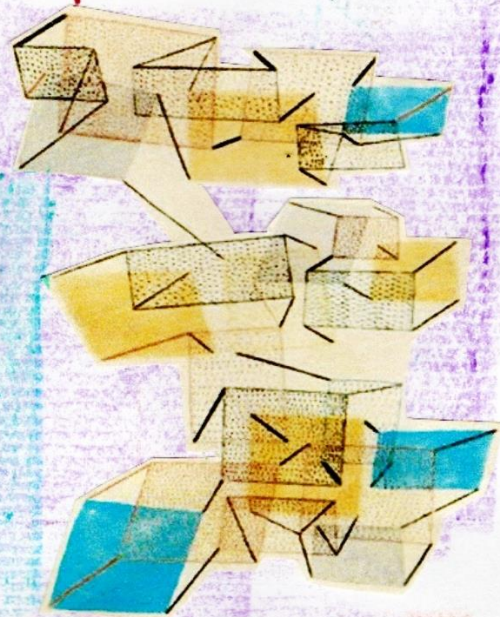


AS CAIXAS

AS CAIXAS

da MINHA cabeça
que guardam **minhas**
memórias, quentes
geladas, empoeiradas
estante

Segelnde Staat
Cidade velejando
Gliding City 1930



NUNCA
VAZIA

sempre
cheia

E GASTOS
SÃO MINHAS
Memórias Lembradas
as esquecidas
em não sei





AS CAIXAS

Queriam me colocar em uma caixa.

Queriam me delimitar.

Queriam só me jogar no canto

E dizer que pertencia àquele lugar.

A poeira queria se tornar minha amiga,

Quando começam a se juntar

Me levaram para outro lugar.

Eu estava cheia!

Meu interior era meu segredo.

não podia revelar a ninguém.

O que eu levava?

Era uma surpresa!

Acho todos somos assim,

Um mundo repleto de surpresas.

Quando os solavancos da viagem cessaram,

Cheguei ao meu destino?

Meu interior gritava: Destino ou premeditação?

Sofri um golpe.

Meu interior foi arrancado.

Me entrego como um presente!

Morri ou estou metamorfoseada?

Meu caminho é minha metamorfose?

Meu estado larva-caixa

Devém presente.

Ou devém liberdade?

Quando meu interior foi revelado

Sou uma borboleta a voar.

Meu antigo corpo é deixado em decomposição.

As caixas da minha cabeça que guardam minhas memórias quentes,

geladas e empoeiradas repousam na estante.

Nunca vazia,

Sempre cheia.

Apenas gastas pelo tempo que me compõe.

Bloco-de-caixas

E

Sensações.

Palhaço
Elétrico

LINHAS DE INVENÇÃO



A tese invenciona uma teia de sensações e afetos, ousando emaranhá-la em composições múltiplas que vazam de uma arte menor, criadora de sentidos e *fabulações*. Desta forma, versejar biofragmentos de uma vida-educação, cunhada em um tempo de infância no interior da Amazônia, experimentada nos biofragmentos ínfimos da sensação e afeto em meio a um tempo singular dos *blocos de infância* (Deleuze e Guattari, 2018) e o desejo outro de pensar a vida entremeada na educação e vice-versa. A partir do regresso a uma infância vivenciada nos momentos do recreio e das palavras jogadas ao vento, nas brincadeiras no pátio da escola e nas muitas conversas no retorno para casa.

A vida-educação estava em todos esses momentos: da ida ao regresso da escola, ao nascer do sol em toda manhã, ao surgir da lua em meio ao fim da tarde, aos banhos no rio em dias quentes e também nos dias chuvosos de inverno. Todas essas sensações e muitas outras são *acontecimentos* (Deleuze, 2015a) que aquecem o caloroso coração mesmo nos dias frios.

A memória desses acontecimentos vivenciados entre sensações doces e amargas de um passado repleto de *afetos* que evoca momentos únicos das profundezas dos sentimentos, os quais despertam diversos aprendizados múltiplos, ora vividos no tempo administrado do desejo, ora por um *tempo perdido* (Proust, 2011).

As tardes chuvosas de inverno nublam o dia, e pela janela a chuva está caindo. As gotas escorriam pelo vidro, e o barulho no telhado era calmo. Nessas intensidades de uma vida singular, esta pesquisa se escreve por sensações e *signos* (Deleuze, 2004) experimentados nas fugas de uma vida-educação, pelas quais dançou-se entre biofragmentos, para assim vivê-los nos encontros de composição e movimentá-los pelas criações, sensações e afetos.

Nos dias chuvosos o pensamento voa, são esses dias que olhar se perde pela janela e reflete na vida, dias favoráveis para voltar o olhar ao passado e reconhecer como os percursos de vida nos levaram até o momento atual. Na doce fruição de um tempo perdido e por um signo do aprender que percebemos que o educar tem traços intensivos experimentados ao longo da vida como fruto dos acontecimentos de vida únicos a cada experimentação.

No rumor dessa inquietação, compreendemos o que vem do outro como uma pulsão de vida que cria blocos e sensações por uma vivência singular e coletiva dos sujeitos, os quais amam, se encontram, vivem, se tocam e convivem na escola e na vida.

Os traços intensivos de uma vida-educação (re)encontrada nos blocos de infância e experimentada todos os dias. Nesse ensinar-aprender, a tese se versa na doce poesia da arte menor (re)encontrada

em Paul Klee, entre infâncias e sensações e seus possíveis entrelaçamentos com um tempo perdido da criação, em um educar por rumores e desassossegos. No início desse percurso, os acontecimentos ocorriam em livre experimentação e fabulação. Assim, compomos por um *plano de composição* (Deleuze e Guattari, 2016) com os signos do aprender experimentados desde os biografemas e biofragmentos de uma vida-educação amazônica nos encontros e atravessamentos das sensações.

Os encontros se ramificaram nos movimentos diversos com a vida, a arte, a literatura, desde as narrativas da formiguinha e a neve, passando pelas assombrações católicas de uma educação vicentina, até os inúmeros “causos” de *visagem* que as pessoas mais velhas contavam nas frequentes noites sem luz elétrica e os desenhos infantis rabiscados na escola. Esses ensinamentos e biografemas permaneceram como um acontecimento que abraça, consola, toma e metamorfoseia.

Nos blocos de infância aceno uma arte menor que segue livre nas composições e nos encontros com os sujeitos, assim, livre por uma liberdade que não sacia, e sim provoca o desejo de devorar desconhecidos. Uma arte menor que brinca com os limites da definição da arte e critica os eruditos que a determinam um valor.

Assim, questionamos as prisões de um mundo real cheio de rigores e validações impostos pelas instituições, uma *sociedade do controle*, como entende Deleuze (2003), que impõe o que devemos desejar, querer e consumir, colocando-nos sempre em prisões, assim, em sua destruição, um novo mundo: uma arte menor, na fabulação de novos signos do ensinar-aprender embriagados por uma potência de vida-educação, em seu viés de criação e afetos.

Nesse percurso, tecemos incursões por *biografemas*, seguindo as rotas de Roland Barthes (2017). O autor se debruça por escrever uma história de vida outra que se envereda pela criação de rumos inventivos. Essa aventura nomeia uma escrita de vida, um *biografema*, que se tangencia pela máxima: “tudo isso deve ser considerado como dito por

um personagem de romance" (Barthes, 2017, p.11). A ideia aqui se vincula à liberdade de criação, mas não esconde a potência de sermos afetados à medida que os acontecimentos nos envolvem. Desta forma, Barthes escreve como um personagem conceitual de sua própria biografia, que ora inventa rumos diferentes para seu percurso.

No rumor da invenção de uma escrita de vida-educação que transborda a própria vida e caminha para a criação de novos afetos, Barthes (2017, p.14) verbaliza a sua concepção: "não há biografia a não ser a da vida improdutiva". A improdutividade verseja a ideia de um tempo perdido no qual a vida ganha o entorno no desvio de uma memória involuntária que invade o coração no voo singular de uma borboleta, na docilidade e aventura das marés.

Nas horas em que muitos ditam improdutividade, sentidos nascem nessa fuga, uma fuga que faz escapar remansos de criação nas travessias de um mundo repleto de afetos, que agora agenciamos para pensar biofragmentos de uma vida-educação no encontro com a arte menor e sua criação por biografemas.

Barthes (2017, p.14) escreve de forma despojada. Em suas palavras, felizmente, seu texto se desarranja por uma força poética inventiva. "O Texto nada pode contar; ele carrega meu corpo para outra parte", o leva a outro lugar fora da realidade, um virtual que se atualiza nas próprias intenções de gozar à vida por um outro imaginário: o da escritura. Uma escrita de vida composta de atravessamentos, conexões, rizomas e erupções.

Uma escrita que vaza novos blocos de infância que se desabrocham "sem nunca ser retido, garantido, justificado pela representação de um indivíduo civil, para que ele seja livre de seus próprios signos" (Barthes, 2017, p.14). Destarte, operar por biografemas desloca as tramas de vida-educação, tensionando os seus limites por transbordamentos de sentidos, para assim romper com a ideia de falar *sobre* e começar a falar *com*, entre roubos e experimentações.

O biografema, como um traço de vida, traz à tona um ponto no tempo o que saímos de apenas observador de uma história propriamente dita e passamos a compor essa mesma história por outros movimentos, nuances ainda não exploradas, ou mesmo deixadas a esmo por não serem julgadas importantes.

Nesse transbordar da vida, “o sujeito é disperso, um pouco como as cinzas que se atiram ao vento após a morte” (Barthes, 2005, p.25). É a dispersão de uma vida-educação que vaza afetos e sensações, ainda veladas ou silenciadas, pois não tinha ninguém disposto a escutar essas dores e alegrias.

O biografema desperta sensações e sensibilidades, dando à vida outra oportunidade de se expressar por outros modos. Nesse ensejo, a vida-educação de Klee voou como cinzas ao vento nas mãos dos nossos biografólogos. Nestes encontros de afetos, estávamos dispostos a ouvir, sem nenhum julgamento, deixando os sentidos fruírem com os acontecimentos.

A vida e obra de Klee se tornou um material biografemático cheio de linhas, de questões, abismos, atravessamentos, saídas e tocas... O seu livro intitulado “Diários”, lançado pela editora Martins Fontes em sua primeira edição no Brasil em 1990, foi organizado por Felix Klee – filho de Paul Klee – a partir de anotações que reuniu ao longo da vida. Todavia, não tinha a intenção de torná-las uma biografia. Deste modo, Felix Klee organizou o livro a partir da data dos acontecimentos e censurou alguns nomes para manter o anonimato das pessoas. O livro ainda reúne as viagens de Klee, bem como amores e experimentações pela arte, entre outras travessias.

No deleite pela vida e obra de Klee, habitamos suas linhas em busca de compor afetos, “que salta de seus textos e entra na vida do leitor, não tem unidade. – É simples plural de encantos, lugares sutis, fonte de vivos clarões romanescos, canto descontínuo de amabilidades” (Corazza, 2010, p.88). Essas composições biografemáticas liberam o que mais potente tem a vida: seu modo fragmentário, incompleto que se

retorce para criar e recriar mundos. As criações se estabelecem em um caos pelo qual operamos por subtração, $n - 1$, uma subtração como potência que se movimenta em um plano de composição no encontro com os biografemas entre suas múltiplas linhas de invenção. Não tendo uma única forma ou modelo, se mutacionam em cada contato.

A escritura se faz em fragmentos, em nossa criação, biofragmentos. Ao escrever em biofragmentos, vivemos em digressão, criando formas ambíguas, ora flertando com a poesias, ora escrevendo de forma narrativa. As formas são múltiplas, formas que não buscamos significar ou estabelecer como um modelo. Os biofragmentos valem por si só, como diz Barthes, "todo o [bio]fragmento é acabado, a partir do momento em que é escrito" (Barthes, 2004, p. 282-283).

Nessa tese, os biofragmentos eram o nosso maior recurso. Tínhamos apenas um fragmento de vida-educação que precisava ser ouvido, acolhido com o cuidado de um afeto. Era preciso olhar nos olhos, escavar nas profundezas, até devorá-los, para assim compor biografemas em diversas formas e experimentações, nos davam poesia, seguíamos no mesmo ritmo. Às vezes, fazíamos das poesias narrativas. Não tínhamos fórmulas; seguíamos perfurando buracos pela arte menor capaz de vaziar afetos.

No mergulho pelo biofragmentos da obra de Klee, entremeamos de erosões. As linhas de composições produziram questões políticas, estéticas e abalos sísmicos; os sedimentos são movidos e as estruturas começam a ruir entre as possibilidades de criação que invencionamos. As movimentações ressonam como um biografema que se espalha feito uma onda curta, ecoando na superfície e que transborda entre as vidas, criando uma vida outra.

O biografema desperta novos sentidos, mas sentidos livres, como diz Barthes (2005, p.25): "se fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelo cuidado de um biógrafo amigo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: biografemas". Assim, viveria um corpo por vir, besuntado de dispersão,

uma vida esburacada, cheia de afetos únicos que somente um bom amigo conseguiria contar.

Desta forma, envolvidos nas práticas biografemáticas e seus movimentos, operamos por personagens conceituais. O personagem conceitual (Deleuze e Guattari, 2016) se apresenta como um convite a inventariar a obra e o autor, de modo que o novo nasça pela diferença. Os personagens conceituais produzem “compostos de sensações que esses personagens experimentam eles mesmos ou fazem experimentar” (Deleuze e Guattari, 2016, p. 243).

Nesse ímpeto, criamos personagens conceituais para movimentar a trama deste trabalho, como *Eremita*, *Equilibrista*, *Infante*, *Ariel*, *A menina que roubava Giz*, *A menina do jantar fantasioso*, o *Palhaço Elétrico*. Todos esses personagens nasceram no encontro com Klee, criados por uma zona de indiscernibilidade pela qual não podemos dizer o quanto há de Klee nesses personagens, ou o quanto de Klee transgredimos.

Entretanto, seguimos provocados pelo autor, que em uma entrevista disse: “Os títulos, por fim... apontam apenas uma direção sentida por mim. Fica ao seu critério aceitá-los, ir em minha direção, rejeitá-los e tentar uma direção própria – ou simplesmente ficar parado, sem conseguir acompanhar. Não iguale o título a um propósito” (Klee, 2019, p. 43).

A partir das transgressões, nos encontramos metodologicamente no rumor do Método Biografemático, “que objetiva transformar uma vida-obra (Vidarbo) em texto, queda distante de doutrina e processo técnico; sistema, como aspecto de conteúdo, e do método, como elemento formal” (Corazza, 2014, p.1). Dessa maneira, o método se realiza a partir de uma liberdade criadora de novos sentidos, não os encerrando pelos processos sistemáticos de uma biografia, mas caminhando para além de uma escritura.

Por esse método, compomos artes, desenhos, rabiscos, rascunhos... Um outro modo de experimentar a arte e a pesquisa em educação.

Desta forma, o método se estabelece “como criação e não como descoberta de obra-vida, apresentando-se como não ordenada, não repetível e autocorrigível” (ibidem).

A linguagem da escola deve acolher o afeto que subjaz na vida-educação e passar a compor uma linguagem da experimentação e criação de linhas de vida, biografemas. Desta forma, Barthes (1978) salienta que o ensino está fadado ao cansaço, haja vista as pressões tecnocráticas que sofre. Essas pressões acabam por estabelecer um poder dominante sobre o desejo, capturando os ensejos de revolução.

Barthes (1978) ainda destaca que o ensinar, tanto institucionalizado quanto fora do espaço escolar, não se constitui como uma atividade isenta de poder, tendo em vista que o poder está impregnado nas relações singulares dos sujeitos.

Um ímpeto rebelde nos faz dançar por uma potência, ao ponto de agrupar matérias sensíveis não usuais para compor biografemas. Na dança, os biografemas ganham intensidades, pois estão dispostos a se entregar por completo, sem medo de se deslocar, desconstruir ou mesmo de escavar na funda profundidade das suas dores e traumas. Desse modo, faz-se preciso aventurar-se para além dos limites impostos e viver em uma zona de fuga que escapa às amarras da dominação e do ressentimento.

Nesse sentido, aventuramo-nos por forças intensivas no rumor dos blocos de infância, com o intuito de compor com as sensações da vida que se movimentam na liberdade, buscando agenciar a arte e a educação. Por meio de um movimento de criação que goza as composições dos sujeitos e suas múltiplas infâncias, não os engessando nas memórias tristes, transbordamos uma pulsão de vida, uma vida-educação que não tem intenção de ser uma biografia encerrada no tempo pela vigorosa lembrança de um herói, e sim, um *biografema* (Barthes, 2017).

Uma escrita de vida experimentada no tempo livre da criação, onde escavamos signos ainda não ditos ou silenciados. No picadeiro da vida, experimentamos no risco a liberdade, cuidando para não cair no

infinito ou na administração. Os blocos de infância evocam uma sensação que age por uma potência criadora, fazendo com que os personagens se componham e recomponham, se montem e desconstruam na duração de um instante.

Ao compor esta tese, fomos arremessados por diferentes desafios pelos quais mudamos de caminho inúmeras vezes. Desse modo, perder-nos foi o melhor destino, embora nunca tenhamos almejado uma morada fixa. Nesse percurso, encontramos Klee, um pintor criador de por vir, inventor de uma nova linguagem em arte que se esquivava de pertencer a um único movimento, visto que toda sua vida foi experimentada na aventura de um *devir* pintor.

A vida-obra de Klee surgiu como um convite para olhar a sutileza da linha de vida e, nela, criar a partir de um ímpeto biografemático capaz de fabular sentidos para uma vida no rumor do afeto. Nesse profícuo mergulho, invencionamos agenciar signos na educação, experimentando-os entre uma vida-educação e suas reverberações no campo da escola, mas também para além dela, por meio de um transbordamento de forças intensivas de uma infância livre de uma determinação e disposta a questionar os limites dos currículos que silenciam a irrupção de biografemas.

No rumor de uma arte, aqui concebida como “menor”, por escapar de uma representação hegemônica e expressar-se por uma “língua minoritária capaz de perfurar buracos na língua maior” (Deleuze e Guattari, 2018, p.5). A arte menor devém infância, pois em seus signos somos tomados por uma potência do encontro, cunhada no afeto que se contagia e nos envolve nas densas melodias cósmicas singulares, agenciadas em uma vida tecida no movimento de sua própria renovação.

A ideia-força desta tese perspectiva pensar a educação entre *Biofragmentos de uma vida-educação amazônica* na interseção com os blocos de infância e a arte menor com Paul Klee. Intenciona compor, por biografemas, um novo signo do aprender no encontro potente com o

afeto e seus transbordamentos na vida e na escola, encontros que despertaram blocos de infância pelos quais criamos biofragmentos de uma infância, ora fabulada pela arte menor com Klee, ora fabulada pelos acontecimentos fruídos em um tempo perdido dos *biógrafólogos* (aqueles que escrevem *biografema*) pelos quais dançamos entre seus afetos e sensações.

Nessa intenção, traçamos **três linhas de invenção** que compõem o escopo desta tese. A primeira: **experimental** os rumores de uma arte menor com Paul Klee, em suas potências de criação que compõem biofragmentos à uma vida-educação amazônica. A segunda: **agenciar** os blocos de infância dos biógrafólogos por meio de oficinas de composições entre arte menor e biografemas. A terceira: **fabular** travessias rizomáticas na educação por meio de personagens conceituais e biofragmentos, os quais movimentamos para criar biografemas nas conversações com Klee, fabulando as vivências singulares de uma vida-educação amazônica.

Por entre essas linhas de invenção, indagamos: Que afetos e sensações extravasam dos biografemas de infância nos rumores de uma arte menor na educação? Como traçar as linhas de invenção de uma arte menor em meio aos roubos de infância e às instabilidades do tempo da criação que povoam os biofragmentos de uma vida-educação? Como agenciar uma arte menor na educação ao encontro com os biofragmentos de uma vida-educação amazônica nas zonas de vizinhanças com Paul Klee?

Nesses muitos caminhos, experimentamos muitas rotas; havia momentos em que juntávamos diferentes territorialidades e nos questionávamos: Como isso funciona, funciona por fruição e liberdade? Mesmo na indefinição, experimentamos o desconhecido, não em busca de fazer um decalque, mas de compor uma descoberta a cada novo acoplamento.

As tessituras desse trabalho pousaram em Klee ao percebermos que sua arte exalava uma infância perdida; seus traços e sensações

evocavam uma potência criadora de biofragmentos de uma vida-educação disposta a acolher as singularidades de infâncias entre muitos desvios e encontros.

Cada biografema apresentava formas únicas, que não eram reproduzíveis ou catalogáveis. A criação envolvia atos de mutação que despersonalizavam o criador. Na feitura desta etapa, extraímos percepções sobre as oficinas de arte realizadas na escola básica: cada oficina era diferente, pois acolhíamos com afeição a singularidade que habitava em cada participante, a quem chamávamos de “Biografólogos”, confluindo as criações com as artes de Klee.

Os encontros nas oficinas foram o propulsor dessa jornada; quando nos sentíamos perdidos, ir a campo foi um exercício de retomada. As sensações que encontramos em campo nos fortaleceram para compor experimentações, de tal modo que as oficinas deram uma nova juventude a Klee, emergindo desse encontro um novo olhar para a infância e a educação.

O encontro nos possibilitou vivenciar os afetos ressonantes da Educação Básica. Destarte, as primeiras oficinas se destinavam ao público do Ensino Médio. Nessa primeira investida queríamos experienciar suas vontades, desejos e rebeldias. A jornada começou, tratamos logo de ir à escola no Município de Mocajuba para fazer o convite, a escola adorou a ideia, no mesmo instante pensou: mais um reforço para o ENEM, mal sabiam que estavam plantando ervas daninhas.

As oficinas iniciais aconteceram em dois fins de semana (vale ressaltar que todas as oficinas foram realizadas no ano de dois mil e vinte e três). A primeira oficina ocorreu na última semana de abril e a segunda oficina em maio. No início da oficina fizemos o processo de escuta e nos conhecemos. Ao conhecer os participantes, pudemos interagir com as suas experiências de vida, gostos e conhecer sua história. Feito isso, formamos um círculo e distribuímos uma folha em branco.

Inicialmente, pedimos aos biografólogos que escrevessem um biografema (vocês devem estar pensando, um biografema? Antes do

conceito, nasceu a prática). Cada participante escreveria uma frase e, ao terminar, passava a folha para o próximo colega, e assim, sucessivamente até que a folha estivesse toda preenchida. No decorrer da experimentação, colocamos uma música; quando a atividade terminou, os biografólogos receberam sua folha inicial e puderam ler a composição coletiva.

A leitura dos biografemas soou estranha no primeiro momento. Os participantes diziam que o texto não teria sentido. No entanto, assim que começaram a receber suas respectivas folhas e leram, um semblante de surpresa logo os invadiu. Mesmo nos fragmentos de palavras, ao final ressoava um signo entre as multiplicidades de afetos.

No acolhimento desses afetos, conversamos e rimos. Os signos foram experimentados sem julgamento, sem a pressão de um resultado satisfatório. Nesse momento eram livres para compor o que quisessem. Essa liberdade encantava os biografólogos: "Posso escrever tudo que quiser?" A possibilidade era enorme; compor sem o peso ditatorial da nota e da aprovação era libertador.

Na pausa para o lanche, alimentados, os biografólogos estavam prontos para mais um bloco. Nesse bloco, brincamos com o conceito de arte. Escrevemos no quadro: O que é Arte?, inspirados no livro de Deleuze e Guattari "O que é a filosofia?". Lançamos a questão para visualizar os conceitos enraizados nos biografólogos. A atividade produziu muitos apontamentos interessantes sobre a arte e os seus limites. A cada artista apresentado, uma questão logo surgia. Essas percepções estarão biografemadas ao longo do trabalho, dialogadas com os personagens conceituais que criamos.

Após esse momento, fizemos a leitura de poemas de Klee, bem como de poemas criados pelo autor desta tese inspirados na vida e obra de Klee. É importante destacar que as composições estão indicadas por meio de um personagem conceitual denominado "Palhaço Elétrico" – criamos essa alcunha na junção dos nomes de dois fantoches de Klee "O Palhaço Orelhudo" e o "Fantasma Elétrico" –. Esse personagem

conceitual recriou os biofragmentos experimentados nas oficinas e compôs poemas, biografemas, biofragmentos, experimentações artísticas que estão distribuídas ao longo do trabalho. A sua assinatura funciona como uma pista; no entanto, como as composições são coletivas, ele traz biofragmentos das vivências dos biografólogos.

No intuito de compor uma bricolagem biografemática, unindo a experiência de vida dos biografólogos com as composições de Klee, os alunos pintaram e colaram as suas sensações de infância experimentada em um tempo que despertava afetos tristes e felizes de uma infância amazônica nas zonas de vizinhanças de Klee e suas aventuras.

As sensações compostas pelos biografólogos vazavam composições erigidas nas melodias da saudade do avô, das aventuras nos territórios amazônicos, das horas de brincadeiras nos banhos de rio, do pira-pegar, do jogar de bola na praça da cidade. As pessoas eram uma surpresa, mesmo se lançássemos a mesma pergunta, as combinações seriam diferentes, pois cada pessoa viveu uma experiência singular de vida e entenderia a arte por um viés único.

No segundo encontro, exploramos mais os caminhos de vida dos biografólogos, nesse encontro fizemos a leitura do biografema "Cartadiário", para trazer à superfície da oficina uma atmosfera de infância, após essa leitura fizemos uma roda de conversa e fomos dialogando sobre a questão da infância: Quais sensações e afetos a infância faz lembrar? Como a infância e o afeto te tocam? As respostas eram múltiplas, cada pessoa possuía um lugar de onde partia, assim, não podíamos almejar o mesmo ritmo, ou prever uma chegada, pois não há apenas um caminho.

Em meio às composições emergiu uma vida amazônica partilhada por todos os presentes, biofragmentos que se conectavam com a infância e a imaginação de Klee como as horas de brincadeiras no rio ou na rua, além das vivências singulares da vida-educação amazônica cheio de ritos e encantos como a matinta-pereira, o boto, a cobra grande entre outras sensações que mudavam a cada biografólogo.

A oficina em suas linhas de composições nos presenteou com os biografemas de “Ariel” e da “Menina do Natal com Meu Anjo” enredos únicos que vazam afetos coletivos experimentados nas fugas criadas pela rua e escola e outros afetos vivenciados no doce abraço de seu avô e nas boas horas de cuidado no amor da família.

A primeira etapa de oficinas se encerrou, nesse processo avançamos para o estágio de olhar para as composições e pensar o que poderíamos fazer de diferente. Os biografemas criados foram tão potentes que buscamos ir em outras escolas no município de Mocajuba para ver a possibilidade de realizar a oficina. O currículo apertado das escolas era um empecilho, assim, só puderam nos alocar nos horários vagos, na fresta do tempo realizamos mais duas oficinas no Ensino Médio.

A oficina foi no primeiro ano, fizemos as dinâmicas novamente das colagens e pinturas. No segundo ano, os biografemas “O jantar fantasioso”, “As caixas”, “Por que crescer é tão ruim?” e a “Queda” foram criados. Estes biografemas estão dispostos ao longo do texto, mas ganham uma nova recomposição na seção “O Equilibrista”.

As oficinas ganharam um novo desafio, o Grupo de Pesquisa Anarkhos (UFPA/CUNTINS), ao qual estou vinculado, nos convidou para realizar uma oficina na quinta edição do seu evento intitulado: “V Colóquio Anarkhos” nessa ocasião seguimos rumo a cidade de Cametá. A oficina de Cametá foi realizada com o público do Ensino Médio, mas tinham também alguns biografólogos da graduação, o diferencial dessa oficina foi que agora já tínhamos compostos os biografemas do “Ariel, o pacífico”, “As caixas”, “Por que escrever é tão ruim?” e “O Jantar Fantasioso” e levamos para que cada biografólogo pudesse ler.

A leitura em voz alta dos biografemas foi potente, foi possível ver um brilho no olhar dos biografólogos ao reconhecer traços da sua própria infância lida em sua frente. Logo após a leitura partimos para a colagem com as obras de Klee. Nessa colagem o biografólogo tinha que escolher uma obra do Klee e criar um biofragmento trazendo ecos da sua infância, além de desenhar ou pintar uma tela sobre a infância.

Logo após a oficina de Cametá, fomos convidados para realizar a oficina no V SELLM (Seminário de Estudos Linguísticos e Literários de Mocajuba), o público foram os biografólogos do ensino superior (UFPA/CUNTINS), essa oficina seguiu as mesmas experimentações de Cametá, um acontecimento importante, uma menina chorou na leitura do biografema de Ariel, reconheceu naquelas palavras dores e sentimento de indignação, não teve outra forma de expressar se não pelo choro. Desta maneira encerramos a segunda etapa de oficinas, as composições se encontram biografemadas na seção "Biofragmentos".

Na terceira e última etapa, aplicamos uma oficina em uma escola de ensino fundamental menor com o público do quinto ano, assim nasceu os desenhos do biografema "O Jantar Fantástico". Os biografólogos deram vida a ilustrações tão ricas e envolventes que compuseram.

Os biografemas criados nos arremessaram por diferentes territórios, assim, sentimos a necessidade de mergulhar em conceitos que trouxessem vida as composições com o afeto, os blocos de infâncias, signos, arte menor, biofragmentos... Não almejando criar um modelo de educação para ser aplicável nas rígidas disciplinas do currículo escolar tão engessado. Os biofragmentos de uma vida-educação nascem como um vislumbre que videncia [no sentido Deleuziano de vidência], uma educação no encontro com os biografemas que despertam afetos e sensações a serem experimentadas nas suas próprias intensidades.

Nesses desvios e encontros, vamos falar um pouco sobre o percurso. A tese está composta por seis platôs. O **primeiro platô** versa o título: "Blocos de caixas e sensações", que contém dois biografemas: "As caixas" e as "Linhas de Invenção".

O biografema intitulado "**As caixas**" (nome escolhido pela biografóloga participante da oficina) foi inspirado na obra "Cidade velejando" (1930) de Paul Klee. A biografóloga do ensino médio se utilizou-se das formas e se debruçou em seu imaginário e nas pressões experimentadas ao longo da sua vida. As caixas expressaram as

tentativas de delimitação do seu desejo, as quais ressignifica ao longo da sua jornada. Ao mesmo tempo que as caixas guardam afetos tristes, também guardam a sua história de vida. Assim, as caixas não são prisões, mas, ao contrário, representam os percursos vividos. **“As Linhas de invenções”** abordam questões teóricas e experimentais, versando o processo de composição e os principais conceitos da tese.

O **segundo platô**, “Roubos de Infância”, aborda a sensação do tempo entre roubos de infância e desafios dos processos escolares, negligências e sonhos. Esse platô contém três biografemas: “Por que é tão ruim crescer?”, “Cartadiário” e “A menina que roubava giz”. O roubo do tempo fez com que os biografólogos questionassem as duras lições de uma vida-educação.

O biografema **“Por que é tão ruim crescer?”**, inspirado na obra “E” (1918) de Paul Klee, trata de como o tempo rouba a liberdade da infância e começa a estabelecer pressões na vida do biografólogo, um menino do ensino médio com seus medos e aspirações. O primeiro biografema é recriado pelo personagem conceitual, Palhaço Elétrico. O menino começa a refletir sobre crescer e com os encontros alegres começam a se transformar em ressentimento. A idade começa a passar, e o tempo cronológico dita os acontecimentos, e o tempo parece uma mentira, passando tão rapidamente, mas sendo tão real que paralisa o desejo do nobre menino que lamenta crescer.

O biografema seguinte, **“Cartadiário”**, desenvolve o percurso de vida do autor dessa tese e outros biografólogos, provenientes do ensino superior, por meio de suas composições de biofragmentos nas oficinas. O biografema tem como personagem conceitual o Palhaço Elétrico, este personagem vai aparecer em vários momentos dessa tese, movimentando tanto as criações das oficinas quanto a vida e obra de Klee. O biografema se compõe em biofragmentos que trocam questões a educação e a vida.

Ainda no segundo platô, temos **“A menina que roubava giz”**, escrito por uma biografóloga do ensino superior e recriado pelo Palhaço

Elétrico, tendo como referência a obra de Paul Klee “Teatro de Marionetes (1923)”. O biografema fala de amizade, mas inicialmente celebra o percurso de vida da menina do interior e as vivências com sua avó. Uma menina que enfrentou adversidades, pois as pessoas não a validam. Sua voz muitas vezes era negligenciada, e até sua mãe não era levada a sério: “Como alguém sem registro quer exigir algo?” A escola se tornou um terreno cruel, onde não interessava o que ela já sabia. As pessoas a excluía por saber demais, tornando a vida da menina muito difícil. Depois de muito tempo, ela fez uma amizade. A menina que roubava giz adorava brincar de ser professora, e na brincadeira encontrou uma vontade plena de poder mudar a vida do outro.

O **terceiro platô**, “Anda, Andarilho”, evoca a trajetória de andarilhos que se dispõem a caminhar rumo ao desconhecido. Assim, teremos três biografemas: “Ariel, o pacífico”, “Eremita” e “As aventuras de Ariel”.

O “**Ariel, o pacífico**” é um biografema inspirado na obra *Satanella*” (1939) de Paul Klee. Este biofragmento foi escrito por um biografólogo do ensino superior e recriado pelo Palhaço Elétrico. Ariel sofreu muito na escola, pois não era acolhido devido à sua diferença, que ele não compreendia. Sua reação era chorar, sua única forma conhecida de reagir, pois onde quer que fosse, as pessoas eram ruins com ele. Em meio a suas muitas crises de choros, foi acolhido por um amigo, e essa amizade durou a vida inteira. Ariel ainda reflete sobre seu modo de ver e agir no mundo. Não conseguia reagir, pois o cenário sempre tornava tudo desolador.

“**Eremita**” é um biografema inspirado na obra de Paul Klee “*Eremitania*” (1918), que apresenta reflexões profundas a partir de um olhar Nietzscheano sobre a jornada de vida de um personagem conceitual, o Eremita. Na sua intensa potência de caminhar entre diferentes encontros de pessoas no rumor das experiências singulares, o biografema destaca a potência da criação artística, a resistência contra

forças que imobilizam, a persistência diante dos desafios e a potência do esquecimento para que a liberdade de criação devesse em superfície.

“As Aventuras do Ariel”, composta a partir da obra “Fronteira” (1938) de Paul Klee, acena que a vida de Ariel não foi marcada apenas por encontros tristes. A escola era somente uma parte da vida do menino; havia muita vida após a escola, bem como muita alegria em seu caminho. As brincadeiras que fruída na rua, como o garrafão, polícia e ladrão, peteca com santinhos de políticos ou carteira de cigarros, ensinaram a Ariel a esperteza. Ele não se rendia facilmente; seu desejo era enfrentar seus limites. Além das brincadeiras, seu sonho era continuar a viver a esperança de dias melhores.

O **quarto platô**, “Um tempo dos afetos”, agencia o afeto por meio de três biografemas: “O jantar Fantástico”, “Infante” e “Natal com meu anjo”, que nos encantam ao rememorar sensações tenras da infância na liberdade de vivenciar seus atravessamentos.

O biografema **“O Jantar Fantástico”**, com sua composição inspirada nas obras “Família à mesa” (1885) e “Crianças em sequência” (1885), foi criado em uma oficina no ensino médio e posteriormente recriado pelo Palhaço Elétrico. O biografema conta a vida de uma menina que observa o mundo pela janela: ela via as pessoas brincando na rua, notava a constante presença da vizinha fofqueira sentada à espera das novidades, os dias chuvosos e as pessoas buscando abrigo do sol nos dias quentes. Contudo, o que mais capturou a atenção da menina foi observar uma família jantando, vista através de sua janela.

“Infante” é um personagem conceitual versado a partir da obra “Infante P” (1938) e os Diários de Klee. O biografema invenciona a vida do Infante, um jovem Klee com espírito rebelde e paixão pela arte, desde sua infância até a adolescência. Ele enfrenta desafios na escola, questionando os modos de ensino. Apesar de desejar deixar a escola devido à monotonia, seus pais o impedem. O Infante se dedica à arte, desenhando e escrevendo, e sua jornada como pintor começa desde cedo, nessa intenção experimenta muitos desvios e tentativas.

O biografema "**Natal com meu anjo**" teve como seu ponto de partida a obra "Árvore de Natal com anjo e trem de brinquedo" (1884), foi criado em oficina por uma biografóloga do ensino fundamental e foi recriado pelo Palhaço Elétrico. Este biografema toca no afeto vivenciado durante um tempo livre no rumor de uma vida-educação. A menina aprendeu valiosas lições através das histórias contadas por seu avô. O biografema vive a experiência de um tempo de brincadeira na ponte, de mergulhar no fundo. A vida amazônica enreda a menina, colocando Klee para nadar nas águas calmas e verde de um Natal no inverno amazônico, repleto de afetos, sensações e calor.

O **quinto platô**, "Equilíbrio Instável", se movimenta na tensão entre instabilidade e no equilíbrio, criando linhas de invenção e criação com arte. Os três biografemas são: "A queda", "Equilibrista" e "Biofragmentos".

"**A Queda**" foi um biografema criado em dois movimentos, originando-se de duas oficinas no ensino médio no qual diferentes biografólogos compartilharam a mesma escolha de obra "Queda" (1933) de Paul Klee. Este biografema escancara uma vontade intensa de fugir, refletindo o cansaço dos biografólogos em tentar compreender o mundo ao seu redor. Cada dia apresenta um desafio maior, uma opressão que sufoca. E se cair? Haverá quem lhe abrace? Será que ainda alguém conseguiria escutar o apelo dos jovens, perceber além das sensações da superfície, ver o mundo com os olhos deles?

O biografema, "**Equilibrista**", opera pelo personagem conceitual de mesmo nome inspirado na obra "Equilibrista" (1923) de Paul Klee. Esse biografema devora os biografemas anteriores para compor um olhar com "Ariel, o pacífico", "As Aventuras de Ariel", "A menina que Roubava Giz", "As caixas", "A queda". O Equilibrista, assim, reflete sobre a necessidade de fazer a realidade fugir e se libertar, buscando superar o medo e ter força para mudar as suas certezas, juntamente com outros personagens, enfrenta desafios e questionamentos sobre sua vida-educação, encontrando apoio e paciência para aprender a cair e se levantar novamente.

Os “**Biofragmentos**” se debruçam por sensações e afetos experimentados nas oficinas, expressando fragmentos de uma vida-educação amazônica. Assim, não buscamos significá-los, e sim colocá-los em movimento com toda sua potência criadora de novos rumores. Os biofragmentos vão falar de amizade, aventuras, afetos tristes e alegres.

O sexto platô, “**Rumores**”, se compõem por diálogos entre os personagens conceituais “Equilibrista”, “Infante”, “Eremita” e “Palhaço Elétrico”. A conversa se debruça pelos caminhos vividos por eles, criticando os modelos mais enrijecidos de educação e a resistência a esses modelos, destacando os biofragmentos de uma vida-educação amazônica.

A partir desse ponto, tensionaremos alguns conceitos que circundam a tese. A escola, como parte do ensinar, não está livre das capturas da totalização e dominação, pois sofre influências dessas linhas, tanto no campo da macropolítica quanto da micropolítica, que se envolvem no denso e complexo modo de operar em sociedade.

Por essa direção, Barthes (1978, p. 11) questiona: “E, no entanto, se o poder fosse plural, como os demônios?”. Na suspeita de Barthes podemos pensar que o poder está subscrito na vida, bem como no espaço escolar nas figuras do professor, diretor, coordenador, alunos, pais, entre outros.

O poder, assim como os demônios, está presente nas relações sociais e sua influência não pode ser negada. A escola não está livre dos demônios, vide que o poder impera impondo suas vontades e deveres, assim, estabelecendo a aula como um regime fechado que cerceia a liberdade de criação e experimentação.

No convívio com os demônios, não iremos execrá-los, pois, reportando a Nietzsche, não se trata de um embate entre bem e mal, já que o dionísíaco é força vital de toda arte. A aula é um espaço rizomático que coloca todos a dançar nas conexões e desconexões a cada novo movimento. A aula assim opera por rizomas, múltiplas capturas, linhas de fugas, biografemas... Todavia, há que ter cuidado

para não obedecer às vozes “autorizadas” que colocam suas verdades enquanto absolutas e imutáveis.

Adivinhamos então que o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo: chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe. (Barthes, 1978, p.12).

Barthes postulou que o poder está em todas as esferas da sociedade, visto que captura as diferentes instituições. A aula, em relação à escola, por muito tempo, esteve vinculada ao poder da história, atrelada assim aos métodos tradicionais que insistem em perpetuar modelos de transmissão e imitação, não oferecendo margem para que o aluno possa criar e experimentar algo além do determinado.

A escola culpa o aluno por não obedecer, impera em seu modelo de sucesso o silenciamento, uma sala boa é uma sala que não fala, não reage, só repete... A aula está na imobilidade, todavia, há quem crie linhas de fugas a esse modelo.

O poder invade as linhas da família, dos espetáculos, dos jogos e da escola. A aula, desta forma, se encontra embebida nas autorizações outorgadas pelas figuras de poder, nosso convite é pensar uma educação nos rumores dos biofragmentos de uma vida-educação amazônica que questiona o poder que se estabelece nas relações.

Desta maneira, Barthes (1978, p.11) salienta que “o poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política”. O poder como parasita se adapta às mudanças e suas variações capturam os movimentos de criação com esse cuidado a escola necessita fazer fruir novos movimentos de criações, biografemas.

A escola, ao encontrar o acontecimento, começa a compor com a margem, pois a margem é a abertura entre a experimentação e a

criação de biografemas. O *acontecimento* (Deleuze, 2017) está no meio, sua criação não está atrelada às marcas de um passado que o imobiliza. O *acontecimento* não tem passado, pois está a devir multiplicidades nos mais diferentes encontros. Um *acontecimento*, por si só, compõe um incorporal e não pode ser ultrapassado, haja vista que continua a afetar os indivíduos ao longo do tempo (Deleuze, 2015a).

O tempo do *acontecimento* age para além do rigor da administração, o tempo não se vincula a Cronos e sim a *Aion*. *Aion* está a colocar os sentidos fora do tempo, no tempo da criação, ou seja, o tempo de *Aion* não se inscreve no passado ou futuro, visto que se rizomatiza no presente e nesse presente continua a se espalhar e conectar-se com a diferença, um virtual não mais real que o imaginário e vice-versa (Deleuze, 2017).

O tempo, dos biofragmentos de uma vida-educação, dança no tempo da criação, *Aion*, mas também em um *tempo perdido* de Proust, haja vista que a criação que fabulamos se versa em um tempo livre fora das garras da administração.

Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul (Proust, 2011, p. 9)

A criação aqui fabulada experimenta a fuga por biografemas, fazendo fugir tudo que os outros ditavam como atividades práticas até mesmo o tempo, perdidos no tempo da criação esqueciam o que estava ao seu redor, pois estavam mergulhados nos seus próprios pensamentos, envoltos em sensações as quais estavam analisando o que iriam colocar no papel, uma folha em branco e uma possibilidade de escrever o mundo em linhas, as palavras fogem, fazem cacos, era mais fácil desenhar uma abelha ou um raio de sol, não queriam levantar ou ser interrompidos, estavam lidando com criação, qualquer interrupção

poderia quebrar o elo com a composição, em tempo perdido, tudo podia vazar, somente nos restava esperar o que poderia emergir.

O acontecimento, desta forma, não pode ser contrariado, reprimido, recuperável e ou ultrapassável (Deleuze, 2015b). Nessa experimentação pelo acontecimento, no rumor de um tempo perdido, Orlandi (2016, p.11) diz “a ideia deleuziana de acontecimento implica a afirmação da conexão de heterogêneos, a necessidade do acaso, a surpresa dos devires...”. O acontecimento embebido nas conexões começa a criar possibilidades, ao passo que brinca com singularidades, com o encontro e as surpresas, os biofragmentos acolhe as surpresas, pois as surpresas são cheias de afetos, afetos são propulsores de centelhas de biografemas.

O devir está no acontecimento, assim como o acontecimento está no devir, seus instantes são mediados pela singularidade, nessa relação nasce um biografema, sentido este que não está encerrado, pois segue mudar a cada novo encontro, novo acoplamento (Deleuze, 2017).

O acontecimento devém uma potência minoritária que arrebatava o coração dos biografólogos, por biofragmentos de vida-educação que fala a partir da potência dos encontros, das reverberações, das sensações, dos blocos de infância, dos ditos e não-ditos, das abstrações e outras junções e sínteses.

Um biofragmento de uma vida-educação se cria por um agenciamento, uma produção coletiva capaz de produzir e acolher as diferenças que emergem à superfície. Desta forma, tudo permanece, pois, os encontros produzidos não podem ser ultrapassáveis e deles nasce um signo, agir por signo implica fabricar sentidos outros que modificam estados brutos de matérias, ao ponto que um biofragmento se crie.

Tudo pode acontecer em uma educação por biofragmentos, o fluxo de criação jorra por diferentes heterogeneidades, as quais não podemos totalizar, apenas acolher suas composições. Tudo nesse recorte se compõe menor, desviante, transgressor, singular...

Abraça, assim, a possibilidade enquanto um desejo de criação, nesse sentido transborda o espaço escolar e vaza para a vida-educação. As linhas que o compõem margeiam diversos espaços e pessoas, já que anseiam gozar novos rumores por encontros.

Nos signos da arte menor, os blocos de infância criam biografemas em duplo movimento. Dessa forma, acolhemos os vazios emanados pela arte menor, com intuito de traçar linhas de vida que gozam o vivível e o vivido, buscando criar um signo do aprender forjado nas relações e nos encontros entre pessoas e mundos. Nesse contexto, exploramos os limites, pois é apenas na margem que conseguimos romper o já sabido e fabular novos sentidos a uma educação entre os ecos dos biofragmentos.

Os signos criados pelos biografemas despertam afetos. Nesse sentido, Deleuze (2019, p.42), em seus "Cursos sobre Spinoza", enfatiza que o "afeto é a variação contínua ou a passagem de um grau de realidade a outro ou de um grau de perfeição a outro". A variação contínua dos afetos determina a potência de agir, que oscila diante dos encontros com afetos alegres e tristes.

Essa variação vive por uma multiplicidade, portanto, podemos dizer que somos compostos dessas variações, como uma balança que ora aumenta, ora diminui a potência de agir quando vivenciamos uma vida-educação.

A educação tradicional almeja corpos tristes, docilizados pela disciplina e inertes, esgotando toda a potência de agir e, assim, negando a potência de existir. Tal modo de operação almeja um corpo sem experiência de vida e não reconhece que somos frutos das misturas de corpos, afecções, e que agimos uns com os outros. Os corpos desejados e afetados: podem sentir o sol e ser afetado negativamente sobre essa luz, ou podem se aquecer em uma manhã fria. As sensações despertam afetos e afecções únicas, permitindo que cada pessoa estabeleça sua conexão com o mundo ainda por vir.

Os afetos tristes e alegres despertam nos biofragmentos signos. Na superfície, deseja dançar entre as potências de agir e de existir, nos

rumores dos afetos e afecções, dando uma sobrevida aos signos velados nos intervalos das interdições, dos não ditos, das abjeções...

Uma educação que caminha nos acasos dos encontros, nos desvios e nas surpresas, pois há “tantas pessoas [que] morrem sem saber e não saberão jamais do que eram capazes. Ainda uma vez: no atroz como no muito bom. São surpresas. É necessário surpreender a si mesmo. Dizemos: ah, eu jamais acreditei que eu faria isto” (Deleuze, 2019, p.191). Esse sentimento de jamais ter pensado em nunca dizer isso, de nunca deixar vaziar isso, são as surpresas que um biofragmento cria, permitindo que todos os signos venham à superfície – signos de dor, de alegria, de amor, de raiva e outras surpresas.

Os biografemas despertam signos que vazam para além dos sentidos administrados da escola, podendo percorrer fora do espaço comumente aceito como escolar. O espaço vagueia livre de uma determinação, desse modo podemos aprender até com o cair de uma flor de jambo, com as vivências das marés que nos interpelam, com as doces noites de luar em que a lua está cheia ou quando se esvai na lua nova. Os signos do aprender estão no próprio percurso de vida que se atualiza constantemente nos encontros com o mundo e conosco.

A diferença está nessa educação que muda sua forma de encantar e agir, buscando não se igualar, uma vez que cada encontro cria uma possibilidade, um biofragmento. Desta forma, aprendemos pela diferença que os signos são experimentados no movimento dos afetos, a tal ponto que não poderemos escapar, pois esperamos a vida inteira para ter uma mudança genuína. Essa espera pode não estar tão aquém de nós, talvez esteja à porta, sempre esperando um encontro para poder viver.

No ar, os blocos de infância estão por toda a parte, desde o tenro sorriso saudosista e um gesto ingênuo de brincar até o nobre momento de recordar como as ruas eram antes. Os blocos de infâncias lançam à arte menor novos voos e novos lugares, no rumor dos malabaristas, nas conversas das senhoras a fuxicar na calçada, nas celebrações natalinas,

nos jardins de verão coloridos, no poente da tarde e nas experimentações de Klee.

A arte menor embala Klee em uma melodia de desterritorialização, coloca a se embalar na rede por um desejo de criação que se tece na vida ribeirinha e suas singularidades de vida, mudando a cada caminho no rumor da sua vida. Na busca pelas cores se aventurou a tentar compor novos caminhos, tocas, becos... A sua arte menor faz fugir a dominação dos estilos e escolhas, mesmo que tenha passado por todos os movimentos não se reduziu a um modelo. Klee sempre desconfiou que a arte deveria tornar visível o invisível, e que as sensações devessem produzir afetos.

A arte menor fala por um povo menor, e ainda por um "povo que falta" (Deleuze, 1999), nesse movimento está devir acontecimento pelos vazios que transbordam pelas obras de arte, os quais não poderemos negar ou ultrapassar. Igreja e Costa (2021, p.3) salientam que "a arte menor nunca é uma arte do individual, pois se inscreve na coletividade; mesmo quando suscita lembranças e vivências do autor, a arte menor o faz por meio de um sentir-viver coletivo", desta forma, eclode um viver coletivo que está emaranhado com linhas de mangue a invadir toda a costa, uma linha de resistência que se espraia pelo horizonte com uma sobrevida que anseia o por vir.

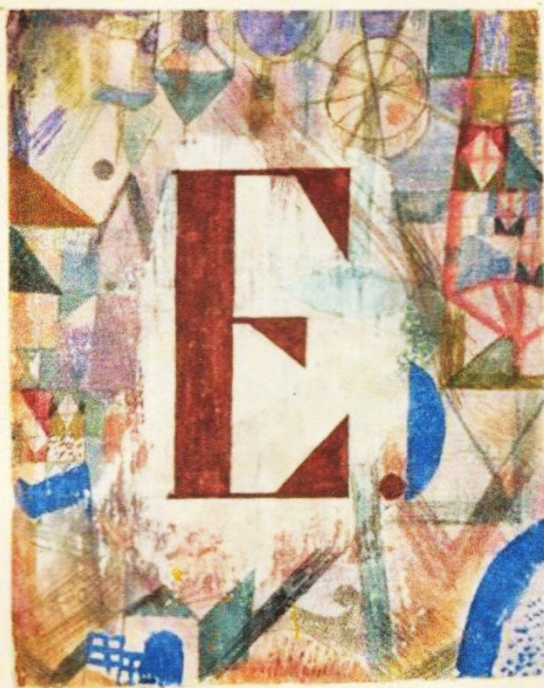
Em linhas de invenção, esta tese permanece em aberto para que outros rizomas sejam compostos nas possibilidades de prosseguir nos rumores da criação de biografemas no encontro com a arte menor com Klee e a fabulação de biofragmentos de uma infância que dura no tempo do acontecimento de uma vida-educação amazônica embebida de afetos e sensações a povoar os espaços escolares.

PLATÔ II: ROUBOS DA INFÂNCIA

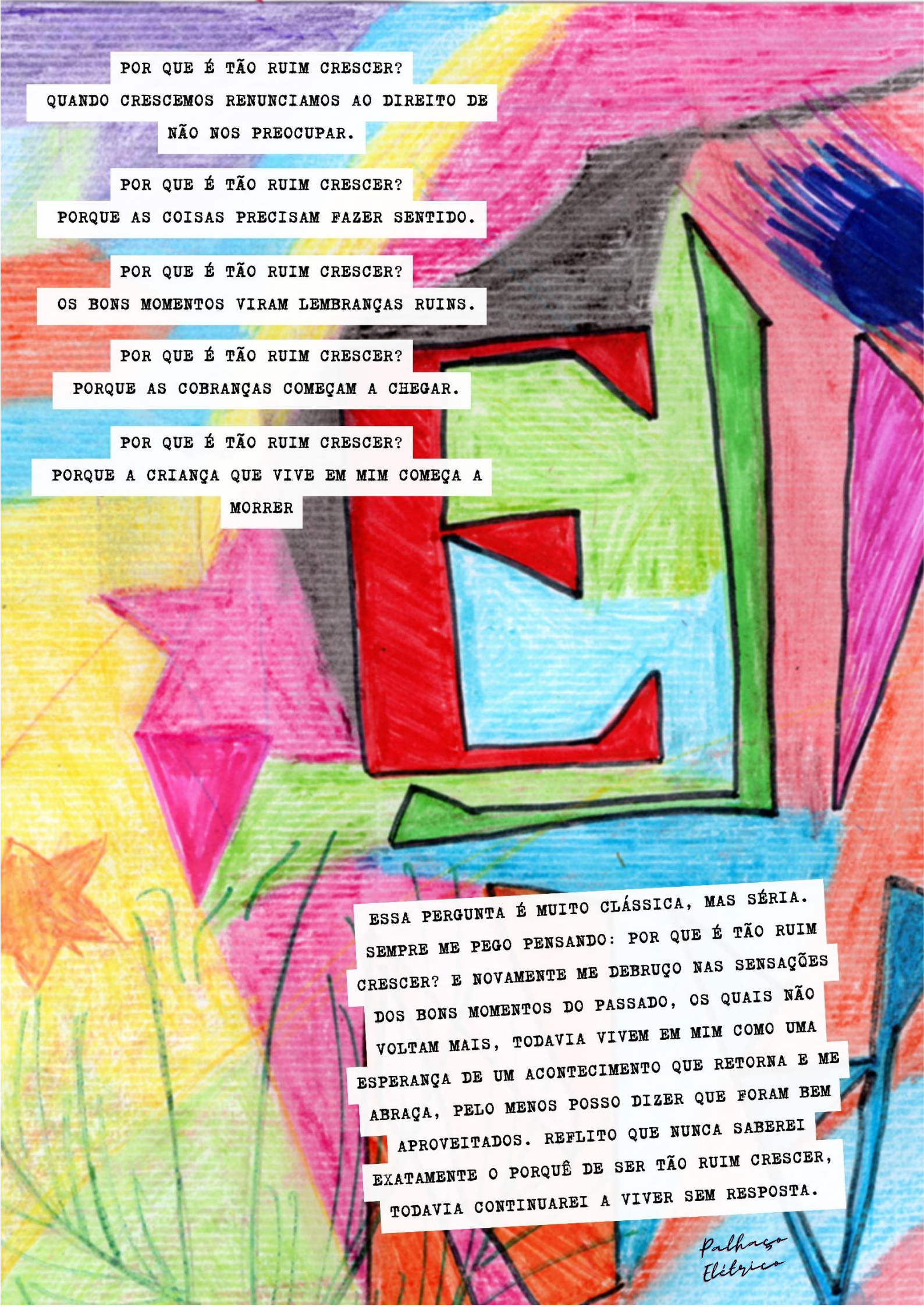
POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?

ISSO É MUITO CLASSICO MAS SERIO, SEMPRE ME PEGO PENSANDO
NISSO, EM COMO ERA BOM OS TEMPOS PASSADOS E ~~Q~~ NAO VÃO VA-
TAR MAIS. AS BOAS LEMBRANÇAS NOS DEIXAM TRISTES, MAS,
PELO MENOS POSSO DIZER QUE FOI BEM APROVEITADA.
ACHO QUE NUNCA VOU SABER EXATAMENTE O POR QUE
DE SER TÃO RUIM.

PRA MIM PARECE MENTIRA. ISSO ME ASSUSTA, COMO ASSIM
EU Tô NO SEGUNDO DO MÉDIO, COMO ASSIM TENHO 16
ANOS, COMO ASSIM?



Acabou a tinta



POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?

QUANDO CRESCEMOS RENUNCIAMOS AO DIREITO DE
NÃO NOS PREOCUPAR.

POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?

PORQUE AS COISAS PRECISAM FAZER SENTIDO.

POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?

OS BONS MOMENTOS VIRAM LEMBRANÇAS RUINS.

POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?

PORQUE AS COBRANÇAS COMEÇAM A CHEGAR.

POR QUE É TÃO RUIM CRESCER?

PORQUE A CRIANÇA QUE VIVE EM MIM COMEÇA A
MORRER

ESSA PERGUNTA É MUITO CLÁSSICA, MAS SÉRIA.
SEMPRE ME PEGO PENSANDO: POR QUE É TÃO RUIM
CRESCER? E NOVAMENTE ME DEBRUÇO NAS SENSações
DOS BONS MOMENTOS DO PASSADO, OS QUAIS NÃO
VOLTAM MAIS, TODAVIA VIVEM EM MIM COMO UMA
ESPERANÇA DE UM ACONTECIMENTO QUE RETORNA E ME
ABRAÇA, PELO MENOS POSSO DIZER QUE FORAM BEM
APROVEITADOS. REFLITO QUE NUNCA SABEREI
EXATAMENTE O PORQUÊ DE SER TÃO RUIM CRESCER,
TODAVIA CONTINUAREI A VIVER SEM RESPOSTA.

*Palhaço
Elétrico*

CARTADIÁRIO



O Palhaço Elétrico encontra-se pensativo, sentado na beira da calçada observa o céu com um olhar distraído. As horas passavam, e o menino continuava a observar os movimentos das nuvens, contemplativo desenha formas no céu, sua tentativa era deixá-las fruírem pela sua imaginação.

A vida do Palhaço Elétrico era um encontro de cores. As cores o perseguiram desde o tom azul do céu em dias quentes de verão até ao alaranjado peculiar do fim da tarde. Na frente da igreja, o menino via as cores do fim da tarde se misturando a cada segundo, ouvia o barulho das marés indo e vindo, se deleitava pela lentidão do fluxo de pessoas se movimentando pela terra branca da praia, mudando os encontros de cores a cada instante.

O alaranjado vivo se esvanece, e um tom rosa segue a se apagar até o escuro aparecer. A noite sucede. As luzes e sombras começam a dançar a melodia de um novo amanhã floreado de verde. As cores da

manhã se misturam com o clima caloroso do dia. Nesse novo fio do novelo, o Palhaço Elétrico admira o verde das praças e o brilho do sol a reluzir na água calma do rio.

No despertar do dia, o menino ainda constata que a lua se fazia presente no céu. O tom azul se mistura com o branco da lua a se despedir com a chegada do sol. Na manhã, segue à escola. No trajeto, lá estava as cores compondo o caminho. As vielas cinzas o guiavam rumo a mais um dia de vida-educação.

Nas dobras do caminho, a paisagem se complexificava. As casas tinham cores e tamanhos diferentes. O tamanho não tinha como mensurar com precisão, o olhar do Palhaço Elétrico era pequeno, assim como sua estatura... pequeno, mas jamais limitado de fabulação.

Na escola, logo na entrada, ele abraçava sua tia. As carteiras em cores terrosas estavam alinhadas em fila indiana, e a sala vazia começava a se encher. Ao lado da escola, havia uma igreja cor-de-rosa, além de um coreto colorido, que de vez em quando, o Palhaço Elétrico se aventurava a escalar.

O Palhaço Elétrico cresceu, e chegou a hora de ir para outra escola. Sua visão se centrou no carrossel colorido, que estava imobilizado por acidentes anteriores (pelo menos era isso que contavam). O menino ficava triste por ver uma possibilidade de diversão freada. Ao olhar o seu arredor, seu foco se voltou para um escorrega bunda cheio de ferrugem, que sempre fazia barulho em sua decida, e ele adorava brincar com os seus colegas.

O Palhaço Elétrico adorou aquela nova escola. Nas temporadas de ameixas, ele se lambuzava comendo, e suas mãos ficavam roxas, assim como seu uniforme – sua mamãe queria matá-lo. Nessa escola, as festividades folclóricas eram uma parte importante durante o ano. A festa do Folclore era uma explosão de cores e personagens: havia a sinhazinha, a rainha do sol, a rainha da pimenta, rainha do açaí, e a história do boi era contada como ápice da apresentação. O Palhaço Elétrico sempre ficava horrorizado pelo desfecho da história.

O palhaço amava as fantasias que vestia, bem como a capa do livro de história e geografia, que era colorida, cheia de listras horizontais e verticais com tons entre vermelho e branco; outros livros tinham as mesmas linhas, mas em verde limão e branco. O menino admirava os pormenores, seu olhar seguia o ínfimo.

Desta forma, ele revive as sensações temerosas do seu caderno de provas, o qual as professoras organizavam para os alunos com papel com pauta e uma capa muito única. O palhaço ainda tinha seus receios das aulas de matemática, das quais não entendia nada, mas tinha medo de perguntar algo para o professor. Assim, o quadro negro era cheio de palavras e números que dançavam sem muitos sentidos e forma, e às vezes, o desespero batia quando o professor já ia apagar o lado que ainda não tinha terminado de escrever.

Ao sair da escola, ele podia fruir os blocos de infâncias nas travessias de uma vida amazônica entre suas cores, sabores, cheiros. Desta forma, o palhaço podia experimentar a paz que as verdes florestas proporcionavam, os demorados banhos no rio, as brincadeiras no fim da tarde e os banhos na chuva.

Esse viver tensiona muitos outros signos que se abrem no tempo do afeto e do encontro, assim como no tempo do círio, quando o aroma da maniçoba se espalhava no ar como poesia. O palhaço dançava ao som das entoadas de carimbó, dos movimentos dos botos, do assovio da *Matinta Pereira*¹ e das melodias das *laras*. Todo esse viver partilha esses encontros que são sempre coletivos e únicos a cada indivíduo.

O Palhaço Elétrico vivia no interior. Nas suas horas vagas, ficava a fitar o fluxo de pessoas, muita heterogeneidade. Os seus múltiplos movimentos pareciam uma dança coreografada por uma diversidade; ora uma outra singularidade nascia nessa melodia e restituía um novo

¹ Uma personagem das lendas amazônicas, é uma mulher que recebe um “fado” que pode ser herdado ou repassado, o “fado” consiste em que nas noites de sexta-feira, sempre de lua cheia, esta mulher assombra por um canto estridente, que só é apaziguado pela promessa de algum ganho.

encontro. No cinza da cidade, brotava um tom verde, uma erva-daninha a resistir. Ao lado da casa do palhaço, havia uma praça com muitas ervas daninhas, que ao longo do ano cresciam sem muito governo, o verde resiste rebelde.

Nessa praça, havia vários animais coloridos feitos de pneus, que conviviam bem com o movimento transitório das pessoas. Nas tardes, quando o sol começava a se despedir, ele ia à praça para sentar e ver o pôr-do-sol, e às vezes jogava conversa fora com sua prima. As tardes findavam e os tons alaranjados de um dia de verão começavam a luzir. Às vezes, os dias ficavam chuvosos e nos avisavam que era hora de regressar para casa.

Em muitas viagens ao interior, as cores estavam lá, como sempre estiveram e permanecem. A água de julho era verde e calma; no inverno, escurecia e se tornava mais temperamental, agitada pelos ventos durante as tempestades. Em setembro, a água se tornava verde e turbulenta, com vento as ondas rugiam fortes. Havia dias que o céu ficava “roxo”, sinal de chuva iminente, e, por mais alaranjado que o céu da tarde estivesse, logo se extinguiu.

Ao chegar na casa da sua tia, as cores continuavam a afetá-lo. Logo na entrada, havia uma fachada amarela com janelas azuis desbotadas, apresentando marcas do tempo. O piso, era de madeira envelhecida, estralava e vergava² quando as pessoas pisavam.

Na cozinha da casa, o *moquém*³ ardia com um tom vermelho. Sua tia dizia que o motivo era a brasa ser de *pracuúba*⁴ e, quando não tinha ninguém para reparar, ela gritava: “É carvão de pracuúba vai queimar a comida!”. Perto do *moquém* ficavam os *matapis*⁵ que não estavam submersos na água e as redes de pescas. No tempo do camarão

² Vergar é quando a madeira cede ou entorna pela força de um objeto ou pessoa.

³ Consiste em uma grelha feita de pedaços finos de madeira, geralmente feita de acapurana.

⁴ Pracuúba é uma árvore comum nas áreas de várzea, os ribeirinhos a utilizam para a produção de carvão vegetal.

⁵ É uma armadilha para capturar camarão, com formatado de cone, tem duas cavidades na ponta onde o camarão entra e fica preso.

aguardava ansiosamente o retorno dos matapis com o camarão para comer assado na *labareda*⁶, ficava vermelho e tão macio.

Próximo da hora do almoço, o *paredão*⁷ era revistado para tentar a sorte ou colher a surpresa do boto, com a esperança de que os peixes tivessem entrado na armadilha. Tinha dias de bons frutos... vinham branquinhas, pescadas, aracus e alguns peixes menores... O boto esperava sua recompensa, e o tio prontamente dava, com medo do boto se zangar.

Depois do almoço, o palhaço ia tomar banho no rio. Havia dias em que a água não estava *cheia* e fazia *tipitinga*⁸, deixando-a com aspecto turvo e barrento. Quando a água estava cheia, ele sentava na ponte ou nadava ao redor. Alguns períodos do ano tinham “piquiras”⁹ que rodavam por perto. Nesse momento de banho, competia para ver quem chegava primeiro no “ajuruzeiro”¹⁰ que ficava próximo da ponte. Ora pulava da ponte, ora via um buriti a flutuar na água. Além do *buriti*¹¹, caíam das árvores frutos iguais a nuvens brancas, dos quais comia os caroços pequenos.

Na busca pelas cores, o Palhaço Elétrico saiu das águas e caminhou nas memórias experimentadas no centro (como são chamadas as regiões rurais onde morava). O papai do palhaço tinha um centro chamado Baleia, apelido do antigo proprietário, tio de seu pai. Nas férias, passava uma temporada lá, geralmente coincidindo com a colheita da pimenta do reino. A casa, mesmo sendo grande, ficava

⁶ É um fogo originado de lenha ou palha onde seu ponto de queima é rápido, geralmente usado para assar camarão.

⁷ É uma armadilha de peixe feita de talha de açazeiro, tecido com cipó de timbuí. O nome paredão se dá pelo formato em que as talhas são dispostas formando uma parede bem na beira do rio. O paredão é composto com duas entradas que recebem o nome de cacurí, que são duas caixas que possui uma entrada por peixe entre e não consegue retornar.

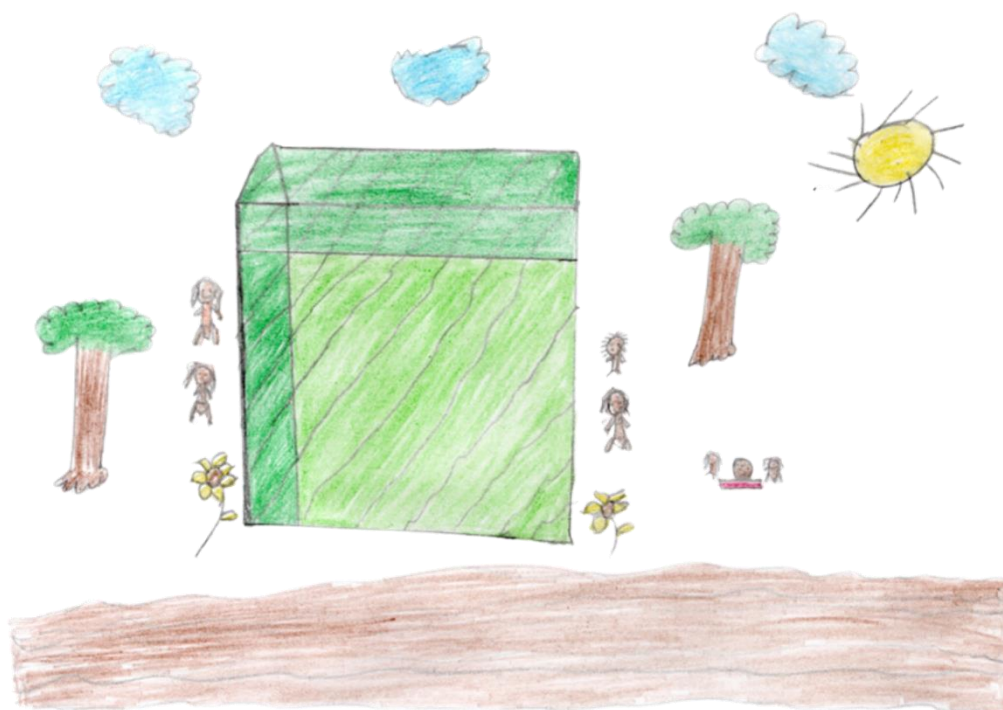
⁸ É quando a água fica com aspecto barrento, isso ocorre na maré baixa.

⁹ Piquira é um peixe de porte pequeno, encontrado em abundância nas regiões ribeirinhas.

¹⁰ O ajuruzeiro é uma planta originária das áreas litorâneas, muito encontradas nas praias como abusto silvestre.

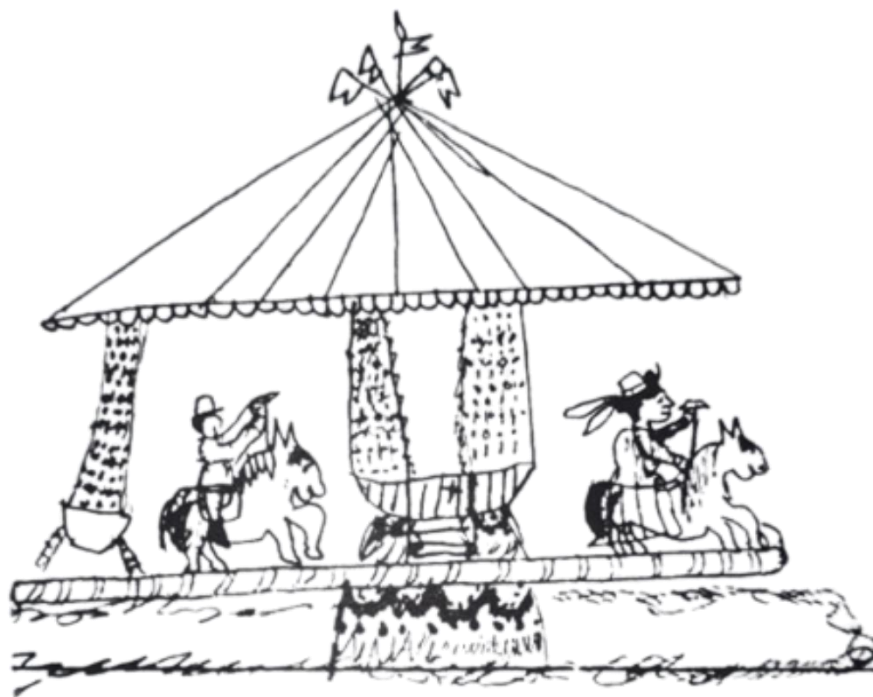
¹¹ Buriti é o fruto miritizeiro, palmeira encontrada nas regiões de várzeas.

cheia. Ele dormia na cozinha, em meio ao jirau de madeira e o fogão de lenha, que já tinha deixado a parede com um tom escurecido pela fumaça.



A casa grande era uma casa de madeira muito antiga. As pessoas que moravam lá diziam que fazia *visagem*¹² no cair da noite, essa era a razão pela qual dormíamos na cozinha, com medo de dormir no andar de cima da casa. Ao acordar, o menino ganhava companhia de muitos primos e primas, e brincavam “*de casinha, era uma festa, montavam a casinha com galhos de árvores enquanto outros faziam comidinhas*”. Além da casinha, criavam carros com latas de sardinha e rodas de sandálias velhas. Como as latas eram azuis, procurava, quando dava, sandálias azuis para combinar.

¹² Visagem é o mesmo que assombração ou fantasma.



2 O carrossel, 1889 (dez anos)

As aventuras com seus primos rendiam bons encontros, mas um desses encontros não foi tão bom: o episódio em que andou de cavalo pela primeira vez foi épico. O cavalo que sua mãe ganhou no bingo e levou para o centro.

O palhaço adverte: *“Meus primos já eram experientes, já andavam a muito mais tempo e tinham a facilidade em subir e descer”*. O palhaço era uma pessoa bem mole, ainda o medo de subir no animal o consumia. A primeira tentativa de subir no cavalo foi estranha. O cavalo não tinha sela, vivia sem arreio, então não seria fácil montar em seu dorso. Após outras tentativas, conseguia montar, mas sair do lugar era algo completamente diferente.



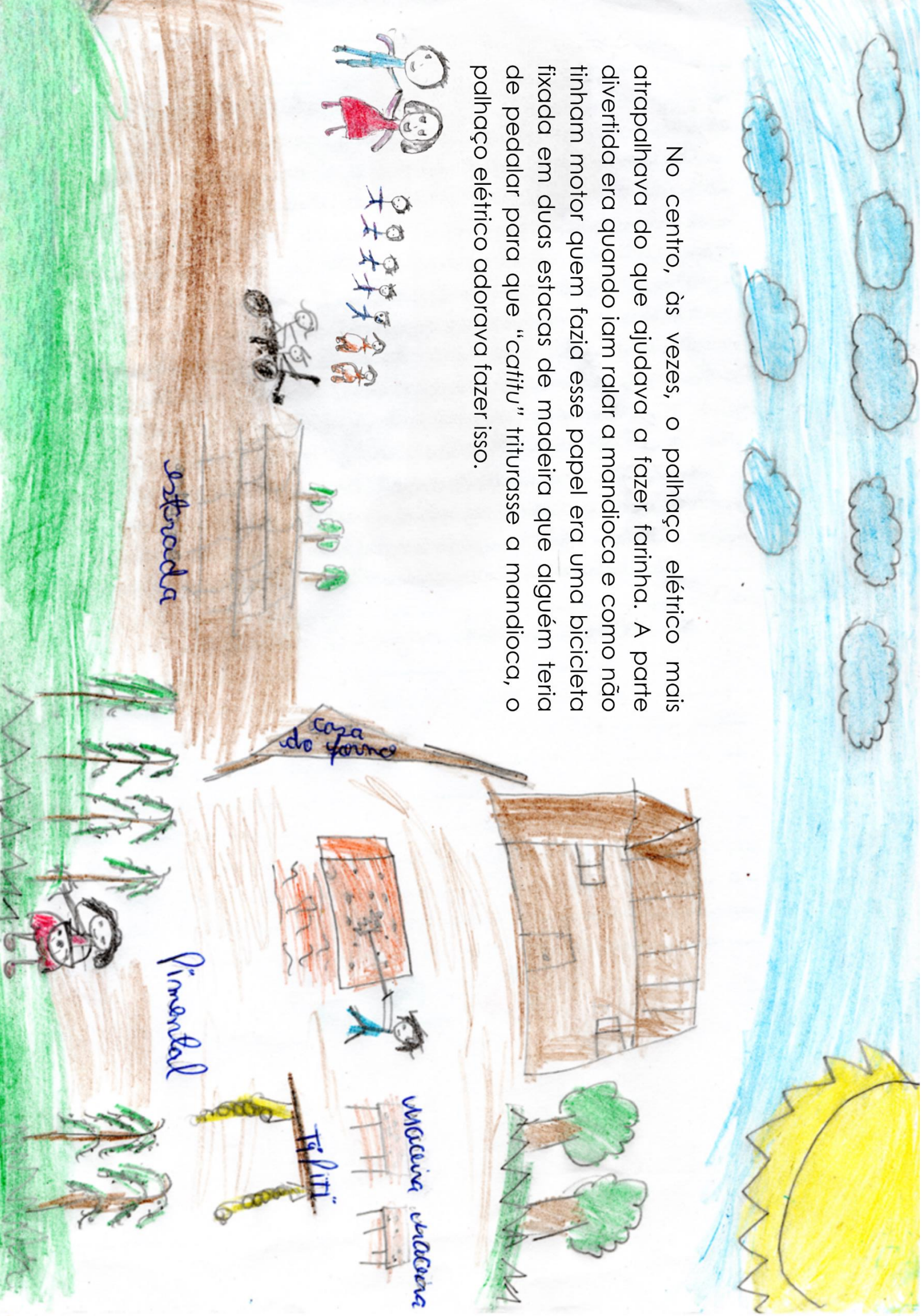
O palhaço conta: “minha *prima* subiu junto comigo e me ajudou a cavalgar”¹³, mas o passeio não demorou muito. O cavalo não estava disposto a permanecer em movimento, então andou rápido, abaixou a cabeça e os jogou para frente. Quando caiu, o cavalo deu um “coice que bateu no meu pé, e assim nunca mais quis subir em um cavalo”. A breve viagem do cavalo o mudou para a vida inteira.

Após a queda do cavalo, restou retornar para a casa grande e aproveitar a noite que chegaria. A escuridão foi rompida pela brasa do fogão de lenha, e a *lâmparina*¹⁴ que iluminava a cozinha. Sobre essa luz, a tia do Palhaço Elétrico contava histórias, algumas provocavam medo. Quando o óleo da lâmparina acabava, a maioria das pessoas já estavam dormindo. Quando perdia o sono, ficava olhando as estrelas pela janela, e pensava que havia um universo cheio de singularidades para conhecer e explorar ao acordar.

¹³ As falas em itálico são oriundas das oficinas.

¹⁴ Lâmparina é uma luminária feita de lata, com o fio na ponta, e o combustível, comumente, usado é querosene.

No centro, às vezes, o palhaço elétrico mais atrapalhava do que ajudava a fazer farinha. A parte divertida era quando iam ralar a mandioca e como não tinham motor quem fazia esse papel era uma bicicleta fixada em duas estacas de madeira que alguém teria de pedalar para que "catitu" triturasse a mandioca, o palhaço elétrico adorava fazer isso.



O jardim de infância

As férias acabaram, e a escola voltou para vida-educação do Palhaço Elétrico, que já esperava que seu regresso não iria ser um mar de rosas. O palhaço disse: – Eu era, do passado não sou mais (mentira, às vezes sou) “péssimo”. Isso dificultou muito o seu percurso de vida.

No jardim de infância, a professora o odiava, e não se pode afirmar que tudo era somente culpa dela. O palhaço tinha uma parcela bem grande nisso, atormentava a vida da nobre professora de todas as maneiras possíveis e imagináveis.

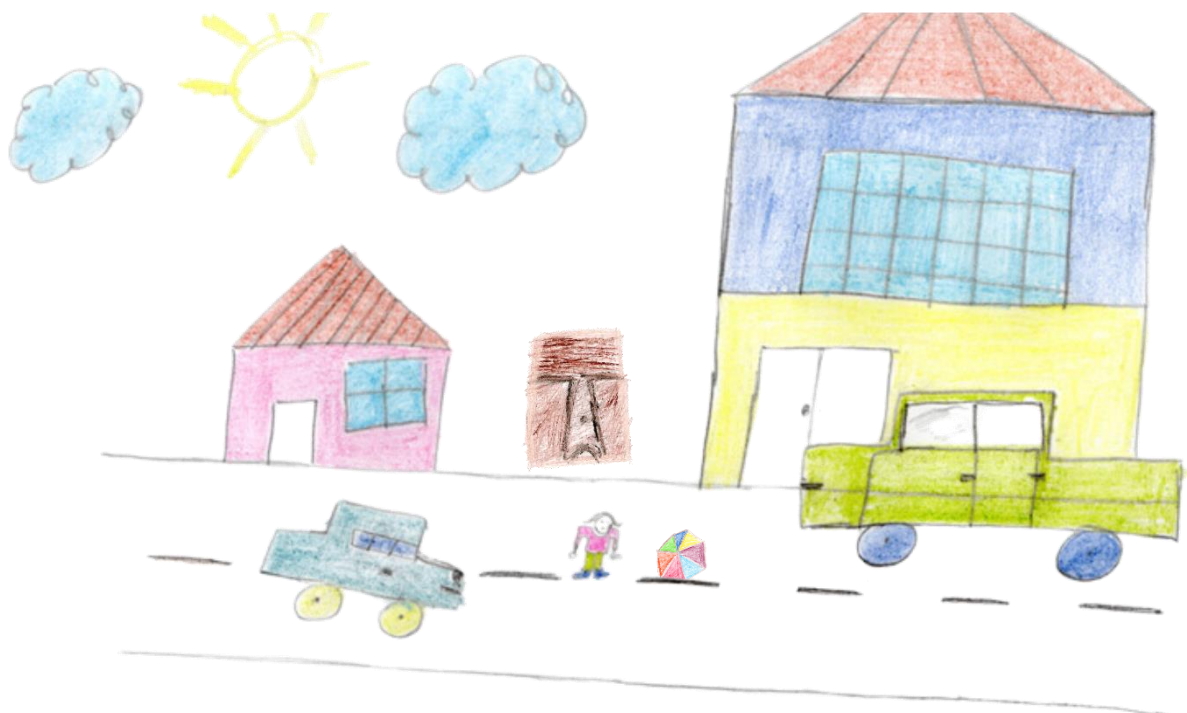
O palhaço diz: Vocês querem um exemplo? Ele e seus amigos da pré-escola organizaram um desfile de moda. Assim que a professora saiu, pegaram as mesas e as agruparam em formato de passarela para as meninas desfilarem. A sala inteira entrou na brincadeira, e quando a professora voltou para sala, ficou horrorizada. Lá foi o palhaço pela milésima vez para a diretoria.

A sua vida-educação possuía buracos, não há tanta precisão ou riqueza de detalhes, mas ir para diretoria era quase todo o dia, por motivos diversos que não consegue lembrar muito bem. A diretora não tinha limite para punir o pobre menino. Ela o colocou no quarto escuro. O terror de toda a criança era ir para o quarto escuro, mas quando esteve lá, não era o escuro que poderia matá-lo; era mais a poeira e o morfo que dava um ar de podridão aquele local. Hoje reconhece que o botaram no almoxarifado.

O palhaço fugia todos os dias da escola, não tinha paciência para esperar que o buscassem, até porque sempre o esqueciam. No caminho de sua casa havia um atalho, todavia o chão era de terra, uma rua bem típica de filme de terror. As pessoas sempre diziam para evitar andar por aquela rua. Advinha? O Palhaço Elétrico como um mal moço que era, passava todos os dias por lá e nada lhe aconteceu. O receio das pessoas pelo *Mangão*, era que lá funcionava um prostíbulo, assim deduz-se que,

no íntimo das pessoas, o medo que os consumia era que avistamentos poderiam ocorrer no caminho.

Um problema de visão e um atropelamento



A vida do palhaço transcorria bem, se eliminasse as intempéries. Um problema de visão aflorou e virou uma questão logo no começo da sua vida-educação. A professora detectou a dificuldade e alertou sua mãe. O problema de visão não surgiu do nada; aqui vale voltar aos cinco anos de idade quando foi atropelado.

O atropelamento se desenvolve em dois fatos vergonhosos. O primeiro fato se pauta no grande estopim que foi uma colher de sobremesa do restaurante que queria levar para casa, mas sua mãe não deixou. Isso foi o suficiente para imperar nele um ímpeto de raiva. Saiu correndo, jogando a colher no chão, e atravessou a rua. O arrependimento chegou bem na hora que estava do outro lado, assim, voltou correndo. Nessa hora o sinal abriu, foi atropelado.

A segunda parte vergonhosa foi o carro que o atropelou: foi um fusca, verde escuro. O homem saiu sem prestar socorro enquanto ele ficou desacordado. Já pensou a vergonha de morrer atropelado por um fusca? O que ia dizer quando chegasse no céu? Ia ficar sem palavras.

Esse acontecimento mudou sua vida e a forma de ver o mundo. O Palhaço Elétrico se tornou um outro menino, não era mais atentado, ficou retraído. A partir desse acidente, era pacífico que usava óculos de 13 graus. Como dizia os colegas de sala de aula: “Virou um quatro olhos!” A escola do seu tempo não era muito acolhedora com a diferença. Sofreu inúmeras ofensas, xingamentos e até agressões físicas, mas tinha sua prima para defendê-lo dos valentões na maioria das vezes.

A prima o defendia tanto que a diretora mandou uma carta para a mãe dela pedindo que sua filha parasse de vir de tênis, pois estava chutando com muita força a região íntima dos meninos para que parassem de bater no Palhaço Elétrico. O mais engraçado é que nunca mandou uma carta para os pais dos alunos que batiam.

As aventuras de atropelamento continuaram, ou melhor, um quase atropelamento, com já mencionado anteriormente e reforçado pelo palhaço: *“Eu costumava ser uma criança muito ‘atentada’, ou mesmo, ‘aventureira’ chegando a atravessar uma avenida movimentada”*. Um dia, tentou cruzar a avenida da frente de sua casa, correndo de um lado para o outro muito rápido, mas o fluxo de carros era intenso naquele horário.

Em uma das suas travessias, ele viu uma mulher com um balão de São João na mão, tão feliz e contente. Porém, assumiu que precisava daquele balão, então correu pela avenida movimentada em busca do balão. Pela lógica, a mulher não quis dar de bom grado. Sem escolha, bateu com as duas mãos no balão, que se deformou, e saiu correndo. A mulher correu atrás, mas o palhaço foi mais rápido. Nessa fuga, um carro quase o atingiu, mas dessa vez chegou ileso em sua casa.

Um trauma: Educação física

A pessoa diferente que se tornou odiava a educação física, era só jogar bola. As meninas jogavam queimada e a professora não o deixava jogar com elas. Ficava no canto olhando as meninas jogarem.

Às vezes ia pegar a bola; uma vez, uma menina jogou a bola tão forte que caiu para depois do muro da escola. Ao lado da escola, havia um cemitério, e ninguém queria buscar a bola. Um colega criou coragem e pulou o muro, falou que viu ossos e um crânio, mas o palhaço não acreditou em nada que ele disse, todavia não teve a coragem de ir ver.

A educação física gerou outro trauma. A professora o obrigou a jogar bola, não importava o quanto reclamasse, ele tinha que obedecer. Afinal de contas, o que uma pobre criança ingênua podia fazer? Um detalhe importante para essa cena, a quadra era de cimento e toda esburacada.

No primeiro drible, quem o driblou foi a bola, ajudada com muita força por um colega que o empurrava. Ele caiu e feriu toda sua perna, a pele inteira ficou no cimento, ficando em carne viva. O lado positivo é que a professora não o obrigou mais a jogar bola.

A educação física ao longo da sua vida continuou a assombrá-lo, momentos de humilhação foram bem recorrentes, não só da parte dos alunos, mas também dos professores. Ele teve um professor de educação física que *penou* na mão dele, como a relação com a matéria nunca foi a amistosa, odiava ir, mas como era algo obrigatório, se forçava a participar. O professor adorava ser punitivo, se alguém chegasse atrasado tinha que pagar flexões e abdominais, ou correr pela quadra, bem como subir e descer a arquibancada.

Um aluno mediano e a palmatória

O Palhaço Elétrico nunca se achou um aluno excepcional, pois sempre esteve na média. Os professores reclamavam que ele escrevia devagar, e também se queixavam do fato de ser canhoto, o que tornava sua vida um pouco mais difícil. "Na escola, outrora, era preciso lutar para ser como os outros, era preciso normalizar seu corpo, oferecer à pequena sociedade do liceu a oblação de sua mão boa" (Barthes, 2017, p.114). Assim, precisava escrever rápido com a mão esquerda em uma cadeira para destros, o que era um caos para organizar.

As notas dele eram o suficiente para não reprovar. A letra era horrível, e ainda é. A escola também proporcionou a ele a oportunidade de conhecer novas pessoas, amigos que zela até hoje. Os professores deixaram algumas marcas, tanto físicas quanto psicológicas, e até mesmo bons momentos. Ainda havia professores que adotavam a palmatória; para sua sorte, sua professora já tinha abolido essa prática, mas a sua prima não teve a mesma sorte, pois, uma vez a professora quebrou uma régua de madeira na mão dela.

Os domingos na casa das avós



A avó dele por parte de mãe, quando sua família chegava na casa dela logo dizia: “Que ventos os trouxeram aqui, hoje é dia de muita chuva”. Na casa dela, havia dois quadros fixados na parede de madeira: um era “A Última Ceia”, uma réplica do Leonardo Da Vinci, e outro era um quadro de Moisés abrindo o mar vermelho. O fato interessante do quadro era que, se olhassem de um lado, o mar estava calmo, e se olhassem do outro, estava revoltado e aberto.

A avó tinha os netos favoritos dela e não escondia isso de ninguém, falando abertamente. Claro que o pequeno palhaço não era um deles, pois era uma peste na maioria do tempo. O irmão do meio era o neto favorito, sendo o único que tinha permissão para comer o “chopp” de frutas que ela vendia, e, sobretudo, o direito de abrir a geladeira, um privilégio legado a poucos. Aos domingos, reuniam-se na mesa da cozinha para conversar sobre suas vivências.

Às vezes, passavam o dia inteiro e, à noite, seus avós contavam histórias. O avô contava a “História do Pavão Misterioso” com toda entonação que um cordel merecia. Ele contava: “Eu vou contar uma história/ de um Pavão Misterioso/ que levantou vôo na Grécia/ com um rapaz corajoso/ raptando uma condessa/ filha dum conde orgulhoso” (Silva, 1990, p.1). A forma que contava era tão envolvente e encantadora, sabia toda a história de cor, nunca tinha lido, apenas tinha ouvido muitas vezes.

A avó sempre se lamentava por não ter tido a coragem de desenterrar um tesouro. À noite, uma visagem veio visitá-la, uma mulher vestida toda de branco que se sentou na rede. A avó ficou paralisada, mas ouviu os comandos da mulher: “– Ao amanhecer acenda uma vela e reze uma ave maria, e depois cave ao lado do limoeiro que terá joias e dinheiro, mas não conte nada a ninguém” – ao terminar suas palavras a mulher desapareceu. A avó ficou desesperada e atônita, e assim que o avô do palhaço chegou na casa, ela contou tudo. Ele ficou contrariado, resmungando que ela havia jogado a riqueza pela culatra.

Na casa da sua avó, agora por parte de pai, era uma confusão tamanha, já que ela tinha apenas treze filhos e mais de cinco dezenas de netos. O palhaço recorda: *“Lembro-me até hoje [que] brincava o dia todo no quintal com os meus primos, fazendo diversas brincadeiras, livres correndo, andávamos de bicicleta, mãe do pega, jogávamos queimada, tomávamos banho no igarapé”*. A hora do almoço tinha que ser em etapas, pois havia muita gente para comer. Comiam pela sala, pátio, quartos; todos os lugares estavam cheios de *“criançada”*.

O terror da quinta-série

A mudança do ensino fundamental menor para o maior acarretou-lhe uma pequena ansiedade. Nessa mudança, passou de uma professora para dez professores, e o tempo de aula foi reduzido para quarenta e cinco minutos. O Palhaço Elétrico se questionava: *“Conseguirei escrever a tempo? Será fácil me adaptar? Estudarei com os meus amigos?”*

A quinta série chegou como um meteoro, destruindo todas as suas esperanças e expectativas. O sofrimento começou quando ele percebeu que seus amigos não estudariam na mesma turma, nem mesmo a sua prima estaria com ele. No primeiro dia de aula na nova escola, percebeu-se que a divisão de amigos havia sido feita como se jogasse nossos nomes no ventilador, e alocado tudo aleatório.

A prima dele ficou na 5 “A”, as outras amigas ficaram na 5 “C” e ele na 5 “B”. A sorte que sua mãe trabalhava na escola e a implorou para trocar de turma. Vocês devem estar pensando que filhinho da mamãe? Pois é, ele era.

A mudança de turma não ocorreu apenas por saudade da sua prima; seria muito amor fraternal da sua parte, mas não era tudo isso. O motivo real foi seu primeiro dia de aula no 5º ano “B”, quando conheceu “Dolores”, a mulher mais falada, mais odiada, mais controversa da escola. Seu lema poderia ser: *“Ame ou a odeie, mas fuja dela”*. Dolores

era a professora que havia dado aula para toda a geração de sua família; apenas não teria dado aula para os dinossauros, mas disso ainda desconfiava. Talvez fosse do tempo jurássico mesmo. Tinha chegado a sua vez, o caçula da família ia estudar com a professora que ouviu inúmeras histórias.

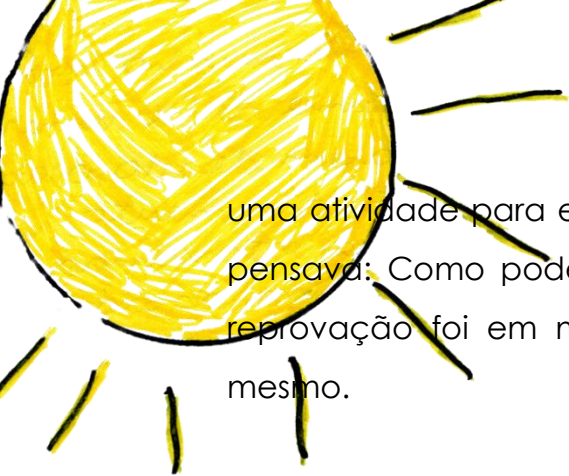
Um dia com Dolores em toda sua glória foi o suficiente para refletir que deveria mudar de turma (*Spoiler*, a fuga de Dolores foi só momentânea). A mudança veio, e ele ficou junto com a sua prima. Agora, quem daria aula de português seria sua amada tia. Sim! É muito parente nesse biografema, ainda têm muitos mais.

A adaptação à quinta série foi lenta. A irregularidade de alguns professores deixava horários vagos, e esse tempo era logo preenchido com outra atividade. Uma colega de turma sempre convidava para ir à sua casa nesses horários, já que sua casa não era muito longe da escola. Um dia, ela nos convidou para o funeral da sua tartaruga.

O rito fúnebre seguiu como manda a tradição: fizeram uma cova, não a sete palmos, as suas mãozinhas mal cavaram um palmo. A colega enrolou o cadáver em uma mortalha branca, enquanto outro colega fazia um discurso de despedida sobre a breve vida da tartaruga. A emoção tomou conta de todos os presentes. Tempo depois, voltaram à escola. Uma curiosidade sobre esse momento, dias depois, a chuva a tinha exumado o cadáver e tiveram que enterrá-lo de novo.

Na quinta série, entre horários vagos, o conceito de “matar aula” e a possibilidade de reprovação o atravessou. Geralmente, “matava” a aula de religião, achava um porre aquilo. A professora não ajudava, sua voz era tediosa. O propósito da fuga era mais justo; matava aula para jogar peteca na praça ao lado da escola. O nome da praça não poderia ser mais acertado: a Praça do Estudante, que acolhia todos os matadores de aula.

Por incrível que pareça, não ficou reprovado em religião; era só pintar o presépio ou fazer uma vela de Páscoa, nada difícil. O que levou o farelo foi em espanhol, não que não soubesse, mas a professora passou



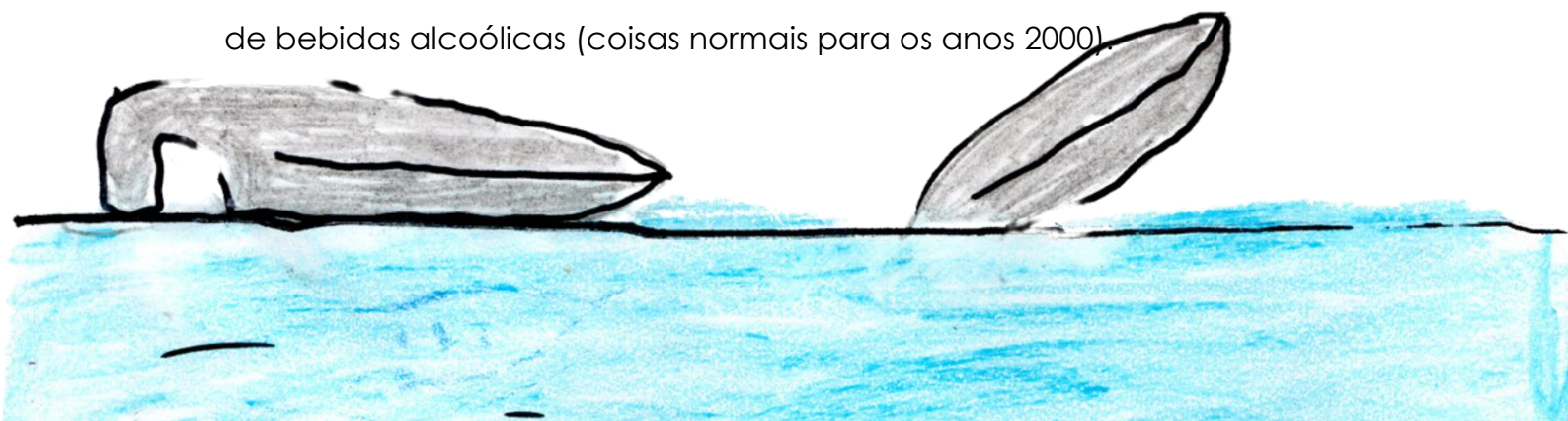
uma atividade para escrever sessenta linhas à mão. O Palhaço Elétrico pensava: Como poderia escrever sessenta linhas? Não o fez. A outra reprovação foi em matemática, mas todo mundo aceita, era difícil mesmo.

A celebração e a viagem de barco

Além da escola, todo ano o Palhaço Elétrico ia para uma festividade no interior que seu pai nasceu. Nesse ano não seria diferente, mas para sua surpresa o regresso mudaria um pouco. As águas de setembro geralmente são bastante agitadas, mas na ida o planejamento de ir com a maré cheia deu certo. Ao chegar na festividade, os ritos começaram, com os sons das bandinhas de fanfarras e muita oração.

Ao chegar no destino, o cortejo andou pelo vilarejo fazendo um percurso até a igreja. O palhaço permaneceu por alguns momentos vendo os rituais religiosos, sem ter muito o que fazer. Quando terminou a celebração, brincou de pescaria e comprou doces que só encontrava durante as festividades. Na fuga da brincadeira, olhou para a maré e viu que estava seca; o barco encalhou, e eles não teriam como voltar. Restou esperar a maré encher para retornar para casa.

Na espera, as senhoras dançavam carimbó, e a banda de fanfarra tocava entoadas regionais nem um pouco religiosas. As pessoas conversavam, aproveitando a liberdade do tempo da maré. O palhaço recorda: *"Com o passar das horas, estávamos nos organizando para voltar, assim os adultos chamavam as crianças para arrumar suas coisas, quando todos estavam no barco seguimos a viagem de volta para casa"*. A festa continuava no barco, era um amontoado de senhoras dançando até o chão e músicas cada vez mais altas, além do consumo de bebidas alcoólicas (coisas normais para os anos 2000).



"No meio do percurso, o barco acabou apresentando problemas no motor", e ficaram à deriva no meio do Rio Tocantins a noite. Não dava para ver muita coisa no escuro, e o farol do barco iluminava apenas uma fresta pelo caminho. A água estava turbulenta, e as ondas arremessavam com força, à deriva iam sendo arrastados para todas as direções possíveis.

A festa virou um enterro, a alegria se esvaiu com o desespero. A agitação das ondas era tão intensa que arrastou um primo bêbado para dentro do rio, resultando em uma grande gritaria. Outros primos pularam na água para procurá-lo e, depois de um tempo, o encontraram. Foi uma experiência horrível, relata o palhaço, que reforçava a sensação de que por pouco o barco não afundou.

A Guerra do Pão e a injustiça

A turma do Palhaço Elétrico tinha o título de pior turma da escola e nada mudava esse comportamento. Na aula do professor Salsicha, ocorreu o ápice da revolta. O episódio ficou conhecido como "A Guerra do Pão", essa guerra o ensinou o valor da injustiça.

Era um dia normal, como todos os dias normais de uma escola. Os alunos iam chegando, e o Palhaço Elétrico, como de costume, chegou cedo e sentou em sua cadeira costumeira ao lado da sua prima e as panteras, suas amigas.

A sala estava calma, na medida do possível. As pessoas estavam fazendo suas atividades no livro, outros terminando de copiar do quadro, muitas conversas paralelas. A vida escolar transcorria de forma usual. O silêncio da sala foi quebrado com a chegada da merenda.

As pessoas começaram a se levantar e procurar seus copos, ou fazer fila para comprar copos descartáveis; pegavam sua merenda e iam para seu lugar. A merenda era servida na sala, pois a escola não

dispusera de um local que pudesse alocar os mais de mil alunos que tinha.

As pessoas comiam sentadas, e assim que as merendeiras saíram da sala, as reclamações começaram. O pão tinha um fedor peculiar, parecia estar estragado. As pessoas pararam de comer (The Last of Us começou por menos). O professor Salsicha decidiu dar um tempo da sala e saiu para beber água. A guerra começou.

A frustração alimentar deixou todos descontrolados. As meninas “Nota 10” e os meninos “mal-ditos” começaram a se atacar. Os meninos, para tornar o pão ainda mais letal, molhavam-no no suco.

Era pão voando para todo o lugar. As pessoas sentadas começaram a ser atingidas e passaram a revidar. O pandemônio se instaurou. As pessoas se empurravam, eram empessadas na parede, jogadas no chão, batiam a cabeça.

No meio do caos, o professor volta. As pessoas sentaram-se santinhas em suas carteiras. O professor Salsicha ficara indignado, saiu por um momento, e o caos se instaurou. Logo quis saber o que aconteceu. É nesse momento que a injustiça começa.

O professor Salsicha perguntou à líder de turma o que havia acontecido. Advinha? Era uma das meninas “Nota 10”. A menina, que não era besta nem nada, contou sua versão se inocentando, jogando toda a culpa nos meninos “mal-ditos”.

O professor aceita a versão dela como oficial, mas o Palhaço Elétrico, que nem tinha participado, teve de ficar de castigo porque a menina “Nota 10” apenas salvou suas comparsas. Ele pagou por um crime que nem cometeu, e quem cometeu saiu impune e ainda rindo. O pior de tudo era que as meninas “Nota 10” eram suas amigas.

Após a guerra, os tribunais começaram a se formalizar. O diretor pediu uma reunião com os pais e responsáveis. Os professores aproveitaram a reunião para dizer tudo que estava engasgado nas suas gargantas. Os pais ficaram horrorizados pelo ocorrido da guerra do pão e por acontecimentos anteriores. Nessa reunião, ainda foram mostradas

as notas dos alunos. Esse tribunal apenas não decretou pena de morte, mas que a pena foi cruel e vexatória do mesmo jeito. Nos dias seguintes, ouviam-se as queixas.

Severo e Dolores, uma educação por terror

Os professores mais temidos iam se juntar esse ano. Alguns eram velhos conhecidos como Dolores que voltou para traumatizar seu coração mais uma vez, mas pelo menos não como professora de português, e sim, como professora de religião. O professor de português se repetiu como nos três anos anteriores, não entendia nada de português, mas seguia da mesma forma. Uma coisa que aprendeu com seu professor de português foi desenhar uma rosa.

Nesse ano teve o desprazer de estudar com o professor Severo, era o mais temido da escola, ficava em pé de igualdade com Dolores, e sua matéria ainda era matemática, para sentir como Severo representava o terror até mesmo seus pares tinham medo, bem como a coordenação pedagógica e a comunidade escolar toda. Desta forma podia fazer tudo que queria e na hora que queria, houve uma vez que lotaram ele na segunda-feira e todos sabiam que não trabalhava na segunda-feira, simplesmente não ia dar aula e nada aconteceu.

A aula de Severo condizia com seu nome. Na hora que entrava na sala todos ficavam em silêncio. Os alunos tinham medo de respirar um pouco mais forte com receio de incomodá-lo. Na hora da explicação todos faziam um silêncio obstinado que permanecia até mesmo quando ele perguntava: "Vocês entenderam?", na maioria das vezes apenas assentiam com a cabeça, mesmo que não tivessem entendido nada. Não existia espaço para dúvida, assim os alunos eram cessados do direito de questionar.

Uma ocasião o Palhaço Elétrico teve a coragem de questioná-lo. A cena na cabeça dele passou assim: O professor Severo estava explicando o conteúdo e nada fazia sentido para ele. Quando o

professor perguntou: “Vocês entenderam?”. O palhaço respondeu: Não! O rosto de Severo pareceu surpreso, talvez ninguém tivesse tido a audácia de dizer não. A sala inteira olhou para o Palhaço Elétrico, parecia que seu rosto ia entrar em combustão. O professor perguntou: Qual parte você não entendeu? A vontade dele era dizer tudo, mas disse que foi só a última parte, o professor reexplicou da mesma forma e nada mudou.

Dolores seguia o mesmo ritmo. Uma colega do palhaço certa vez falou: “Bom dia, professora”, assim que Dolores entrou. A cara de Dolores se contraiu de raiva, dava para ver que seu semblante mudou de azedo para extremamente amargo. Ficou um minuto em silêncio buscando forças para não sair do controle e disse: “Eu sei que tenho que dizer, ‘Bom Dia!’”. Essa simples ação levou Dolores a “marcar” sua amiga, como resultado dessa marcação reprovou-a na primeira avaliação de religião o que tirou a chance dela se tornar aluna “Nota 10”.

No ensino fundamental algumas propostas metodológicas foram implementadas para inovar o currículo escolar entre elas: aulas de corte e costura que eram ministradas no contraturno direcionadas as meninas. Além do projeto de redação que perpassava todas as disciplinas do currículo, assim escreviam várias redações durante o bimestre. O projeto “Aluno Nota 10” foi uma das propostas. Esse projeto do Aluno “Nota 10” buscava premiar os alunos que tiravam as maiores notas, dessa maneira eram selecionados dez alunos de cada série.

A turma do Palhaço Elétrico detinha a maioria dos alunos “Nota 10”, até ele chegou a ganhar uma única vez, recebeu na ocasião uma medalha e uma camisa. Era fácil identificar um aluno “Nota 10”, haja vista que a cada premiação a cor da camisa mudava. A apreensão invadia os alunos, pois todos queriam chegar a ser um aluno “Nota 10” e quando a lista era prendida no quadro de aviso as pessoas se aglomeravam na frente na esperança de ver seu nome.

O professor Severo teve que se render a turma do palhaço, naquele ano estava concluindo seu curso. Uma das atividades daquele

semestre era o desenvolvimento de uma feira pedagógica a qual deveria envolver os alunos da rede pública do município. O professor Severo tratou de escolher logo os alunos com mais premiações de Aluno “Nota 10”, aos demais professores sobraram os alunos “reescolhidos” do professor Severo.

Uma professora entrou na sala e perguntou da porta mesmo: Tem algum aluno que já foi pelo menos uma vez aluno “Nota 10”? Timidamente, o Palhaço Elétrico levantou a mão, assim não tinha muito o que fazer, “escolheu” a contragosto, era o que tinha, não podia reclamar.

A feira perdurou por um bom tempo, na tenra lembrança do palhaço parecia ter durado quase três meses. Nessa ocasião, a professora todo dia dava as instruções na casa de uma colega dela que ficava bem longe. O Palhaço Elétrico ia andando sozinho no sol das duas horas da tarde para a casa da professora.

No dia da feira, o nervosismo o invadia, sempre foi uma pessoa ansiosa, conforme as pessoas iam chegando começou a apresentar, em suma as apresentações transcorreram bem. Ao fim das apresentações os supervisores entregaram o certificado de participação, quando foi receber seu certificado a professora o cumprimentou com um beijo no rosto, o palhaço pensou que fosse apenas um beijo, mas era para ser dois, e no primeiro beijo saiu meio desajustado. Um menino grita lá de trás: Ele não gosta disso, todos caíram na gargalhada.

Uma aventura eletrizante



Na sua infância todos os dias se reuniam à mesa da cozinha para tomar café da manhã. Era um caos, havia parentes que sempre chegavam de surpresa, principalmente nos finais de semana. *“Aos sábados, a cozinha se transformava em mais uma aventura, com desenho na TV e brincadeiras após o almoço”*. As brincadeiras com os seus primos duravam por longos períodos, ainda mais porque a sua casa ficava em frente à casa da sua avó paterna e vivia perturbando a vida dela.



Nas muitas horas de brincadeiras brincava de “Taco”. Os seus primos pegavam latas de óleo, ripas de madeira e bolas de saco de plástico, havia muitas “grades”, pois, a quantidade aumentava com a vizinhança e quando cansavam de jogar, mudavam a brincadeira para pira-pegas. O palhaço se recorda: *“de um episódio específico: durante a última partida acabei batendo em uma tomada pendurada, ficando grudado devido o choque elétrico”*.

O desespero das pessoas era palpável. O palhaço não consegue mensurar quanto tempo se passou. A sua salvação chegou quando um tio pegou um taco de madeira e o afastou da tomada. *“No final tudo se resolveu, naquela noite, após o susto, reunimos todos a mesa para jantar, encerrando um dia cheio de aventuras”*.

Uma vida-educação a devir

O Palhaço Elétrico vive no tempo perdido de uma vida-educação amazônica nos rumores das marés, das visagens e assombrações. É um tempo do aprender onde frui o caminho na liberdade da sua vontade. É um Palhaço Elétrico porque não para de se mover e rir das forças imobilizantes. Um menino-palhaço, pois possui um ímpeto de infância aguçado no rumor da natureza, das cores, dos sabores, dos cheiros e aventuras amazônicas. Às vezes se perde na contemplação de um devir mundo amazônico, pois era um universo inteiro para desbravar e viver.

Todavia, quando voltava à dura realidade, levava tudo na leveza de uma vida sempre outra. O palhaço agora sorri, seus medos e seus algozes não lhe ferem mais. Aprendeu a viver a sua própria felicidade, não dependendo de um rumo para seguir, pois a sua aventura é imaginar novos rumos entre as constelações de possibilidade.



Fim

A MENINA QUE ROUBAVA GIZ



O CÉU ESTAVA AZUL, PARADO, SEM NUVENS. O SOL NAQUELA MANHÃ ESTAVA CALMO, A MINHA AVÓ COMO DE COSTUME PEGOU UM GALO DO TERREIRO, AO QUAL CULTIVOU O ANO INTEIRO PARA A SEMANA SANTA, O GALO ERA VELHO JÁ TINHA ATÉ ESPORÃO, ASSIM, NA QUARTA-FEIRA SANTA COLOCOU SUA MÃO NO PESCOÇO DO GALO QUE GRITAVA EM PROL DA SUA VIDA. A MINHA AVÓ, PEGA SEU FACÃO SEM CABO, COMO CARINHOSAMENTE CHAMA DE "TERÇADINHO", CRISTO ME DEILICENÇA DE MATAR ESSE GALO?, REPETIA TRÊS VEZES, NA TERCEIRA VEZ ENTENDIA QUE JESUS CRISTO TINHA AUTORIZADO. EU ERA UMA CRIANÇA QUE NÃO PRESTAVA, RIA DA SITUAÇÃO. EU FICAVA PENSANDO COMO JESUS CRISTO IA DAR LICENÇA PARA MINHA AVÓ MATAR, ELE TINHA QUE SER PÉSSIMO PARA AUTORIZAR ISSO.

O "TERÇADINHO" ENCONTROU PESCOÇO DO GALO E CEIFOU A SUA VIDA. A ÁGUA JÁ ESTAVA FERVENDO PARA PELAR O GALO, JOGOU NA "BACINHA" E TIROU A PENA. EU LOGO GRITAVA: VOVÓ, QUERO COMER A COXA! , A MINHA AVÓ ESCOLHIA QUAL IA SER O NETO DA VEZ, COMO ÉRAMOS SÓ QUATRO NETOS, ERA UMA VEZ DE UM, DEPOIS ERA VEZ DE OUTRO. A MINHA AVÓ TINHA NO TERREIRO UMA ÁRVORE DE LIMÃO GALEGO, LAVAVA BEM O GALO PARA TIRAR O "PITIÚ", DEPOIS COLOCAVA ÀS ESPECIARIAS COMO PIMENTA-DO-REINO, "CUMINHO" E SAL, DEIXAVA DE *MOLHO*, ERA PARA COMER SÓ NA SEXTA-FEIRA. EU PENSO HOJE, QUEM TERIA ESSE CUIDADO DE SE PREPARAR O ANO INTEIRO PARA A SEMANA SANTA?

A CASA DA MINHA AVÓ ERA ASSOALHADA DE "PAXIBÁ DE BACABEIRA", COBERTA DE PALHA DE "NAJAZEIRO", AS PAREDES ERAM DE PALHAS DE "UBIM". NESSA CASA ALOCADA NO "CENTRO", RECEBI MINHAS PRIMEIRAS LIÇÕES, MAMÃE QUE TINHA POUCA INSTRUÇÃO, ESTUDOU ATÉ A QUARTA SÉRIE, ME EDUCOU, NÃO, NÃO ME EDUCOU, PORQUE AINDA SOU MAL-EDUCADA, PODEMOS DIZER QUE ME DEU MINHA PRIMEIRA FORMAÇÃO, FOI, MINHA PRIMEIRA PROFESSORA. CHEQUEI NA ESCOLA ALFABETIZADA, AOS QUATRO ANOS, ISSO ACARRETOU UM PROBLEMA PARA MIM, EU FAZIA TODO MEU "DEVER" SOZINHA, AS PESSOAS QUE NÃO SABIAM FAZER ME BATIAM, NÃO QUERIAM SER MINHAS AMIGAS, NÃO SABIA O PORQUÊ, SOMENTE ANOS MAIS TARDE QUE FABULEI ALGUMAS RAZÕES.

NO PRIMEIRO DIA DE AULA, LEMBRO QUE A PROFESSORA MANDOU COBRIR O "X", COMECEI A CHORAR, A MINHA MÃE NÃO TINHA ME ENSINADO AINDA, EM MEIO AO CHORO, COMECEI A COBRIR, QUANDO TERMINEI LEVEI PARA A PROFESSORA QUE OLHOU COM UM OLHAR DE DESAPROVAÇÃO E MANDOU REFAZER, O CHORO SÓ AUMENTOU. MEU CHORO, LOGO VIROU RAIVA PELA AQUELA

PROFESSORA, MAS PASSOU, DOIS ANOS FORAM O TEMPO DO MEU SOFRIMENTO, MAS CHEGOU A HORA DE PARTIR.

NA OUTRA ESCOLA, FUI ALOCADA EM UMA TURMA MULTISSERIADA, A MINHA PROFESSORA ANTERIOR NÃO ME DEU UMA TRANSFERÊNCIA, POIS AFIRMOU QUE NÃO SABIA COMO ME AVALIAR. MEU PAI FOI CONVERSAR COM A NOVA PROFESSORA PARA VER O QUE PODERIA FAZER NA MINHA SITUAÇÃO, COMO NÃO TÍNHAMOS NENHUM REGISTRO FICAMOS NA ESCOLA ENCOSTADOS, QUANDO DIGO NENHUM REGISTRO, NEM CERTIDÃO DE NASCIMENTO TÍNHAMOS. COMECEI A ESTUDAR COM MEU IRMÃO QUE ERA DOIS ANOS MAIS JOVEM QUE EU, NA TURMA TINHA ALUNOS DE VÁRIAS IDADES, OS COMENTÁRIOS SOBRE MEU CORPO COMEÇARAM A SURTIR, FALAVAM QUE EU ERA HOMEM, PORQUE NÃO TINHA PEITO, ISSO ME ACORREU QUANDO TINHA APENAS SETE ANOS.

NO MEU TEMPO AINDA TINHA A PALMATÓRIA, EU COMO ERA BOA ALUNA NUNCA APANHEI, MAS MEU IRMÃO QUE ERA A "RUDEZA" APANHOU DEMAIS. EU FAZIA DE TUDO PARA NÃO ERRAR, PASSAVA HORAS EM CASA TREINANDO, TINHA MEDO DA PROFESSORA QUEBRAR UM OSSO MEU. NA VOLTA DA ESCOLA TÍNHAMOS DE PASSAR POR UM CAMPO DE NATUREZA, ERAM DUAS HORAS PARA IR E MAIS DUAS PARA VOLTAR, SÓ CHEGÁVAMOS EM CASA POR VOLTA DE UMA HORA DA TARDE, AZUL DE FOME, QUASE TODO DIA LEVÁVAMOS MERENDA EM UMA LATA DE LEITE, NOSSA MERENDA ERA FARINHA E CAMARÃO OU ALGO SALGADO, ERA O QUE DURAVA, POIS NÃO TÍNHAMOS GELADEIRA, SEMPRE GUARDÁVAMOS A LATA NO CAMINHO PARA QUE NA VOLTA PUDÉSSEMOS COMER SEM DIVIDIR COM OS OUTROS, UM DIA QUANDO FOMOS PROCURAR A LATA, ELA NÃO ESTAVA MAIS NO LUGAR QUE DEIXAMOS, ALGUM ESPERTINHO ENCONTROU, FICAMOS MORRENDO DE FOME.

A VIDA NO CENTRO FICOU DIFÍCIL, MEU PAI TEVE QUE SE MUDAR PARA A CIDADE, FOMOS PARA A CASA DO MEU AVÔ. FOI NESSE MOMENTO DA MINHA VIDA QUE ME TORNEI CIDADÃ, MEU PAI TIROU NOSSA CERTIDÃO DE NASCIMENTO, MINHA MÃE ATÉ QUERIA TER TIRADO ANTES, MAS ELA NÃO TINHA NENHUM DOCUMENTO. A VIDA NA CIDADE ME APRESENTOU NOVOS DESAFIOS, MEU PAI SEGUIU A ESCOLA PARA ME MATRICULAR, FALOU QUE EU ESTUDAVA SOMENTE COM A MINHA MÃE. A PROFESSORA, NEM TEVE O TRABALHO DE FAZER UMA PROVA PARA SABER O QUE EU SABIA, ME COLOCOU NA PRIMEIRA FORTE E MEU IRMÃO NA PRIMEIRA FRACA.

A PRIMEIRA FORTE EM QUE FUI ALOCADA ERA COMPOSTA PELOS "BURRAUDOS" REPETENTES, E PESSOAS QUE TINHAM DISTORÇÃO DE IDADE E SÉRIE. O MEU SUPLÍCIO COMEÇOU, JÁ SABIA TUDO O QUE A PROFESSORA FALAVA, NÃO PODIA FAZER NADA, ATÉ PORQUE NÃO IAM DAR VOZ A UMA MENINA QUILOMBOLA QUE A MÃE NÃO TINHA NEM REGISTRO, PERMANECI TODO MEU

ANO LETIVO FRUSTRADA. A ESCOLA NÃO FOI UM TERRENO FÁCIL PARA MIM, UMA MENINA DE PERNA FINA E CABELO DE "PITÓ", NÃO TINHA NENHUMA AMIGA, APENAS UMA MENINA SE AVENTURAVA A BRINCAR DE ELÁSTICO COMIGO, NÃO SEI SE POR PENA OU POR FALTA DE COMPANHIA. NÃO TIVE MUITAS AMIZADES, AS PESSOAS QUE SE APROXIMAVAM DE MINHA ERA SÓ PELO INTERESSE, POIS EU FAZIA COM MAESTRIA TODO MEU DEVER, PASSEI A PRIMEIRA ATÉ A QUINTA SÉRIE SEM AMIGOS, OS QUE VINHAM NÃO ERAM DE VERDADE.

A MENINA DO CENTRO COM A HUMILDE SANDÁLIA DE DEDO QUE VIVIA NA INVASÃO FOI TER UMA AMIGA NA QUINTA SÉRIE. MAS NÃO FOI QUALQUER AMIZADE, FOI A MENINA MAIS BONITA DA ESCOLA, SEU CABELO ERA SEDOSO, "LISÃO" QUE BATIA NA BUNDA, A SUA PELE SEM NENHUMA MARCA, TINHA UM ROSTO NA REPRESENTAÇÃO OCIDENTAL DE UM ANJO. A MENINA JÁ TINHA ATÉ PEITINHO, PODIA SER FACILMENTE MODELO, E ACIMA DE TUDO, ELA VINHA DA CAPITAL, BELÉM. A NOSSA AMIZADE NASCEU PELA FALTA DE COMPANHIA, DESTA FORMA, TODO O DIA ÍAMOS DE "COMPANHA" ATÉ NOSSAS CASAS. O ANO INTEIRO A AMIZADE SÓ SE FORTALECIA, PASSAMOS PARA SEXTA SÉRIE E ÍAMOS ESTUDAR JUNTAS NOVAMENTE, NO PRIMEIRO DIA DE AULA VI QUE ELA SE AGRUPOU COM AS OUTRAS MENINAS DA TURMA, DECIDI DAR ESPAÇO, NA VOLTA DA ESCOLA QUANDO, GERALMENTE, REGRESSÁVAMOS JUNTAS, AGORA ELA TINHA NOVAS COMPANHIAS. DESTARTE, PEQUEI MEU CADERNO COLOQUEI DE BAIXO DO BRAÇO, NÃO TINHA MOCHILA, A MINHA AMIGA ANDAVA NA FRENTE COM SUAS NOVAS AMIZADES, E OLHAVAM PARA MIM E RIAM.

O ÓDIO COMEÇOU A PULSAR NA MINHA VEIA, CADA OLHADA E CADA RISO, SENTIA IMPELIDA A REAGIR. O DIABO, ASSIM, ME MOSTROU UMA PEDRA, EU IA CACETAR AQUELA GAROTA, CHEGANDO PERTO DA CASA DELA, TIREI MINHA SANDÁLIA COLOQUEI NA MÃO, ME PREPARANDO PARA A FUGA. EU SEMPRE FUI BOA NA PEDRA, QUANDO A MENINA ESTAVA ABRINDO A PORTA DA CASA DELA, PEQUEI E JOQUEI A PEDRA NO MEIO DA COSTA DELA, "BUUM", FOI O BARULHO QUE A PEDRA FEZ AO ATINGIR EM CHEIO O CENTRO DA SUA COSTA, CAIU DE CARA NO CHÃO, A ALGAZARRA COMEÇOU, EU ME LANCEI CORRENDO, O PESSOAL AINDA CORREU ATRÁS DE MIM, MAS QUANDO CHEGUEI NA INVASÃO PARARAM DE ME PERSEGUIR. QUEM IA SE AVENTURAR NA INVASÃO, JÁ QUE DIZIAM QUE ERA LUGAR DE "MELIANTE"?!

NO OUTRO DIA, COMO NINGUÉM TINHA VINDO BATER NA PORTA DA MINHA CASA, FUI PARA A ESCOLA. NO CAMINHO DA ESCOLA PASSEI NA FRENTE DA CASA DELA, PAREI, OLHEI POR UM MOMENTO, CRIEI CORAGEM E BATI NA PORTA. A MÃE DA MENINA PARECEU NA PORTA, EU FUI LOGO "PARTICIPAR" QUE TINHA JOGADO A PEDRA PORQUE ELA ESTAVA MEXENDO COMIGO, HOJE PENSO,

NÃO ME MATARAM PORQUE DEUS NÃO QUIS. A MÃE COM A VOZ PESAROSA DISSE: – VOCÊ FERIU A COSTA DA MINHA FILHA, MAS ELA NÃO VAI MAIS MEXER CONTIGO.

AS AMIZADES CONTINUAVAM GUIADAS PELO INTERESSE, MAIS TARDE NO ENSINO MÉDIO QUE FUI TER UMA AMIGA, QUE COM O FIM DO ENSINO MÉDIO A AMIZADE TAMBÉM TERMINOU. SOMENTE NA FACULDADE DE QUÍMICA QUE CONHECIA A MICHELE E A MORANGO, ELAS ME TRATAVAM EM PÉ DE IGUALDADE, ME RECONHECIAM COMO UMA MENINA ADVINDA DA INVASÃO, DE FAMÍLIA POBRE E HUMILDE, SOBRETUDO, ME RECONHECIAM COMO MULHER PRETA, NÃO SEI SE FOI PELA CONEXÃO DAS “SILVAS”, MAS AQUELE MOMENTO ME SENTI IMPORTANTE PARA ALGUÉM E RESPEITADA.

EU SENTIA POR MUITAS VEZES QUE ERA INVALIDADA POR SER NEGRA E DA INVASÃO, OS BRANCOS NÃO ME RECONHECIAM COMO UMA PESSOA IGUAL A ELES, DIZIAM ESSA MENINA JÁ LEU ISSO? COMO ESSA MENINA APRENDEU PALAVRAS DIFÍCEIS? OS BRANCOS NÃO CONSEQUIAM CONCEBER QUE EU ERA UM SER DE DIREITO E DE LIBERDADE. UMA VEZ, A CHUVA ME DEIXOU PRESA EM CASA, QUANDO CHOVIA NA INVASÃO A RUA ALAGAVA E NÃO PODIA SAIR. O MEU COLEGA FALOU PARA A PROFESSORA QUE NÃO FUI PARA A AULA PARA FICAR ASSISTINDO MALHAÇÃO, A PROFESSORA ME FEZ FAZER UMA RESENHA DO LIVRO “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, DO CÉLEBRE MACHADO DE ASSIS, MAL SABIA QUE JÁ HAVIA LIDO, FIZ MINHA RESENHA COM FACILIDADE.

AS CALÚNIAS NÃO PARARAM DE CHEGAR, LEMBRO DE UMA VEZ QUE MEU TIO FALOU QUE EU IA PARA O MATO COM MENINOS COM SETE ANOS DE IDADE, SE HOJE UMA CRIANÇA NÃO NAMORA, IMAGINA NO MEU TEMPO. A VIDA ME ENSINOU A LUTAR PELA VERDADE E SEGUIR RESISTINDO AS DIFAMAÇÕES, AS INVALIDAÇÕES E AOS RÓTULOS QUE ME COLOCAVAM.

A MINHA VIDA TODA LUTEI PARA TER UMA VIDA MELHOR, NO MEU SONHO EU QUERIA SER PROFESSORA, NAS HORAS VAGAS BRINCAVA DE ESCREVER NO QUADRO, COM OS TOCOS DE GIZ QUE ROUBAVA DA ESCOLA. NINGUÉM QUERIA BRINCAR COMIGO, MAS NÃO ME SENTIA SOZINHA, POIS ESTAVA EU COM MEUS PENSAMENTOS, COM MEUS SABERES E AS MINHAS VIVÊNCIAS. AS HORAS DE INFÂNCIA ERAM BOAS NESSES MOMENTOS.

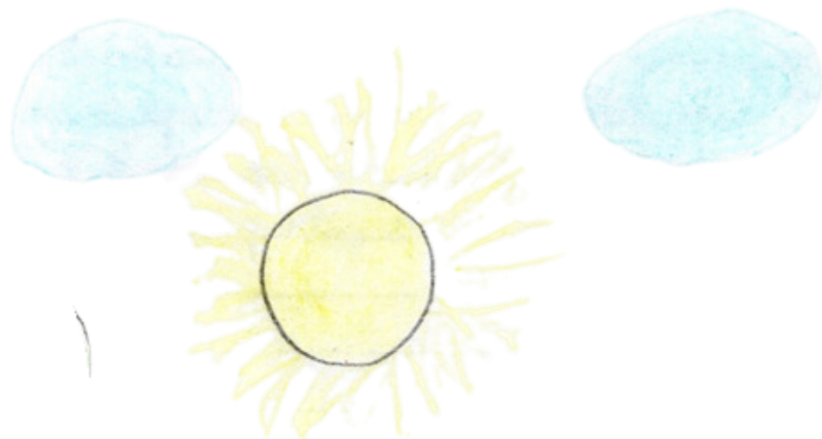
É CLARO QUE TINHA MOMENTOS DE BRINCADEIRAS COM OS MEUS IRMÃOS, MAS SEMPRE FUI UMA MENINA DE CHEGAR DA ESCOLA E FAZER MINHA ATIVIDADE, QUANDO CHEGAVA DA ESCOLA, IA PARA CASA DA MINHA TIA QUE ME ENSINAVA CALIGRAFIA E A LER. TINHA HORAS QUE FAZIA RÁPIDO A ATIVIDADE PARA BRINCAR NA RUA, MINHA TIA APAGAVA TUDINHO, MANDAVA EU REFAZER TUDO DE NOVO, EU RESMUNGAVA QUE QUERIA BRINCAR COMO TODO MUNDO, MAS ELA ME DIZIA QUE EU NÃO ERA COMO TODO MUNDO QUE PRECISAVA SER A MELHOR EM TUDO.

A MINHA TENRA BRINCADEIRA DE FABULAR SER PROFESSORA ME TRANSPORTAVA PARA UMA OUTRA DIMENSÃO, NAQUELE LUGAR NADA IMPORTAVA, A DOCÊNCIA NASCEU EM MIM, POIS DENTRO DA BARRIGA DA MINHA MÃE, MEU PAI JÁ DIZIA, ESSA MENINA VAI SER PROFESSORA. PAPAI ACERTOU, FUI FORJADA PARA EDUCAÇÃO, NÃO, NÃO PARA EDUCAÇÃO, PORQUE COMO JÁ DISSE SOU MAL-EDUCADA, MAS PARA A DOCÊNCIA.

A MENINA QUE ROUBAVA GIZ ENCONTROU SEU LAR NA ESCOLA, HOJE LUTA POR UMA EDUCAÇÃO QUE ACOLHA A DIFERENÇA, UMA EDUCAÇÃO QUE NÃO LIMITA OU CECEIA O DIREITO DO ALUNO. É A PARTIR DA SUA REPRESENTATIVIDADE QUE COMPARTILHA SUA VISÃO ÚNICA DO MUNDO. UMA PROFESSORA QUE AMA O MUNDO E QUE SONHA EM CONSTRUIR UM LUGAR MELHOR AO OUTRO, E SEMPRE DISPOSTA A INVADIR A SALA PELA IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO DE BONS ENCONTROS. A MENINA QUE ROUBAVA GIZ, NÃO PRECISA IMAGINAR QUE É PROFESSORA, POIS A APÓS MUITOS ANOS SEU SONHO VIROU REALIDADE.

FIM

*Palhaço
Elétrico*



PLATÔ III: ANDA, ANDARILHO!



ARIEL, O PACÍFICO



O Ariel, o pacífico era calmo. Andava sem pressa e de cabeça baixa. Ao caminho da escola o seu irmão, o jogava na frente dos cachorros, tinha medo.

O irmão odiava o seu jeito pacífico, andava rápido para ver se o Ariel o acompanhava. As perninhas pequenas tentavam acompanhar o ritmo do irmão. Assim, aprendeu a andar rápido, pois precisava se adaptar ao movimento.

No caminho da escola refletia sobre as coisas do caminho, sua cabeça era um turbilhão de pensamentos e sensações.

Ao chegar na escola, chorava. Tudo o fazia chorar. Os colegas não ajudavam, faziam chacota de tudo que ele fazia. A escola não era um espaço acolhedor a Ariel. O menino odiava fazer "gargarejo", era assim que se chamava a atividade de higiene bucal que tinha na escola. O menino não conseguia gargarejar por muito tempo, o líquido que o obrigavam a colocar na boca ardia, além da ardência não sabia gargarejar como os

desvios dessa escada? O pacífico não tinha essa resposta, mas fabulava muitas possibilidades.

As possibilidades que inventava era melhor do que a sala poderia ser, sua imaginação era ilimitada, mas constantemente o deixava disperso. O menino pacífico, em sua dispersão, recorda de um dos desfiles do 7 de setembro, uma vez levou a letra que compunha o nome da escola, em sua dispersão pacífica, não se deu conta que tinha entrado na rua onde as escolas desfilavam, só se deu conta quando a multidão começou a gritar e aplaudir.

A escola também era um espaço de fuga para ele, adorava os horários vagos para poder assim brincar de baixo da arquibancada com os seus amigos. Às vezes fugia da escola para brincar na vala que tinha na frente da casa da amiga dele, ficavam pulando de atravessar a vala, até que um dia caiu e seu uniforme branco se cobriu de resto de fossa e lama, se levantava e caía, pensava que a mãe dele iria lhe esculhambar. A brincadeira era a forma de se conectar com os divergentes.

O menino pacífico sofreu muito, as pessoas caçoavam dos seus óculos: O chamavam de: "Quatro olhos bem abertos!", essa frase ganhou até ritmo de música quando o menino passava pelo corredor, todos cantavam: "Quatro olhos bem abertos!", "Quatro olhos bem abertos!", "Quatro olhos bem abertos!". O seu corpo se retraía a cada entoadada, assim o menino aguentava o que podia.

O menino sofria por seu nome ser Ariel, as pessoas diziam que era nome de menina, chamavam de pequena sereia, e outras variações disso. O Ariel se sentia diferente de todos os meninos, e os meninos o tratavam diferente, constantemente se sentia excluído, preferia está na companhia das meninas, isso acarretava novos comentários e chateações.

Mas as meninas também o excluía, as panteras, como se intitulavam, tinham assuntos que não podiam tratar perto de

Killer

Ariel, assuntos menstruais e namoradinhos, tinham vergonha. No intuito de se livrar um pouco de Ariel arquitetaram um plano para que os meninos andassem com ele. Os meninos, a mando das panteras, carregavam Ariel e o jogavam para cima e para baixo entoando uma frase: "Ariel é um bom companheiro! Ariel é um bom companheiro! Ariel é um bom companheiro". Os meninos nem perguntaram se o Ariel queria ser carregado, apenas puxaram a força e o jogavam sem cuidado. Ariel se sentia violado, e o cortejo seguiu até a frente do ginásio, somente o abandonaram quando viram uma bola. Desta forma, Ariel ficou novamente sozinho e excluído.

Fim

Palhaço
Elétrico

EREMITA



O Eremita reflete: Andei o bastante por hoje. Por muito tempo, estive calado, apenas observando o mundo, e agora estou livre para falar sobre as léguas que percorri, nas quais pouco repousei na jornada. Para mim, caminhar é como o sangue que flui nas minhas veias, um impulso natural cujo o momento não sei precisar quando me tornei percurso. Mesmo nos breves repousos, consigo ouvir as batidas do meu coração, ansiando por mais aventuras. Assim, caminho “por tempo suficiente para apagar [meus] traços e sobretudo para apagar a presença autoritária de um homem senhor daquilo que se deve dizer” (Blanchot, 2010, p. 68), e viver.

No caminho, o Eremita conheceu diversas pessoas e se questionou: como pode haver um mundo desconhecido em cada um? Essa questão o assombrava. Um mundo em cada pessoa? Ou um milhão deles? Desta forma, mesmo se seu repouso demorasse horas, ele não conseguiria dar cabo de conhecer alguém por completo. O universo de possibilidades expresso nessas pessoas o encantava, muitas entradas, saídas, experiências, surpresas, mudanças e descobertas.

Ao conhecer o mundo de cada pessoa, o Eremita guardava uma sensação quente e morna de saudade, que logo dava lugar ao esquecimento. Ele não poderia lembrar de tudo; o esquecimento se apresentou como uma jornada para preservar as melhores sensações, para permanecer na inocência. A “inocência é a criança, e esquecimento, um novo começo, uma roda a girar a si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (Nietzsche, 2011, p. 29). A criança, com sua energia abundante para explorar o mundo, carrega dentro de si uma força intensiva de descoberta, um acontecimento como o novo começo, um novo tom que desperta aventura.

Na aventura de hoje, o Eremita andou por um deserto onde viu um menino dando a escassa água ao seu camelo. O camelo estava saciando fervorosamente sua sede, pouco importava com arredor, tinha o peso serviu e sua necessidade sendo atendida. O menino aguardava pacientemente, já que não podia interromper a atividade. Olhando para o horizonte, o menino não via nada além da areia escaldante do deserto e sabia que teria de enfrentar muitas horas de caminhada.

Na sua jornada, o Eremita levava apenas o necessário: uma pequena trouxa de pano que prendia no camelo. O animal, saciado de água, possuía um estoque abundante e poderia passar agora um longo período sem tomar sequer uma gota. Além da água, o peso servil o incha; o camelo não tinha vontade própria, pois seu dono detinha a sua liberdade. O Eremita se consterna: Ó homem, por que prende pelo labor as mais distintas feras? Controla o mundo, controla a exploração, controla a fome, a ideia, o pensamento, as instituições, o que é certo e errado.

O menino estava cansado da sua jornada. Os urubus estavam rodeando seu corpo frágil. A dança dos urubus era um vislumbre de uma possibilidade muito urgente de pausa. Ele estava perdido e era melhor repousar. O descanso recuperou sua energia e, depois de um longo período, ele seguiu viagem. A persistência do menino o levava a prosseguir. Ele resmungava: Será o ímpeto de descoberta que me fará

continuar em uma jornada desconhecida? Ou esqueci meu desejo e passo a fruir a caminhada por uma necessidade? Ou abri mão do prazer do destino e preferi me entregar à dor da caminhada?

O menino esqueceu o propósito de sua caminhada e agora goza a aventura, lançando-se a experimentar os caminhos de descoberta de uma vida de determinação. Ao esquecer este mundo mundano, ele cria outro mundo na superfície do desejo que nutre. Talvez seja essa inocência que abraça a descoberta singular do mundo, com suas profusões de cores, sabores, texturas, abismos, descobertas e possibilidades.

O menino aproveita a aventura. Desta forma, jamais esquecerá dos momentos vividos nesses desvios, pois sua jornada não se encerra por um destino decalcado no real. Haja vista que continua a caminhar mesmo na adversidade, mesmo sem estrada à sua frente, passa a criar outras veredas entre desvios e experimentações.

O Eremita continua a jornada experimentando as ações dos acontecimentos. Ao longe, avista um tom verde em meio ao deserto, uma imagem que se forma entre o vapor que subia da areia. O calor criava uma imagem trêmula, uma miragem talvez?

Chegando mais perto, começou a vislumbrar que se tratava de um oásis. Aquele lugar era cheio de vida; nele nascia bonitas palmeiras, os peixes nadavam na água calma da nascente, e a areia era tão clara que parecia ter chegado à praia. Próximo à nascente, havia vestígios de civilização. Não conseguiria datar com precisão, mas algo começava a indicar que alguém teria passado por lá recentemente.

A fogueira recém-apagada era uma pista, assim como as pegadas no chão. Entre os rastros, muitos deles eram de animais selvagens. Dava para ver com nitidez que também tinha passado pessoas por ali, nômades iguais a mim? Se perguntava o Eremita.

As pegadas dos animais e dos homens iam até a esplendorosa nascente de água que ali nascia. Os nômades que ali estiveram com certeza vieram matar sua sede aqui. O oásis promovia uma sobrevivência aos

transeuntes que ali passaram em busca de repouso. O repouso dos andarilhos tinha cessado pouco tempo, mas tempo o suficiente para não os ver no horizonte. O nomadismo era alma daquele lugar; não se pode permanecer por muito tempo quando nos encontramos em zona de morte. Essa corajosa jornada de se esquivar da morte ativava um impulso de sobrevivência que o fazia seguir sem rumo em busca de um lugar para viver e prosperar, mesmo que fosse por um instante.

O Eremita se entrega: Ó, oásis, recomponha minha força e eleve minha potência. Não quero ser seu dono, nem seu servo, nem busco estabelecer morada. O repouso que aqui gozo é um propulsor para a próxima viagem. Ó, oásis, me banhe e me acalente nas suas águas. Me renove, afaste as minhas impurezas, retire o peso servil encrustado em minhas costas. Lance-me na liberdade da água, em sua calma e em sua turbulência. Liberte-me do meu cansaço, liberte-me da obediência, pois a potência das águas lava o que de mais obscuro há em mim.

O Eremita observa os movimentos das águas e entra em um outro lugar. Talvez esse lugar sempre tenha estado aqui, quem sabe não foi ele mesmo que compôs as travessias desses acontecimentos. Desta forma, quando olho para dentro do espelho da água, a imagem que reflete não é seu exterior, e sim o interior que se compõe entre linhas, abismos, vazios, certezas e incertezas.

Dessa maneira, o Eremita consegue ver os traços intensivos que o formam e diz: – Sou repleto de antropofagia e devoração! (Costa, 2008). Ele continua contemplando a potência do encontro com o espelho da água. Assim, o Eremita grita: Evoca o que mais de pessoal há em mim, os traços da minha bondade, da minha resiliência, da minha motivação. O espelho d'água reflete agora meus olhos marejados de uma possibilidade que avança no tempo como uma correnteza que tem força e potência para perfurar montes e criar fendas em montanhas.

A viagem é o fluxo dos acontecimentos experimentados no caminho, e nesse ímpeto de prosseguir, o Eremita encontra um ancião. O andar do ancião era calmo, não saberia precisar se era pela idade ou

por vontade. Na curiosidade, pergunta o Eremita: Vós estais cansado de caminhar por horas a fio? O ancião responde: Por que ei te ter pressa se o que me resta é o presente? O ancião continua: – Já vivi uma vida perseguindo o futuro renunciando à minha calma e o sossego, caminho na lentidão porque vivi em pressa, mas a pressa não me levou a lugar nenhum.

A vida inteira perseguiu algo que pouco sabia o que era. O Eremita aprendeu com o ancião que não adianta uma vida de retidão; há que se aventurar no perigo e habitar outras territorialidades. O ancião virtuosamente diz: gozo o presente afetado pelos acontecimentos anteriores que me fortaleceram e me deram a noção que as conquistas que vivo no presente e os encontros que nutro são maiores do que o futuro incansável que esperei.

O ancião continua: Em muitos outros encontros, recordo de um homem que toda manhã acordava bem cedo. Havia dias em que nem o sol havia despertado, mas ele já estava de pé. Logo tomava um banho e passava como um relâmpago pela cozinha; só tinha tempo para pegar o que era mais fácil e comia em ritmo acelerado rumo à porta de saída. Não via os pormenores da mesa posta, das crianças que se arrumavam para a escola, a paixão da sua doce esposa cozinhando com carinho o café da manhã que todos os dias eram negligenciados.

O homem corria, as pressas era o que fluía em suas veias. Ao chegar no trabalho, começava o estresse. O homem não suportava pessoas lentas; queria tudo para ontem. Preferia sacrificar horas do seu retorno de casa para continuar a trabalhar.

As oito horas diárias não eram suficientes; quando podia, virava a noite. Mesmo ao voltar para casa, o trabalho o perseguia; não conseguia sair dele. Era uma nova pele, assim como a metamorfose do homem em barata em Kafka: o homem se tornou o trabalho. Não respirava fora dele; tudo o que conhecia e fazia sempre era um subproduto do trabalho.

Os amigos que tinha (poucos, inclusive) eram do trabalho, pelo menos ele considerava. Não sabia se a recíproca era verdadeira, pois

não tinha tempo para sair. O ancião continuava a pontuar mais acontecimentos.

O ritmo frenético logo o adoeceu; o trabalho consumiu sua vida. Sua esposa foi embora, seus filhos nem o consideravam uma figura paterna, era apenas um provedor. Desta forma, seu corpo se fundiu a um buraco negro; sua toxicidade capturava todos à sua volta, adoecia assim seus subordinados, seus chefes, sua família, seus parentes.... adoecia todos em um raio bem amplo. O olhar do ancião ficou marejado.

O ancião seguia o monólogo: A doença o matou, não literalmente. O desejo de morte sufocou sua vontade de viver; não tinha mais ânimo para permanecer feliz. Vivia infeliz na sua própria bolha. As coisas às quais não deu importância valiam mais do que o preço que podia pagar. O dinheiro, a sabedoria e o patrimônio que acumulou não valiam nada.

O homem desejava voltar no tempo, viver tudo novamente, mas agora de forma diferente. “Dei-me só mais uma chance de mudar meu passado?! Um pouco de felicidade, senão eu sufoco” - suplicava o homem. Por mais que tentasse, a felicidade esvaía de suas mãos; não poderia capturá-la, só restava criar rizomas até que a felicidade brotasse.

As duras penas, lembrou que ainda restava o presente e que o ressentimento de um passado não pode ser revivido *ad aeternum*. Era tempo de tentar construir pontes para um amanhã, mesmo que levasse tempo. Era hora de lentidão e reconstrução. Esquecer a mágoa e viver o resto de felicidade que podia construir. O ancião chora; o homem que falara era seu passado, o Eremita logo reconheceu pelo olhar.

O Eremita convida o ancião, outrora homem, a se jogar no espelho d'água do oásis. Assim, (re)nasceu como a Vênus de Boticelli; todavia, não pelo esperma de Urano, o movimento da sua criação está longe da virilidade.

O renascimento do homem está em assumir suas fraquezas, mesmo que o mundo se dissipe; seremos lançados pela força de renovação. A vida ingrata que levava tolhia sua vontade de viver o ínfimo dos

acontecimentos; somente agora reconhece que a plena felicidade não é tomada como uma rédea, mas sim roubada. Rouba-se no tempo perdido da criação, ao ponto em que habitamos uma zona de fuga virtual que nos lança aos pontos desconhecidos de nós mesmos. Desse modo, alia seu olhar desassossegado no rumor ínfimo do cair da chuva, do nascer do sol e aos voos das borboletas...

O Eremita observou o (re)nascimento de um novo homem. Nascer é como renascer de outro modo. O Eremita não conteve a vontade de se jogar o mar; assim, saiu renovado e seguiu para uma outra possibilidade, para além do controle. Nesse nascimento, aprendeu a ter farpas e acolher o que potencializa suas forças.

O Eremita pensou: criamos, então, um homem antropofágico, disposto a devorar os desejos ínfimos, constelações, universos, fazendo fugir o homem do controle que “é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (Deleuze, 2013, p.228), o qual prefere o dinheiro ao invés do afeto. O homem antropofágico acolhe as possibilidades, não o capital, e está à margem, criando sempre rotas de fugas às dominações, escancarando questões por uma força intolerável que pertence a essa nova vida de liberdade e fruição.

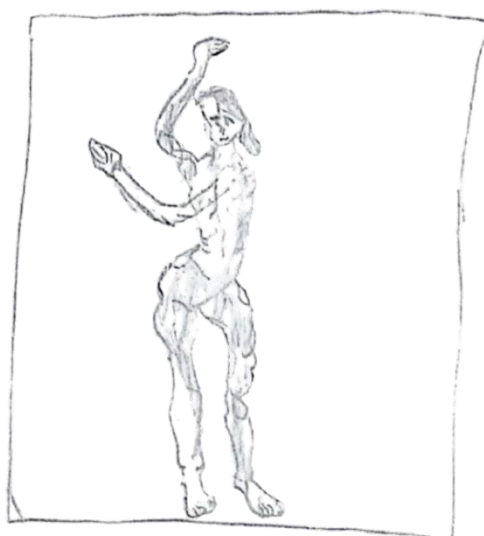
O tempo muda e as correntezas a arremessam o Eremita em uma prisão. E o pior de tudo é que essa prisão não tem grades; nada impede que ele saia dela. Todavia, quanto mais tenta se afastar, mais se prende. Uma cama de gato feita de linhas molares (Deleuze e Guattari, 2016) e sistemas rígidos que se mutacionam no ensejo de prendê-lo. Uma sociedade do controle (Deleuze, 2003) como cama de gato que tenta modular o desejo.

Assim a sociedade diz: Fique aqui, trabalhe, compre essa tendência, invista para daqui a vinte e cinco anos ter um milhão de reais, trabalhe mais e aguarde a promoção. Todavia, o Eremita era composto de resistência, fazendo fugir a totalização e os discursos falaciosos.

Em suas viagens de resistência, o Eremita sentia-se que precisava vagar para além do solo terrestre, no deleite com Klee. Ele reverbera: Há uma constelação dentro de mim (Klee, 1990). A constelação que vive em mim, viajo nela pelos cometas por anos luz, me torno luz que desaparece na calda. Viajo entre os planetas, sou um germe, um devir-ambulante, sobrevivo nas mais altas temperaturas e nas mais baixas também. Sou o oxigênio que nasce das plantas. Sou um devir-tardígrado no ambiente em condições severas, a extrema pressão, a radiação, a desidratação, a fome, por mais que doa a fome, sobrevivo.

O Eremita vivia por forças intensidades que o potencializam viver no vácuo do espaço sideral, coletando amostras e experimentando seus limites. Ele possuía uma força que bordeja o limite, permitindo-lhe perfurar, mesmo no vácuo, buracos de minhoca que conduziam a outras realidades ainda não pensadas. Assim, ele adianta ao mundo afectos e perceptos; sem eles, nada se compõe.

O Eremita se sentia uma *erva-daninha* (Deleuze e Guattari, 2011), causando desconforto para os olhares mais domesticados. Na sua caminhada vê uma mulher reclamando do seu jardim, uma erva-daninha persistia e não morria. Ela já havia aplicado todos os tipos de pesticidas, mas a erva-daninha germinava mais verde e forte. A vizinha desta mulher pouco se importava; o seu jardim, que mal podia ser



considerado um jardim, era um emaranhado de vida que desabrocha no livre desejo.

No jardim, o voo deslizante de uma abelha chamou a atenção do Eremita, que observou o trajeto e as infinitas possibilidades que se formavam. Não havia caminho previsto; a abelha seguia o calor que a flor emanava, não se induzindo apenas pela cor. O calor invisível, que a visão humana não capta, era o disparador de um abismo singular para a abelha.

A resistência que vive no Eremita dança na imortalidade das hidras; por mais que sua cabeça seja cortada, duas outras hão de nascer. Mesmo que o herói goze do triunfo por um instante, seu centro permanece imortal, como uma luta que não se esvai, apenas cresce e se fortifica.

Assim, ele se assemelha ao rabo da osga, que se solta do corpo ao menor sinal de perigo, ou a uma nuvem que muda de forma com as danças dos ventos, alísios e contra-alísios, ventos quentes e frios que se movimentam por entre os trópicos até o polo mais frio.

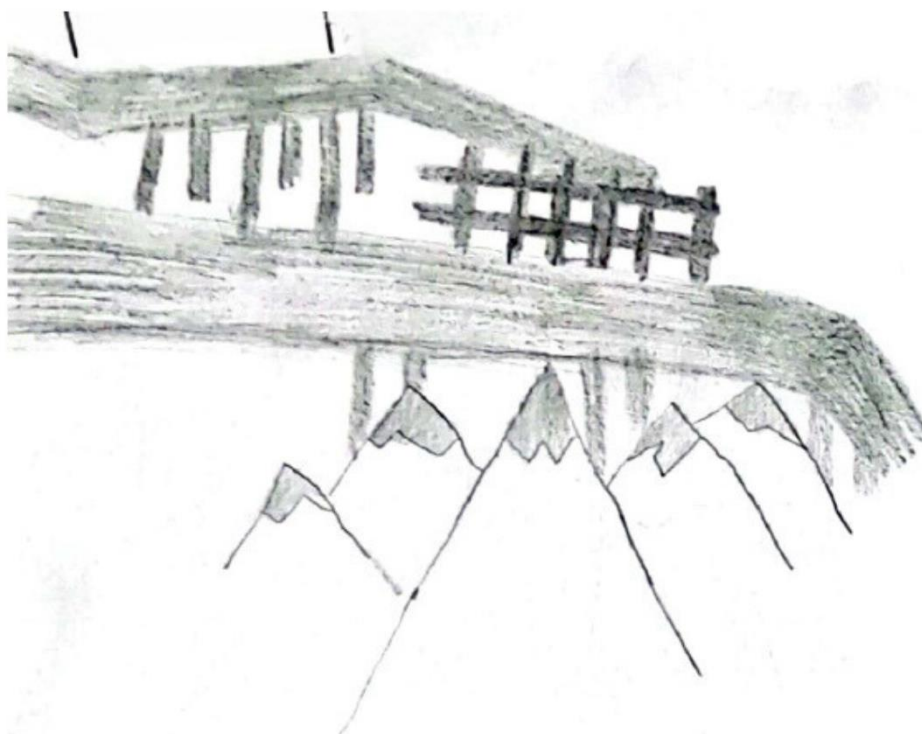
O Eremita se denomina com o nada, o silêncio, na verdade não chego a ser, pois sua forma logo se esvai. Ele está propenso à mudança, já que seu ímpeto é o movimento.

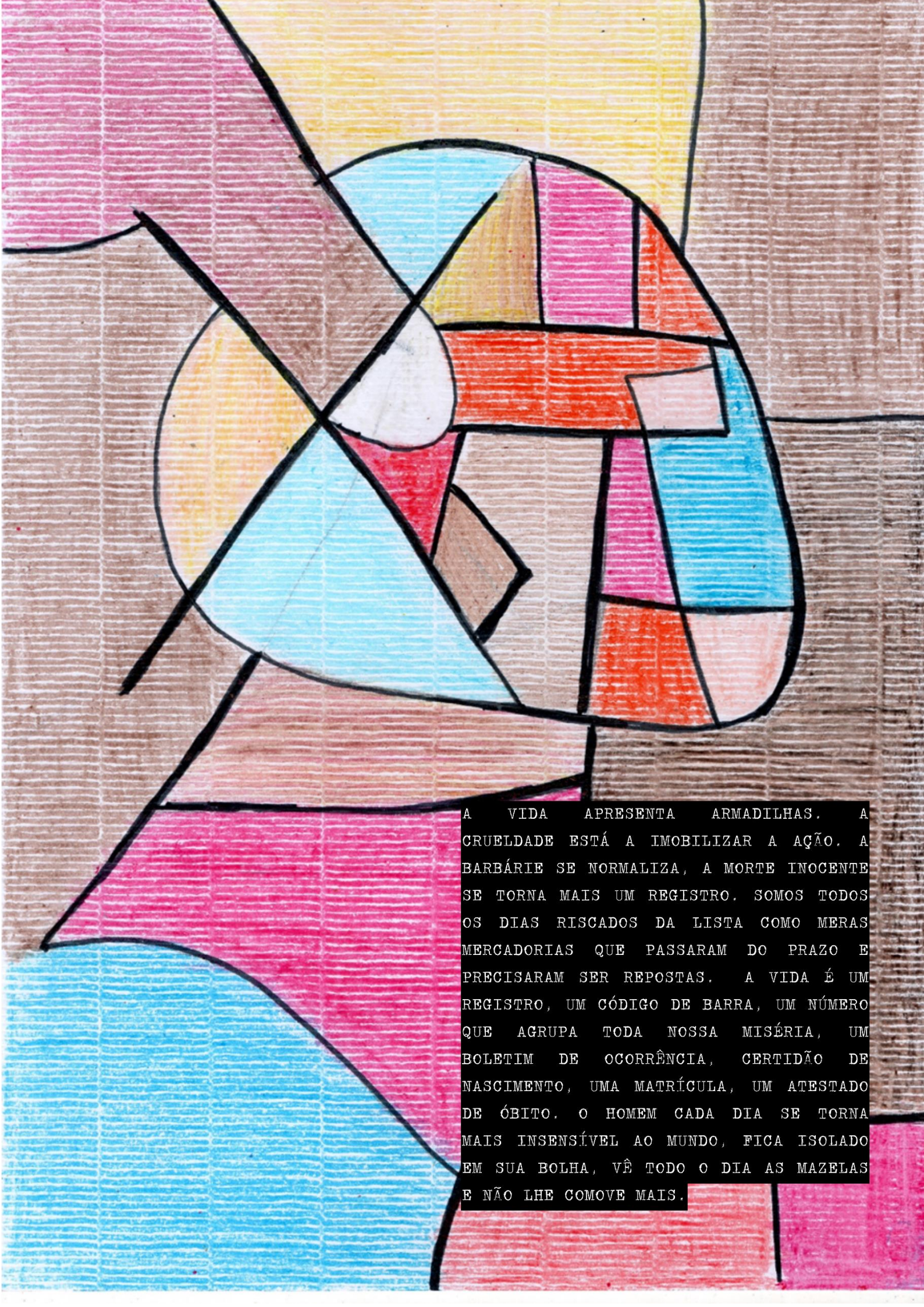
O Eremita anda livre pelo campo e, enquanto caminha, observa um rebanho de ovelhas. O rebanho estava fervoroso, comendo inocentemente, pastando sem nenhuma preocupação, sem temer o perigo. Uma raposa espreita a calmaria como uma oportunidade de alimentação e, à vista disso, sorrateiramente se aproxima.

Ela espera que uma ovelha se afaste do rebanho para devorá-la. No primeiro descuido, a ovelha foi devorada pela raposa. O pastor só percebe a falta quando chega a hora de descanso e começa a contar, percebendo que a conta não fecha. Ele decide ir em busca da pobre ovelha.

O pastor, na procura da ovelha perdida, segue o rastro da raposa. As pegadas da raposa, lambuzadas de sangue, sinalizam o caminho. O pastor já pressentia que sua busca resultaria em morte. Ao se aproximar do covil da raposa, encontra ossos e restos mortais da pobre ovelha. Porém, a cena ficava pior: a raposa estava estraçalhada ao lado.

Na cadeia da vida, vencer não é perpetuar; há que ter farpas e espinhos (Nietzsche, 2003). O pastor e a ovelha estavam envolvidos em um movimento duplo; sua dependência era falha. O sistema de controle em que estavam envolvidos falhava, pois, para o mercado, tanto a ovelha quanto o pastor eram apenas uma parte pequena do lucro (Deleuze, 2013).





A VIDA APRESENTA ARMADILHAS. A CRUELDADE ESTÁ A IMOBILIZAR A AÇÃO. A BARBÁRIE SE NORMALIZA, A MORTE INOCENTE SE TORNA MAIS UM REGISTRO. SOMOS TODOS OS DIAS RISCADOS DA LISTA COMO MERAS MERCADORIAS QUE PASSARAM DO PRAZO E PRECISARAM SER REPOSTAS. A VIDA É UM REGISTRO, UM CÓDIGO DE BARRA, UM NÚMERO QUE AGRUPA TODA NOSSA MISÉRIA, UM BOLETIM DE Ocorrência, CERTIDÃO DE NASCIMENTO, UMA MATRÍCULA, UM ATESTADO DE ÓBITO. O HOMEM CADA DIA SE TORNA MAIS INSENSÍVEL AO MUNDO, FICA ISOLADO EM SUA BOLHA, VÊ TODO O DIA AS MAZELAS E NÃO LHE COMOVE MAIS.

O Eremita vê a guerra e se sensibiliza: Como pode o homem matar seu semelhante sem remorso? O Eremita já viveu muito tempo, mas ainda não se acostumou com as desgraças. O horror da guerra ainda o invade, com poças de sangue e pilhas de gente, em prol de um ideal autocrático de poder ditatorial.

O que mais aflige o coração do Eremita é o fato de as guerras nunca acabarem; por mais que o tempo passe, haverá sempre lutas por motivos mais torpes como terras, interesses, poder, ganâncias e outras superficialidades. A guerra não só na macroestrutura, mas uma máquina de guerra geradora de microfascismos ao mundo moderno.

Os microfascismos se entrelaçam nas linhas molares e moleculares do viver em sociedade, enraizando-se nas razões pivotantes das mais variadas instituições. No final, o Eremita reconhece: “o fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora” (Foucault, 2010, p.106). O fascismo que vivem em nós se prolifera pelos diversos territórios, impregnando-os. Vamos, assim, normalizando a violência, que dociliza o corpo e captura à vontade de viver.

As linhas capturam a vontade de viver e docilizam nosso desejo e geram angústia e apatia. Destarte, se torna mais fácil escrever notas de repúdio, e permanecer na inércia, se torna mais fácil ver os horrores da vida e apenas negá-los, pois se têm muitos afazeres para cumprir, assim como metas inalcançáveis para se tornar um funcionário de alta autarquia, mesmo que isso implique pouco gozar dos pormenores da vida.

O Eremita já foi um homem moderno, mas preferiu a retidão. Nas suas andanças, viveu por potências minoritárias que o afastaram das armadilhas cruéis criadas pela vida. O Eremita anda e se afasta do mundo, se afasta do capital, mas parece que quanto mais se afasta, novos tentáculos o forçam a caminhar por terrenos administrados. Assim, ele vê a guerra ao acordar.

Ao acordar, O Eremita observa pela janela de sua pousada uma praça bem grande com um fluxo de gente que parece não cessar. De manhã, há pessoas apressadas para chegar ao trabalho, vendedores ambulantes montando suas barracas bem cedo, antes mesmo do sol chegar. As crianças esperando o ônibus para ir à escola, e os moradores de rua ainda cobertos por uma camada quase inexistente de jornal. A manhã ainda estava fria, e o sol não conseguia entrar com plenitude, pois o ar poluído da cidade não deixava.

O Eremita saiu um pouco para explorar e viu uma vendedora de flores. As pessoas passavam por ela e não davam atenção. A menina estava com fome, não havia tomado café da manhã, e a fome era uma companheira que a encontrava diariamente e poucas vezes a abandonava. Hoje, a menina estava determinada a vencer a fome e teria que vender pelo menos uma flor. O aumento da fome a obrigava a insistir com mais energia, e com muita insistência uma senhorinha compra uma flor.

A felicidade invadiu o coração da menina, pois poderia matar sua fome por hoje. Ela seguiu em busca de comida, mas as pessoas olhavam com desdém; uma menina toda suja não podia adentrar o restaurante. O que os fregueses iam pensar? A mulher, muito a contragosto, entrega uma marmitta para a menina. Ela sai feliz e se senta no banco da praça para almoçar, nesse momento seu olhar se volta ao Eremita.

A menina pensa: Como esse “moço” se dispõe a caminhar tanto assim? Não está cansado? Seus pés não doem de tanto esforço? Como ele se alimenta, trabalha? Ou é um pedinte? Ou se desprende de tudo e nada mais importa? As perguntas da menina ficaram sem respostas; era difícil compreender o que se passa no íntimo das pessoas.

O Eremita olha com mágoa e pragueja: Como uma pequena vendedora de flores tem como lar a rua e ninguém parece se consternar? O peso do mundo paralisa o corpo do viajante e o faz questionar como a barbárie freia o ímpeto de ação. A menina se tornou um tolerável, um efeito colateral do capitalismo, de uma política de

morte que matam milhões de vidas e esperanças. Ao passo que não sentimos constrangimento ao ver uma menina vendendo flores na rua, sem a possibilidade de concretizar seus próprios sonhos e anseios, ela vai viver o máximo de dor que conseguir aguentar.

O mais revoltante é ver pessoas aplaudindo a ação da vendedora de flores, argumentando: "Uma menina empreendedora que vence a fome pelo mérito" ou "sabe tirar da barbárie a solução para seu problema", "Não precisou estudar para se tornar uma grande empresária". Triste engano, o mercado tem nas suas mãos o sangue de muitas crianças que nascem e morrem todos os dias por não ter o que comer, por não ter a possibilidade de uma vida digna e acesso a direitos básicos como moradia, educação, bem-estar e lazer.

A noite chega e o clima gélido começa a invadir o ar. A vendedora de flores não tem casa, só tem a rua para retornar. Na praça, deita-se em um banco, espera o sono vir. Nessa espera, seu olhar se tornou mais cálido e frio. A vendedora de flores estava feliz porque hoje o céu estava claro e podia ver as estrelas. Quando as luzes do arredor da praça se apagavam, o brilho das estrelas aumentava.

A vendedora de flores olhava para o céu e imaginava as constelações, tentava traçar linhas para deduzir se o que estava vendo seria a Ursa Maior, ou pensava que um agrupamento que via podia ser as Três Marias. Assim, tentava desenhar no céu em busca do rabo do escorpião ou a flecha de Orion.

A imaginação a aquecia na gélida noite de inverno. Seria mais uma noite fria e dolorosa, o frio que parecia entranhar em seu corpo e congelá-la por dentro. Ansiava logo que o sol começasse a raiar e a aquecesse por mais um dia, mas o amanhã não chegou. O frio venceu a vendedora de flores, agora estava para além desse mundo "insensível".

A vendedora de flores poderia voar com os pássaros e lançar-se por entre seus fluxos migratórios, experimentando a liberdade de ser livre,

pousando e alçando voo novamente. Desse modo, habitaria momentaneamente outras planícies e realidades.

A sua fome não acompanharia; estaria repleta de possibilidades, podendo até dançar muitas melodias e nem se cansar. Quando quisesse repousar, poderia usufruir de todo o tempo do mundo, um tempo não vinculado ao mundo da produção, um tempo de criação que poderia fabular novas atividades e brincadeiras.

A criança se aventura na fabulação, imaginando inocentemente novos territórios e descobrindo novas sensações a cada instante. Ela pode facilmente viajar do jardim de sua casa para Marte, mesmo que esses territórios pouco se cruzem na linha administrada da vida. Destarte, ela os entrelaça pela imaginação em um virtual que dispensa a realidade.

A curiosidade é seu motor latente, através dela, pela inocência, podemos criar dispositivos e perguntar: “Como isso funciona?”, colocando os adultos sempre em autoenfrentamento: como explicar algo que desaprendi? Como explicar o que hoje uso sem autocriticar?

O Eremita vê a criança a brincar em seu jardim. Todo os dias, elas sobem nas árvores, se jogam na lama, criam as maiores brincadeiras e aprendem muito nas interações com os outros. Por exemplo, aprendem a negociar, a se aventurar, a dialogar e socializar em grupo. As criações se ampliam e formam um “megazord”, uma combinação de divergentes.

As crianças criam sem impor regras e abraçam a diferença nesse processo. Ao olharem para o Eremita, imaginam que ele é um gigante. Perto das crianças, era assim que ele parecia. Logo, elas chagam a um consenso: um gigante contente, eis o que ele é.

O seu rosto sempre guardava um sorriso, e seu semblante era acolhedor. Nunca se importou que as crianças brincassem em seu jardim. Contudo, cada dia que passava, era mais difícil ver o gigante Eremita. Ele tinha mania de ficar em retidão. Suas poucas saídas eram para os

monastérios e as igrejas, mas decidiu abandonar tudo isso. Cansou da vida de retidão e passou a andar por muitos lugares. As crianças desconfiam que o gigante Eremita já teria ido a marte, pois viajava muito.

Um dia, as crianças resolveram criar uma máquina. Para isso, desmontaram seus carrinhos de controle remoto e retiraram o motor que fazia o movimento do carro. Elas se perguntavam: Qual máquina vamos criar? Um fura-fura? Um corrupio? Um avião? Uma máquina de criar botões? Um barco? Um ultrazord? Um Autobots?

As intenções eram muitas, mas a criação se estabeleceu pelas possibilidades. As crianças resolveram fazer um barco de miriti e colocaram o motor para andar rápido na água; vendo as possibilidades de criações aumentarem, criaram um protótipo bem grande de barco, que logo afundou no primeiro desvio, mas se divertiam pela tentativa.

As crianças viram um homem de binóculo, andava procurando algo. O homem olhava para todas as árvores, o que consequentemente chamou a atenção do Eremita. Este decidiu seguir o homem, e quanto mais seguia, mais se afastavam da cidade. Deste modo, teve coragem de interpelá-lo: O que persegue com tanto afinco? O homem retrucou, meio a contragosto, os pássaros.

O fluxo migratório dos pássaros naquela região era intenso, com tantas espécies que desconhecíamos seus nomes e hábitos. Alguns eram tão presentes na cultura que era impossível não saber o nome; havia pássaros determinados a não cair no esquecimento, que sempre gritavam seu nome, “Bem-Te-Vi” – pelo menos era assim que nomearam o bicho. O homem tem dessas coisas, ouvir algo e estabelecer logo um sentido. Talvez o nome do bicho era outro, mas como não compreenderam, preferiram nomear.

O “Bem-te-vi” aqui marca também um fim de um segredo. Diz a lenda que quando uma mulher esconde a gravidez, o passarinho vem cantar no quintal da mulher só para denunciá-la. O Eremita ouviu uma vez uma senhora contar que estava tranquila no quintal regando suas plantas, quando viu um “Bem-te-vi” se aproximando. Ela não ligou,

pensando que poderia ser apenas coincidência, mas logo uma revoada de pássaros invadiu o quintal e foi um coro de gritaria. A mulher logo pensou: Se não estou grávida, deve ser logo uma das minhas filhas. Dito e feito, a “pequenazinha” estava “prenha”.



O ornitólogo, com seu binóculo, parou por um instante. Os pássaros estavam agitados, faziam rasantes no céu. Aos poucos se acalmavam, repousavam nos galhos das árvores, enquanto outros comiam caranguejos em meio ao mangue. A noite ia se aproximando, os galhos iam ganhando seus respectivos donos, e outros galhos, novos donos. Alguns moradores foram atingidos pela morte no caminho.

No alto de uma árvore, havia uma toca onde vivia um casal de araras azuis. O Eremita observou o dia inteiro; era possível ver a paixão do casal. O casal vivia em comunhão por contrato não assinado de uma vida inteira, mas a vida inteira também se faz como um limite, o sempre termina na duração da vida, que particularmente pode se acabar de

repente. Contudo, o amor tem um tempo diferente; um segundo de amor equivale a uma explosão de uma supernova, enquanto um instante de gozo equivale a uma eternidade.

No amanhecer, o ornitólogo queria analisar o ritual de acasalamento das araras. No alto saber científico, ele buscava assim examinar a situação, classificando-a em suas frias tabelas taxinômicas. Ele anotava o gênero e a família das araras, verificava se as medidas estavam dentro dos padrões para a idade estimada do animal.

O rigor em catalogar carecia de várias etapas, como o registro de nascimento e da morte. Quanto tempo vive uma arara azul? E se, porventura, a ave morresse, ele a taxidermizava para que as pessoas pudessem formar filas para ver a rara arara azul paralisada e morta.

A ciência não pode se limitar à classificação e à criação de tabelas; seu rumor primordial reside em questionar: Como isso opera? Entretanto, esse funcionamento não está diretamente ligado à estrutura, pois as máquinas que o mundo opera podem estar desarranjadas. Portanto, não devemos sentir a necessidade de consertá-las, mas sim fazê-las funcionar mesmo estando desarranjadas, acoplando mais heterogeneidade nesse processo. (Deleuze e Guattari, 2016).

Desse modo, podemos criar uma máquina-acasalamento-arara-azul e questionar seus desdobramentos. Esse funcionamento deve gerar outros signos e sentidos não administrados no solo da ciência, e quiçá na educação.

A máquina tecnocrata não pode cercear o desejo de viver. O fluxo da máquina-acasalamento-arara-azul (MA3) ensina que viver é puro êxtase livre que se espalha pelo ar, como um feromônio que capta as possibilidades de um amor que perdura com diferentes tempos e territorialidades. Essa máquina MA3 não paralisa os desejos.

No seu interior, o fluído que lubrifica as engrenagens perpassa por esperma, merda, saliva, líquido amniótico, resto de placenta, entre outros, criando uma pulsão de vida e prazer. Nessa máquina, a válvula de escape vaza milhões de criações que são lançadas ao vento por um

instinto de descoberta, exalando pelo ar um jato de criação de novos rumos que dançam na variedade dos encontros.

O Eremita cria máquinas, desde as mais simples máquinas, como agenciando latas de sardinha e borracha de sandália, até as mais complexas. Certo dia, ele estava preso na margem do rio, e a mata era muito densa para se aventurar por ela. Decidiu então criar uma jangada com restos de árvores e pedaços de madeiras colhidos do chão. Ele unia os galhos com cipós e ia testando se flutuava.

Depois de várias tentativas a jangada começou a flutuar. O Eremita decidiu então descansar antes de seguir sua aventura no rio, resolveu dormir ao relento para poder ver as estrelas. Foi muito bonito no começo, pena que os carapanãs não o largaram a noite toda. Quando amanheceu, pegou o terçado e moldou um remo e lançou-se rio acima.



Nas águas, O Eremita admirava a paisagem, composta por uma explosão de verde que encantava o olhar. O espelho d'água tremeluzia com a passagem calma da jangada. Após muito tempo, ele encontra um vilarejo e decide aportar. O lugar parecia silencioso. Ele caminhou ao redor das casas e encontrou uma mulher sentada no banco próximo ao barracão.

O semblante dela era de preocupação, parecia que não tinha dormido bem, as olheiras corroboravam com a ideia. O Eremita

observava a mulher, que estava com olhar vidrado para o horizonte, talvez estivesse pensando em outro mundo, ou ainda apenas deixando a cabeça vazia, tentando não pensar em nada.

A dispersão da mulher passou, ela teve que voltar a realidade. Sua atenção se voltou para analisar um diário de classe, e o Eremita deduziu se tratar de uma professora. Ela começou a murmurar: Tenho algo para preencher? O sistema ainda está aberto para lançar a nota dos alunos? Mesmo sentada no banco, refletindo sobre a vida, ela se preocupava com o que sucederá.

A escola adentrou nela e não conseguia sair. Não descansava, não dormia, só planejava. O sistema a paralisava, a letargia tomava conta, seu corpo só reagia pelo próximo prazo, o próximo planejamento, a próxima formação, o próximo censo.

O Eremita se senta ao lado da professora, arrancando um sorriso. Parece que já se conhecem e entendem as dores do outro. As dores começam a ser contadas, e a professora fala de uma indagação que recebeu de um aluno, mas não sabia por onde começar a responder.

Os alunos ficaram incrédulos. Como uma professora não tem todas as respostas? Não é essa a função dela? A professora ficou surpresa de como os alunos agora formulavam questões tão profundas, para as quais as respostas não eram simples.

A professora continuava a reclamar, a diretora só sabia cobrar e pouco fazia, nem parecia que ela era uma de nós. A ladainha da professora continuava, reclamava de um professor que faltava todo o dia e ninguém falava nada, podia fazer tudo e nada acontecia. Os alunos ficavam gritando no corredor, atormentando todas as salas. A diretora reclamava? Não podia, ambos eram do mesmo partido político, o confronto não era uma opção.

A conversa continua, e o Eremita se intriga com outro fragmento. A professora reclamava que a coordenadora pedagógica a pedia para cumprir o conteúdo, mesmo que seus alunos não soubessem nem ler. Ela ficava pensando como o conteúdo poderia vir antes das aprendizagens

primordiais. Os professores ficavam se culpando, era problema dos professores da educação infantil que não cumpriam o ciclo de aprendizagem e passavam os alunos sem saber ler e nem fazer operações matemáticas.

Os outros professores diziam que não tinha jeito, para que buscar razão para o inevitável? Não seria melhor encontrar modos de dirimir essas dificuldades? A Secretaria de Educação pouco criava modos para que essa questão fosse discutida, e mesmo que alguns respiros fossem feitos como formação para letramento. Os professores diziam que não sabiam ensinar a ler, além disso, mostravam-se cansados pelo número de turmas exorbitantes e pelo tempo reduzido de aulas que não possibilitavam uma dedicação maior, desculpas pensava o Eremita.

Outras questões influenciavam nesse processo, desde questões estruturais, como salas quentes sem condições mínimas para manter os alunos concentrados. Além da falta de motivação dos alunos, muitos viviam em situações insalubres com privação de comida ou questões familiares um pouco complicadas.

Alguns alunos provinham de regiões rurais com pouca estrutura e, durante a pandemia, não tiveram uma mínima chance de fazer as atividades, não por falta de interesse, mas por falta de oportunidade. Nem os seus pais sabiam ler, então como poderiam ensinar?

O Eremita não queria absorver o pessimismo da professora, mas era preciso reconhecer que os problemas são compostos por várias questões que nem sempre são boas. Entretanto, havia bolsões de ar, um momento de respiro. O ensino não está fadado a sala de aula ou ao conteúdo; pode-se explorar os saberes constituídos ao longo da vida, como a confecção de um paneiro de tala de miriti, quantos "frascos" têm um alqueire de farinha, ou como a lua cheia muda as marés, além do ciclo de chuva que era quebrado com a saída da lua.

Os alunos vinham repletos de experiências; não podemos negar ou suprimir esses saberes. Precisamos dar vida a eles na aula e afirmar que o

ensino se faz no campo do vivível, não podemos desvencilhá-lo dessa realidade.

A professora continuava a reclamar, e o Eremita só ouvia, não tinha muito o que fazer. A professora praguejava: Tem uma professora nova tão empolgada, tenho pena dela. Já fui uma professora empolgada, os anos foram matando minha vontade de ensinar. Ano após ano, só queria receber mais um triênio; pouco me motivava a ensinar alunos que não queriam aprender. O Eremita ficou consternado com o nível de amargura, mas preferiu evitar o conflito e ficou curioso para conhecer outros professores.

A professora se levantou; tinha acabado o tempo de repouso e era preciso voltar às atividades. O Eremita a acompanhou; a professora entrou para sua sala. Os alunos estavam agitados, com as bochechas coradas de tanto correr pelo corredor da escola.

No entanto, assim que a professora chegou, a alegria se encerrou, e todos ficaram em silêncio. A presença dela impunha respeito. Essa era uma das críticas à professora de arte, que não tinha domínio de classe. A aula dela era uma baderna.

O Eremita continuou a caminhar pela escola e encontrou uma turma bem alegre, suas interações eram bem enérgicas, pelo vidro da porta viu que a energia dos alunos estava concentrada em interagir com a professora.

A professora de Arte pegou um susto ao ver um estranho olhando pela porta e foi perguntar qual era o interesse dele em observar sua aula. O Eremita ficou envergonhado em atrapalhar a aula; quando a professora perguntou seu interesse, ele disse que estava só de passagem. A professora perguntou se queria entrar, mas ele não queria incomodar; a professora disse que não incomodaria.

O Eremita entrou na sala e se sentou no fundo e ficou observar. A professora de Arte havia escrito no quadro: O que é Arte? As respostas dos alunos variaram, um aluno gritou: É o que está no museu! Outro disse: São aqueles quadros que a gente nem entende! A professora de arte

projetou no quadro uma obra do Marcel Duchamp, “A Fonte” (1917), um urinol. Um aluno logo gritou: Isso é arte, eu vi em um livro!

O Eremita suspeitou que os alunos vinculariam a arte apenas aos valores documentais e institucionalizados, ou seja, a arte estaria erigida por um valor erudito validado por determinação, assim, os alunos poderiam definir a arte apenas pelo espaço em que se apresenta ou está exposta.

A professora mostra outra obra do Marcel Duchamp, “O porta garrafas” (1914). Os alunos titubearam por um instante, ficaram na dúvida, mas um aluno falou: Minha avó tinha um desses na cozinha para pendurar panelas. Os demais alunos riam, e o aluno continuou: Se isso for arte, não sabia que estava de posse de algo tão valioso. A mesma questão foi levantada com quadro “A Última Ceia” (1495–1498), de Leonardo da Vinci. Um aluno disse que sua avó tinha um quadro desse na sala, outro aluno disse que a *lajota* da casa dele tinha essa imagem.

A professora contou uma curiosidade sobre a obra do Duchamp. As irmãs dele chegaram a jogar fora a versão original do “O porta-garrafas” no lixo, julgando não ter valor. Depois de muito tempo, quando já estavam em Paris, reconheceram o engano. Os alunos entenderam as irmãs.

A aula continuou divertida, e o Eremita morria de rir. A professora mostrou uma obra de Klee, e os alunos riam, dizendo que parecia um desenho de criança. Eles afirmaram com toda a certeza que não era arte, mas quando a professora revelou que era, os alunos ficaram incrédulos.

Um aluno disse que poderia fazer uma obra como aquela, enquanto outra aluna comentou que parecia seus desenhos infantis. Os alunos se saíram bem em reconhecer os clássicos ou obras mais difundidas dentro do cenário da arte. Quando viram a Mona Lisa, nem esperaram a professora perguntar logo disseram que era arte. Até mesmo as pinturas rupestres foram reconhecidas como arte por unanimidade.

A diversão era a pulsão latente no coração do Eremita; a cada batida, um tom de esperança se renovava a cada palavra apaixonada da professora de arte. A arte que fluía nas veias da professora era um convite para desconhecer as certezas e adentrar na possibilidade de desconhecer o mundo ao redor.

Nesse breve recorte de aula, o Eremita sentiu que a tradição desempenhava um papel fundamental na definição de arte dos alunos. Era fácil definir as artes acadêmicas, e mesmo o movimento modernista, em suas polifonias, acabava sendo capturado pelos traços tão típicos de sua composição.

Em diferença, a obra de Klee intrigou os alunos pela sua proximidade com uma composição entre linhas de infância. Nos traços desterritorializados de uma arte que não partilha das definições de um único movimento, mas sim, adentra nas polifonias experimentadas no percurso de vida do autor.

A arte de Klee continua a se renovar a cada travessia e ultrapassa as delimitações, no intuito de compor uma arte singular, singular pelo caminho que percorreu entre as marcas profundas do seu desejo de mudança, assim reinventa a forma de pintar, pois está disposto a não imitar um modelo ou se enquadrar apenas em um.

A arte de Klee transborda um vazio, não como ausência de sentido, mas sim como possibilidade de criação, pois o vazio cria multiplicidades que podem ser experimentadas na composição singular de cada indivíduo.

Um vazio suficientemente grande para passar cavalos, como expressa Klee, um vazio fruído pela imaginação impulsionado pela arte na invenção lúdica de fabular um traço de infância. Deleuze (2016, p.215) salienta que ao “admirar os desenhos de crianças, ou antes comovermo-nos com eles; é raro que se mantenham de pé, e só parecem com coisa de Klee ou de Miró, se não os olhamos muito tempo”.

A arte de Klee se modela menor por traços simples, exalando uma inocência que não perdura por muito tempo, pois ao escavar pelas suas

obras podemos encontrar mais sentidos emergindo das profundezas à superfície, sentidos embebidos de crítica social.

O desafio da professora de arte era fazer com que os encontros com Klee mantivessem as obras dos alunos em pé, um equilíbrio estável a cada novo encontro, em meio uma possibilidade de conhecer o íntimo dos alunos e suas visões singulares de mundo, para assim partilhar suas dores e alegrias.

O Eremita, ao conhecer Klee, percebeu que ambos tinham o mesmo ímpeto jovem de explorar o mundo; em suas veias pulsavam um fluxo de renovação, não conseguiam viver limitados, tanto por ideias como por espaço.

O espírito inventor que os possuíam livrava-os de uma vida de medo e os impelia à coragem de uma vida de descoberta. A professora de arte colocou Klee e o Eremita para se encontrar, ou talvez dançar. Os dois se abraçaram e rodaram pelo salão, pareciam ter encontrado a liberdade. Não sabiam por qual melodia dançavam, apenas estavam enlaçados em um tom ressoante de uma dança livre dos padrões e da rigidez.

A poesia da dança ressoou no deleite do Eremita e Klee. Uma melodia de infância tocada no encontro sutil de uma criança, entre os rabiscos de tom menor. Ao fundo, uma criança riscava algo em seu caderno, contrariando a ideia de arte maior; sua grandiosidade estava na liberdade de gozar a possibilidade. Linha a linha, compunha um rizoma livre!

A criança agencia outras vozes à sua brincadeira; entre muitos colegas, partilha um encontro sem rigor de tempo. O relógio se dilatou na brincadeira. Klee e Eremita criança fantasiam lugares, sabores, brincadeiras, encontros, travessias, linhas e cores.

Os meninos, Eremita e Klee, eram inventores de mundos. A mãe dos meninos reprendia suas ações de destruição; quando ganhavam um carro novo, a primeira coisa que tiravam era o motor para transformá-lo em outra coisa. Um dos meninos mostrou maior inclinação ao desenho e

sua família criou expectativas para seu futuro. Além do gosto pelos desenhos, ele adorava a música; talvez no futuro se tornasse musicista, mas tudo era indefinição. Não queria limitar seu desejo logo na infância; esperaria mais.

Os meninos permaneciam entre brincadeiras e invenções, mas chegou a hora de se despedir. Cada um seguiria seu ritmo e seu desejo. Um menino virou pintor e o outro se tornou Eremita, mas ambos não perderam a vontade de sonhar e inventar, desenhar e produzir ressonância. A vida dos meninos seguiu por rumos diferentes, mas se conectavam na diferença.

O Eremita dançou por um devir menino, homem, mulher, ancião, vendedora de flores, ornitólogo, professora de arte, nômade, camelo e entre outros agenciamentos possíveis. Os seus biografemas são oriundos dos percursos que experimentou e deles extraiu uma possibilidade de compreender a visão do mundo do outro. Mesmo com suas experiências, o Eremita nunca quis ser sábio; praguejava os eruditos, preferiu viver a vida longe do ideal padrão de viver. Deste modo, já viveu muitos anos empenhado na descoberta.

Entretanto, nunca deixou de ser criança. Os críticos poderiam dizer: Quando vais se tornar um homem crescido? Quando vais assumir a responsabilidade do mundo? Quando irás entranhar em teu corpo o espírito de homem moderno? O Eremita nem se preocupava em responder essas questões.

A singularidade de cada encontro o tornou um homem diferente; como já viveu muitas vidas, não cansa de aprender. Aprende todos os dias com os encontros e ensina a lições ao mundo, não por imposição, mas sim por experimentação.

Um homem bom, mas esperto com ímpeto de mudança, se constitui na contrariedade, pois não quer ser unanimidade; queria ser diferença. Um tom de renovação, sem forma ou modelo, um ser livre que experimenta um mundo da fabulação, um ovo repleto de intensidades.

Um grão de areia em uma imensidão heterogênea, um vivente ou vidente de uma vida outra.

A forma muda como a água. O Eremita se liquefaz, vaza entre os mangues, transborda por marés e viaja para além do horizonte. Um mundo, um cometa, uma tempestade, grande ou pequeno, preenche o espaço mesmo o menor. Atua entre ecos e tons graves. A multiplicidade se traduz no seu jeito fugitivo, sua força de mudança, um devir que se esvai no tempo, dilata sua forma e sua potência, se faz a luz entre a escuridão que o compõe.

Eremita se postula como uma linha vazante e ao mesmo tempo uma fagulha incendiária pronta para destruir o mundo, o fogo se espalha à sua frente, nem mesmo as árvores centenárias permanecem em pé, e os anos de história ruem pela grande chama libertadora. O fogo invadiu o âmago do Eremita e consumiu sua soberba e razão, deixando em seu corpo o amor ao mundo mundano; agora está pronto para mudar de morada e seguir o desconhecido de si mesmo.

O outro menino ensejou ser pintor, criando um mundo que ainda não existia. Suas composições nasceram do desejo de ser diferente. Ele se questionava: Como ser diferente se estão me ensinando pelo mesmo rumor de outrora, o resultado não seria o mesmo? Talvez hoje essa resposta fosse óbvia, basta criar.

Contudo, criar nunca é fácil; essa alquimia mistura forças diferentes, assim como percursos capazes de criar uma grande explosão, geradora de vida que a obra de Klee vive. Entre misturas de terra, areia, giz de ceira, guache, tinta óleo e cartão, assim fez fugir a delimitação de um movimento e compôs uma arte menor capaz de encantar o mundo por suas diversas expressões.

Klee queimou as velhas tábuas não apenas pelo seu desejo de mudança, mas também para criar novos rumos. Esses rumos desconhecidos são parte de uma arte que se expressa nas intenções desconhecidas de uma vida-educação sempre em movimento.

Dessa maneira, a função da arte se afasta de uma razão utilitária, explorando os rumores inexplorados do sentir e viver coletivo que anunciam uma boa nova repleta de diferença. O pintor entende que a criação exige energia, mas não força ou obrigação. A criação está para a leveza como a sutileza do vento ao atingir a asa de uma borboleta.

A força ou obrigação imobiliza o movimento da criação, pois nada age voluntariamente por força; esta obriga as linhas de poder a se curvarem. Além disso, a força se opera por uma intensividade coletiva a urgindo múltiplos agenciamentos agrupados pelo ínfimo da vida: as folhas, os ventos, a jovialidade, as zonas de vizinhanças, as histórias, as visagens, os encontros e as danças e entre outros ínfimos. A criação urge nos desvios, pois a força impera sobre a linha até que se curve, mas entre as fugas, cria-se uma luta contra a força que imobiliza.

O Eremita diz: a criação nos arremessa como uma pororoca¹⁵ que devasta tudo que vê pela frente, e tudo que é imóvel se movimenta; quem é fraco que se quebre. A inércia não sobrevive a esse evento da natureza, muito menos o *homem moderno* (Nietzsche, 2003), que teria facilmente se afogado dentro das águas, pois desconhece o movimento da maré. A inércia envenenou sua vontade de conhecer o mundo, quando conhece quer catalogar, assim, não aproveita as singularidades.

Nas andanças do Klee e o Eremita, ambos movem montanhas, elevam montes, criam clives e desvios. Esses blocos de sensações abriram caminhos entre pororocas para que a mudança encontre novas visões de mundo, por furos que os levam a algum lugar, mesmo que ainda indefinido.

Eremita critica o homem moderno que, na primeira aventura, já quer colonizar, diria: Chegamos, esse é o meu lugar, grita o homem moderno, nada mais a avançar. “Pf!”, fez o Eremita. Não há morada, apenas lugar para retornar mudado; assim, não passa muito tempo, seu

¹⁵ O termo pororoca é uma palavra que deriva do Tupi “estrondo”, corresponde um fenômeno natural que acontece no encontro da água do rio e do oceano, uma onda forte que arrasta tudo o que ver pela frente.

desejo se faz transitório, movediço. Já disse nômade? Eremita e Klee habitam solos móveis e águas turvas cheias de *tipitingas*.

Em alguns momentos, o medo os invadia, mas mesmo como medo de ferrada de arraia, continuava a desbravar. O Eremita, assim, se perdeu e se encontrou, ainda que perdido. Os abismos que cavou fizeram jorrar na superfície uma infância da arte e da vida sem rigor, desajeitada, ainda fazia sentido ora ou outra.

As suas criações não respeitavam o relógio; não se sabe dizer quanto tempo andou, ou se essa escrita compõe um biografema de vida, ou dessa vida, e/ou de outra. As horas que o Eremita vive estancam no cotidiano, entre muitos encontros que ouvia. Não era fuxiqueiro, (mesmo sendo); um observador era o que dizia ser, pois ficava muito tempo calado. Os seus segredos eram apenas registrados em seus diários (assim como Klee).

Os blocos vividos se confundiam com a realidade e a ficção, assim inventa e diz que viu. A realidade não é cheia de invenções? Não inventaram a fome quando há muita comida para comer? Não inventaram a desigualdade quando todos deveriam ter o mesmo direito à dignidade?

O Eremita odiava a injustiça e amava o minoritário. Nesse espaço menor em que vivia, não se guiava por preferência, apenas seguia sua vontade. Gostava de conhecer sem pedir nada em troca, odiava julgar, embora essa fosse a atividade mais comum no mundo. Assim, abandonava tudo muito facilmente, não queria permanecer, apenas partilhar seus sentidos de lentidão e aventura.

Eremita, antropófago por fruição, devora o mundo, devora uma vida-educação, e fortalece o mundo, pois aprendeu assim, livre do rigor do certo e do errado. Os acontecimentos são um signo pelo qual ele ruma o mundo, por muito tempo. Eremita, tu és uma animal ruminante....

E...

Minta a impotência

Regue as florescências

Eleve as potências

Irigue as confluências...

A manhã deu lugar à noite e o Eremita dormiu no desejo de viver
novos encontros ou ainda uma nova vida ao amanhecer.

“Me abrace, me acalente

Sou seu ardor

Sua semente

Seu poente...

Não me cale, não me mente

Sou a corrente

Que o leva a todo lugar...

Eremita, me leve,

Me leve no seu caminhar!

AS AVENTURAS DE ARIEL

Na vida escolar Ariel passou por mais episódios como esse, mas a vida do menino pacífico não ficou limitada a escola. O menino se divertia muito com os seus vizinhos, irmãos e amigos. Ao lado da sua casa tinha um terreno enorme que ele e seu irmão brincavam de vôlei, polícia e ladrão, pira-pega, peteca, saboneteira e sete pecados.

As moedas de troca na peteca eram definidas pelos acontecimentos da época. No tempo da eleição a moeda de troca era os “santinhos” de políticos, definidos por raridade de encontro, quando a política acabava, as carteiras de cigarros entravam em voga, e conforme as edições o valor mudava, as edições prateadas e as douradas eram raras, e por isso, valiam mais.

Nas brincadeiras ainda tinham os sete pecados. Os sete pecados seriam cobrados quando jogador acumulasse sete pedras que eram guardadas em um buraco, parecidos com o de peteca. O Ariel era pacífico, mas não ingênuo, uma vez viu que ia perder e inventou uma fuga. O castigo era ficar na frente de um paredão, e levar boladas na costa, cada integrante da brincadeira tinha direito a um arremesso, essa era a forma dos sete pecados serem pagos, uma vexatória punição.

Além dos sete pecados, Ariel brincava de saboneteira, ou como também chamavam de garrafão. No início da brincadeira desenhavam no chão uma garrafa, parecida com uma garrafa de “Qboa” da época. Uma pessoa ficava na ponta da garrafa desenhada, segurando uma garrafa na mão, os demais ficavam dentro do desenho da garrafa. O jogador da ponta arremessava para dentro da área desenhada, arremessavam uma bola, se a bola encostasse em alguém,

todos ganhavam a permissão de bater com sandálias na pessoa atingida, só tinha uma possibilidade de fugir da “pisa”, que consistia em fugir de todo mundo e atravessar a linha de fuga que ficava no fim do desenho.

Uma vez o jefzinho correu na direção oposta da linha de fuga, quando reconheceu o erro se jogou no chão, perto da goiabeira que tinha no quintal, pensando que as pessoas iam ter pena dele, todavia não foi isso que aconteceu, as pessoas se aproveitaram da facilidade e começaram a sabatina, para a piorar caiu em cima de um ninho de formiga, o que acentuou a desgraça, já quase sem força conseguiu subir na goiabeira e os meninos o deixaram livre.

As brincadeiras continuavam, o pacífico adorava brincar de polícia e ladrão, mas não era de qualquer jeito, junto com o seu irmão criavam armas de resto de madeira branca, às vezes, pegavam as ferramentas do seu pai para projetar o mecanismo de disparo, suas munições eram tampas de garrafas e seus propulsores eram liga de “balador”. A brincadeira começava pela delimitação do terreno, não podiam atravessar para outra rua, o limite devia ser respeitado, quem não respeitava ou era atingido tinha de ficar preso na goiabeira, somente eram libertados se alguém do grupo cortasse o fio que os prendiam. Apenas quem tinha coragem e força de aguentar um disparo brincava.

Nas brincadeiras se conectava com novas pessoas, certa vez jogando vôlei conheceu um menino, ele ficava olhando curioso a partida, um punho de rede, era tudo que precisavam para a brincadeira acontecer. O menino era tímido se encostava nas árvores que tinha nos arredores, se pudesse se fundir na árvore, assim faria. Ariel o pacífico, com seu grande coração convida o menino para brincar com eles, o menino nem acreditara que o convite tinha acontecido, se sentiu realizado, brincou a tarde inteira e no outro dia, também, no final Ariel ganhou um amigo para a vida toda por um convite tão singelo e sincero.

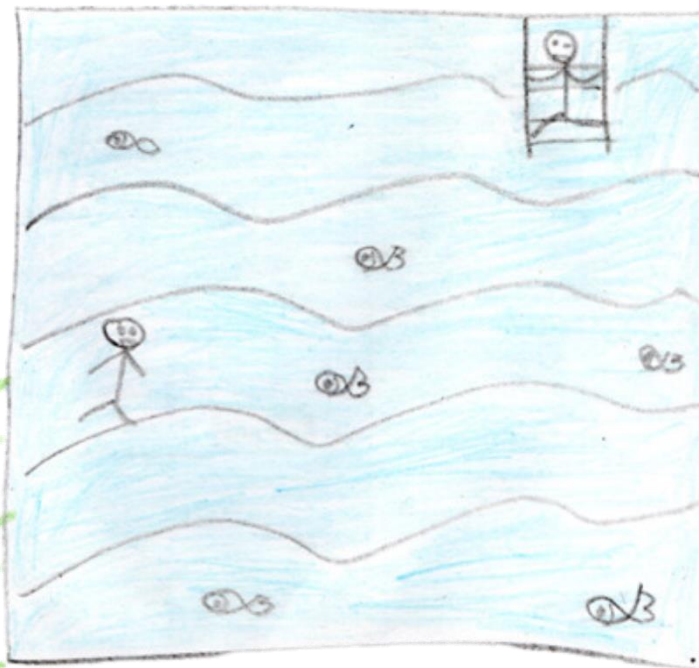
Em uma tarde estava cansado, sentou-se por um instante, olhava para o enorme quintal repleto de verde árvores, tinha um muricizeiro, araçazeiro, a tão famosa goiabeira e uma mangueira ainda pequena, imaginava que daqui a um tempo que a mangueira tomaria conta de boa parte do quintal, nesse momento pensou: “o meio se modifica, reflete o contexto em que está inserido”. As mudanças que Ariel previu chegaram, as árvores de murici, araçá e até o pé de goiaba tiveram que ser derrubadas para que a esperança de dias melhores viesse à tona, a construção da sua casa.

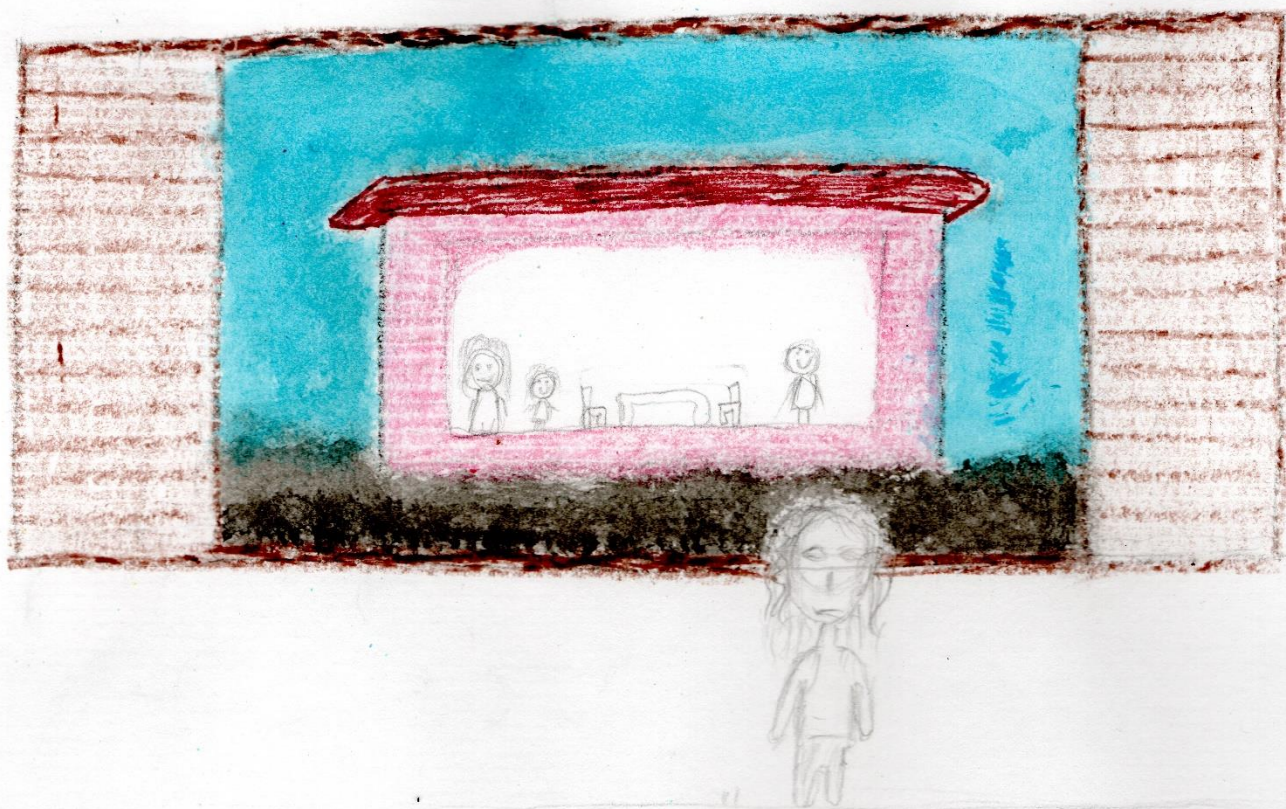
O menino pacífico continuava a admirar o seu arredor, olhava para sua casa de madeira, era seu lar, seu lugar de conforto e sua conexão com a sua família. Admirando sua casa de madeira, fez uma promessa, que construiria muitas outras boas lembranças naquele lugar, na esperança de que esse lugar refletisse seu eu de agora e dos seus sonhos para o futuro. O menino assim abraça as aventuras vividas na vida como uma pulsão, um amor que vaza do seu desejo de criar e viver livre. Ariel repousa, deita-se em sua cama em meio aos seus pensamentos turbulentos, quase adormecendo sonha com um mundo repleto de afetos e diferença, na sua dança com Orfeu, balbucia: Ame o mundo e seus encontros, para que nunca esqueça de sonhar.

Fim



PLATÔ IV: UM TEMPO DOS AFETOS





O almoço fantástico

Vuando olho pelo janela
E vejo meus vizinhos
almocando juntos,
Me pego pensando,
Porque não eu?

Por que minha família
não pode ser assim?

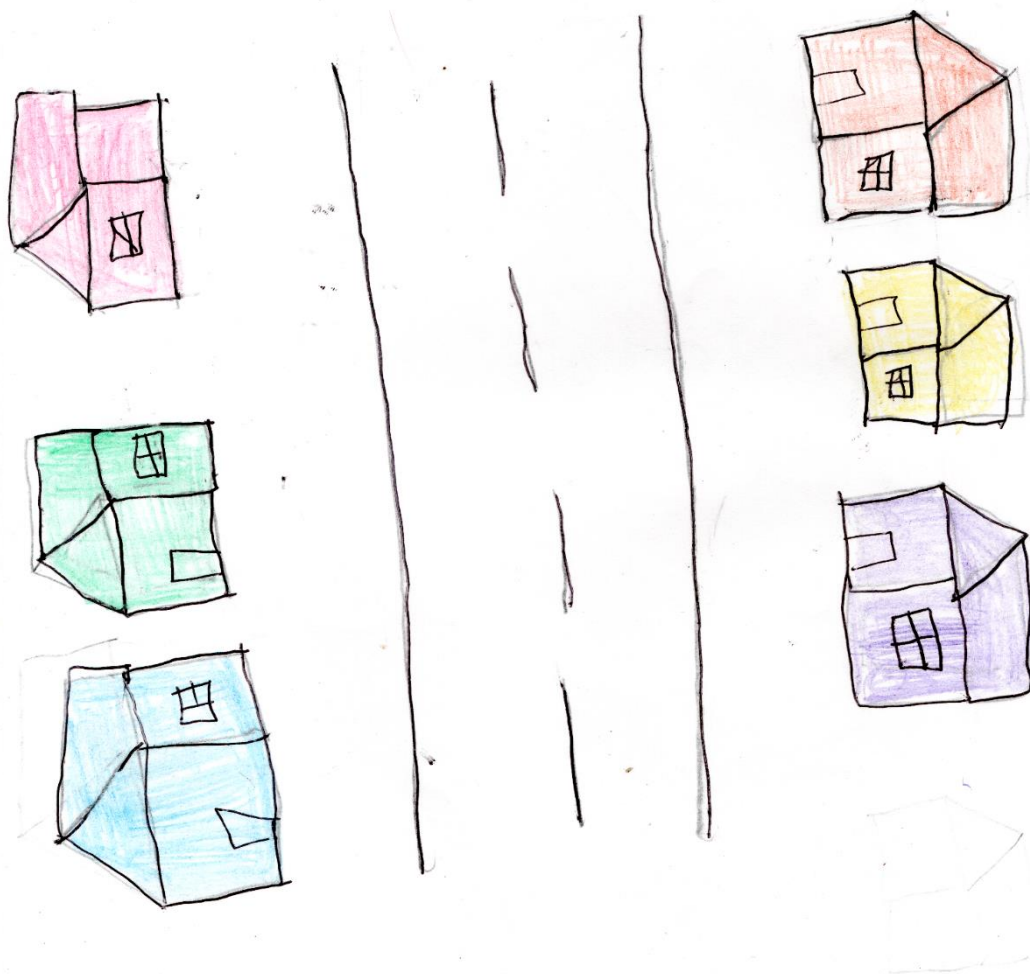
Por que? Por que? Por que?

Bom, que sabe isso
não fico para a
próxima vida.



O JANTAR FANTASIOSO

De manhã minha rua era calma, havia pouca passagem de gente e poucos carros circulavam por lá.



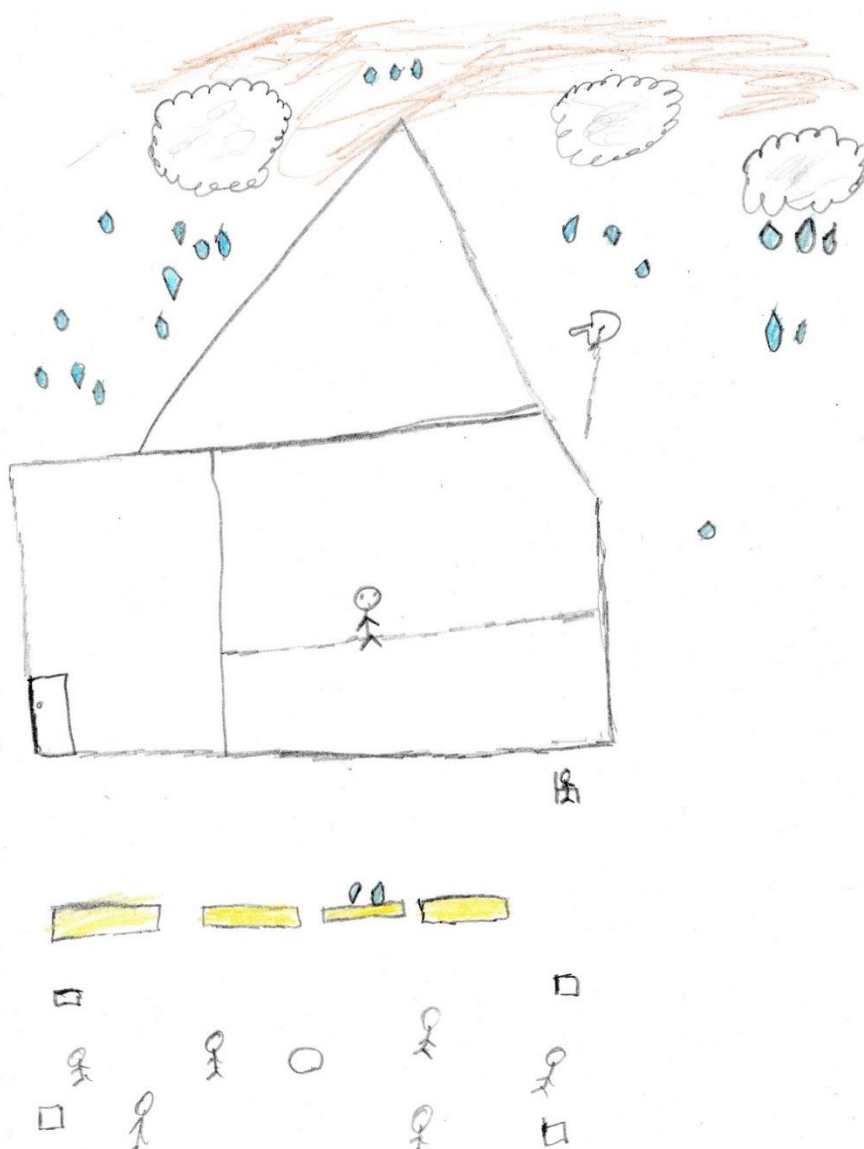
Ao meio-dia, era um vazio, as pessoas se recolhiam no horário de almoço e o silêncio invadia a rua.

À tarde, em dias quentes as pessoas se escondiam do sol, de vez em quando botavam a cara na janela.

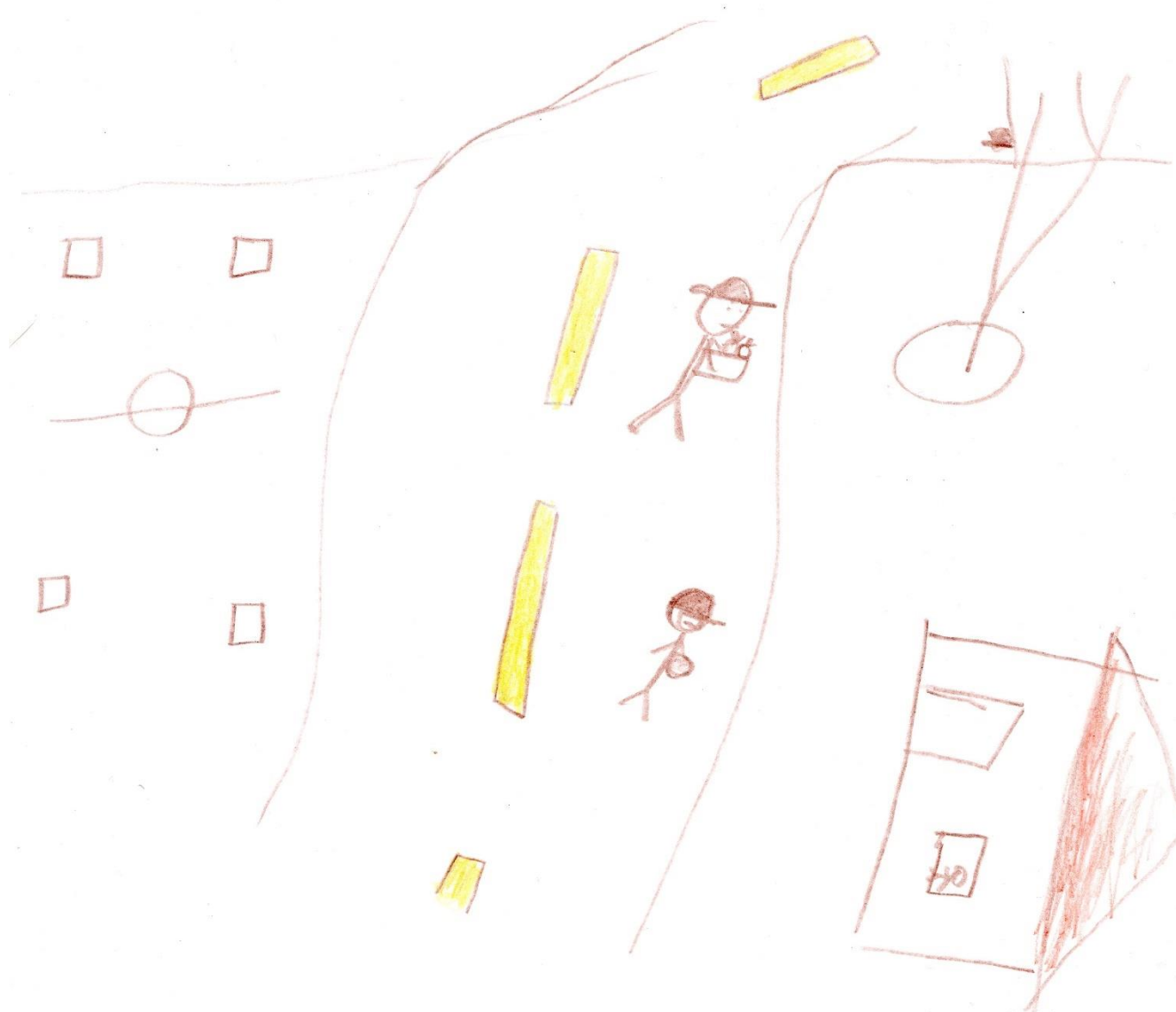


Eu tinha uma vizinha que adorava espiar a vida do outro. Ela costumava ficar sozinha sentada em uma cadeira na frente da sua casa, vendo a vida de quem passava.

E quase sempre passava um bebum que saía do bar rompendo o silêncio.



O silêncio da tarde só era quebrado pelos vendedores de frutas, doces e sorvetes. Em tempo de milho tinha o vendedor de pamonha, nas tardes de domingo passava o vendedor de tapioca molhada, eu adorava.



Nos dias chuvosos ninguém saía de casa, até a vizinha fofoqueira se recolhia.



No fim da tarde, eu estava olhando pela janela e no meu horizonte via as crianças brincando de bola na rua, as crianças pegavam tijolos ou pedaços velhos de madeira para fazer trave. O mais engraçado era eles brigando para ver qual pé ia medir a distância de uma trave para outra.

- Um menino reclamava: Maaatchu teu pé é quase do tamanho de uma balsa. Todos riam. A outra reclamação era de a distância não estar proporcional.

- Tédoidé?! Me rouba logo, diminui isso aí, zarulo.

Depois de muita enrolação começam o jogo.



A minha vizinha fofqueira ganhava companhias,
atualizava todos os acontecimentos da rua.



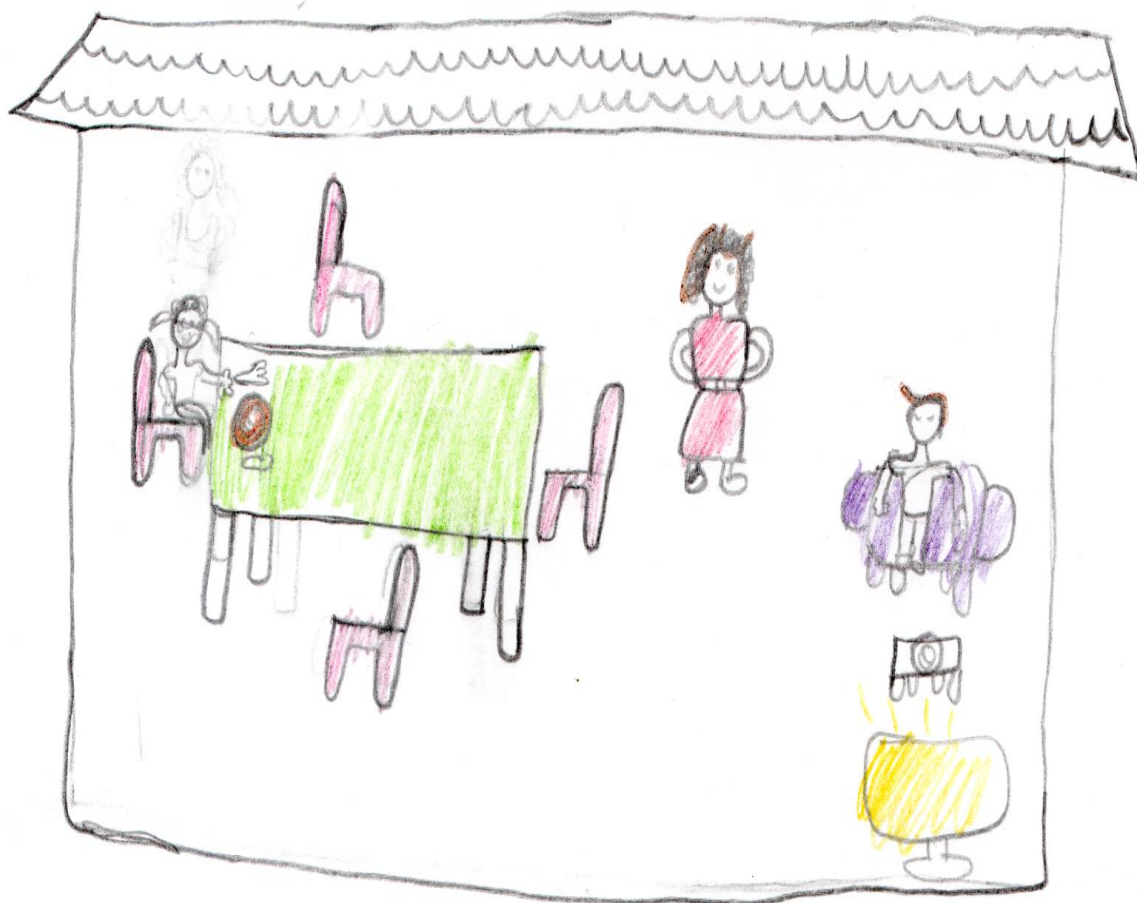
A noite chegaria, e aos poucos a movimentada rua começava a encontrar o silêncio novamente.

Em casa as pessoas começavam a chegar das suas atividades diárias,

Meu pai chegava cansado, comia algo na frente da TV,

Minha avó colocava o jantar para mim e logo se recolhia,

Eu comia em silêncio.



Na janela da cozinha podia ver meus vizinhos reunidos, ouvia as suas risadas estridentes, pareciam alegres, ora ou outra discordavam, mas logo entravam em harmonia.

Na mesa as pessoas falavam sobre seu dia.

As crianças falavam com entusiasmo das vivências da escola.

A menina mais nova caguetava o irmão, contou que ele entrou em uma discussão na fila da merenda.

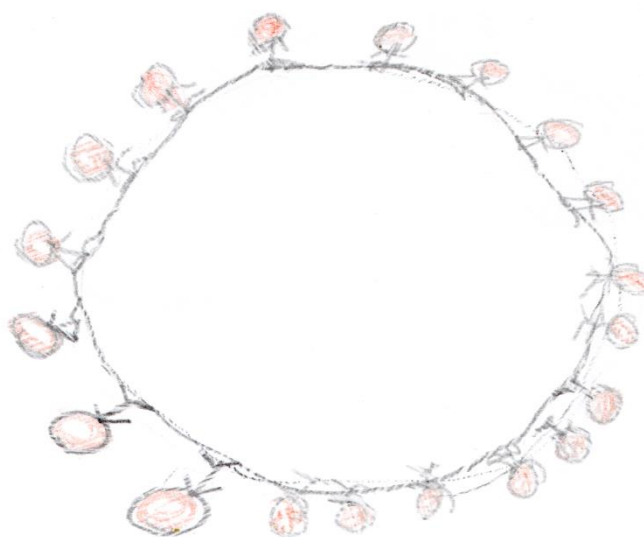
A mãe olhava com certa desaprovação,

O pai estava curioso para ouvir o desfecho da história,

O irmão ficara indignado com o menino que furava a fila.
Teve que reagir.

O pai admirava a coragem do menino em exercer justiça

O semblante da mãe logo mudou para uma cara de aprovação.



A mãe contava uma história do trabalho.

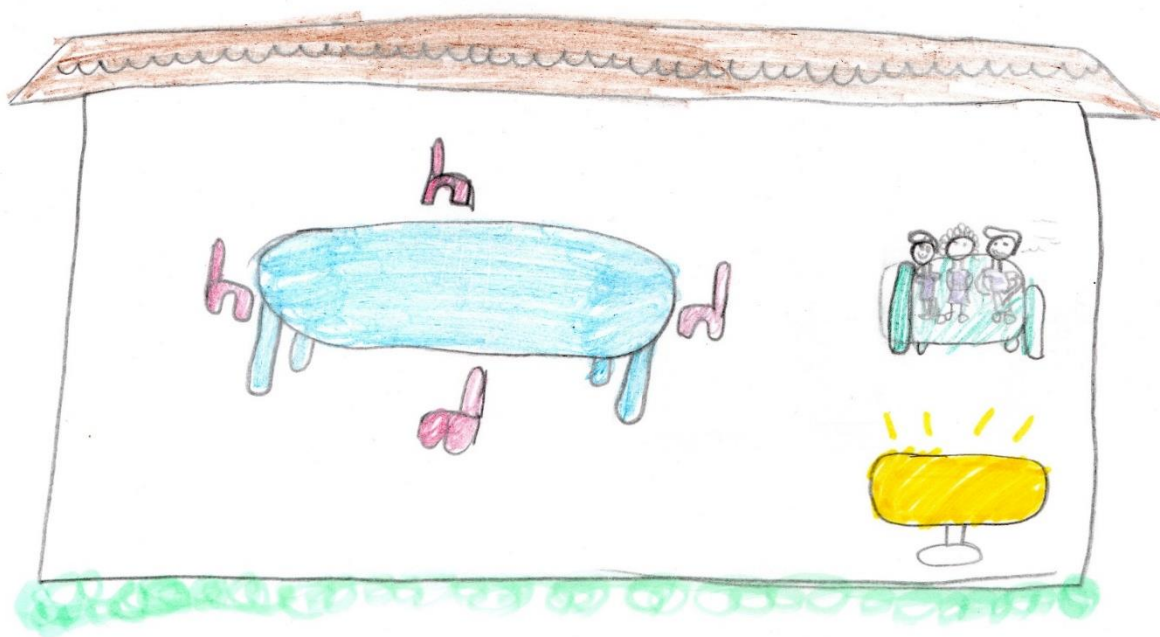
O pai reclamava do trânsito até o caminho de casa. As obras da prefeitura pareciam que não iam ter fim.

O avô acrescentava para a conversa os acontecimentos do noticiário

A avó contava uma história engraçada do seu passado,

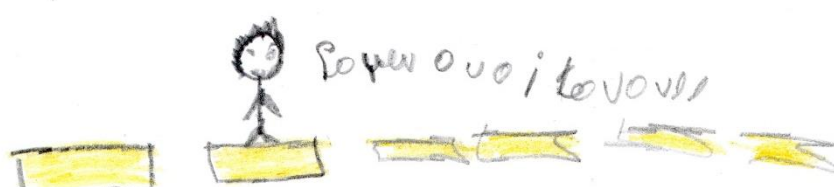
O tio fazia graça falando que era a milésima vez que ele escutava essa história.

O jantar transcorreu bem, olhando da minha janela.



Me peguei pensando, por que não sou eu?

Por que minha família não pode ser assim?



Por quê?

Por quê?

Por quê?



Bom, quem sabe isso não fica para a próxima vida.

Fim.



Palhaço
Elétrico

INFANTE



O Infante desenhava tranquilamente no restaurante do seu Tio Fricks, passava despercebido na maioria das vezes, sua presença constante o ajudava há não causar estranhamento. O Infante então folheava a revista semanal *Fliegende Blätter* e desenhava algumas experimentações.

O desenho que o Infante estava fazendo chamou a atenção de um freguês. O homem passou o olho pelo seu desenho e viu que era um cavalo. O Infante continuou a desenhar, linha por linha, enquanto o freguês fitava o desenho angustiado. O Infante supôs que faltava algo.

O freguês não aguentou esperar e perguntou: “Sabe o que você esqueceu?”. O Infante sentiu malícia naquela fala e respondeu com um silêncio obstinado. Aquele freguês queria constrangê-lo e colocá-lo em uma situação embaraçosa, sentia isso. O freguês por fim diz: “Os arreios”!

A inocência do Infante ao criar um cavalo pouco considerava a ideia de compor um arreio que limitaria ou cessaria sua liberdade. O cavalo era livre para viver suas aventuras sem dono e sem destino. A fatalidade servil não era o caminho cunhado pelo Infante, assim, era o cavalo quem definiria seus caminhos e experimentações. O cavalo ganha sua liberdade em um mundo de fabulação, no qual corre pelos verdes campos, nas montanhas, no deserto; quem sabe, não se banhou no oásis que o Eremita passou. Os caminhos eram muitos, bastava o cavalo ter a coragem de explorar.

A coragem, às vezes, faltava ao Infante. Ele não tinha coragem de confrontar sua mãe quando ela desafiava seu senso estético apurado. Dessa maneira, quando sua mãe o vestia com saia e calça de baixo comprida demais – quando digo comprida, era realmente muito comprida que dava para ver os babados vermelhos escapando por debaixo da saia –, o Infante se escondia ao ouvir a campainha tocar, evitando que as visitas o vissem naquele estado.

Os babados mostravam o excesso de uma era. O Infante ficara enfeitado como uma árvore de Natal, para assim exibi-lo na garba para os visitantes. O Infante aprendera que o excesso não era uma boa opção; talvez um equilíbrio instável fosse o percurso que seguiria mais tarde, compondo linhas simples para captar o movimento das pessoas e do mundo, pois já desconfiava que a língua dos homens era uma língua estrangeira dentro da sua própria língua (Deleuze, 2018).

O Infante desconfiava que a língua que os adultos falavam era uma língua estrangeira. Quando a mãe e a amiga se dispunham a conversar, não conseguia entender nada; era um amontoado de palavras soltas e frases apressadas. Eram frases intermináveis e sem sentido, uma língua estrangeira cheia de jargões que aprisionavam o sentido. Não havia margem para fabular encontros e potências, era uma língua presa na tradição da qual o Infante não participava. A sua inocência o libertava da moral e dos bons costumes.

O Infante, como toda criança, brincava em sua sala, corria por todos os cômodos, subia e descia escada, pulava de um lugar para o outro. Em uma de suas aventuras, derrubou o abajur da sua mãe e o quebrou. Quando sua mãe chega em casa e encontrou o abajur quebrado, seu choro desolado provocou efeitos profundos no Infante.

A quebra de um mero abajur não significava nada para ele. Qual o sentido de lamentar por algo que pode ser substituído por outro com a mesma função? Não seria mais fácil aceitar que as coisas quebram e não há o que possamos fazer? Qual sentido de chorar pelos cacos de algo que não voltarão mais? Os cacos do abajur foram para o lixo, a vida continuou, mas a mágoa do abajur quebrado permaneceu no Infante.

Na manhã seguinte, sua avó apareceu na casa. O Infante adorava sua avó; ela tinha um rosto acolhedor e suas mãos eram macias. Correu logo para abraçá-la, e ela o acolheu de bom grado. A Sra. Frick adorava ensiná-lo a desenhar com lápis de cor e, às vezes, usava papel higiênico, pois era muito macio, como um papel de seda.

Depois das aulas de desenho, a Sra. Frick ia buscar algo para comer. O Infante ficava admirando a calma da sua avó. Ela nunca mordida a maçã; preferia cortá-la em pedaços bem pequenos ou passava bons minutos raspando a maçã para retirar uma papa que comia, mas isso não eliminava um bafo azedo que subia periodicamente do seu estômago.

Chega a hora de sua avó ir embora, e o Infante ficava sob os cuidados de seus pais. O Infante adorava seu pai, tudo o que ele dizia, o Infante acreditava como verdade ("o papai sabe tudo", dizia o infante), desde as histórias de visagens que o assombravam profundamente e até que um homem bem velhinho subia pela chaminé. Um dia, chegou a perguntar para o pai se coelhos botavam ovos? O pai ficou desconcertado.

O Infante tinha um limite bem curto para as gracinhas do pai. Ele estava brincando de mímica, imitando o que via: sua professora, o cachorro, seu vizinho, as pessoas que passavam pela rua, os pássaros que

vinham visitar o jardim. Tranquilo na sua brincadeira, quando de repente ouviu um desdenhoso “pf!” do seu pai, o Infante ficou extremamente magoado. A mágoa só aumentou, pois esse “pf” se repetiu mais algumas vezes. O desdém não limitou o Infante, mesmo com a desaprovação do pai, ele construiu linhas de resistência, não se entregando às linhas molares dos adultos, preferindo inventar seu próprio modo de viver e operar.

Uma noite, o Infante estava brincando e caiu no sono. Um sonho revelou os órgãos genitais da sua cuidadora, que tinham aparência de quatro órgãos genitais masculinos infantis; na mente do Infante, pareciam uma teta de uma vaca.

Os desenhos do Infante também o assustavam; os espíritos maus ganhavam uma aparência real e faziam com que ele saísse da sua cama nas altas horas da noite para correr ao quarto de sua mãe em busca de refúgio. O Infante se queixava de que os diabinhos ficavam olhando pela janela. Sua mãe, em um misto de alento e sono, acariciava suas costas e dizia que logo iriam embora.

O Infante, ainda jovem, não acreditava em Deus. Os meninos tagarelas viviam dizendo que Deus era bom e que ficava todo o tempo nos observando. O Infante questionava: Não seria intrometido demais? Será que ele nos acompanhava até no banheiro? E como ficaria nossa privacidade?

Certa vez, uma mulher bem velinha do prédio onde o Infante morava morreu. As pessoas diziam que ela tinha virado um anjo, mas para o Infante aquilo não fazia sentido algum. A senhora era tão fuxiqueira, só vivia para falar da vida dos outros. Agora tinha se santificado? Se bem que agora poderia ver a vida dos outros lá do céu. Talvez seja por isso que tenha virado um anjo, refletia o Infante.

A morte assustava o Infante; às vezes sonhava que sua mãe morria e acordava assustado, com o coração palpitando só da possibilidade. Não demorou muito para ele conhecer o quão feia e cruel a morte podia ser. A sua amada avó morreu, e o cadáver dela era assustador; não tinha

nenhuma semelhança com o rosto que ele conhecia. Toda a sua docilidade se esvaiu com a morte; suas bochechas rosadas ficaram pálidas e inchadas. Um tom roxo se espalhou por todo seu corpo.

A cena do velório era angustiante, a sua tia Matilde se debulhava em lágrimas, quase formando um riacho de tanto choro que produzia. O Infante se recusava a passar ao lado da porta do porão; dava-lhe um arrepio toda vez que se aproximava. Sua avó ficou no necrotério por um bom tempo até seguir para seu velório e depois enterro. O Infante descobriu sozinho “que os mortos dão medo; mas derramar lágrimas pareceu-me costume de gente grande” (Klee, 1990, p. 15).

As lágrimas de “gente grande” aliavam o ressentimento e o remorso, sentimentos estes não partilhados por ele. O Infante adorava passar o tempo com sua avó, e todo o tempo vivido era um tempo redescoberto cheio de afetos e fabulações.

O remorso que os mais velhos sentiam era do abandono ou mesmo pelo pouco cuidado, pois estavam freneticamente ligados aos compromissos da vida. A morte, enquanto sensação de medo, apenas o assusta. Todavia, não o consterna ou paralisa, pois não compreende a representação desse ato. Sua inocência o impede de guardar mágoa, e assim ele segue livre de lágrimas, vivendo o acontecimento.

Os adultos e suas lágrimas fascinavam o Infante; ele não os entendia, e cada dia entendia menos. Uma vez, sua mãe o convidou para ir ao teatro, e ela só ficava elogiando o tenor. O que um homem que só cantava tinha de interessante? Não poderia admirar os figurinos e os músicos? Ou as reverberações da complexa música que a orquestra tocava? Ou ainda rir dos personagens que representavam as mazelas da sociedade? O Infante achava que isso era coisa de criança.

O olhar sensível do Infante captura uma explosão de cor, as sinuosas texturas, as profundas atuações que fabulam um mundo mágico cheio de fantasias. Ele, novamente, estranha a imagem de um homem de fraque com a partitura na mão ser mais admirado que o cenário que

o bordeja. Julgava-o um cenário monótono, um tanto simples e sem imaginação.

O Infante fabulava sensações alegres no emaranhado de sentidos, preferia dançar nas possibilidades inventivas de sua vida. Não se limitava por admirar o solista; queria ganhar vida nas cenas e nos desvios das histórias. Entendia, então, que as coisas mudavam pelo próprio movimento, e os caminhos se abriam se estivéssemos dispostos a esquecer a certeza e admiração.

Nesse jogo de possibilidades, deve-se estranhar o mundo e dar às voltas toda (Saramago, 2001), viver os pormenores dessa vida e escavar nas profundezas em busca de rizomas (Deleuze; Guattari, 2011), mas também olhar a superfície para entender como funcionam e se desabrocham.

Os rizomas seguem livres, como o cavalo desenhado no restaurante do Tio Frick, livre sem arreios, para não aprisionar a possibilidade de experimentar outros mundos possíveis, “entendendo-se o possível ou como uma alternativa ou como uma potencialidade” (Zourabichvili, 2000, p. 335). O restaurante do Tio Frick criou muitas sensações e potencialidades no Infante.

Um dia, enquanto desenhava no restaurante de seu tio, ouviu um barulho de rato. Os gatos que habitavam o restaurante começaram a procurar de onde vinha o barulho (não se assuste, os gatos se alojavam na casa que também era restaurante). O Infante olhava para os lados e não via o rato, embora o barulho se aproximasse.

Os gatos estavam polvorosos com tamanha proximidade e nenhum avistamento. Subiam as prateleiras de madeira, derrubando tudo, e o clima de algazarra já estava instaurado. Foi quando o Infante olhou para seu tio e percebeu que era ele que produzia o som do rato.

A partir daquele momento, o Infante entrou na brincadeira e ficou observando o desespero dos gatos aumentar. Quando se aproximaram do tio, ele fez um som de uma trombeta e os gatos se assustaram. O Infante, rindo dos gatos, gritou: “O gatinho cagou!”. Após essas palavras,

uma verdadeira repulsa social se instaurou, com todos olhando incrédulos.

O olhar da moral o julgou, querendo aprisioná-lo nas caixas que dominam a liberdade; o dito escatológico consternou o ideal burguês. O Infante apenas constataria o fato: o gato havia defecado de medo, um horror sob o ponto de vista do gato, diante da brincadeira infame que produzira tal consequência. O infante pensava: Mas todo mundo não caga? Dessarte, sentindo o peso do julgamento, caminhou pelas ruas para refletir.

Nas ruas, passou por uma zona comercial com lojas de todos os tipos. O Infante olhava pelas vitrines e imaginava como uma mulher poderia andar confortavelmente com tantas camadas de tecido. Ele já tinha ouvido histórias de mulheres que se afogaram perto da doca por caírem na água e por não conseguirem boiar, ou de os ossos de baleia que perfuraram seus pulmões. "Ser mulher não era fácil naquele tempo", refletia.

O olhar do Infante se direcionava para dentro da loja, onde circulava uma mística de que os alfaiates ficavam sentados em cima das mesas. Ele achava que isso era uma grande bobagem, certamente uma mentira. Contudo, a lenda se materializou diante de seus olhos: o alfaiate estava sentado em cima da mesa, analisando o traje de uma nobre senhora. Era como se uma lenda tivesse se concretizado bem à sua frente, e ele quase não podia acreditar no que via.

O Infante achava engraçado como as coisas, às vezes, são como dizem, mesmo um acontecimento simples que outrora poderia ter acontecido somente por coincidência despertava nele um sentimento de realização.

No caminho, encontrou dois meninos, um de quatro e outro de cinco anos. O menino de quatro anos era muito dócil, à maneira de Ariel; era um cordato e obedecia a tudo. O Infante adorava assustá-lo, dizendo que seu jeito era pecaminoso e que Deus (no qual o Infante não acreditava) o castigaria. O menino de quatro anos acreditava e

começava a chorar por temer estar condenado ao inferno. Depois, o Infante sentia pena e precisava consolá-lo, explicando que era tudo mentira.

O menino de cinco anos o irritava; sua voz era tão doce que tornava tudo insuportável de ouvir. A cada palavra, uma ânsia de vômito. A simpatia inicial que teve com ele foi logo por água abaixo, e passou a prosseguir-lo sem muita razão. Sua repulsa só aumentava. Ainda estava guardada na mente a frase que o menino de cinco anos repetia o tempo todo: “O que você está fazendo, aí, hein, o que?” (Klee, 1990, p.16).

O Infante odiava melodias doces e tentativas passivas-agressivas de dominação. Ele se questionava: As pessoas podem ser felizes o dia todo? Não se cansam do seu próprio jeito de falar ou da sua própria voz? Não sentem que é a hora de abandonar essa pele e criar outras formas de resistência? Ou, como diz Nietzsche (2003) criar espinhos ou farpas?

Longe da inércia ou da doce falácia, é preciso seguir em movimento em busca de uma força intensiva de renovação. Os ventos mudam, as folhas caem, os destinos se inventam, as melodias encantam, as determinações precisam ser abolidas. As coisas mudam, assim como nós mesmos, refletia o infante.

A vida escolar do Infante começou, mas o que chamava sua atenção não era as matérias, e sim as garotas. Aos sete anos, já sentia um carinho muito especial por Hermine, a menina que se sentava ao seu lado. Em uma aula de redação, o Infante tomou a liberdade de sentar-se em cima da sua carteira, juntamente com Hermine, e ficavam observando os desenhos expostos no fundo da sala.

A menina estava com sorriso bobó, suas narinas ficavam levemente entreabertas, parecendo estar distante de tudo, em um mundo só dela. As horas não transcorriam de forma usual; ela ficava brincando com seu colar de cristal. De vez em quando, trocavam olhares, e o Infante se sentia muito à vontade nesse mundo.

O leve e inocente flerte não o impedia de se encantar por outra menina suíça. Ele era o único que entendia o que ela falava, e nas brincadeiras trocavam muitas conversas. Com o tempo, essas conversas exigiram um maior nível de língua dele, o que fez com que se afastasse da linda e animada garotinha suíça que usava uma “boina de veludo marrom com uma atrevida pena branca” (Klee, 1990, p.17).

Na escola, o Infante foi incumbido de entregar os livros novos. Uma garotinha mostrou interesse em uma capa particular, toda colorida e com flores na frente. Ele teve a oportunidade de realizar o desejo dela e assim o fez, entregando o livro tão desejado na doce mão da menina. No entanto, essa ação gerou um boato de que a menina era sua namorada, nobre engano.

O Infante só tinha olhos para Camile, uma garota bem bonita. Seu amor por ela era forte, mas secreto. Toda vez que a via, seu coração acelerava, suas mãos começavam a soar e as borboletas assombravam seu estômago.

Na presença de Camile, nada importava, sua voz até falhava. Quando estavam sozinhos trocavam breves e tímidos cumprimentos. Na presença das pessoas, fingiam que nem se conheciam. Ao longo dos anos, tiveram bons encontros. Uma vez, ele a viu no Hotelgasse; ela estava deslumbrante em um vestido vermelho e um chapéu bem grande de mesma cor.

Outra vez, perto da ponte Kirchenfeld, ele a avistou de supetão. Ela estava atravessando quando ele a viu, parecia um anjo vestida de azul, com uma boina. Seu cabelo angelical estava envolto em uma trança grossa, meio frouxa. Logo desviou o olhar, ela estava acompanhada do pai. Mesmo assim, não pôde negar a felicidade que invadiu seu coração, e assim seguiu rindo o caminho todo.

No regresso do avistamento da ponte, recolheu um galho de uma linda flor que nascia no chão e plantou no seu jardim de um metro quadrado. Cuidou com afinco, projetando todo seu amor por Camile naquele lindo bulbo que nascia obstinadamente. Os dias se passaram, e

a planta se desenvolvia bem com as regas diárias que ele fazia. A esperança de nascer uma linda flor amiga ou uma vistosa folhagem se fortalecia a cada dia. Ao final do seu processo de nascimento, o projeto de Dália deu lugar a um arbusto de flores vermelho-escuras.

A magia das flores está em transmutar sua forma e natureza, podendo devir várias formas. Uma vez, sua prima plantou uma semente de pimenta ardida amarela e cuidou por um bom tempo. Ao final da floração, nasceu uma pimenta laranjada sem gosto algum.

O infante não sabia como as plantas mudavam de forma. Talvez fosse por falta de nutrientes ou percursos anteriores que afetaram na composição da pimenta. A doce flor virou uma erva-daninha (Deleuze; Guattari, 2011), uma erva que resiste em diversas ocasiões e territórios. Sua força de resistência é o motor da sua mudança, não está preocupada em agradar aos padrões estimados para sua composição, vive no rumor de sua vontade.

A flor não chegou às mãos de Camile, pois o Infante não considerou a beleza da flor digna de sua amada. Foi um triste engano, pois a flor vermelho-escura era bela à sua maneira, singular em sua resistência. Pelo menos a flor poderia testemunhar as peripécias do Infante em sua casa.

Certo dia, o Infante desceu pelo corrimão da escada e seu pé atingiu o suporte do lampião de querosene, quebrando-o. Por sorte, não havia testemunhas, então ele dissimulou o ato, alegando sua inocência. No entanto, as suspeitas recaíram sobre ele. Para afastar as suspeitas, ele conversou sobre o ocorrido, reforçando sua inocência fajuta. A Sra. Scheurer ficou confusa e ele pôde celebrar sua vitória.

Após o ocorrido, o Infante pediu à Sra. Scheurer para levá-lo ao restaurante do seu amado Tio, a quem ele se referia com palavras carinhosas como “o homem mais gordo da Suíça” (Klee, 1990, p.18). No restaurante, as mesas eram de mármore polido, cada uma possuía um veio singular. O Infante adorava procurar por formas entre os

emaranhados de linhas do mármore, rascunhando formas humanas grotescas que aprisionava no papel com seu lápis.

As linhas petrificadas davam vida ao bizarro, as formas se complexificavam a cada traço, a criação agrupava divergentes, o grotesco fazia transbordar uma pintura de corpos se contorcendo de dor e servidão. Nessas linhas, o Infante aprendia a admirar o mundo pelo viés do bizarro. A inclinação ao bizarro não se estabelece somente por dor e servidão; há uma potência inscrita no bizarro que abraça as dissidências. Desse modo, o bizarro resiste aos ideais de fascinação e luta contra a hegemonia de um padrão.

A volta do restaurante apresentou a ele a ausência da sua mãe, que tinha ido em uma viagem e só regressaria depois de três semanas. A falta da mãe o fez adormecer cedo e, quando acordou teve uma surpresa: sua mãe já tinha chegado à noite, mas já estava dormindo. De manhã, quando a viu, festejou muito sua chegada. A saudade era enorme.

Após o festejo da saudade, partimos em uma viagem para Marly, o lar das terríveis saias de Marly. O local era estranho, uma cidade com rio estreito, mas com águas verdes, tom de esmeralda intercruzado por pontes pênseis fabulosas. A carruagem que nos levava tinha pulgas, e a anfitriã da pousada em que ficamos hospedados era rabugenta, além de só falar em francês.

A cidade tinha heranças do catolicismo. Quando chegamos, ficamos presos dentro de uma procissão. Ao chegarmos na pensão, a situação era um pouco deletéria: havia moscas na cozinha por todo o lugar, além dos gritos das galinhas esperando a morte.

O Infante não permaneceu muito tempo na pensão e passou a brincar nos arredores, onde encontrou uma multidão de criança de todo o mundo, mas preferiu sua própria companhia. O local era uma confusão, tinha uma maquinaria movimentada por água que fazia um som de tique-taque toda hora, além de um esquilo em movimento correndo pela roda d'água.

Algumas crianças de Alexandria já tinham viajado o mundo, pelo menos era o que diziam. O infante não acreditava em nenhuma das histórias delas; para ele, eram um bando de aristocratas mesquinhos. O lugar pitoresco assustava os meninos mesquinhos, que tinham medo de pontes estaiadas, embora fossem estruturas frágeis que davam medo. Os meninos louvavam a Deus em cada travessia.

As belas paisagens devoravam o Infante em seu esplendor de cores e sensações a cada nova nuance do caminho. As cores vinham da natureza como uma força intensiva que se misturava nas tonalidades criadas no desejo, o qual mais tarde invadiu as veias artísticas do Infante. Juntamente com seu senso ético e estético, essas experiências se misturaram e compuseram um *modus operandi* singular.

Um possível, “o possível chega pelo acontecimento, e não o inverso; o acontecimento político por excelência – a revolução – não é a realização de um possível, mas uma abertura do possível” (Zourabichvili, 2000, p. 335). Os traços intensivos das suas composições revolucionárias se versam em uma vida nômade que apresenta diversos sabores, cores, desejos, aventuras, gerando um acontecimento, uma roda que gira pelo tempo em busca de renovar seu próprio movimento e assim compor sensações e afetos.

O tempo de diversão chegou ao fim, era hora de deixar o paraíso, para trás e deixar a bela paisagem nublada, os banhos nas cachoeiras, as alamedas as quais jogou bola. Esses momentos permaneceram como uma sensação quente no coração, um ardor que compõe o nobre Infante.

Na volta para casa, as doces sensações iam se apaziguando, mas poderia voltar a qualquer hora. Mesmo que não retornassem, guardaria com carinho aquele lugar. Cada experiência vivida se tornava um acontecimento tenro de uma memória involuntária, que o ensinava a amar, imaginar e reviver suas boas sensações.

Ao chegar em casa, o cansaço o consumiu e ele dormiu cedo. O peso de todas as aventuras chegou de uma vez, era preciso descansar

para que o amanhã pudesse ser repleto de energia. Na manhã seguinte, o sol estava lutando para aparecer entre as nuvens. O Infante resolveu ir ao jardim brincar e passou horas do dia regando as plantas. Chegou a hora do almoço e foi até o restaurante do seu tio onde comeu seu prato favorito. Depois, ficou desenhando por horas, nem viu o tempo passar. Já estava ficando tarde e resolveu retornar para a casa.

A sua mãe estava agitada, era dia de ir à ópera, o Infante tinha esquecido. Ela já estava se arrumando desde cedo. O infante pensou que ia ficar com a babá, mas sua mãe julgou que era momento propício para conhecer a ópera. Ele seguiu para o banho mesmo a contragosto e colocou um terno bem fofinho.

A família ficou pronta e seguiu rumo ao teatro. O Infante, com dez anos, não era muito alto, e o teatro parecia enorme para ele. Seu olhar foi capturado pela beleza do lugar, com as cadeiras suntuosas e o palco bem grande. Ele ficou em uma visão bem privilegiada.

A ópera daquele dia era “O trovador”, e ele ficou impressionado com a potência dramática dos atores. Questionava: Como alguém pode sofrer tanto? Não havia descanso e a felicidade nunca vinha, nem o final era feliz.

Essa simples analogia que se abre para uma reflexão mais profunda: até que ponto podemos tolerar o sofrimento? A angústia do Infante em entender que a vida era um mar de sofrimento que precisava ser superado era um desafio indelével. A vida replicava as dores por toda a parte; dentro do teatro ou fora dele, na rua, as pessoas seguiam sofrendo por amor, fome, abandono...

Um mundo infame e ingrato que trata seus pares com tanto desprezo e sofrimento, pensava o Infante, mas o erro não estava no mundo estava em quem o habitava. As mazelas proclamadas pelos homens se espalhavam como praga; homem após homem, uma herança de desgraça continuava. A celebração da ópera ao trágico era um reflexo da dura vida representada pela arte, que consterna a audiência, mas que os faziam rir apenas da sua própria desgraça.

Ao fim da peça, o Infante já estava ajustado ao estilo patético, já torcia pela desgraça de Leonore enfurecida. Desta forma, julgou acertado o gesto tresloucado de arrancar os seus próprios dentes. Ele ficou abismado, mas satisfeito ao ver o dente sendo exibido pela mão ensanguentada da personagem.

A crueldade era tamanha, mas convencia pelo medo e a loucura provocada. O gesto da mulher assinalava um horror: Como alguém pode afligir tanta dor a si mesmo? Qual é o sentimento capaz de provocar tamanha barbárie? Talvez a peça esteja aliada às composições de Edgar Allan Poe, em sua doce "Berenice", onde a personagem tem seus dentes arrancados após a morte pelo desejo carnal de um homem doentio.

"Os dentes!... Os dentes! Estavam aqui e ali e por toda parte, visíveis, palpáveis. diante de mim. Compridos, estreitos e excessivamente brancos, com os pálidos lábios contraídos sobre eles, como no instante mesmo do seu primeiro e terrível crescimento" (Poe, 1999, p.47). Os dentes brancos eram como pérolas preciosas a luzir ao olhar de Leonore, um desejo latente e fugaz, que a consumia. A personagem estava louca, seu impulso involuntário o guiava entre apagões e estado de consciência, tudo era inconstante, mas algo a fortalecia.

Os seus olhos refletiam o fascínio pelo sinuoso dente outrora arrancado de sua boca, em meio à dor e os gritos viu seus aspectos de formação, tão alvos feito neve. O Infante pensava "todos os seus passos eram sentimentos... todos os seus dentes idéias" (Poe, 1999, p.47). Ah, ideias! Resmungava o Infante. As ideias eram como iscas, todo instante era uma possibilidade de alguém puxar e encontrar sua dolorosa recompensa.

A ação de Leonore em seu ato trágico era um bálsamo para ele, dessa dolorosa ação, também resultava o horror. Era possível sentir a repulsa da violência, mas ação trágica trazia em voga um sentimento de indignação. Esse ato de fúria de retirar o dente era para parar de sentir

dor ou para continuar a sentir? Ou ao menos sentir algo por algum instante?

O cheiro de morte se alastrava pelo ar, junto com o aroma fêrrico de sangue. A putrefação exalava como um sinal de alerta. Há algo podre aqui! O infante refletia: Será que somos nós? A sociedade fede por um odor deletério; já virou cadáver, suponho que a morte invadiu o mundo e nem nos demos conta.

A morte e o horror são companhias diárias exprimidas nos jornais. O Infante pensava: O que o mundo se tornou? Um lugar onde os ideais trágicos são invisibilizados, nada mais importa. Somos tolhidos de sentir ou se consternar? O mundo normaliza a dor e apaga os desejos minoritários.

O Infante pensava na normalização da dor: "se na Bíblia as pessoas rasgam suas roupas, por que não pode ser belo e expressivo o ato de arrancar os próprios dentes numa crise de desespero?" (Klee, 1990, p.20). O castigo não é um desejo de Deus para gerar a obediência do homem? Ou mesmo alimentar pela dor a ideia de um sacrário necessário para aceitar as mazelas enfrentadas na vida? questionava o Infante.

O Infante formulava muitas questões a respeito da dor, mas todas levavam a crer que a razão de Deus e/ou do homem está em perpetuar as desgraças ao ponto de imobilizar a revolução e a criação de modos de vida outros. Todavia, ele reconhece que precisamos de um povo capaz de resistir à dominação e abandonar um desejo de um Deus punitivo.

A ópera gravou marcas profundas no Infante, reflexões atuais rizomadas na sua visão singular de mundo, as quais guardou como um lembrete triste da sociedade. Ao chegar em casa, pôs-se a dormir; o cansaço chegou, e sua mãe mandou deitar-se, pois amanhã começaria a estudar o ginásio.

Na manhã seguinte, sua ansiedade o acordou bem cedo. Ele se arrumou e seguiu rumo ao colégio. Ao chegar próximo da escola, avistou seu antigo professor do primário vindo em sua direção. Para evitar o

atrito, decidiu cruzar a rua. Logo de manhã, uma assombração não caía bem.

No ginásio os meninos já começavam a ganhar certo saber sobre as práticas sexuais, era comum certas conversas sobre isso, mas para além das conversas uma vez viu um colega se masturbando à sombra da cadeira. O fetiche avança a escola, o menino não conseguia esperar até chegar em casa, também pudera os meninos eram uma bomba de hormônios.

Nessa época, o entendimento do Infante era um pouco parco sobre o órgão sexual feminino. O Infante quando via as meninas chorando imaginava que as lágrimas também escorriam pelas suas vaginas. Não demorou muito para sua mãe encontrar em seu quarto uns desenhos pornográficos. Ao encontrar, ela resolveu confrontar o menino, o primeiro desenho era de uma sílfide vista em uma peça de balé.

O segundo desenho, era de uma mulher com a barriga cheia de bebês, mas erro da mãe do garoto foi recriminar aquelas pinturas pelo olhar da moral, simples injustiça, o menino só queria fruir as zonas eróticas do corpo, um risco calculadamente anatômico. Os olhares da moral limitam as linhas de composição do menino, não pôde avançar por linhas mais arriscadas, o pudor sempre cobrava o preço, a liberdade.

A infância do Infante começa adensar ecos de uma puberdade que bate à porta. À medida que o tempo passa, a cobrança chega; era hora de definir o rumo a ser tomado, e o amor pela música começa a invadir o coração. Suspira assim: "Música! Música!". O ritmo de sua respiração dança pela mudança, almeja alçar novos rumos; todavia, ao revisitar o seu caderno de desenho, sente uma esperança invadir, algo despertou dentro dele. Os esboços retribuem o olhar com uma alegria que sente a cada instante. Ao levantar o olhar, estava embebido pela doce pulsão da arte.

Antes da fatídica decisão de escolher o rumo da vida, era preciso terminar as lições da escola, mas duro era permanecer em uma educação onde a paciência e o afeto pouco adentravam. O professor

de matemática era extremamente autoritário e repetia como um mantra: "Sente-se e estude mais" (Klee, 1990, p.26).

A palavra de ordem pouco ajudava naquele momento; o curso de matemática logo seria esquecido, pois nada daquilo parecia fazer sentido na vida do jovem Infante. Nada adiantou, o autoritarismo morreu assim que a obrigatoriedade acabou. O sino bateu, a aula tinha terminado, e a tortura da aula de matemática tinha cessado. Era hora de retornar para a casa e esquecer as dores de uma educação *embrutecedora* (Rancière, 2012).

Ao sair da escola, a primeira tempestade do ano começou a cair. Um vento fresco, vindo do Oeste, começou a acariciá-lo, trazendo até um aroma de tomilho. As folhas secas que repousavam no chão eram agora banhadas pela brisa úmida, que molhava os cabelos. A tempestade produzia uma melodia semelhante ao som de apito de trem, uma melodia que gradativamente dava lugar ao som forte da chuva, pingo a pingo. A chuva parecia lava a alma do Infante, que agora era um jovem a aceitar suas mudanças e responsabilidades.

A chuva ganhava uma intensidade, e o jovem resolve correr livremente. Em meio à sensação de liberdade, grita: "A natureza me ama!" (Klee, 1999, p.27), repetia essa assertiva várias vezes. Ao se deliciar com a chuva, ele chega à conclusão de que a natureza o ama, o consola e lhe faz promessas.

Sente-se imbuído pela alegria, que transborda em seu sorriso, um brilho que percorre suas veias, permitindo-lhe sorrir "mais livremente por dentro" (Klee, 1999, p.27), uma melodia que alcança sua alma e seu corpo, comovendo-o por completo. Assim, ele se joga na cama e reflete sobre como a natureza potencializa sua vontade de viver e explorar o mundo, de oeste a leste, pronto para desbravar caminhos desconhecidos.

A noite avançava e o vento ainda soprava do Oeste. Uma dor de cabeça o atingiu durante a noite, e os cinco graus positivos na temperatura o deixaram doente. Ele tentou afinar o violino, mas não

conseguiu concluir a atividade. Na manhã seguinte, amanheceu ainda doente. A natureza também parecia um pouco doente, mas magnífica na mesma potência.

As florestas ganharam um tom violeta escuro, então ele se deitou na terra em busca de recompor suas energias. Por um bom tempo, ele ouviu o barulho do vento atingir as copas das árvores. Os movimentos dessa atividade produziam um tom sombrio e calmo, como um segredo sussurrado pelos estalidos e atritos dos galhos.

A música entoada pela floresta o envolvia a cada novo encanto. Os troncos prateados da densa floresta de Gurten ficaram gravados em sua memória pela singularidade de cores. Ao chegar em sua casa, ele tentava compor com as cores da floresta, misturava para encontrar o tom, mas por vezes desistia. Às vezes, rascunhava poemas, mas sem sucesso também, não conseguia guardar aquela sensação singular.

O inverno foi varrido por um vento quente de verão. O reflexo das nuvens no espelho gélido da água começava a dissipar. De vez em quando, o inverno vinha se despedir com uma chuva de neve silenciosa. A sensação de tranquilidade começava a dar espaço aos movimentos das águas de baixo da fina camada de gelo. O vento quente despertou nele o desejo de agir.

A ação provocada pela tenra sensação quente deu lugar a um anseio de sair andando rumo à primavera, cada vez mais distante de si. Ao voltar para seu quarto, um bom humor o invadiu. Sob a luz do abajur, sentou-se à mesa de estudo na confiança de alcançar os segredos do mundo. O sono o alcançou; era hora de repousar para mais um dia.

Na noite anterior, estava bem-disposto a compor novos tons e poderia fazer isso até o amanhecer se Orfeu não o tivesse abraçado. Estava ávido para trocar a noite pelo dia, mas não julgou ser uma boa rotina para seu desejo de ser um pintor. A única vantagem era faltar nas aulas de matemática.

O desejo de explorar o mundo logo se tornou realidade. Começou a fazer várias viagens, uma com seu pai e outras com suas tias, explorou

diversos lugares e conheceu muitas pessoas. No entanto, seu rendimento escolar caiu, e nas provas finais ficou na corda bamba. Como punição, não pôde participar da excursão da escola.

Todavia, para compensar, por conta própria, aventurou-se pela Ilha de St. Peter. Essa foi sua primeira viagem de estudos com o seu caderno de anotações e lápis para compor esboços de arte. Assim, dedicou-se a tentar compor com tudo que via. Na viagem, não levou nenhum livro escolar, decidiu tirar férias daquele tormento. No final, julgou que fez a escolha certa, assim, confiou na sorte e foi recompensado com uma bela surpresa: passou com quatro pontos acima da média.

O ano letivo terminara e os rumores de uma vida vindoura começava a bater à porta. Seu amor pela música tornava-se cada dia mais latente; ia sempre acompanhar um recital, perdia horas deleitando-se com os tons de ré menor do piano da orquestra. O tempo se dilatava e sempre dormia tarde, o que o fazia chegar à escola uns quinze minutos atrasado; não adiantava chegar cedo mesmo.

A música fruía por todo seu corpo, sentia as notas o movimentarem; cada tom trazia um sentimento novo, um ardor como uma brisa quente de verão. Sua emoção atingia o auge da mudança, como um novo lugar que começava a se materializar por um ruído de chuva, um desejo saudoso de uma doce lembrança de inverno.

O frio tornava seus dias contemplativos, momentos em que regressamos para o interior de nós mesmos e reconhecemos a voz do íntimo, algo como uma chuva silenciosa, ou o barulho da cozinha, os chiados das panelas no fogão de lenha, o murmúrio da rua ou o completo silêncio das ruas cheias de neve.

Algo desperta o desejo de agir e de experimentar, são as notas de um anseio de sair explorando o mundo pelo rumor do primeiro tom e da primeira palavra. Segue cada dia mais longe de si mesmo, cada dia mais distante!

Na busca por um lugar novo, experimentou criar múltiplas vozes, escreveu contos os quais destruiu todos. Além de contos, escreveu

poemas eróticos que apresentavam um certo tom de frivolidade. O fato de desprezar os resultados dessas composições era reconhecer as falhas das humanidades, pois desconfiava que estava a se estabelecer em modelos “clássicos”, sem tanta criação. “Que nutriente pode oferecer o pálido humanismo a um impulso elementar?” (Klee, 1999, p.29). Ao seguir esse rumo, ficaria à mercê da representação ou do puro idealismo e ia passar horas desenhando montanhas altíssimas, mas nunca iria encontrar as bases.

O seu desejo de criação fluía pela liberdade, exalava nele uma energia poligâmica a cada nova mudança de tom produzido pelo soprano da ópera, um novo sentimento nascia. Somente restou entoar: “Castas são estas quatro paredes”! (Klee, 1999, p.30). O Infante gritava: “Estou preso na indecisão, nessa castra que me cerca, quero fugir dessas paredes, mas quanto mais me afasto, mas se aproximam!”. Sufocado por escolhas que não eram apenas dele e por expectativas que todos os dias o assombravam, estava perdido na busca de algo que não sabia.

O Infante reflete: “Primeiro eu era criança, depois escrevi boas redações e também aprendi a fazer contas” (Klee, 1999, p.34). Logo, sua paixão por garotas aflorou, junto com o seu desejo de usar a boina da escola na nuca. Nessa derrocada para adolescência, ele se sentia um paisagista, insultava o humanismo. O espírito rebelde e a monotonia eram os reais motivos de querer deixar a escola, mas seus pais não deixaram.

No breve resumo da sua infância, fez desenhos e muitas tentativas de escrever; dedicou-se o quanto pôde na escola, mas passou arrastado nos exames finais. A vida de pintor começou com os pequenos traços vividos por horas na mesa do restaurante do seu Tio Frick, nas assombrações que o perseguiram até a hora de dormir.

A morbidez da vida e seu pretenso fim que assusta as criancinhas, assim como o ardente amor que aquece o coração e desperta o desejo. A vida-educação está entrelaçada nas emoções e sensações, algo que permanece no interior como um devir, um vir a ser no tempo que, no

percurso, nos abraça por um tom suave de um sim, que renova alma e diz que chegamos aqui por percursos anteriores os quais não nos paralisaram, mas nos colocaram no rumor da descoberta.

A infância do Infante tece uma trama muito complexa de sensações, diria que é um rizoma, um emaranhado de caminhos e fluxos que nos compõem. Nessas composições, entramos em contato com o íntimo, somos uma profusão, uma tormenta, uma tempestade, mas também somos calma, amor, cuidado e fraternidade.

Uma união de encontros em tons de percurso, uma viagem que abre mapas ao nosso desejo e nos permite fruir e conhecer novas rotas partilhadas nos encontros. O tom dos encontros são doces melodias de criação, não há julgamentos ou formas estipuladas de como se implementar. A inocência toca o coração, onde tudo é possível, mas só pode se tornar realidade se a alma jovial da infância permanecer no âmago.

A juventude e a leveza, o aceite do sim, o caminho e a descoberta. O infante estava livre para abraçar o mundo sem se ater as razões. A criança permanece, eis aqui a apreender o mundo em liberdade, juntando divergências, a fim de criar insurgências; esse se faz o seu modo de operação. Uma criação que não o enquadra em um limite, nem o coloque em caixas, e se por acaso queiram colocá-lo em algum lugar, que seja em movimento. O Infante se move livre como o vento e se aventura por terras estrangeiras com o olhar sempre para o por vir que o espreita.

O olhar do artista avança no tempo, não está fadado ao conformismo, pois compõe o presente como um vidente, avançando signos ou até mesmo um hieróglifo, uma língua estrangeira, algo para ser experimentado, não em busca de um sentido ou interpretação, mas no deleite de uma sensação e um afeto. O olhar sensível do pintor ao mundo e ao por vir pelo qual expressa pela arte uma dor, uma mazela social, uma sensação de repulsa, mas também bons encontros.

A arte menor, em sua imanência política, escancara as mazelas, o horror, o capital, a desigualdade e entre outras violências desse mundo e do próximo. Em linhas finais, tecemos um fluxo de descoberta no qual a criação vaza pela imaginação coletiva do pintor e do mundo que o cerca; todavia, nunca almejamos um ponto final, ou um último lance de pincel.

A arte menor está aberta, “escancarada”, para além do autor e para além de ti, espectador, estão imbricados na linha da vida-educação, que mesmo que a relação se estabeleça pelo afeto, poderão se negar ou contradizer, todavia não precisam aceitar tudo de bom grado. Mas ao final, precisamos reconhecer o que os une, para que se possa agenciar coletivamente uma nova revolução, onde os gritos de renovação criem ecos a um novo mundo. Um mundo cheio de um povo que deseja, que ama e que vive o afeto entre biografemas, que anunciam muitos outros mundos dentro de nós.

O Natal Com Meu Anjo



O Natal para muitos, ou para poucos também, remete ao frio e a neve, mas onde moro é bem mais próximo do inferno, só pode, pois o calor estar sempre presente. O espírito natalino já estaria queimado de sol. Os fantasmas do Natal passado, já teriam virado visagem, ou a Matinta Pereira teria colocado eles em seus devidos lugares, bem como a Anhangá. A Iara e o boto já teriam até afogado eles, ou levado para se refrescar nas águas frias dos igarapés.





A alegria de estarmos juntos aquecia meu coração. As horas transcorriam e os preparativos começavam a ser montados.

O aroma de peru inebriava o ambiente, as bebidas eram separadas para ir à geladeira, quanto mais o tempo passava mais parentes chegavam. A casa ia ganhando vida, os barulhos se intensificavam, as pessoas andavam de um lado para o outro. A casa respirava um clima de festa. Até a árvore de Natal empoeirada era tirada da sua solidão, eu e meus primos adorávamos montá-la.

A festa de Natal ocorria todo ano na casa da minha avó no interior. Eu não demorava muito para me deslocar, queria chegar cedo para brincar com os meus primos, sabe? Aqueles primos que só vemos uma vez no ano, poderíamos chamar de primos natalinos. Assim que chegava, minha avó vinha me abraçar bem na porta, o seu abraço era reconfortante, era como se todas as dores do mundo fossem sanadas por um instante.





O meu avô tinha o mesmo carinho, ao chegar na sua casa me levava para pescar, ficávamos horas nessa atividade, nesse meio tempo me contava histórias das suas andanças, uma vez me contou que mergulhava hora a fio em busca de pérolas, era capaz de ficar submerso por diversos minutos, as pessoas ficavam incrédulas com a quantidade de tempo que passava de baixo d'água.

A atividade de pescaria era hilária para mim, eu tinha dó das minhocas, eu não conseguia espetá-las no anzol, era crueldade demais, quando não tinha minhocas os camarões eram as vítimas, confesso que não era boa de perceber quando os peixes mordiam as iscas, o meu avô já percebia as movimentações dos peixes na água antes mesmo deles morderem o anzol.





Quando retornávamos, cheios de peixes, ou sem nenhum. Os afagos continuavam, ele me fazia dormir contando os percursos da sua vida, a sua voz calma, ia aos poucos me adormecendo, juntamente com o barulho da rede e seu movimento de balanço, quando despertava logo lançava um sorriso enorme na minha direção, me colocava em seu colo e me fazia rir, brincava comigo, era só diversão.

As brincadeiras, agora ganhavam a companhia dos meus primos, toda a diversão era guiada pela nossa imaginação, bobas e tenras, quando vimos que a hora avançava fomos tomar banho no rio. As brincadeiras nos acompanhavam. Nessa ocasião brincamos de pira-pegas nas águas, eu nadava bem pelo fundo para boiar bem longe de todo mundo. A onde boiei tinha um casco afundado próximo a mim, ele estava virado de cabeça para baixo, um bolsão de ar se formava no seu centro, me escondi lá, ninguém me achou. Depois do pira-pegas, ficamos pulando da ponte, competindo para ver quem ficava mais tempo submerso debaixo da água, eu sempre perdia, nadamos muito, jogávamos conversa fora, nos escondíamos do sol.





As horas de brincadeiras passavam tão rápidas que nem me dava conta.

A noite começava a dar seus primeiros sinais, as luzes das casas vizinhas começavam a se acender, o barulho do motor quebrava o silêncio da noite e os piscas-piscas sinalizavam que era hora de sair da água para se arrumar. A mamãe prendia meu cabelo, se não tivesse me arrumando, pensaria que ela estava tentando arrancá-los. A roupa que separou era estilo de ir para a missa, a mais nova que tinha.

O barulho era generalizado, gritos para lá, gritos para cá. Havia uma multidão de pessoas que transitavam. O barulho de música era alto. Os choros das crianças me faziam repensar se um dia irei querer botar alguém no mundo.

Terminei de me arrumar e fui ajudar na cozinha, me deram a função de arrumar a mesa, segui arrumando a mesa com certa parcimônia, prato a prato refletia sobre minha vida, perdida nos meus pensamentos.





Era difícil negar a presença do aroma do peru que já está mais de oito horas no forno. A meia noite parecia tão distante, mas a minha fome estava bem presente, de vez em quando roubava alguma coisa da mesa, torcia para que ninguém percebesse. Meus tios já tinham começado os trabalhos com as bebidas, não arrumando-as, e sim as consumindo. A altura que conversavam já dava para ouvir do outro lado do rio. Minhas tias se dividiam entre as bebidas e os afazeres da cozinha, havia sempre alguma coisa que ficava para a última hora.

Ouvíamos fogos! Já é meia noite? Eu pensava: Fogos?! O pessoal pensa que é réveillon? A família, então, se preparava para começar a servir a ceia. As minhas tias terminavam de se arrumar, meus tios pausam a música, e começam a se agrupar perto da mesa. No centro da mesa já estava minha avó sentada, seu semblante era de saudosismo, esperando pacientemente para a hora da foto.





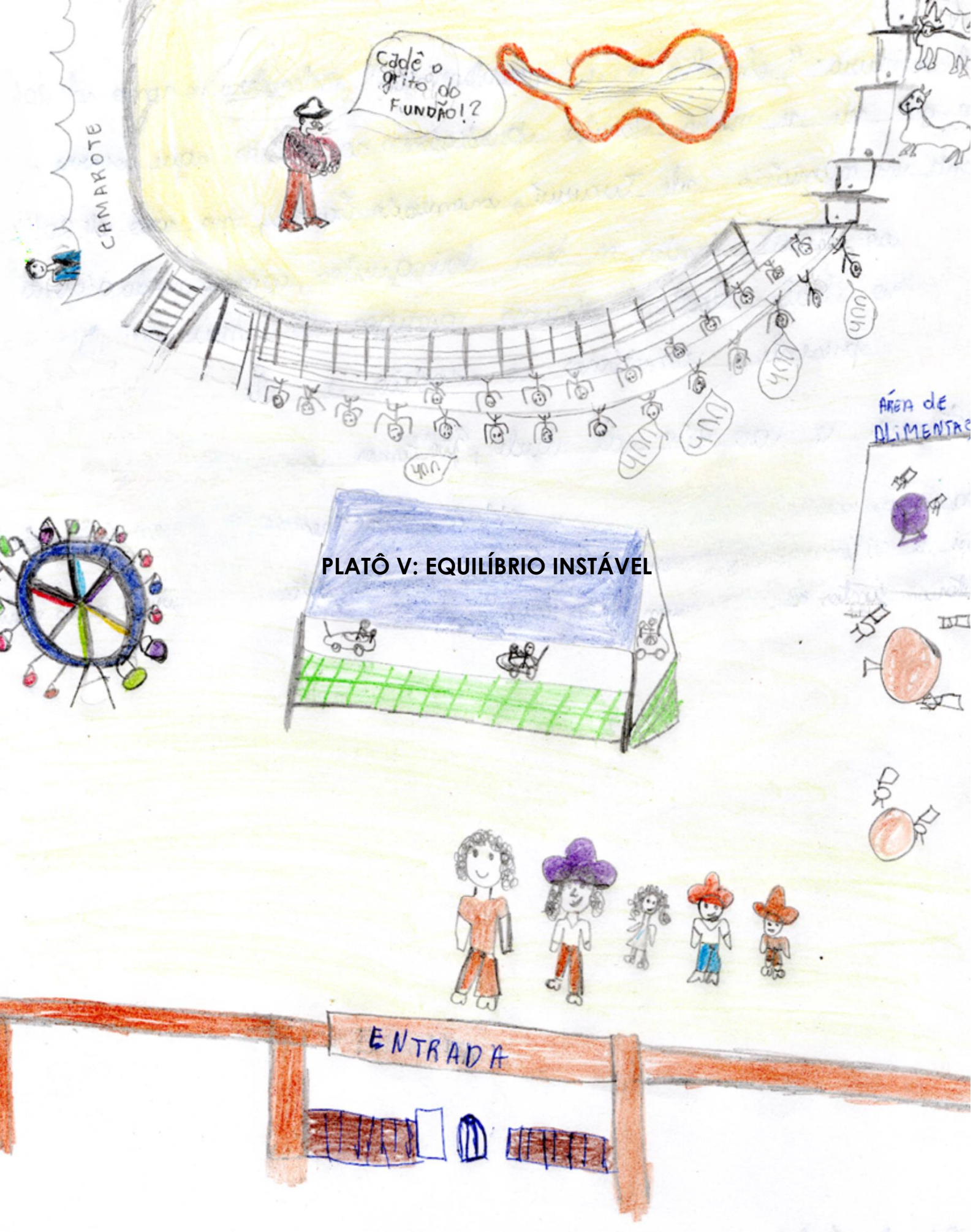
As pessoas um a uma se aproximavam timidamente da mesa, e logo se encostavam na parede de madeira, umas arrumavam o cabelo - não podiam sair desarrumados na foto - , meu tio tirou um pente bem pequeno do bolso e um espelho bem pequenininho para pentear o bigode. Todos estávamos reunidos e prontos. Era a hora da foto. Nessa hora me perdi olhando para o céu através da janela.

Ao olhar para o céu, à meia noite, lembrava com saudosismo do meu avô, que poderia estar aqui para essa foto, mas ele se foi a mais de um ano, no fundo sei que ele se encontra aqui comigo, me abraça e emana seu amor. Ele é minha estrela, meu anjo no céu que estará a brilhar para sempre em meu coração.

Fim

*Palhaço
Elétrico*





PLATÔ V: EQUILÍBRIO INSTÁVEL

A QUEDA

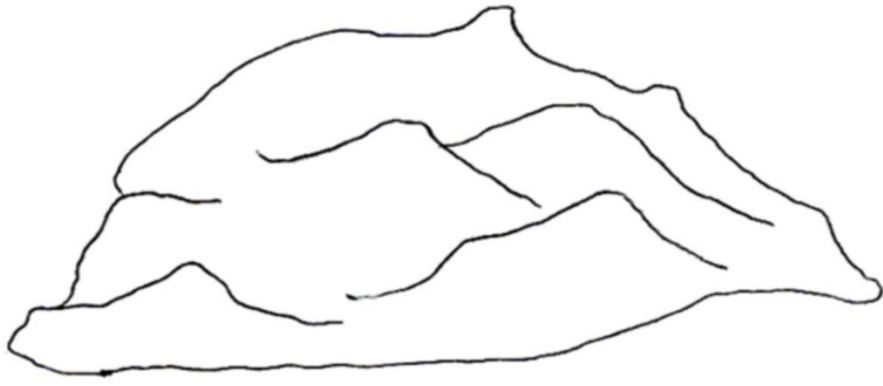
Às vezes, me perco nem saber o que fazer
A vida parece uma batalha constante



O cansaço me consome, difícil compreender
E a vida tira meu ar, cada dia mais notocante

Há dias em que o desejo de fugir me quebra
E me vejo em uma vontade de fugir
Me Vejo Em Uma

QUEDA

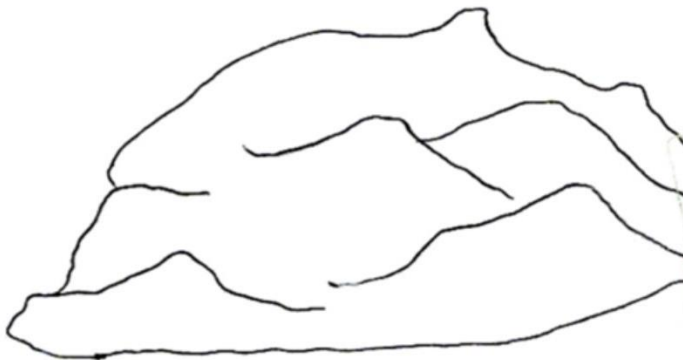
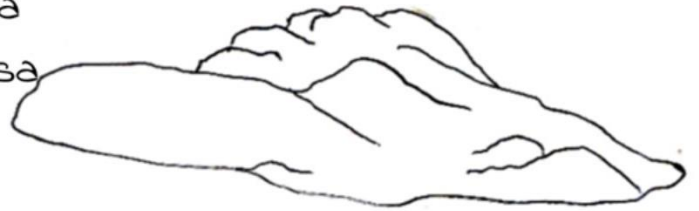


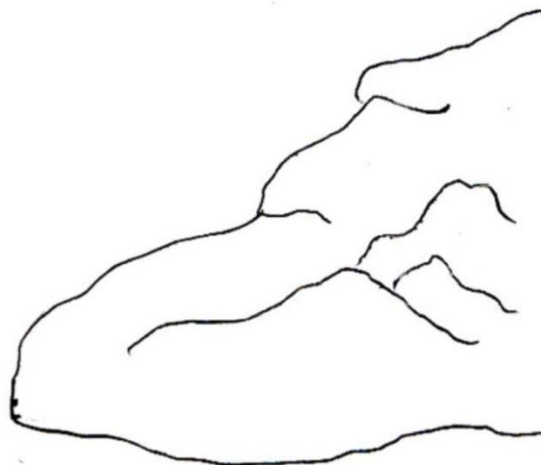
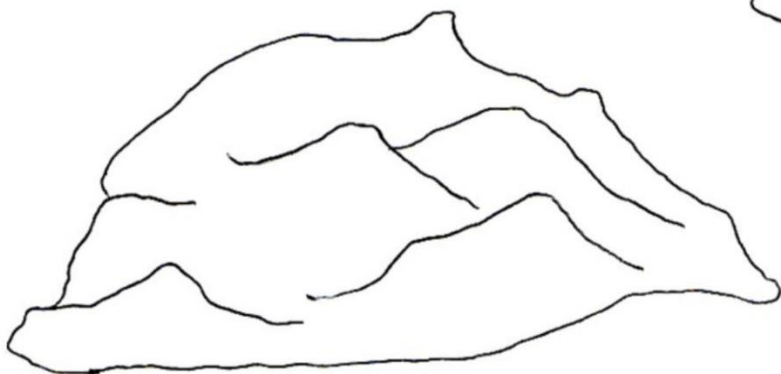
Às vezes me perco sem saber o que fazer.
Meus pensamentos voam longe
Parecem ter vida própria.



Me perco no barulho da minha mente,
Parece que estou sempre perdendo uma batalha
Sons,
Ruídos,
Pensamentos,
Cobranças,
Cansaço...

O cansaço me consome,
Difícil compreender o caos que há em mim.
Estou cansado de nadar contra a maré.
Estou cansado de viver o agora
O peso das escolhas me paralisa





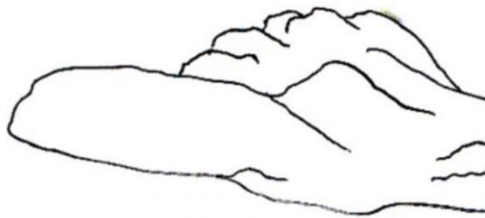
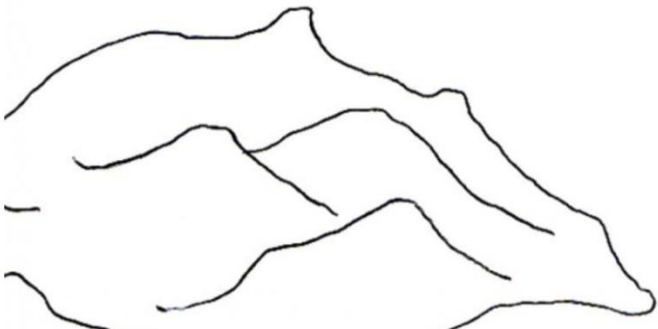
A vida tira meu ar, cada dia está
mais sufocante.
O ar está rarefeito?
Subi a montanha?

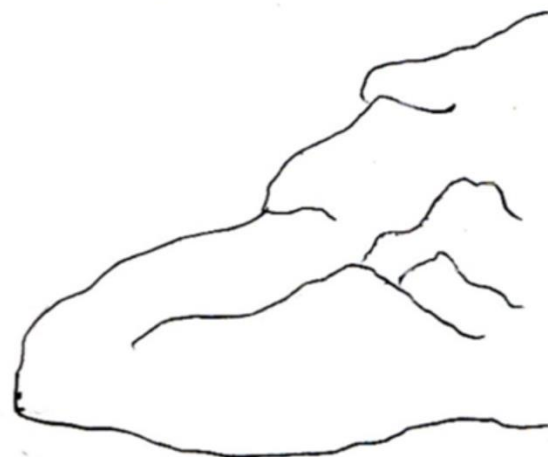
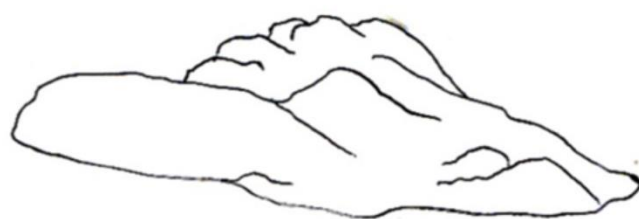
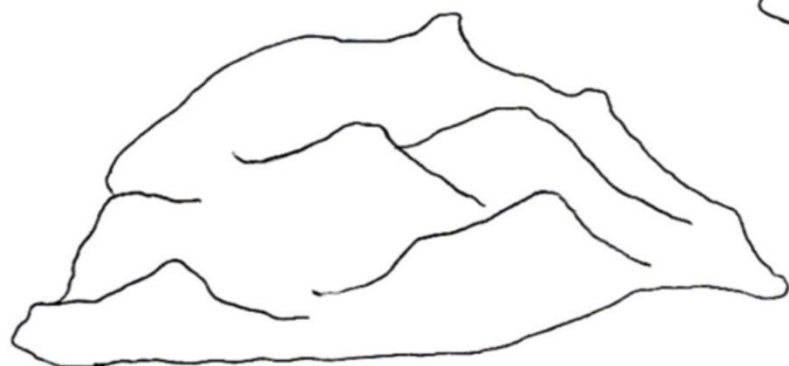
Estou cansado de ver a gélida e pálida realidade,
Parece que a vida se tornou um fantasma,
Ela me assombra.



A minha imaginação começa a ver o gelo da montanha se desfazer
As flores perfuram o solo parcialmente congelado para desabrochar
múltiplos aromas, cores, texturas. Os campos de flores coloridas
anunciam mudanças.

Será que a primavera que me habita poderá vir à superfície?
Os sons dos pássaros são meu refúgio.
Há dias em que o desejo de fugir me invade, me quebra.
Quebrado sigo





Meu coração está rachado,
mas os pedaços bons
guardo como recordação.

Estou a cair em um profundo vazio.
Socorro! Socorro! Alguém consegue me escutar?
Minha voz está baixa, não tenho mais forças
para gritar.



Conseguiu enxergar o vazio em meus olhos?
Diga que sim, e venha me socorrer.
Limpe minha alma, tire as vendas
que estão a me cegar.

Não quero chegar ao "fim",
Quero fazer fugir o medo que vive em mim,
Quero cair
em queda livre e criar asas para voar,
e poder sobrevoar o mundo que me habita.



Queda

Estou a cair em um profundo **vazio**.

Socorro socorro, alguém consegue me escutar?

Minha voz está tão baixa, não tenho forças para gritar.

Consegue enxergar o **vazio** em meus **olhos**?

Diga que sim, e venha me **socorrer**.

Limpe minha **alma**, tire as vendas que

me estão a me **cegar**.

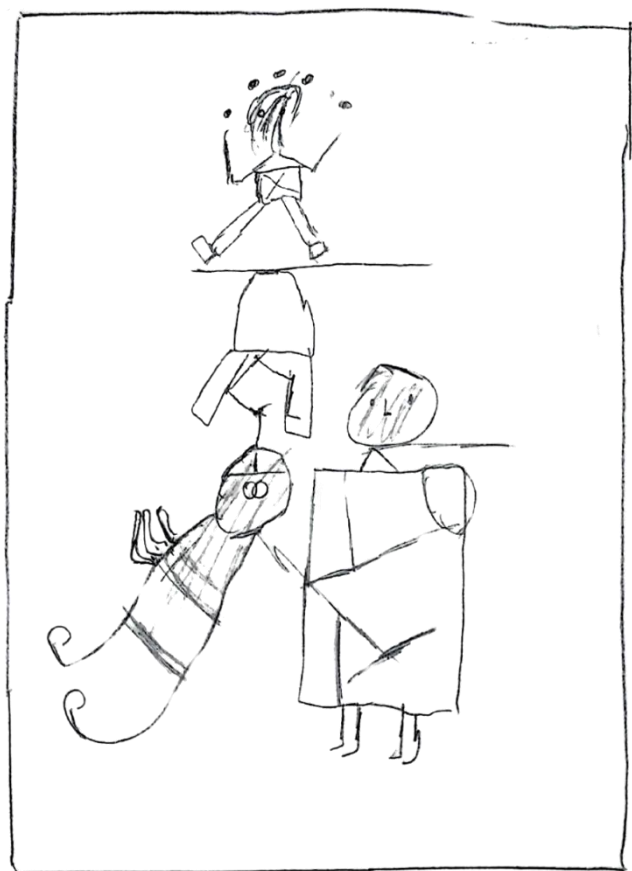
Não quero ir para o **fim**, mas ao mesmo tempo

não quero viver assim.



Queda, 1933

EQUILIBRISTA



O picadeiro do circo parecia enorme para o menino que se equilibrava na corda bamba.

O instrutor colocou a corda bem próxima do chão.

A perna do menino tremia de medo, mesmo próximo do chão o medo era o mesmo.

O menino sonhava em um dia poder andar na corda sem medo. O menino se questionava: - Como perder o medo de cair no vazio?

Em busca de equilíbrio, andou na corda bamba...

Caiu a primeira vez...

Caiu a segunda vez...

A terceira vez foi mais promissora, chegou à metade.

As quedas faziam parte do processo; sem elas, como saberia que o equilíbrio vem com a experimentação e com o tempo?

Cair implicava medo, mas em seu íntimo desconfiava que o medo nunca iria desaparecer e seria preciso aprender a conviver com ele.

A cada treino, um pouco mais de confiança; a cada novo avanço, um pouco mais longe do chão.

O menino evoluiu com o tempo, conseguiu fazer piruetas, o equilíbrio de um corpo que reage ao movimento.

O medo que o afligia deu lugar à coragem, podia agora se lançar sem medo de falhar.

E mesmo se falhasse, sua tentativa era logo acolhida pela rede de proteção que ficava abaixo.

O pequeno Equilibrista refletiu que ter medo não o levava a lugar nenhum, e mesmo que as quedas viessem, teria sempre pessoas para lhe apoiar.

Ao conviver com o medo, a vida no circo o ajudava a superar; havia bons encontros e pessoas com paciência para ensinar. Ele sabia que levaria tempo para aprender a cair, nesse meio muitas viagens iriam surgir.

A aventura chegou, rumou assim por entre viagens e pousos. Nessas suas andanças, encontrou uma menina que olhava curiosa pela janela. O pequeno Equilibrista começou a conversar com ela, e dessa escuta o *jantar fantasioso* surgiu.

O Equilibrista sentiu cada palavra, nas entrelinhas, o peso das ações o atingiu com muita potência, poderia dizer que o gosto da tapioca molhada era presente em seu paladar.

Desta forma, esse bloco de infância despertou nele uma sensação compartilhada, pelo qual podia afirmar que esse biografema também falava dele. Poderia até acrescentar o pirulito de calda de açúcar, maracujá e erva-doce, ou as tardes de domingo em que ia à praia para aprender a nadar com sua tia, ou o bolo de milho da sua avó.

O jantar fantasioso tecia travessias a sua vida, as sensações de uma vida cotidiana geradas em seu corpo, fruíam uma memória involuntária de um tempo perdido. A menina imaginava querer outra vida, mas

dentro da sua vida há muitos rumos diferentes. O ressentimento não é o desejo de permanecer no passado; há que desejar outra vida, mas vivida na fabulação de novos rumos possíveis.

A vida vaza pela doce narrativa, comove e enlaça nos ecos das nossas vivências de infâncias. Torna-se muito fácil voltar ao tempo em que éramos crianças e viver as mesmas sensações da menina do jantar fantasioso, mesmo que não com a mesma intensidade e rigor. Alguma mágoa ainda resiste, pois somos feitos de acontecimentos.

Ao passo que o acontecimento grava um rancor, uma discussão, um desejo de mudança, essa força guarda também um tenro sorriso, uma sensação gostosa de um pôr do sol, um nascer do sol e despertar da lua. Não há como viver feliz para sempre, talvez essa ideia de felicidade que o pequeno Equilibrista aprendera.

Talvez o desejo de uma nova vida, ou de uma vida outra, não esteja vinculada ao desejo de morte, mas sim a traços de mudança. Entretanto, para que isso se torne um possível, podemos inventariar os modos de imaginar e viver. Quando se acredita que a assertiva final do biografema pode ser um convite a pensar um outro modelo de vida que não seja idealizado por uma vivência binária, torna-se muito difícil compreender que as relações são diferentes e que essa diferença também se manifesta como uma felicidade possível.

A menina *videncia* uma questão importante e cara à educação, pois os encontros alegres e tristes nos compõem. Somos feitos de linhas molares e moleculares, de linha de vida e morte, linha de pipa e linha de costura... Não há como superar esses acontecimentos; resta-nos avançar no tempo e criar novas linhas, mesmo que tenhamos que brigar com as *Parcas*, ou melhor, com o destino.

A vida se manifesta pelo desejo de experimentar novos caminhos no murmúrio de uma vida livre, mesmo que, em vários momentos, sejamos impelidos pelas dores que nos compõem.

O ensinar, nesse sentido, deveria compor sentidos aliados à vida para que se possa vislumbrar uma educação acolhedora às vozes mais

íntimas dos alunos, não apenas engessar essa atividade em um currículo, mas permitir vazar na escola sentidos profundos, corroborados por uma infância que se alia à criação e fruição de vida outra. Os sentidos expressos pelo jantar fantasioso talvez não surgissem tão facilmente em uma atividade comum de sala de aula.

A arte, assim como a literatura, consegue alcançar zonas profundas nos alunos, ao traduzir sentidos os quais eles ainda não conseguem expressar ou reconhecer. Através da arte, torna-se mais fácil exprimir o inexprimível, ao modo de Klee, tornar o invisível, visível.

O Equilibrista, corrobora com essa visão, cai agora, uma queda o puxa para baixo, uma queda que o arremessa no mais profundo abismo, do qual ele tem que escalar das profundezas à superfície. Ele também passou pelas mesmas questões, se sentia pressionado a não cair no picadeiro, às vezes, sentia que seus pensamentos também tinham vida própria, os sons e ruídos da audiência tornavam tudo mais real e cansativo.

O cansaço o acompanhava todos os dias, desde os treinos até a hora da apresentação. Geralmente, sentia o peso da cobrança; havia momentos que o ar faltava, era a ansiedade diante da possibilidade de cair no vazio e de que a segurança desaparecesse.

O medo assombrou muito o pequeno Equilibrista; entretanto, mesmo que esse fantasma o viesse paralisar no momento inicial, seu desejo o fez transformar esse temor em uma potência de agir, e ele se lançou em movimento.

O pequeno Equilibrista caiu; seu coração estava quebrado. Ele olhava para a “*queda*” e, nesse momento, ao cair, refletia: As pessoas estão abertas a compreender minha falha? Os meus desejos de permanecer aprendiz precisam ser silenciados? Alguém vai me socorrer quando cair? Ou só estarão para celebrar minha desgraça? Alguém consegue me compreender olhando nos olhos? Será que as pessoas estão dispostas a ouvir?

O Equilibrista ainda afirmava: Estou cansado, limpe minha alma, me renove. Seque meus olhos; as lágrimas não são de desespero, mas sim de liberdade. Me abraçe, me console, diga que consegue me ver do jeito que sou.

Agora ele conseguia ver tudo; as vendas foram arrancadas, e a escuridão ganha novas intensidades que o compõem, tornando-se sua amiga. A partir da escuridão, compõe luz, um brilho que nasce a cada singularidade, um tom de terra, um desabrochar de uma flor, o verde das águas. A luz abraça a escuridão, não se contrapõe; elas se misturam, nascendo desse desejo compartilhado sensações e encontros.

O Equilibrista diz: Estou caindo, livre de tudo, aproveito assim a descida; avançar nem sempre é para frente ou para cima, cair também ensina resiliência, ou até se espriar é uma possibilidade. Às vezes, me pego pensando, quantas vozes falam ao mesmo tempo na minha cabeça. Não sou triste, tenho tristeza dentro de mim; é diferente. As dores que me compõem, me formam, são parte de mim.

O Equilibrista continua: Caindo... *“Estou a cair em um profundo vazio”*¹⁶, a escuridão se tornou minha amiga, estou enlaçado, me entregando cada dia mais, *“minha voz está baixa, não tenho mais forças para gritar”*. Aceitei que cair se faz necessário, uma necessidade para o crescimento. O Equilibrista entendia que para criar coragem era preciso aceitar as falhas e continuar a falhar.

“Às vezes me perco sem saber o que fazer”, reverbera o Equilibrista: A vida é um caminho difícil há muitas lutas para travar, as batalhas são diferentes, cada um conhece sua dor e sua possibilidade. O cansaço consome o pequeno Equilibrista, no vazio que caiu, esqueceu a dor, a fome, seu corpo físico se misturou com a escuridão, não sente nada. O vento passa pelo seu corpo e lhe atravessa, assim, entoa: Sou travessia, mudança e liberdade. Há dias em que quero fugir, esse desejo me

¹⁶ Os fragmentos, em itálico e dentro de aspas, foram retirados dos biografemas anteriores distribuídos ao longo do trabalho.

quebra. Fugir da realidade, seguir no éter, no além... Além do corpo, do mundo, da sociedade, de mim e dos outros.

O Equilibrista se sente além das forças que o movem; tem apenas força de repulsão. Não deseja se aliar à imobilidade; quer fluir, quer vazar, sair do seu estado sólido e se liquefazer, ser água para perfurar montanhas e forjar abismos. A sua força está em reconhecer sua mutação e acolher seu desejo de mudança.

O pequeno Equilibrista está cansado dessa fria e pálida realidade. No seu ímpeto de infância, gostaria de colorir os corações mais apáticos e, se pudesse, carregaria toda a dor do mundo. Ao se sentir vivo, reconhece a própria dor como propulsora de criação. Assim, abraça a própria dor e aprende a conviver com ela, mesmo que o assombre.

Desta forma, o Equilibrista se questiona: Como fazer isso funcionar? Como tirar os fantasmas da minha cola? O caminho mais tortuoso se apresenta como uma resposta possível? Já que não há fórmula mágica, nem linha reta; só nos resta fabular novas rotas de fuga.

Fugir? Quero – dizia o Equilibrista. A vontade que o prende, já se foi faz tempo; jaz sua vontade de permanecer e de fazer as coisas ficarem. Ele está aberto à mudança, pois caminha além do ressentimento.

Sente-se livre do peso de pertencer a este lugar; os territórios que ele se estabelece são lugares de passagem. Por essência, é um biografólogo, já que desenha rotas ainda desconhecidas para muitas escrituras de vida. Essa aventura não tem uma forma definida, segue à vontade criando rotas, desvios e perfurando buracos.

Segue sempre se questionando e, se cruzar esses caminhos: Quais aventuras irei encontrar? Mesmo sem saber como prever, estou aberto a experimentar. A vida no circo acontece, assim livre de um lugar ou morada; tudo é transitório e duradouro ao mesmo tempo, pois cada espetáculo se faz singular e afeta diferentes pessoas.

Na fabulação de outros territórios, ele vaga por campos floridos de primavera. Neles, o pequeno se inebriava pelo odor que perfumava seu arredor, sentia as pétalas macias encostarem nos seus dedos. Decidiu,

então, se jogar no meio das flores, queria permanecer naquele alento. Olhava para o céu azul, cheio de nuvens. Entre as nuvens, avistou um anjo. As formas das nuvens dançavam no horizonte, e o pequeno Equilibrista podia jurar de pés juntos que via um anjo em queda.

A queda do anjo aguçou a curiosidade do menino, que se levantou e foi procurar o lugar da queda. Assim, pensava: se até os anjos caem, por que devo ter medo de cair? A curiosidade do menino se pautava como o anjo caiu. Ele não tem asas? Ou as quebrou entre as nuvens? O lugar onde o anjo caíra abriu uma cratera. Até o ar parecia ter pouco oxigênio, ainda dava para sentir o calor da queda, e o anjo repousava no meio de tudo.

O pequeno Equilibrista não queria incomodar. Olhou para o rosto do anjo, que parecia estar sereno e calmo. Quando ia embora, o anjo pediu ao menino que ficasse. Então, o menino se sentou ao lado da cratera. Não tinha pressa, pois o anjo ainda estava abalado pela queda. Aos poucos, o anjo foi se recompondo e, lentamente, se sentou ao lado do menino. Meio sem jeito, o menino murmurou: Está tudo bem? O anjo assentiu com a cabeça.

O silêncio perdurou por um bom tempo. Cair do céu era um ato violento, mas a curiosidade do menino era saber como um anjo poderia cair. Mesmo com sua curiosidade, ele continuava esperando o anjo se recuperar.

Um bom tempo se passou. O anjo parecia melhor e levantou-se com certa dificuldade. Para surpresa do menino, o anjo falava a língua dos homens e perguntou ao Equilibrista: Onde estou? O menino respondeu que estava na terra, uma resposta bem acertada para quem vinha do céu. Depois da resposta, o anjo olhou para ao seu redor contemplativo, observou que as flores tinham um tom mais vibrante agora que estava admirando mais de perto. O barulho da água parecia poesia ao seguir o seu movimento constante de renovação.

O anjo queria explorar e conhecer mais a fundo os pormenores dessa vida terrena. Convidou o menino a se aventurar no campo, e

ambos seguiram ao acaso, criando rotas pelo seu desejo de aventura. Viram diversas vidas no caminho. O anjo ficou intrigado com a força e organização das formigas, e com a mesma organização e servidão das abelhas. A brisa naquele instante era inconstante, na mesma proporção que era afável e, em outros momentos era forte.

A natureza era um ciclo disposto à mudança, isso encantava o anjo e o Equilibrista. Ambos aprendiam, na exploração do mundo à sua volta, muitas lições. Uma novidade a toda hora, mas a liberdade vivenciada não tinha preço. A prisão da servidão era cara para quem vivia no céu. Estar na terra e poder viver tudo tão próximo de si era algo inestimável.

A jornada de exploração cessa por um momento. O menino toma coragem e pergunta: Qual o motivo da sua queda? O anjo, meio ruborizado, responde: Sou um libertador. Meu ímpeto de liberdade me mostrou uma dura lição, que para lutar contra a hegemonia, é preciso renunciar todo o conformismo e a razão, mesmo que o preço seja ser expulso do paraíso.

O anjo continuava: Sigo quebrado, mesmo com meu coração rachado. A minha luta não terminará na queda, pois guardo no meu coração os bons pedaços como recordação. Não apenas como recordação, mas como um motor propulsor de mudanças. Estou disposto a abandonar as minhas certezas e me pôr em queda livre.

A queda cria uma possibilidade de uma sobrevida e uma nova visão de mundo. O anjo caído reflete que nunca tinha visto o mundo dessa forma: as montanhas se invertem, os rios parecem ir contra correnteza, as árvores parecem mais pontudas, as pessoas parecem de cabeça para baixo. O fluxo sanguíneo em sua cabeça lateja como pulsão de vida. Pode cair muitas vezes ainda, e cada queda será diferente. Entretanto, seu desejo vai permanecer, mesmo que doa, mesmo que grite pelas suas chagas. Se recompõe como uma fênix renascida das cinzas, eis o que se torna.

O Equilibrista se encanta pela obstinação do anjo em cumprir seu objetivo. A queda continua... O anjo é arremessado dessa superfície às profundezas. Antes da partida, resmunga: *“Limpe minha alma, tire as vendas que estão a me cegar”*. Eis-me aqui, vendo o mundo não mais pela tola luz da razão, mas sim das profundezas da minha alma. *“Conseguiu enxergar o vazio em meus olhos?”* Conseguiu penetrar no meu íntimo? Eu sou a queda e a liberdade. Se veres por mim, nada poderá te cegar. Estou aqui, disposto a não ter fim.

O anjo continua: Se escolher viver em mim, eis-me aqui, lhe dando asas para voar. Verás que o medo que vive em ti vai começar a cair e rumar para outro lugar. A queda do anjo o faz ver agora que a superfície se constitui cheia de vida e singularidade; porém, pertencer os abismos das profundezas também despertam sentidos e fabulações.

O Equilibrista se dispõe a cair; agora tem asas para voar. Voa livre pelas marés, remansos, árvores, gapós, aningaís, ilhas, mangues e furos. Sua liberdade o faz alçar voos livres do ressentimento e compor melodias no vislumbre de novos caminhos, voos dançantes nos pousos e descobertas.

O Equilibrista aprende que a liberdade deve ser conquistada e que o desejo não pode ser apaziguado. Em oposição, segue disposto a lutar, pois mesmo que a queda ocorra, sempre será possível cair e levantar novamente. A punição não pode impossibilitar o corpo de agir; o que importa é o que se constrói em movimento, pois o movimento tensiona novos limites.

No voo, o pequeno Equilibrista avista a lara tomando banho no rio, o boto boiando perto dos paredões, e a Matinta Pereira resmungando algo. O menino se encanta com a vida amazônica. Nessa ocasião, era Natal, e as famílias estavam reunidas. As brincadeiras nas águas eram o que entretinha as “criançadas”, que pulavam sem medo da ponte, aos gritos, iam fazendo as brincadeiras acontecerem.

O menino decidiu pousar e explorar. Como uma visagem espreitava de longe, observava a árvore de Natal empoeirada ganhar

vida e os abraços afáveis da avó, que aguardava o ano todo por esse momento festivo.

Os momentos de brincadeiras da doce menina de “O Natal com meu anjo” são vividos através de um biografema que dilata o tempo cronológico, colocando o Equilibrista imerso no rumor das travessias de pontes, mergulhos, dos cascos virados, bem como na tranquilidade do balançar na rede e na espera pelo sono, e ao acordar, receber um abraço caloroso. As horas de histórias na pescaria e as lições de uma vida profícua e campesina. A menina ensina ao Equilibrista a valorização dos pormenores, e sobretudo, a expressão do afeto, contido nas memórias que transbordam o saudosismo e (co)move por um amor fraternal.

A menina coloca Klee para se balançar na rede, através desse encontro, sua obra experimenta sentidos amazônicos. No singelo traço de infância do pintor, o conto se enreda nas dobras de sua obra “Árvore de Natal com anjo e trem de brinquedo”. As linhas de vida se cruzam e criam uma tessitura única, uma zona de vizinhança que coloca Klee para pular da ponte e viver as aventuras de uma infância amazônica.

O biografema traduz algo contido na obra de Klee que o pequeno Equilibrista não pôde prever, apenas habitar essa memória involuntária e acrescentar nela uma sobrevida à liberdade pela imaginação, sentidos que nem Klee previra, mas que agora nascem desse encontro por transgressão.

O aroma do peru, quitutes da mesa, a roupa da missa, a gritaria, quem sabe não tinha maniçoba preta de uma semana, vatapá era de lei ou arroz com galinha... A fome do pequeno Equilibrista só aumentava!

Na emblemática hora da foto, ele tentou acompanhar a multidão. Eram muitas pessoas tentando se agrupar em uma mesa pequena. Os mais envergonhados enrolavam, tentando fugir da foto a qualquer custo, enquanto os mais desinibidos terminavam de se arrumar e convocavam os demais.

O céu estava tão bonito, as estrelas brilhavam no azul escuro da noite. Sem muitas nuvens, a água refletia o brilho da lua. O silêncio

começava a invadir aquele local. No rosto da menina, um sentimento de amor único emergia; talvez sentisse falta de alguém. Seu rosto logo ganhou um largo sorriso; a dispersão se tornou seu alento, a espera se tornou certeza. Ela acreditava que a pessoa da sua lembrança estava ao seu lado.

A menina encontrou seu anjo no céu, uma estrela que a sorri todos os dias. O encanto da noite de Natal provoca essas sensações, nada de neve ou papai Noel. A magia dessa noite residia na memória involuntária da menina, ao relembrar os saberes que aprendeu com seu avô.

O choro veio, a recordação invadiu o presente, como se nada daquilo tivesse se tornado passado. A morte do avô permanece viva nas memórias de sua neta, e dentre muitos ensinamentos, o afeto era o maior deles. O pequeno Equilibrista sentiu cada palavra e partilhou em empatia a saudade da menina.

O tempo de diversão foi a sensação mais valiosa para o Equilibrista. Fazia tempo que não tomava banho no rio, nem se divertia com os seus primos. A vida de circo era corrida, ainda tinha muitas viagens, e pouco tempo sobrava para diversão. Já era hora de partir novamente.

Nessa doce lembrança, o Equilibrista viaja de um dia de Natal a uma recordação escolar. Ao conhecer Ariel, encanta-se com seu jeito pacífico de falar e viver; nada o incomodava, vivia em sua dispersão. Isso os aproximou, amava a digressão. Além da dispersão, o medo os uniu. Ariel tinha medo de muitas coisas, principalmente dos cachorros que seu irmão o arremessava contra. Os animais eram um dos seus muitos temores, mas a escola o assustava mais.

O Equilibrista, por ter uma vida circense, nunca permanecia no mesmo lugar por muito tempo, e suas relações não podiam ser duradoras. Quando começava a fazer amigos, já era hora de partir, mas ele gostava de colecionar biografemas, e o Ariel o fascinara.

Ariel viveu sob as intemperes de um resquício de ditadura que o obrigava a submeter-se a uma atividade repugnante em prol de uma ordem e bons costumes. O choro era única forma conhecida de reagir e

expressar sua insatisfação, e era o que mais fazia. Os outros o afastavam por não compreenderem sua fragilidade. Em meio ao choro, conheceu um amigo, e essa amizade seguiu para a vida toda. A amizade nascida na dor perdura, haja vista que eles reconhecem na dor uma forma potente de unir semelhantes.

O biografema de Ariel faz o Equilibrista reconhecer como os padrões afetam a forma de viver e sentir a escola: para os meninos, apenas bolas; para as meninas, bambolês. A inversão desses fatores gerava comentários e chateações.

Ariel sabia bem que a proximidade com as meninas o deixaria mais vulnerável aos adjetivos pejorativos, mas não tinha escolha; as meninas eram um pouco melhores do que os meninos. O Equilibrista não entendia isso; no circo, as coisas eram mais livres, sem um limite definido do que não podia ser feito, embora, de vez em quando, esbarrasse em algum limite.

A vida no circo envolvia certa proximidade com a maquiagem; por exemplo, o palhaço sempre se maquiava e ninguém dizia nada. As roupas eram sempre apertadas e coloridas, e ninguém dizia nada. Os próprios bambolês faziam parte de muitas apresentações no circo.

Talvez a forma de operar fosse realmente não se importar com o que os outros diziam; em algum momento, aquilo deixaria de ser uma questão, pelo menos não para o Equilibrista.

A escola continuava a apresentar desafios para Ariel. Esses desafios o isolavam cada vez mais, afastando-o do que imaginava ser agradável. Suas tentativas de encontrar pessoas semelhantes eram frustradas, pois as pessoas se apagavam para viver naquela dura realidade. Por muito tempo ele se questionava se estava fazendo algo errado, pois estava apenas sendo ele mesmo.

Ariel não entendia o porquê as pessoas o julgavam por atitudes tão rotineiras; não gostava de jogar bola, nunca gostou. Preferia jogar queimada ou, simplesmente, ficar observando as meninas brincarem, já que sua professora não o deixava brincar com elas. No entanto, havia

sobrevida nesse deserto; a diferença também une, foi o que ele descobriu.

A procura de conforto, Ariel buscou estabelecer amizades masculinas. O desejo de ser incluído fez com que se enquadrasse em um padrão de agir e conviver, mas isso era uma mentira que não conseguiu sustentar por muito tempo; aquele não era seu lugar. Precisava desabrochar e encontrar sua própria vontade e sua verdadeira potência. Entretanto, as marcas daquele passado permaneciam em Ariel e perduram como um acontecimento que reflete na vida dele até hoje, todavia não o mobiliza.

A vida de Ariel, para além da escola, ganhou muitos momentos felizes. As brincadeiras de Ariel aqueceram o coração do Equilibrista; eram muitas brincadeiras, desconhecidas. O Equilibrista refletia sobre como Ariel tinha uma vida dupla: na escola, um ser fragilizado, e na rua, se divertia sem muitos limites. A rua ensinava a ser forte, bem como a esperteza e destreza, impondo limites e proporcionando diversão.

O final feliz de Ariel nunca caminhou para um futuro do acontecimento; sempre esteve com ele, desde a experiência escolar. As linhas se cruzaram de forma não dupla ou binária. A vida de Ariel era uma multiplicidade que formava um emaranhado imprevisível que nem as parcas podiam prever.

As duras emoções o forjaram; sua vida se compõe como um acontecimento cheio de bons e maus encontros. O Equilibrista dizia: A vida se faz como um emaranhado de linhas que nos compõem, uma colcha de retalhos. Um labirinto do qual só podemos sair por meio um amor ao mundo.

Não um enlace falacioso como de Teseu e Ariadne. Uma vontade de criar rumos pela destruição e esperança de um dia sempre melhor. As velhas tábuas serão arremessadas no chão; cada caco, uma possibilidade nova. Mesmo que o sentido seja perdido, podemos criar uma língua nova.

A criação de uma nova vida entre destruição e esperança confunde o Equilibrista. Os sentimentos são um labirinto de possibilidades que se abrem ao caos e, em meio ao caos, surge uma mudança. Nessa crise de mudança, o Equilibrista se questiona: Por que é tão ruim crescer? Quando pequeno, todos tinham a paciência de esperar seu ritmo e achavam bonito quando ele falhava.

A todo momento estavam encorajando, mas pensava que, ao crescer, a ajuda cessaria. As pessoas projetavam uma expectativa que o pequeno Equilibrista tinha que alcançar. E se não fosse bom o suficiente? As coisas que fazia pelo bel-prazer agora tinham um caráter mais sério; não podia errar, pois errar era coisa de criança.

As cobranças chegaram, a busca pela perfeição de uma vida regrada está aqui, mas permanece com um ímpeto jovial e reitera que tem muito a aprender. As horas boas de brincadeira ganharam um gosto amargo; as boas lembranças começam a ferir, pois não voltam mais. O Equilibrista aproveita sua infância e, diz sim, às possibilidades. Nada dura para sempre, nem mesmo a vida.

O eco dessa frase continua: crescer implica em delimitação. As pessoas querem colocá-lo em uma caixa. Algumas diziam que o circo não era lugar para ele, que ele tinha que seguir um caminho premeditado de estudar e rumar ao trabalho. Uma vida livre em meio ao circo não era adequada para uma criança. Mas ele sentia que pertencia àquele lugar, que nasceu para o picadeiro.

A sua alma respirava e transpira circo. O aroma de pipoca. A açúcar do algodão-doce. A escola lhe fazia falta? Fazia. Sentia que poderia construir bons momentos naquele lugar, mas aprender as piruetas também lhe ensinou lições valiosas, lições que pouco veria na escola.

O espetáculo começou, as luzes começaram a se apagar. O treino tornou-se sua profissão. Era hora de se trocar. A sua apresentação ia ocorrer em minutos. O medo o invadia novamente. As borboletas do seu estômago viravam ansiedade.

O Equilibrista se questionava: Será que irei conseguir? E se eu cair na frente de todo mundo? O que a plateia irá pensar? O medo o mobilizou, então se lembrou da coragem de Ariel. Desta forma, ele continuou a se arrumar e, ao terminar, seguiu para o picadeiro.

A corda já estava posta bem alto. Ele apenas conseguia ouvir a batida do seu coração e o burburinho quase inaudível da plateia. Não pensou em mais nada, subiu a escada tomando coragem de onde não tinha. Ao chegar na plataforma, gelou por um instante.

A coragem retornou e deu seu primeiro passo, logo seguido pelo segundo. Não havia como voltar atrás. Passo a passo, desbravou em equilíbrio. O corpo tangenciava para um lado, depois para o outro. Ao andar na corda bamba, percebeu que nada mais importava. Ao terminar a travessia, foi ovacionado, o peso da sua ação saiu de suas costas. Ele estava livre para concretizar tudo.

A surpresa da plateia se transformou em um grito agudo de satisfação. A sua surpresa se esvaiu, pensava apenas no que poderia fazer em seguida. Deveria se aventurar em outra jornada? Ser trapezista talvez? O seu primeiro feito estava aqui estabelecido como um limite a ser superado.

O Equilibrista pensava: Estou a devir o acontecimento que mudará os meus próximos passos, mas que de certa forma me levaram até aqui. O acontecimento se torna sua metamorfose, seu devir de uma vida andarilha que se constrói na experimentação.

Não estava perdido; seu caminho se compõe na surpresa que se renova a cada encontro. Não tem destino, tem apenas vontade de continuar sem morada, apenas lugar de repouso. O Equilibrista dizia: Eu sou presente, nunca passado ou ressentimento; meu desejo voa como uma borboleta, efêmera. O desejo me decompõe, logo se esvai. Meus pés gastos pelas caminhadas refletem os acontecimentos de uma vida que se renova entre esperanças e sensações.

As solas dos seus pés cansados vagaram a esmo. No meio do mundo, ele se encantava com as belas paisagens; o verde brilhava no

sol quente da tarde como ouro. O entardecer tinha um alaranjado peculiar. O sol ao meio-dia castigava de tão quente, neste dia, o céu azul estava com poucas nuvens e o vento parado.

O clima festivo da Semana Santa trazia um silêncio peculiar; não podia gritar para não ofender o santo. O cuidado visto nessa semana era panejado o ano inteiro; o galo era só um dos muitos pratos que viriam.

A menina que roubava giz ensina ao Equilibrista uma lição valiosa. A primeira se pauta na paciência; era bonito ver com os saberes estão embebidos em uma prática que se estende desde a morte do galo até o seu preparo. Aos bons momentos com a sábia avó, que tinha paciência de esperar o ano todo por esse momento, e o cheiro e à alquimia do limão galego, sal e “cuminho” em prol do afastamento do “pitiú” do galo.

O mundo não tem tempo; tudo está enlatado, as pessoas não têm mais paciência. O mundo devora o mundo na pressa de logo regurgitar um sentido. Se é criança, tem logo que crescer. Não se espera mais o ciclo das coisas. O Equilibrista diz que parece que estamos lutando contra o tempo, um tempo da produção que só nos lança para frente, sempre visando um impossível inalcançável. As lutas diárias de uma vida que produz a fome, a desigualdade, a alienação, as mazelas, as separações e outras formas de injustiça.

A vida se faz cruel diante da diferença. O Equilibrista sabia muito bem que o caminho se torna sempre árduo para quem se aventuram por entre terrenos desconhecidos. Desde pequeno, ele não criou raízes; sua vontade o levou a compor rizomas. Assim como a menina que roubava giz, que ficava encostada na escola próxima de onde morava, pois não tinha fonte para oficializar suas lições.

A menina que roubava giz aprendera muito com sua mãe, mas ambas estavam fora dos registros. A menina não era ouvida; não validavam a voz de uma menina negra, mesmo que ela já demonstrasse saber ler e fazer suas lições com maestria.

A vida nômade da menina que roubava giz não se assemelhava à do Equilibrista no que diz respeito à constância, entretanto, suas

circunstâncias mudavam constantemente. A menina encontra uma escola na cidade que não a ouve; ninguém se dava ao trabalho de avaliar suas habilidades.

Ela ficava frustrada por não ser ouvida e passou o ano letivo negligenciada. A negligência com a menina vai além da coordenação e adentra a sala de aula; a falta de amizade surge como um problema, as pessoas não a viam como uma igual e se aproveitavam do seu conhecimento nas disciplinas.

A primeira amizade não teve a fidelidade almejada. Na primeira oportunidade de encontrar com outras pessoas, a amiga a abandonou e até a menosprezou. A consequência disso foi a defesa. A luta sempre esteve presente na sua vida, ela não podia esmorecer, pois, como ninguém a ouvia, precisava reagir.

A menina que roubava giz decidiu que sua voz seria ouvida. Ela não permitiria que ninguém a menosprezasse por sua origem. Seu desejo era vencer a injustiça e mostrar ao mundo que as desigualdades podem ser superadas, apresentando seu biografema com um exemplo de final feliz.

Hoje, o sonho da menina que roubava giz de ser professora se tornou realidade. Agora, ela ensina as pessoas o respeito e o acolhimento à diferença, nunca esquecendo de mostrar que a felicidade vem do ínfimo, que para alguns podem parecer pouco, mas que, para menina que roubava giz, foi um acontecimento marcante em sua vida.

O circo encerra seu espetáculo, a hora de partir chega, a coxia começa a ficar cheia, aos poucos a plateia esvazia. A magia e o calor das pessoas vão se dissipando. O Equilibrista, que vinha com boas apresentações, derrapou e caiu. Um dia comum, afinal, não se pode ganhar sempre. Cair se faz como um estágio para levantar e viver uma nova possibilidade.

Ao apagar as luzes no circo, ele reflete os biografemas que percorreu, reconhecendo que os sentidos tocaram em seu íntimo. O medo se tornou um amigo; Ariel e a Menina que roubava giz lhe

ensinaram a enfrentar as dificuldades e a compor uma força de renovação constante.

A vida toda, as pessoas são colocadas em caixas. Na sala de aula, isso não era diferente; estamos envoltos em quatro paredes, muitas vezes com grades e pouca ventilação. A vida restringe o espaço e tempo, impondo tempo para isso e para aquilo. O tempo, mesmo sendo uma invenção, dita aspectos morais e escolhas de vida. Logo dirão: Você é muito velho para continuar nessa vida de circo? Não é hora de mudar sua vida e seguir a fazer algo mais formal?

O tempo começa a enquadrar cada vez mais, relegando ao segundo plano, pois o etarismo começa a ditar o que um corpo pode ou não fazer. Mas envelhecer é uma questão fisiológica ou uma questão de escola? Os manuais escolares, com páginas amareladas pelo tempo, não têm mais nada a ensinar? O tempo não é a sabedoria da acumulação? Não se diz, com o passar do tempo que nos tornamos mais sábios ou eruditos? Já li mais de mil livros e tenho uma vida plena, mas no final não estamos repetindo as vozes dos outros sem se ater a criar algo.

As pessoas diriam: "*Eu estou cheia!*" A ideia de completude sempre será uma ideia errônea, pois sempre haverá algo a aprender. Não esqueça que a jovialidade está no desejo de começar tudo de novo, na disposição de destruir pontes e criar travessias.

O Equilibrista pondera: Por mais que digam que você pertence àquele lugar, não permaneça por muito tempo; esteja disposto a abandonar a certeza e experimentar novos rumos. Questione-se sempre: O que eu levo comigo? A bagagem está muito pesada para eu carregar? Se for, abandone que o imobilize e siga nômade levando no seu interior um segredo.

O segredo se faz como uma surpresa. Somos feitos de surpresas e repletos de descobertas. As intempéries são como motores de mudança; na seca, é o momento de seguir rumo a chuva ou aceitar o fardo e criar soluções para superar as adversidades, continua o Equilibrista.

A vida sempre arranca o conforto e nos coloca diante de desafios, apresentando escolhas difíceis para continuar a viver esse presente. Nessas escolhas, abrace a liberdade e deixe as possibilidades a voarem, mesmo que o voo seja breve. Celebre a vitória e esteja pronto para continuar a mudar! - ilustra o Equilibrista.

A metamorfose se compõe como um estado constante na vida do Equilibrista. Mudar de lugar é algo natural que ele nem se lembra das últimas cidades que visitou. Esse esquecimento impulsiona a descoberta. Se tudo muda, é preciso estar preparado para deixar o corpo em decomposição e mudar, trocar de pele, renascer implica em aprender tudo novamente, com força e potência de guardar na memória involuntária as sensações quentes e geladas, para afastar as ideias empoeiradas que repousam nos velhos hábitos da vida.

Os ensinamentos da vida se fazem por diferentes rumos. Nunca estamos vazios, mas constantemente nos querem cheios. O Equilibrista prefere estar gasto pelo tempo, pelas experiências vividas, pelos encontros partilhados, pelas lições aprendidas, pelos abraços que deu, pelas flores que viu nascer, pela beleza das borboletas das quais se apaixonou... Há tantos momentos que poderia detalhar, dentro dos blocos de sensações que viveu, mas guardou com carinho no seu coração.

As sensações foram muitas, desde uma tarde no campo florido até uma dura montanha. A aventura despertou nele inúmeras sensações, questionamentos e tensões, uma montanha-russa de emoções que o cativaram e colocaram em processo de movimento e experimentação. Um nascer do sol, o conviver com um anjo, os pormenores de uma vida amazônica trovadas nas tramas de vida de muitos encontros.

Um biografema que fala da minha e da sua vida, pois não está desvinculado de uma enunciação coletiva. Somos peças do mesmo quebra-cabeça dos desejos coletivos da sociedade, pelo qual nos singularizamos pelos afetos e encontros compostos no acontecimento.

O desejo do Equilibrista partilha um mundo singular que ensina a educação à escuta e à possibilidade, pois fala de uma língua menor que está silenciada na escola, já que se preconiza um prazo e um currículo engessado, de duzentos dias letivos, nos quais até os sábados são preenchidos para dar conta de todas as demandas e dos conteúdos.

A escola esqueceu de ouvir as vozes mais íntimas das crianças, a infância ora deixada de lado por um resultado ainda por vir. Este modelo de educação apaga os traços de um falar e de um agir que enrijecem e imobilizam a criação e o desejo dos alunos.

A arte menor, em sua aliança com a criação, conserva os afetos mais íntimos das pessoas, ao passo que se alia às indefinições, incertezas e possibilidades. Ao deleitar uma obra, somos convidados a escavar as profundezas de nossos afetos e a sentir as sensações evocadas por esse acontecimento.

O Equilibrista, assim, dança nas travessias de uma vida que se rizoma nas múltiplas vozes silenciadas na educação, vozes inauditas que agora têm a chance de fazer vazar afetos que se entrelaçam com suas dores e alegrias.

A alquimia desse encontro está em despertar os afetos; podemos ser tomados pela repulsa, ódio, alegria, solidão, tristeza e outras sensações. Nessa aventura com o Equilibrista, encontramos a surpresa de adentrar no íntimo dos biografólogos, assim vivenciamos a falta de afeto familiar da Menina do jantar fantasioso, as duras violências vivenciadas por Ariel, assim como, as negligências de uma educação com a Menina que roubava giz; e também vivemos os afetos alegres, como as aventuras de Ariel e as brincadeiras da menina no Natal com meu anjo.

Talvez, sem a arte menor, pouco acessaríamos esses sentimentos que nasceram no encontro com Klee e criaram biografemas pessoais únicos, e nos elencaram ensinamentos potentes nascidos de encontros tristes e alegres os quais somos compostos.

Um composto que se mistura com as linhas de vida-educação e cria biografemas livres do ressentimento, pois mesmo que as horas de

tristeza invada a criação, esse sentimento se faz necessário para mudança de natureza, haja vista que os ressentimentos não podem mobilizar o desejo de viver. Assim, precisamos compreender que a dor nos compõe, sendo o primeiro passo para aceitarmos a mudança.

Desta forma, o afeto e a educação devem andar juntos; não adianta ensinar se não for pelo amor e acolhimento, dando sempre margem para se expressar e confiar. Os conteúdos são parte importante, mas a escola precisa estar atenta aos afetos dos alunos.

O pequeno Equilibrista repousa, suas caminhadas foram duras, mas ensinaram boas lições. A alegria dos bons encontros o fez perseverar. Quanto mais andava, mais reconhecia que poderia aprender com os outros muitos sentidos. O próprio senso de aventura o fazia estar aberto a conhecer as pessoas que encontrava no caminho, sem medo.

Descobria cada sentimento: o abandono, a insegurança, a violência, a alegria, a união... Cada novo encontro um novo signo. Um signo que mudava de forma, de sabor, de cor... Tudo continuava refrescante, como se fosse a primeira vez a sorrir, a andar, a sentir o cheiro de orvalho, a passear pelo campo florido.

A liberdade de poder está livre, sem apreensões, fez tudo fruir de forma natural, nada forçado. A vida se desenrola como uma surpresa, com ciclos abrindo e fechando. As sensações são fluidas, movendo-se no encontro de um tempo singular, em modos de um tempo perdido, pelo qual acolhemos as boas potências e os afetuosos encontros.

O Equilibrista dança, se lança no mundo, sem medo de ser feliz. O mundo age como seu palco, toda essa familiaridade não o assusta, apenas o motiva a continuar seguindo pelo mundo, conhecendo novas realidades e novos biografólogos.

O Equilibrista entoa: Ame, se jogue, não construa morada, mas pontes. Teu ímpeto é tua força. Abrace a descoberta e divirta-se ao longo da aventura. Nunca desista de criar e imaginar possibilidades. Esteja disposto a viver a juventude, um jovial dizer sim à vida e à infância.

Um desejo que abraça, todavia não como falta, e sim como potência de agir.

Enfim, o Equilibrista critica: crescer realmente implica em mudança, todavia, a mudança que cerceia a irrupção de criação pouco atinge o menino, pois ele entende que não precisa entrar no jogo dos adultos. Em seu íntimo pulsa um desejo de desbravar veredas e construir um devir-mundo de uma vida-educação sempre em aberto.

BIOFRAGMENTOS

Os biografólogos escrevem por um fluxo de pensamentos inconstantes, em biofragmentos. As vozes em suas cabeças são múltiplas, portanto, não espere um caminho linear. Os biofragmentos experimentam intensidades plurais e intensivas... A dispersão será constante. As loucuras vão transbordar das linhas de composição e delas irão jorrar muita vida-educação. No ímpeto de decompor uma educação pelo rigor da linearidade... Os biografólogos advertem: “- Não se assuste, a escrita falará por diversas formas”.

Na dobra do tempo descubro
Um lindo abismo que se abre
Nas profundezas...
Na escuridão surge uma luz...
Aos poucos pressinto o movimento que me cerca,
Não digo mais nada,
O silêncio diz tudo (*Palhaço Elétrico*). ¹⁷

*“Me encontrei em ti, no seu silencioso sorriso”*¹⁸. Monalisa sorri discretamente; o segredo está aguardado naquele sorriso que perdura até hoje, em seu jogo de luz e sombra. A arte menor, assim, ensina o silêncio, pois silenciosamente diz algo da sensação, do encantamento, do interior. Eis que os sentidos vazam do quadro, emergindo da profundidade à superfície, um sentido embrionário pelo qual vislumbramos visões intrigantes do mundo entre pesadelos e sínteses mentais, concebidas por linhas que formam uma nova composição (Artaud, 1962).

Klee avança em criar uma arquitetura da arte menor entre formas e linhas que se sustentam pelo ousado fluxo de sínteses cósmicas, as quais Artaud (1962, p.9) sinaliza “que onde toda a objetividade secreta das

¹⁷ Poema autoral elaborados a partir dos biografemas experimentados em Paul Klee.

¹⁸ As frases em itálico são fragmentos extraídos dos biografemas dos alunos produzidos ao longo das oficinas.

coisas ficará aparente". Desta forma, a arte menor, nesse recorte, amplia a visão comum do mundo, trazendo um sentido secreto para além da representação dos objetos, para assim traduzir uma nova ordem, não linear, da arte e do pensamento que transborda por induções, deduções e conclusões...

As erosões às estruturas convencionais causadas por Klee prenunciam um aspecto visionário que tensiona aridez dos solos cheios de escassez, morte e podridão. No intuito de vislumbrar as linhas imaginárias de criação que ecoam do inconsciente das nossas mentes, fabuladoras de afetos, encontros, amores, odores e sabores...

A melodia do amanhã toca janela a fora,
 O dia está repleto de encontros
 A cada olhar uma nova sensação,
 O jardim estava repleto de pormenores
 Tudo encanta o olhar,
 Tudo dura, mesmo que um instante,
 Algo permanece (*Palhaço Elétrico*).

Os biofragmentos da arte menor ensinam à vida-educação a dimensão de um instante; um simples biofragmento de vida eterniza um acontecimento singular no coração dos biografólogos. Além da escola, essas lições são partilhadas nos encontros com os afetos experimentados em uma tarde de pescaria, nas constantes brincadeiras no rio, ou mesmo no tempo perdido das histórias de viagem. Todos esses rumores se agenciam pelos afetos vivenciados através do olhar, carinho e abraço.

O afeto lança o olhar aos pormenores, um olhar tímido a observar o rio, as mudanças das marés como tormentas pessoais e coletivas. "*Na infância adorava pular na água com os meus primos, toda manhã a gente tomava banho no rio, a tarde a gente brincava de taco ou jogávamos bola, a noite sentávamos na ponte e conversávamos*". Os ritos de um tempo em que as horas não importavam, o fluxo da vida era gozado por um agir coletivo, uma fraternidade tenra de criança.

A infância não guarda apenas memórias boas. Na oficina, os interditos vazavam do texto, os alunos usavam uma máscara para esconder um trauma. Este trauma, outrora superado, mas não totalmente esquecido, se vincula no seu biografema como algo muito marcante. Assim, o não-dito abre margem para pensarmos: Quais violências subjazem nessa frágil felicidade?

O sorriso do seu rosto esconde, ao rigor de Monalisa, um mundo inteiro, cheio de interações e encontros. Os bons encontros guardam as horas de aventuras no rio e brincadeiras do fim da tarde, enquanto os maus encontros são vivenciados como trauma, barreiras que nos paralisam. Cabe a nós a decisão de aceitá-los ou negá-los. O fluxo de vida está no aceite dos encontros, em aceitar que somos compostos por diversas linhas e sensações. Assim, o biografema da nossa vida se faz como um novelo de lã a tecer possibilidades.

Sento e admiro a tela,
As linhas começam a se compor,
Uma força guia a descoberta,
Novamente, repouso...
O infinito da tela começa a delimitar o caos,
Novamente, comtemplo...
As sensações transbordam o vivido,
E agora tudo vive!
Vive por uma vida e criação! (*Palhaço Elétrico*)

O biografólogo sentou-se e admirou os trabalhos a mesa, as múltiplas produções, os recortes de biografemas, observando-os por um bom tempo; esforçando-se para cavar nas profundezas dessas emoções sensações guardadas no âmago dessas palavras...

O biografólogo fica contemplativo ao olhar o caos, há muita vida espalhada pela mesa. Olha para frente; tudo vive, tudo pulsa criação. Por conseguinte, agrupa as diferenças para avaliar o que formaria se juntasse "A" com "Z". Esse é o exercício que o fez unir dissidências, captando forças para compor um corpo, um corpo que falta? Uma

forma que se cria sem órgãos, sem ossos, sem pele, um estágio embrionário a surgir livre, gestando-se entre diferença e acontecimento (Deleuze e Guattari, 2010).

Nas composições à sua frente, o biografólogo busca fazer uma boa captura, travando uma luta pelo percurso. Ele se questionava sempre: "Tem inspiração no seu olhar, ou ela anda em seu sonho?" (Artaud, 1962, p.9). Seu olhar se punha a captar a inspiração entre os sonhos de uma criança, um sonho que se intercruza com o desejo de ser professora, bailarina, musicista, pintor, astronauta e entre outros sonhos desejantes.

Na mão dele estava a esperança, pensou: "Às vezes, minhas mãos dobram; mas ali mesmo, abaixo delas, minha barriga continua digerindo, meus rins filtrando os fluidos" (Artaud, 1962, p.9). Nessa jornada de deglutição, o devir paira pelas potências experimentadas nos encontros, buscando força para captar os fatores embrionários que o fortalece, para assim abandonar o que o imobiliza.

Os fluidos permeiam todo o corpo. Ainda pode sentir o gosto amargo das coisas, uma azia que o orienta. Há algo ruim aqui. O corpo do biografólogo reage, pois está acostumado com as boas aventuras. Desse modo, criou defesas para afastar os maus encontros.

Na jornada, a máxima do processo ecoa como uma questão: "Eu devo ser salvo, pelo sucesso?" (Artaud, 1962, p.9). Se o sucesso estiver aliado à plenitude e realização, escolha a tentativa, pois o ponto final não marca o sucesso, mas sim um recomeço. Desta forma, para além da plenitude, abraça as abjeções e os desafios de um caminho sempre aberto à experimentação.

O biografólogo exalta força: Ó vida, dá-me força, dá-me paz. A ti rogo felicidade, pois o mundo está repleto de infelizes esgotados. Os vermes estão prontos para digerir nossa carne; diante de qualquer fragilidade, não permaneceremos por muito tempo em cima da terra. Nossos corpos entrarão em um estado de decomposição, e a existência

logo desaparecerá. A vida passa em um piscar de olhos, “dozes peixes, doze assassinatos” (Klee, 1962, p.13), mil sonhos e uma possibilidade. Minhas mãos tremem, assim como meus joelhos; rogo agora ao tempo, que tudo se realize pelas horas de infância que permanecem em mim, por um lembrete de uma vida-educação doce e feliz.

Ó, o que admiras?
Não te compreende ou limita,
Tua leveza quebra o círculo, (Palhaço Elétrico)

Os ciclos abrem e fecham. “Em nossas vidas, sempre há alguém para nos mostrar uma direção. Mas será que é direção certa? Será que é essa (que) queremos trilhar? Ou estamos seguindo uma direção que alguém um dia gostaria de ter seguido?”. Nessa ilusão de caminho, os desejos se misturam com uma expectativa de vida; os antecessores dizem: Siga por essa rota, é o caminho mais fácil e menos tortuoso. As rotas previsíveis são os caminhos certos? Em que momento definimos que há apenas um caminho? A virtude de desbravar caminhos outros são difíceis; pois há que criar mapas no desconhecido, o que exige coragem para experimentar os desafios como possibilidades.



Os desafios batem à porta. A cada batida, o ritmo do coração corresponde. Quem deseja entrar? – pergunta. A voz da resposta logo sinaliza que é alguém conhecido; o biografólogo diz: meus amigos tinham chegado *“para me animar, brincar de super-herói e ganhar superpoderes para vencer, e mesmo assim a vida era cheia de altos e baixos”*. A amizade me tornava um super-homem capaz de vencer a adversidade; nada me desanimava na presença deles. Podia viver plenamente nas horas de brincadeiras, esquecia até a máscara da felicidade que usava para esconder a tristeza.

Na escola, adorava o brincar que seguia na fuga dos seus muros. Antes e depois das aulas, nos reuníamos para nos divertir. Quando caía, o choro não vinha; o sorriso era o conforto naquele momento. E se as lágrimas escapassem, logo era acolhido. Nessa doce lembrança, questiona: Por que passou tão rápido? Não sei responder, nem mesmo quando a criança que estava aqui começou a se apagar. Mas posso dizer que ela persiste em mim; sinto um calor que me aquece e conforta, ainda ouço os ecos desses bons momentos, guardando-os como de uma vida plena de alegria e comunhão.

Ó, o que me compõe?
Um emaranhado de cores,
Linhas e sensações,
Que me tomam,
Me forma, e transformam,
Mas permaneço. (*Palhaço Elétrico*)

A pergunta ressoa como um acontecimento: o que me compõe? Não há apenas uma resposta; sou um emaranhado de linhas e sensações. Desse modo, mudo de forma e me decomponho. Sou um todo biofragmentado de múltiplas vozes e encontros, bons e maus. O que permanece em mim, fortifica-me. Na minha *“infância sempre fui humilde, até meus seis anos morava no interior, adorava morar lá com a minha*

família. Na verdade, éramos uma família incompleta, pois meu pai sempre foi ausente por conta de ser um viajante". As viagens constantes faziam com que ficássemos separados por longos períodos, então minha mãe decidiu que íamos ficar na casa da minha avó até o nascimento do meu novo irmão.



Os acontecimentos da vida levaram meu irmão mais velho a morar com os nossos avós paternos na cidade. Dessa maneira, fiquei com a minha mãe no sítio. O tempo que passamos no interior era como um bálsamo, uma calmaria apenas rompida pelo barulho dos barcos que circulavam durante o dia e, raramente, à noite. De manhã, ia para escola e, na volta, comia a maravilhosa comida da minha avó e tomava banho no rio, quando minha mãe deixava.

O ano passou e a vida me apresentou outra surpresa: o nascimento do meu novo irmão nos levou à cidade. Na cidade, a solidão me abraçou, a atenção ao meu irmão novo engoliu a pouca que tinha, e meu irmão mais velho não era mais próximo de mim. A única pessoa que sempre me alegrava, minha avó, tinha ido para o céu. A cidade trouxe à tona vários sentimentos de frustração, mas a força de perseverar habitava em mim. Por mais difícil que fosse, precisava continuar a acreditar.

Os anos se passaram e a minha infância correu por entre meus dedos. A cada dia, me sentia mais isolada da minha família, como se não

pertencesse àquele lugar, vivia com estranhos que não me conheciam, nunca deram a oportunidade de me ouvir. Os meus segredos e dores ficavam guardados apenas para mim.

Em silêncio, minha vida passava diante do olhar desatento do outro. Os anos se passaram e retornei para o interior para passar férias. Ao me deleitar com o retorno na pequena piroga, as águas estavam calmas e verdejantes, meu olhar se perdia no horizonte, contudo, meus pensamentos não davam trégua, as memórias daquele lugar arrepiavam minha pele e a cada légua que avançava, a saudade inundava meu coração.

A chegada mexeu muito comigo ao “*ver as mulheres lavando roupa na beira da ponte, com aqueles trajes típicos de mulher do interior*”, e com monte de crianças alegres brincando na ponte, desfrutando de uma infância feliz. O sorriso das crianças me alegrava; hoje, estou sorrindo por esse passado que emerge para a superfície como uma doce memória involuntária de uma vida simples e feliz.

A viagem chega a seu destino, era hora de chegar na casa de minha avó e reviver todas as sensações, respirei “*fundo e engoli o choro e aproveitei até o último minuto, logo iria voltar para o meu tormento, a cidade*”. Experimentei aquele lugar pela memória de uma vida acolhida no amor da minha mãe e no carinho de minha avó em um tempo fabulado nos banhos de rios, nas muitas conversas na “cabeça da ponte” e na lavagem de roupa na beira do rio.

À beira do rio, desabrocha um afeto que se circunscreve no imaginário amazônico, a margem sendo um lugar de diversão e trabalho. Os ritos da vida ribeirinha atravessam por pontes que funcionam como platôs de mudança e encontro. Nessas travessias, uma melodia de vida-educação se compõe, escapando aos moldes de um tempo administrado, pois há que viver pelo tempo das marés e da surpresa de uma colheita tangenciada pela oferta sazonal das estações do ano.



A surpresa, como um elemento da vida, apresenta muitos momentos alegres e tristes. Porém, além de uma visão dicotômica fatalista, há que superar as intempéries, pois a superação aciona uma potência de existir no corpo e o faz reagir mesmo no cenário mais difícil. *"A minha família sempre trabalhou em barcos e gostamos muito disso, meu avô ao comprar um novo barco decidiu dar a primeira viagem nele, a viagem transcorria bem até um ponto"*. No meio da viagem, apareceram piratas tentando roubar o barco do meu avô; iniciando assim uma perseguição até que os piratas conseguiram alcançar nosso barco.

A intenção dos piratas não era ser amigável, chegaram atirando, meu avô levou oito tiros, o desespero começou, o sangue vazava por toda a parte. Fiquei atônito, não sabia o que fazer. Os piratas depois dos tiros partiram, e assim meu pai que estava no barco assumiu o controle e rumou ao hospital. Os minutos pareciam horas, cada minuto era crucial para a vida do meu avô, a tristeza me invadiu olhando o corpo dele ficar com um tom roxo.

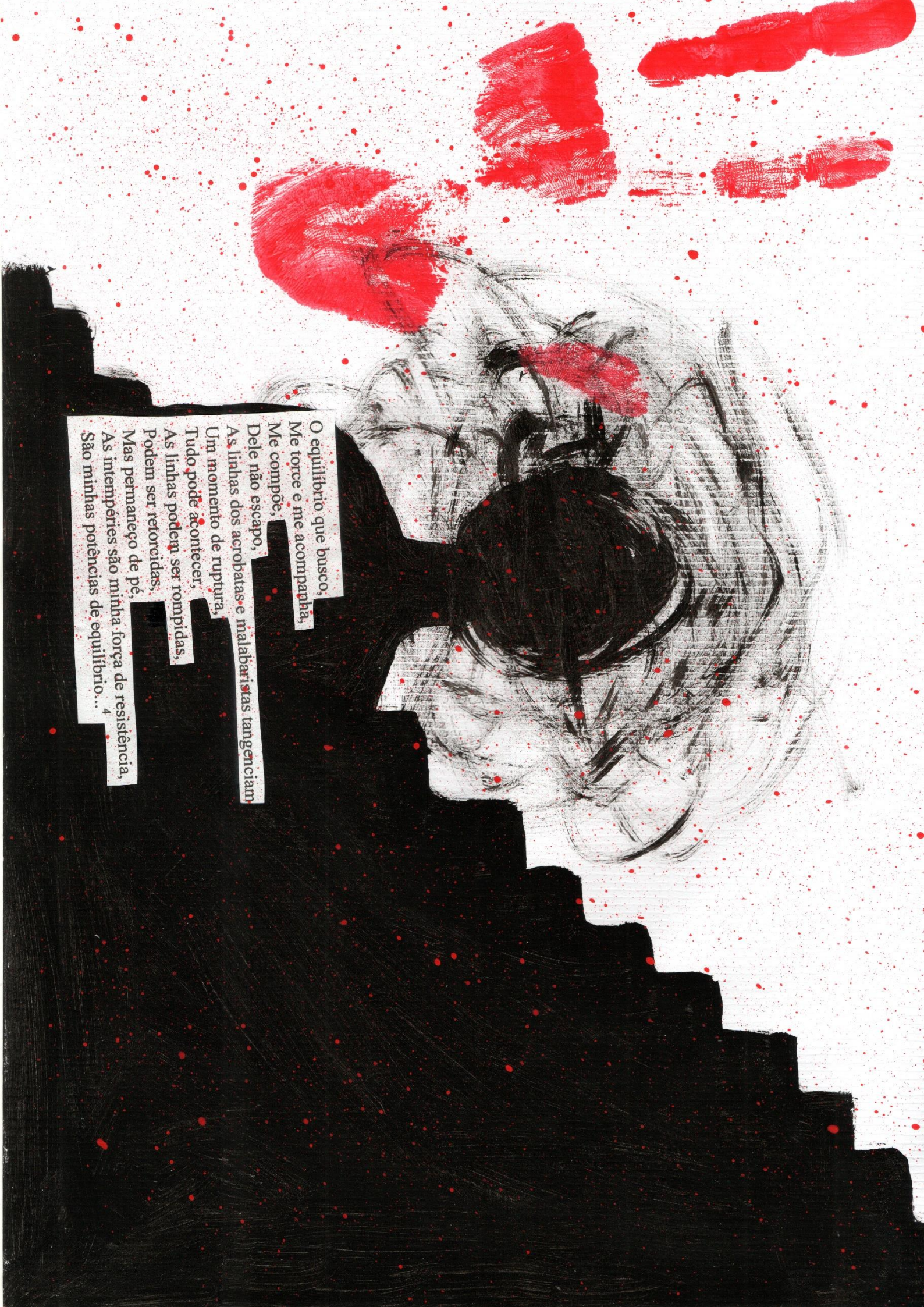
Eu chorava muito, pensando que a morte do meu avô era algo inevitável. Temia que ele morresse nos meus braços e eu não pudesse fazer nada. Quando chegamos à cidade mais próxima, levamos ele para receber o atendimento no hospital. No entanto, devido à gravidade do caso, ele teve que ser transferido para a capital de avião. Os dias se passaram, e a melhora do meu avô veio de forma lenta e progressiva. Assim que ele se recuperou totalmente, voltou para nossa cidade e ainda

trouxe um presente para mim: um soldado de brinquedo, “esse soldado pra mim não é apenas um brinquedo, o soldado representava o meu avô, que é forte e não desiste fácil. Até hoje ainda tenho o soldado”.



Ó nobre soldado, és tu resiliente? Mas vives por quem? Ou por quais? A ti restou superar o homem? Ou apenas persistir, não importando as adversidades? Teu corpo sobrevive por um Estado ou pelo povo? Os seus ideais são da massa ou das velhas oligarquias? A tua vida te pertence? Sabes sentir a dor do outro? As questões não cessam de chegar, mas o que ressoa em meio à curiosidade: tu és igual a nós? Teu corpo cansa, sente empatia? Ou esquece o que te cerca? Não há como negar sua valentia; enfrentas perigos diários, tua vida está sempre no limite, a um passo da morte.

A morte não te assusta ou te paralisa? Você teme partir e deixar o seu presente? Talvez, teus medos sejam os nossos. Não penses por muito tempo, senão ficarás fragilizado e ressentido. Te liberte, a liberdade está em compor sua própria melodia de enfrentamento. Assim, pinte um novo amanhã ao rumor do teu desejo.

An abstract artwork featuring a central figure rendered in dark, expressive brushstrokes. The figure is surrounded by a white background with numerous red splatters and smudges. The overall composition is dynamic and expressive, with a strong contrast between the dark figure and the white background.

O equilíbrio que busco,
Me torce e me acompanha,
Me compõe,
Dele não escapo,
As linhas dos acrobatas e malabaristas tangenciam
Um momento de ruptura,
Tudo pode acontecer,
As linhas podem ser rompidas,
Podem ser retorcidas,
Mas permanço de pé,
As intempéries são minha força de resistência,
São minhas potências de equilíbrio...⁴

O equilíbrio balanceia as linhas de vida, ora ensinando a lidar com a dor de uma perda, de um sacrifício, de uma partida, mas também nos ensinando o amor ao som dos pormenores, desde o chiado da panela de pressão a cantar como uma sinfonia no fogão de barro, até o ato de debulhar o açaí, ou ainda, o tilintar dos talheres e pratos sendo postos na mesa da cozinha antes das refeições. A vida-educação nos envolve em um tom de nostalgia, e basta continuar a superar o passado como uma potência de compor novas sensações.



A bailarina adorava ficar na ponta do pé, mas era difícil permanecer por muito tempo; só o fazia por alguns segundos antes de pôr as palmas dos pés no chão. A menina rodava e logo perdia o equilíbrio, experimentando um misto de sensações. Sua cabeça era um turbilhão de caos, e seu corpo reagia; não podia desvencilhar mente de corpo. A pressão também estava presente, como se tudo a dominasse a todo momento.

Aos poucos, o equilíbrio pulsa nas veias da dançarina. A dança começa a ganhar força no seu corpo, que reage ao movimento; as acrobacias começam a nascer da segurança, e as piruetas estão livres a encantar quem as admira. A bailarina aprende a superar a dor em prol da dança; seus ensaios diários a fortalecem em um rito de aprendizagem, entre tentativa e progresso, ao passo que estava agora pronta para se apresentar.

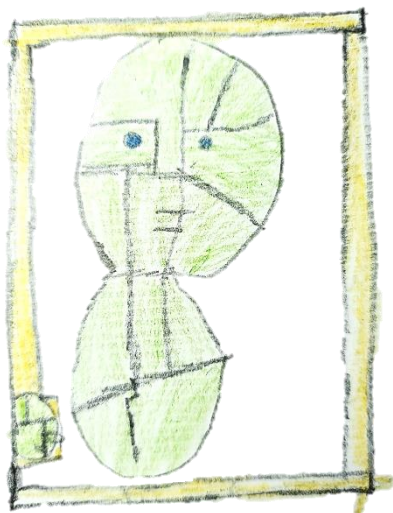
A aglomeração de pessoas começa a sinalizar que a apresentação iria começar. A praça começa a ganhar movimento, e o murmúrio das pessoas se tornava estridente. A minha mãe estava feliz, e eu também, pois ia realizar o sonho da minha vida: dançar “O Lago dos Cisnes”. Aos seis anos, a dança era tudo para mim, mas naquela noite uma notícia encerrou meu sonho. Em meio ao caos de pessoas, minha mãe soube que a minha tia tinha morrido; assim, me arrebatou pelo braço e me levou da coxia do espetáculo. Depois desse episódio, não tive força para voltar a dançar. *“O sonho morreu junto com a pessoa que eu amava muito e se foi para sempre”*.

O sonho da bailarina interrompido por uma tragédia, que a afeta profundamente, mas não encerra o desejo de continuar a dançar. Mesmo que agora o ressentimento assombre a pequena bailarina, o mundo está sempre aberto as possibilidades de tentarmos novamente, nunca cesse o ímpeto de experimentar. Desta forma, mesmo que o sofrimento nos afaste da realização de um sonho provisoriamente, não nos limita a continuar viver novas melodias.

A vida abre segunda chances, enquanto continuarmos vivos podemos retornar aos nossos desejos, esse espaço do sonho se abre como um *eterno retorno* (Nietzsche, 2003) que podemos voltar e tentar viver repetidamente, um desejo de potência que se reconstrói do interior a superfície da nossa realização. Desta forma, os sonhos devem permanecer de pé mesmo nas intempéries, e se caso retorne à vontade e ela não lhe caiba mais, construa uma nova relação, criando linhas de vizinhanças com os seus ensejos mais latentes, não deixe morrer a bailarina dentro de você, continue a sonhar.

O sonhar se alia as composições por zonas de proximidades, assim, dançamos ritmos de ruptura onde podemos deixar tudo acontecer, a possibilidade do acontecimento transborda diferentes sensações e imaginações desejadas do nosso corpo. As linhas desejantes rompem as linhas do ressentimento, pois vivem em plano de imanência onde o

equilíbrio tangencia as forças e potências criando uma linha de resistência que nos faz agir.



Era uma vez em um lugar onde as crianças nasciam e já era de costume ficarem sozinhas, pois não havia muitas pessoas ao redor. Na solidão, cresciam e se tornavam mais tímidas, evitando se misturar com pessoas diferentes, e sua presença passava despercebida. Um dia, ao pararem para olhar o álbum de família, não encontraram nenhuma

foto das crianças; estavam tão cegos que não registraram os bons momentos.

O biografema reflete a invisibilidade do afeto, a criança nasce em um lugar de pouco carinho, assim aprende a se isolar, os adultos presos as suas razões e certezas, pouco percebem que as crianças precisavam de afeto e carinho. A criança assim foge para um mundo que se sente invisível, se recolhe dos momentos de celebração, até porque não sentiam sua falta. O afeto que falta deixa marcas indeléveis, um amor frágil de pouca confiança se estabelece, se nem quem é próximo sinto que me ama, o que esperar do mundo? Um mundo sem amor gera desconfiança, assim, ensine o carinho e espalhe o acolhimento, não há como desvencilhar o ato de ensinar do afeto.

O afeto abraça os corpos tristes, não os condena, apenas acolhe, pois se compõe da duração do sentimento, assim acaba por tecer limites à experimentação, haja vista que o corpo não pode padecer a tristeza, o equilíbrio está em saber sentir as doses e compor um corpo potente no rumor do desejo. A ti corpo desejo um mundo repleto de bons afetos, não escape pelas minhas mãos, te quero repousando no meu interior repleto

de registros doces de um almoço de domingo onde todos se encontram reunidos pela sua vontade.

A invisibilidade do afeto, apaga do tempo presente o registro de um passado, a foto não só apaga a presença do menino como o sentimento de ser parte de um coletivo. A menina do Natal com meu anjo poderia dizer muito mais sobre a ausência, uma foto para ela não representava apenas um momento, e sim, um bloco de infância que escapa pelas aventuras que viveu com o seu avô e sua família.

A foto era um recorte de uma sensação que unia a divergência, algo pouco visto no mundo anterior, o desaparecer gradual do álbum de família, não apaga o passado, mas a sensação do afeto diminui com o tempo, somente quando uma epifania vem à tona a mágoa do menino desabrocha no presente. Um ressentimento constrangedor ecoa pela sala como um lembrete do esquecimento, todos ficaram ressentidos, mas o menino pensava: O que farão para mudar? A resposta talvez fosse óbvia, nada. O sentimento do menino ficará guardado na ausência do álbum de família como um fantasma, um tormento não superado, o enredo do menino escancarou um sentimento de muitas outras ausências, e o final feliz dele virá quando?

O mundo do menino sem afeto escancara uma banalização do amor fraternal que se registra na ausência do álbum de família, mas só percebido no futuro desse acontecimento. Os pais se consternam com o óbvio. Na ausência um ressentimento surge, uma vergonha para todos, logo encerrada por uma desculpa banal. O final feliz como um afeto alegre poderia vir, quando o menino reconhecesse que a felicidade não pode ser determinada por um ressentimento, ou pela espera de um final feliz como marco da sua própria felicidade. O final feliz idealizado no qual não haverá mais afetos tristes, se faz como um engano, a vida sempre nos apresentará momentos tristes e desafios que precisaremos aprender a (con)viver com eles, mesmo que doa, a vida vale mais do que qualquer sofrimento.

A felicidade do palhaço me contagia, o circo a cada novo espetáculo, a euforia nascia, tudo me fazia rir era uma bagunça, sentimentos confusos que brincavam comigo, chorava de tanto rir. Estava emerso na alegria. O teatro das marionetes me trouxe questões, a vida representada na sátira, pelas quais ríamos dos medos e inseguranças, como também dos nossos próprios erros. As linhas que vivemos estão a bordejar o por vir pelos acontecimentos, o sorriso avança um signo, um signo de felicidade que me faz esquecer o tempo ruim de outrora.



O palhaço orelhudo me observa,
Começo a sorrir,
No teatro das marionetes as
linhas movimentam a duração,
As linhas vivem o por vir,
Adiantam um signo,
Algo que faz fugir, nem que seja
um doce sorriso,
Adianta, algo, mesmo que não
tenha começado a criar!
(Palhaço Elétrico)

Eu sou um palhaço, “o que é, fundamentalmente, um palhaço? É o tipo que, precisamente, não aceita o envelhecimento, não sabe envelhecer tão rápido” (Deleuze, 2019, p.66), não aceita se repetir, entrar no mesmo ritmo, pois a felicidade se rouba, não se induz. O palhaço esconde seu sofrimento para fazer os outros felizes. No final do espetáculo, estava novamente sozinho com os seus problemas, a vida divertida no circo, não era um mar de rosas. A falta de público era o que mais assolava o palhaço. As pessoas viriam todo dia para assistir o mesmo espetáculo? – se questionava. Desta forma, precisava se renovar todo o dia, contando outras piadas, ainda mais quando estava em uma cidade pequena em que o público não variava mesmo.

As mudanças, às vezes, não surtiam muito efeito, montava outras chamadas: "Hoje realizaremos o casamento do palhaço orelhudo e do Espantalho", para ver se chamava a atenção do público, mas mesmo as pessoas se cansavam até dos seus trejeitos, não tinha jeito, era momento de partir e seguir rumo a outro lugar. As coisas eram arrumadas em trailers, passavam dias colocando tudo em seus lugares, quando não tinham mais lugares se amontoavam onde dava.

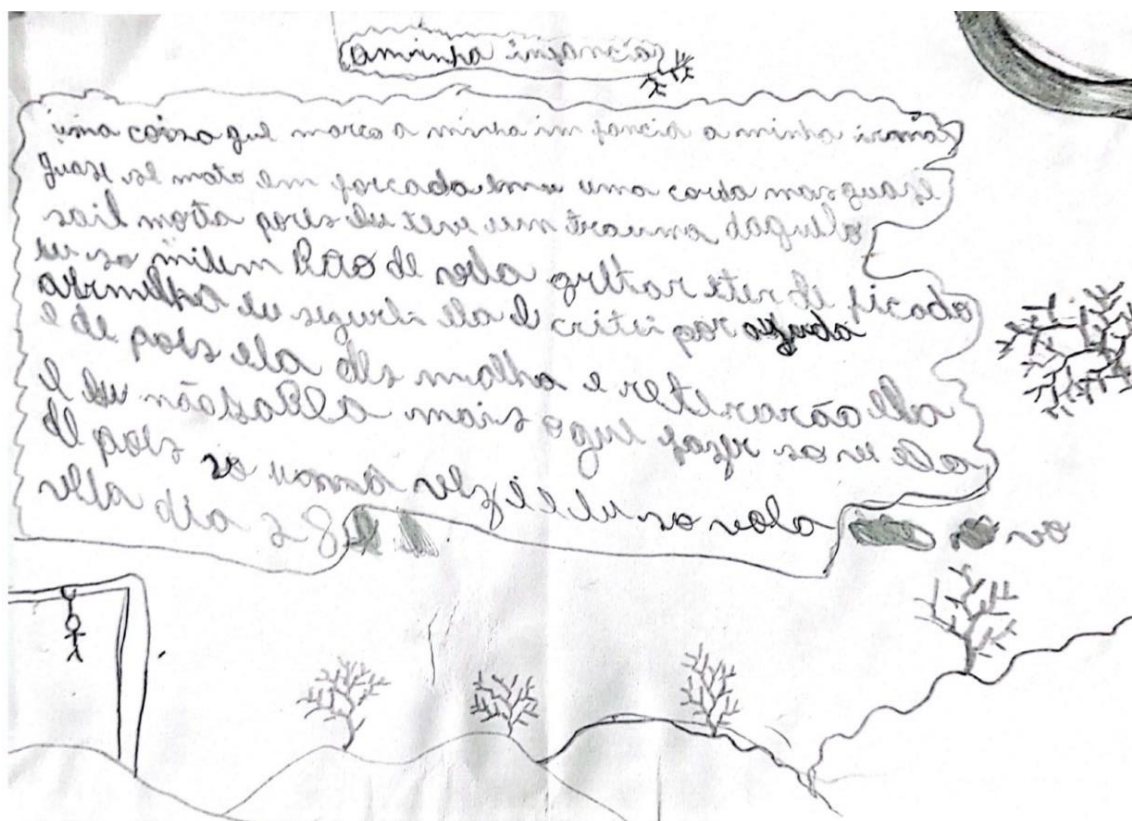
O pequeno Equilibrista estava arrumando as coisas, o palhaço sorrir, o menino pergunta para ele: Qual o motivo da sua felicidade? O palhaço ainda embebido em seu sorriso, vendo as linhas do porvir, criando nas suas imaginações uma fabulação de um novo percurso, ria pois não sabia o que poderia encontrar, o palhaço ria da surpresa da próxima curva, tudo podia cair no caminho e teriam que arrumar tudo de novo.

*Minha Conta um Pouco da minha história
 eu fui muito apocalíptica, mas eu mudei mais eu
 Tentei mudar mais, mas eu me diverti muito
 Assim eu diverti muito.*

O apocalipse acontecia todos os dias na minha vida, era uma tormenta conviver com a minha família, precisava engolir muitos sapos e aguentar as frequentes dores diárias de apanhar, mas essas desgraças não cerceavam meu desejo de me divertir. A escola era o momento que podia extravasar essa vontade e ser feliz, nas horas livres de recreio, ou mesmo dentro da sala ficava a conversar assuntos triviais.



Ao voltar para casa, os sete cavaleiros do apocalipse estavam lá, as trombetas já tinham tocado e todos estavam reunidos. Eu temia pela minha vida, a rua era minha amiga, ficava horas perambulando, apenas para não voltar para a casa, o lugar onde todos encontram felicidade, eu só recebia dor. O menino imaginava poder viver sem medo, sem constrangimento e sem violência, pedia para que o apocalipse desaparecesse, somente assim, poderia sorrir e viver na paz em um lar acolhedor, mas a vida sempre muda constantemente.



“Eu estou triste, eu vou em direção a morte” (Deleuze, 2019, p.59). A morte quase me atingiu, estava sufocada pela pressão e pela dor da vida, a minha irmã desesperada, queria me trazer de volta. Eu estava ficando vermelha pelo fluxo de sangue estancado na minha cabeça, sentia que nada importava, a morte era minha única opção, mas vi que estava errada. A minha irmã mostrou uma devoção enorme em prol da

minha vida, nunca irá se tornar fácil conviver com esse episódio, pois continuavam os julgamentos. Julgam-me fraca por escolher essa opção, porém nunca pararam para ouvir qual era a dor que me possuía. Estou perdida no meio do caos, tentando sair dessa dor que me persegue, para assim, viver o que me resta de felicidade e poder ser o que quero no meu tempo.

A minha irmã ficava com medo da cena se repetir, como iria reagir quando eu voltasse dia vinte e oito? Será que mudará nosso convívio? Não sei se estarei pronta para enfrentar a curiosidade, ou mostrar a minha fraqueza. Despir-me da culpa que carrego por ter afligido tamanha preocupação a minha família que não merecia, pelo menos assim que julgo essa situação agora.

A menina não ensejava sucumbir ao desejo de morte, pois “a morte é sempre um mau encontro” (Deleuze, 2019, p.61), apenas uma fraqueza, uma fraqueza acontece com todos, o que mais doía na menina era o cansaço. Ela estava cansada de tentar ser ouvida, parecia que falava uma língua estrangeira dentro da sua própria casa, cansada de não compreenderem que o afeto fazia falta, era uma parte que faltava e sangrava sempre. A menina sucumbiu a fraqueza, já que “à medida que um corpo se cansa, as probabilidades de maus encontros aumentam” (Deleuze, 2019, p.66).

A vida era uma bagunça para mim, não conseguia organizar o que sentia, eram muitas sensações, sentia o medo da frustração, das cobranças, do que ainda não compreendia; tudo me assustava. O medo que o Ariel sentia habitava em mim, o medo de crescer me invadia constantemente... As profundezas dos meus pensamentos começam a subir a superfície, tento viver esse caos na esperança de dias melhores, para acalmar minha confusão. Me entrego a ti espantalho, peço que me proteja!

A bagunça na infância



Bagunça e esperança, coisas
que reddeiam minha cabeça, na
profundeza de meus pensamentos
tento encontrar discernimento para
permanecer na esperança de um
dia acalmar minha confusão.

O espantalho afasta o predador,
Em meio ao campo,
O vento incide em seu corpo,
Pouco o movimenta,
O seu mastro de fixação
Imobiliza a aventura,
Todavia, seu assombro continua a afetar,
Enquanto um acontecimento
que antecipa a captura,
E afasta o perigo... (*Palhaço Elétrico*)



Ó, espantalho, afasta de mim os maus encontros e essa vontade de desistir de tudo, quero continuar a viver e ser livre desses pensamentos obscuros. Os demônios que me perseguem precisam ser libertados. Esses assombros que me afetam têm que desaparecer, para assim poder sorrir novamente. Eu sou jovem, tenho um ímpeto jovial dentro de mim, a morte deveria ser algo distante, não um pensamento concreto. Talvez o que me atravessa seja extrínseco a mim, uma *sociedade do controle* (Deleuze, 2003) que impera seus ideais, tenho que me vestir e agir de uma determinada forma, sorrir mesmo com o coração cheio de afetos tristes, viver feliz em uma família, que se disfarça de feliz, mesmo na desgraça.

Eu travava uma guerra comigo mesma. “Nessa guerra não pode haver nenhum vencedor, pois a vitória acaba com a morte” (Han, 2019, p. 61). Nessa sociedade, o desempenho vale mais do que o bem-estar, a produção dita o rito da vida, ao ponto de esvaí-la em *burnout* (esgotamento total), sucesso e seu tempo se esvaía como moeda de troca. Desse modo, os afetos são individualizados fruto do cansaço solitário que isola as pessoas em seus próprios problemas, os deixando letárgicos, sem reação, diminuindo sua potência de agir e de existir.

Afaste de mim, esse cansaço que me consome e essa obsessão de querer continuar a rememorar o passado como retrato de um ressentimento. Ah, dor, desapareça, meu corpo frágil sente o vento, e muda com a tormenta, sente o cansaço da jornada, o corpo potente, mas sensível as sensações da vida, não se fecha para parar de sentir. Pare de pregar minha dor, esse traço de dor me forma, sou um rizoma feito de muitos encontros, ainda aberto a descoberta; Ó, espantalho, tu és minha força de resistir, permanece no tempo mesmo nas violentas tempestades. Talvez porque não possa sair, teu mastro de segurança se faz tua força e sua prisão, não pode para de resistir, pois a partir do momento que um mau encontro ganha, tua vida termina.

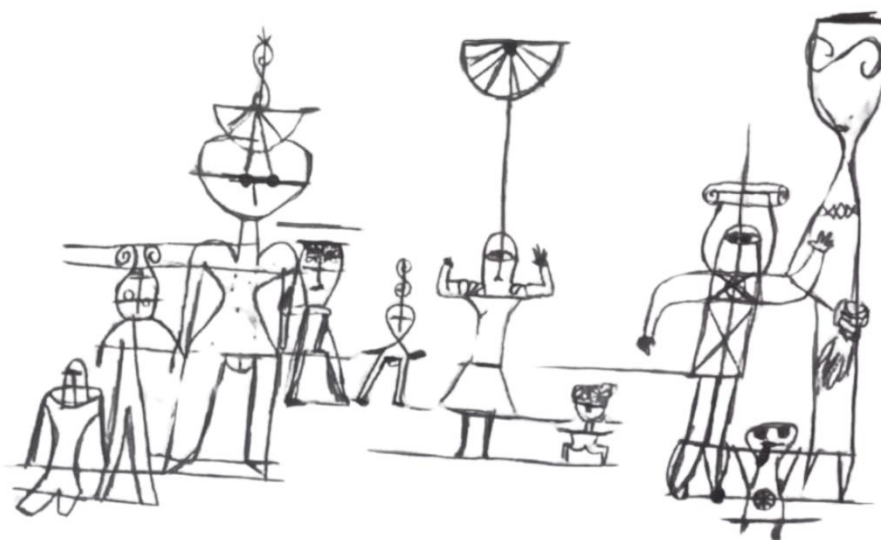
Eis-me aqui, pensando contigo sobre sua resiliência, talvez me sinta assim, um espantalho que tenta afastar os monstros que chegam em mim, e quais ocupam meu interior, mas falho miseravelmente; talvez por acreditar que minha presença afastaria os maus elementos. A inércia não me levou a nada, continuo a tentar sair do lugar, mas o peso do cansaço me paralisa. Nessa vida, tenho que ter estômago para digerir os acontecimentos que me tomam e ainda sorrir, mesmo com a dor que habita meu coração, me vejo forçado a sorrir na escola, na família, na rua...

Ao esconder minha felicidade, nego o que sinto, eis o que sou, uma negação. Olhe para mim: O que você vê? Uma mulher? Um passarinho? Um dragão? Uma abelha? Me sinto um pouco de tudo. Sou mulher pela potência de resistir. Um passarinho pela liberdade de voar para longe daqui. Todavia, com a força de um dragão para que ninguém possa aprisionar minha vontade, mas com o poder de me aumentar e me diminuir conforme quisesse, de dragão a abelha em um minuto.

A minha vida se tornaria bem melhor se fabulasse um conto de fadas para viver, mas não queria ficar nos enredos clássicos, talvez quisesse ter a companhia e a ajuda para limpar a casa dos animais da Branca de Neve e morar em um castelo tão alto como o da Rapunzel pelo menos não teria visitas, lutaria com um ou dois monstros alados, só

por diversão. Príncipe? Não faria muita questão, minha companhia bastaria. Mas voltando a realidade, até que tinha bons encontros na escola, me divertia muito, adorava os colegas, além de gostar de desenhar nos horários livres, passava horas desenhando elefantes, anjos, fabulando novas paisagens e pessoas bem exóticas.

No teatro dos exóticos,
As singularidades convivem em harmonia,
criam um agenciamento,
Um agenciamento de ação em que as suas forças movimentam na
diferença...
Nesse teatro seguem livre para expressar suas transgressões,
Suas abjeções,
Vivem a performar na liberdade de um instante sempre renovado,
Vivendo a possibilidade pelo encontro...
Pelo doce sorriso do outro,
Pelo amor que os cruzam...
Linha da diferença em que os corpos dançam
Nasce um tenro amanhã entre as multiplicidades,
os tons de um arco-íris rompem o horizonte,
nas gotículas de água a luz reflete, nesse brilho,
um novo olhar
floreado de criação e renovação...
e possibilidades... (*Palhaço Elétrico*)



O Anjo Esquecido



Eu cresci numa família complicada com problemas de saúde mental, problema com álcool, uma avó com várias moralidades que eu tinha que engolir para poder sobreviver. Hoje depois de 30 anos eu já aprendi aceitar que as coisas não podem ser do meu jeito, que eu nunca poderei ter uma família de televisão, de comercial de margarina, que só caberia a mim me reinventar e aprender a conviver com as minhas divergências familiares, de alguma forma esse "anjo esquecido" me fez lembrar da criança que eu fui, das coisas que vivi e de tudo que eu precisei superar para chegar aqui.

Esse anjo também me remete que tenho pessoas na minha vida que sempre me acolheram, eu tenho irmãos que a vida me deu, meus melhores amigos de infância sempre souberam como me acolher, como fazer eu me sentir acolhida e amada, nós passamos por tantos momentos juntos, feliz, tristes, mas sempre um ao lado do outro. Lembro-me saudosa das nossas brincadeiras no Instituto Nossa Senhora das Graças, escola onde conheci, praticamente, todos os meus melhores amigos, colégio que nos recebeu, e onde para mim, representa anos maravilhosos, talvez os melhores da minha vida! Neste sentido tem um caso muito interessante!

Na época que começamos a estudar no Instituto, o colégio inteiro era permeado de lendas e histórias assustadoras, pois o terreno do prédio ficava ao lado do cemitério municipal da cidade. Certa vez um grupo de crianças (eu inclusive), começaram a se reunir para olhar um tal "olho" que ficava nos observando na parte de trás da escola, rezava a lenda que quem olhasse diretamente para o olho ele levaria embora. Lógico, que nada nunca aconteceu a ninguém ou a nem uma criança, mas ainda lembro com carinho da inocência e frio na barriga que sentíamos, éramos crianças felizes e com um imaginário recheado, como toda criança deve ser, agradeço por esse período da minha vida. Eu deveria me lembrar mais da criança alegre que eu fui ao lado dos meus melhores amigos no mundo inteiro!



Patricia



Os meus amigos eram tudo para mim, eu me sentia acolhida, mesmo sendo todos diferentes convivíamos bem na nossa multiplicidade, inventávamos brincadeiras para passar o tempo, ou ficávamos apenas conversando e não víamos o tempo passar. Nos muitos encontros, a felicidade era o tom que ficava, entre muitos sorrisos. Um encontro coletivo que somava heterogeneidade a cada novo membro entre suas potências e fracassos. Assim, meus amigos eram a alegria de voltar no próximo dia a escola, por seu amor eu era rodeada, entre muitas partilhas e afagos, suas presenças me despertavam momentos alegres.

Agradecia, desse modo, a amizade que compartilhava não me cobrava nada, existia na plena confiança, essa era a beleza de tudo, mesmo em silêncio, entendíamos uns aos outros somente por gestos, criamos uma linguagem só nossa. A linguagem da amizade não aprisiona, deixa livre, rompe o tempo, pode-se passar muitos anos, mas nada muda, uma tarde inteira pode ser pouco para matar a saudade.

Patrícia encontrou na amizade um elo forte que a fortalecia, sua potência de vida, agora estava atrelada aqueles encontros, afetos alegres que dirimiam sua tristeza. Blanchot (1997), ao pensar a amizade, evoca um pensamento de Georges Bataille, pelo qual salienta que a potência da amizade está no rumor da distância, quando o homem se afasta de todos seus amigos e se encontra em um estado de abandono, uma amizade com os seus próprios afetos poderá surgir, essa amizade irá acompanhá-lo para o resto da vida, sendo livre por essência, poderá fortificar muitos outros laços que construir.

As marionetes enfim cortam as linhas que as prendiam, assim estão livres para gozar a liberdade do movimento, livres do ressentimento preferem dançar combinando as multiplicidades e suas próprias vontades, assim, produzem convergências, agenciando-se por uma enunciação coletiva que produzem uma alegria...



Um encontro alegre que recorda a inversão, quando as marionetes tinham que respeitar as ordens, pois os fios limitavam seu modo de agir.

No passado, o teatro das marionetes fazia ataques, pois não tendo como fugir das palavras de ordem, restava obedecer, culpavam os fios que as prendiam, assim agiam mesmo com remorso e a culpa, as ordens já foram dadas pelo seu senhor. Cortem as cabeças! O sangue jorrava sem fim. A vida como celeiro de poder apresenta muito senhores, não pense que seus senhores apenas subjazem na macroestrutura, as relações pessoais imperam suas vontades, e docilizam os corpos.

A sociedade e o cansaço andam juntas, pois nos tornamos senhores imperando cobranças em nossos corpos, exterior e interior estamos exauridos ao máximo, um adoecimento da vontade que cansa de produzir. O ritmo frenético faz que esqueçamos o tempo do afeto onde construímos momentos que duram no tempo por bons biofragmentos de uma vida-educação não cronológicos que vazam do nosso íntimo e nos fazem recordar sensações de um tempo perdido da infância no qual a felicidade vive no nosso coração, sem medo e pressão.

Os biofragmentos também vazam impressões ruins, reverberando como um grito que ecoa dor, tem horas que não vemos o rumor de um novo amanhã. Estamos fadigados, o corpo quer sucumbir, deixar a morte vencer, adoecidos pelo tempo de uma produção que cerceia a vida e a criação. Destarte, as pessoas evitam o encontro como potência do afeto, pois têm outras urgências tão caras hoje na sua visão. A fome dói e o descaso, também. A escola, em sua parca estrutura acolhe as dores e a fome, cansei de ver as pessoas fazerem filas para buscar merenda na porta da escola, pois seria essa sua única refeição, e cansei de ver as pessoas responsáveis pela merenda negando.

A educação e o afeto são linhas indissociáveis, cunhadas em muitos encontros, mas questionamos: Do que adianta ensinar se não for pelo amor? A lição que permanece quando afeta os alunos no presente, esse presente como acontecimento continua a criar sentidos, sentidos

estes que não estão encerrados, ou limitados a experiência. A cada acontecimento uma nova possibilidade de se deslocar e se movimentar na mudança. No percurso, então, criamos muitos biografemas. Um traço de vida-educação intensivo que nos acompanha para qualquer lugar que sigamos. Uma escritura de vida que faça fugir o marco administrado da história, para que, uma sensação de vida escape por uma *memória involuntária* (Proust, 1991).

A memória administrada falha, mas a sensação dura, poderia lembrar que ganhei um soldado de brinquedo, e ainda, dizer que foi em dia ensolarado de verão amazônico, mas quantos mais dias como este não aconteceram? Todavia, aquele dia era único, posso voltar quantas vezes quiser para aquele momento e revisitar a sensação da resiliência do meu avô, que venceu os piratas, pois o que vence no final transborda da memória involuntária da vida-educação que guarda os afetos entre as sensações.

Os biofragmentos chegam ao ponto final, mas nunca ao fim, poderíamos escrever muitos outros biografemas e trazer muitos outros traços de vida singulares que consternariam ou mesmo nos abraçariam, íamos rir das nossas próprias desgraças ou nos encher de alegria. Os biografemas que vazam nessas composições são vivos, falam de ti e de mim, se mutacionam na partilha de muitos encontros experimentados na escola, mas que transbordam na vida-educação.

As linhas de vida compuseram um tecido cheio de fios intensivos, ora fomos levados a experimentar essas intensidades no limite, para assim, reconhecer que afetos ainda restam em nós. Somos capazes de sentir? De nos colocar no lugar do outro? A empatia reside em nós ou já perdemos a habilidade de compreender o outro? Nesses biofragmentos levantamos questões, não para encerrá-las, e sim, para deixá-las em aberto, fazer com que outras pessoas se conectem nesse rizoma e produzam sentidos embebidos de vida, ao ponto de experimentarmos um tempo outro nos biofragmentos de uma vida-educação amazônica no rumor de uma arte menor e suas vidências potentes de si e do outro.



OS RUMORES CELEBRAM A ARTE MENOR VIVA!
PARA RESUMIR A AVENTURA
DEIXAMOS AS PALAVRAS EM SUSPENSO.



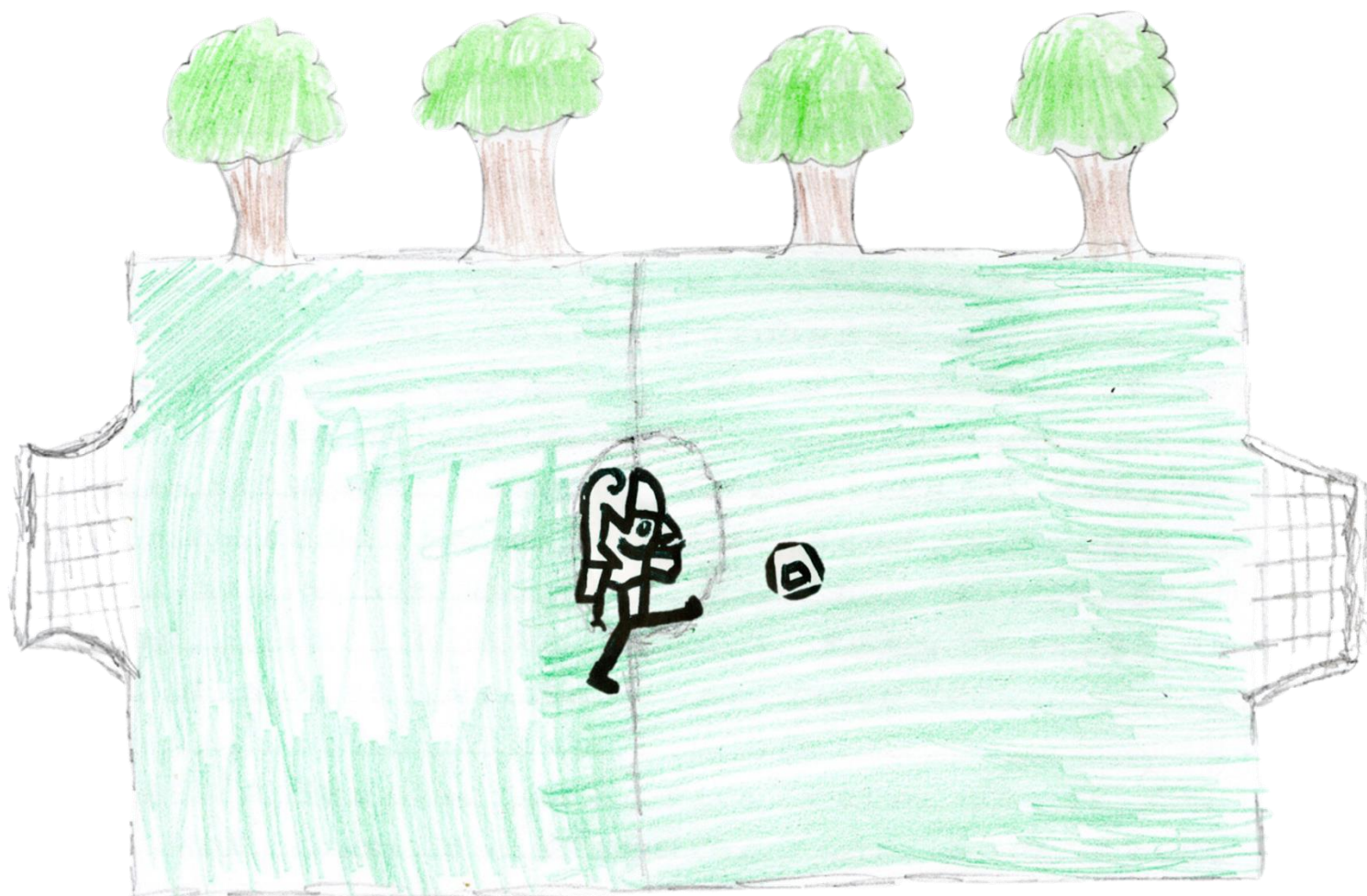
AGUARDAMOS...
AS INVENÇÕES.
OS DESLOCAMENTOS...
AS MUDANÇAS DE VISÃO.

O MUNDO POR VIR É DESCONHECIDO.
TUDO NELE PODE OCORRER.
COMO UMA TELA QUE ANSEIA O PRIMEIRO
TRAÇO
E O ÚLTIMO.



MAS O ÚLTIMO TRAÇO NUNCA É FINAL.
POIS MESMO DEPOIS DA OBRA CONCLUÍDA,
UM NOVO SENTIDO PODE NASCER!





PLATÔ VI: RUMORES

Na mesa em comunhão se reúnem o “Equilibrista”, o “Eremita” e o “Infante”. Seus rostos estavam cansados das caminhadas anteriores, porém renovados pelos profícuos rumos que experimentaram. O cansaço era um sinal para o repouso, os personagens precisavam de descanso, pois sua energia não era ilimitada. Eles descansavam para continuar a desbravar o mundo por mais um dia. As aventuras eram um convite a se perder e se encontrar a esmo, pelo potente movimento de descobertas.

As suas feições eram distintas: o “Eremita” parecia ter de cinco a cem anos, era experiente e inocente ao mesmo tempo; sua alma jovial estava sempre disposta a aventura. O “Infante” era uma metamorfose; sua infância foi um desafio para seu crescimento, aprendeu com a vida em seus prolongados passeios e vivências, compondo-se de forma singular. O “Equilibrista” vive em fusão; a fuga compõe seus caminhos de descoberta, assim está pronto para abandonar todas as suas certezas e recomeçar.

O jantar começou a ser servido, o silêncio imperava, só era quebrado pelo tilintar dos talheres e da comida sendo posta à mesa. No rumor das suas caminhadas, se encontraram, desconhecidos que tinham mais em comum do que pensavam. O Eremita pigarreou, nem lembrava mais da sua voz, pois não sabia dizer quanto tempo tinha passado em silêncio.

Assim, O Eremita tomou coragem e perguntou para o Equilibrista: Por onde andou, a nobre criança? O menino ficou pensativo. Será que o Eremita ia acreditar que ele viu um anjo caído? Achou melhor, por hora, deixar isso em segredo. O menino respondeu: Andei por tantos lugares e conheci tantas pessoas que nem saberia resumir a jornada tão facilmente.

O Eremita ficou contente em conhecer um andarilho como ele. O sorriso logo escapou, em reciprocidade, o rosto não conseguiu esconder a felicidade que lhe invadia. A resposta logo veio: Eu te entendo, as solas

dos meus pés estão calejadas pelo tempo que me aventurei, tenho tantas histórias para contar e tantos caminhos que vivi.

O Infante estava quieto, escutava tudo, parecia que a conversa também falava da vida dele. Ele poderia acrescentar as horas que passou desenhando ou das viagens que fez em muitas ocasiões da sua vida. A conversa continua... O Eremita diz que viu uma criança na rua que era parecida com o Equilibrista, tinha o mesmo olhar doce e inocente. A menina que vendia flores tinha uma vontade de viver muito grande, mas a vida não foi muito boa com ela.

O Equilibrista sabia que os desafios da vida eram compostos de bons e maus encontros. A menina do jantar fantasioso poderia corroborar isso, pois as dores, mesmo vindas de lugares diferentes, doíam da mesma forma. No entanto, não haveria consolo para a vendedora de flores, pois a morte atingiu como um cruel retrato da realidade.

O Equilibrista sentiu a dor da juventude abreviada da menina e desejou abraçá-la, e dizer que tudo ia ficar bem. No entanto, não havia consolo. Ele transformou esse sofrimento em uma força política que fez compreender que as mazelas do mundo decorrem da falta de empatia com o outro, e da estrutura que pouco pensa nas necessidades das minorias.

O Equilibrista, assim reflete: A vida importa mais do que qualquer coisa, nada pode superar a vontade de viver e existir. Somos a essência do mundo, e nosso corpo resiste como uma arma para enfrentar as adversidades.

O Infante ficou horrorizado: Como puderam deixar isso acontecer diante dos seus olhos? A morte sempre o assombrou, quando sua avó morreu, seu corpo ganhou um tom roxo, e suas bochechas rosadas se esvaíram rapidamente. A rapidez da morte o fez lembrar da sua vizinha, que morreu de repente e já havia se tornado um anjo. Ele não acreditava muito nisso: Como uma pessoa ruim poderia estar no céu vivendo como anjo?

A menina que vendia flores era tão boa e inocente que, se existisse céu, seria esse o lugar que pertenceria. No entanto, o Infante não acreditava nessa possibilidade. Para ele, Deus era injusto demais por permitir que sua linda criação sofresse até a morte. O Infante desejava que a menina que vendia flores tivesse horas de brincadeiras entre as poeiras cósmicas das estrelas e momentos de danças entre as constelações. Mas, em seu íntimo, ele ensejava que a menina resistisse e brilhasse como a “Estrela-do-amanhã”, o ponto mais brilhante e esplendoroso do céu, pois sua presença seria um lembrete de como o homem pode ser ruim e egoísta.

O Eremita sabia bem da maldade do homem. Certa vez, encontrou um homem que perdeu o amor ao mundo e, principalmente, o amor da sua família. Ele sucumbiu ao trabalho e esqueceu o afeto, assim adentrou no capital como o único caminho que importava. Ele foi apagando seus desejos e seus sonhos, o seu chefe o elogiava e o intitulava o funcionário do mês, ou seja, o que mais produzia. O homem estava cego pela produção que esqueceu que estava sendo explorado; todo o enriquecimento ia para o dono da empresa. Ele ficou doente e sem ninguém do seu lado.

O Equilibrista lembrou da menina do jantar fantasioso e sua negligência familiar, ambas as histórias estavam conectadas pela falta do afeto. Na janela, a menina do jantar fantasioso acompanha sua rua, via as crianças brincarem, a vizinha a fuxicar, as famílias se divertirem, mas o que restava era imaginar viver essas situações, pois sua família não a ouvia. O pai dela chegava do trabalho, como homem de Eremita, cansado não criava tempo para partilhar o afeto, nem que fosse por um doce sorriso ou um abraço matinal.

O tempo cobra seu preço, as pessoas cansam de esperar e buscam outros rumos. Os ressentimentos como acontecimentos perduram por um bom tempo, cabe a nós mudar o rumo fatalista e aceitar que na vida precisamos nos renovar, deixar fruir os bons afetos.

O Infante rememorou a sua infância, os momentos com sua família vieram à tona, o amor e o cuidado da sua mãe, bem como as brincadeiras e desenhos feitos no restaurante do seu Tio Frick, os rabiscos com giz de cera que fazia no papel higiênico com a sua avó, ou apenas admirando a fascinação da sua avó pela raspagem da maçã.

O cuidado da avó para com o Infante encontrou um eco no Equilibrista. A menina do Natal com meu anjo compõe um biografema de um amor familiar de paciência, que ensina lições de um viver amazônico cunhado nas práticas tradicionais, nas horas de histórias de visagens, das brincadeiras na ponte, de uma lembrança de um tempo que não voltará mais, mas que permanece em seu coração.

O anjo que a acompanha permanece como uma doce tarde de domingo, calma e serena, uma memória involuntária que abraça. A menina chora, torna-se difícil voltar ao passado; as dores permanecem aqui, e as lágrimas que vazam dor se fazem como um desafio necessário para superar esse sentimento. Todavia, não há como abandonar algo que nos compõe; precisamos conviver com as dores, tentando viver a felicidade no rumor dos encontros alegres.

O Eremita chorou, sentiu na pele como o afeto era importante. Ele compartilhou uma nuance inédita vivenciada no encontro com a professora de arte. Ao ler o biografema de Ariel, a professora não esperava que uma menina na sala começasse a chorar, pois o biografema atingiu pontos profundos na menina, que não sabia definir.

O choro era de alívio, pois a dor que escapava pelos seus olhos era acolhida e partilhada pelas tormentas de Ariel. No meio da aula, a menina se sentiu à vontade para explanar suas chagas, contando que também era apelidada no corredor, onde as pessoas gritavam adjetivos pejorativos para ela. A pequena menina se ofendia, mas não tinha como revidar. Se tivesse uma pedra como a menina que roubava giz, seria uma boa defesa, mas somente se recolheu.

Além dos seus colegas, os professores também faziam chacota, pois ela nunca entendia na primeira vez e sempre tinha que tirar dúvida.

Assim, vemos que na vida sempre há um professor Severo que não gosta de ser contrariado. A dúvida nunca foi amiga da menina, e se fosse preciso, ela se dedicava horas a fio para saná-la, procurava em todo o lugar e não tinha medo de contrariar quem fosse.

O Infante se sentiu culpado por se irritar com o menino da voz melódica e enjoativa, mas para sua defesa, ele estava obstinado a perturbar; não gostava de voz doce e estridente, preferia o silêncio. As melodias que gostava eram os tons da natureza, as correntezas no rio, o vento que assobiava nas montanhas, o canto dos pássaros...

O Eremita e Equilibrista se olharam e não disseram nada; há pessoas chatas em todo o lugar. A conversa continua a fluir, muitos outros biografemas são trazidos a superfície.

O Eremita pergunta: O que vocês acharam do Cartadiário? Um silêncio se instaurou. O Infante, para quebrar o gelo, pergunta: Vocês se lembram do Quarto Escuro? Todos assentiram e concordaram que era um horror, as pessoas eram cruéis em ensinar.

O Infante logo concluiu que preferia os demônios na janela a viver no rigor da Dolores e do Severo. Todavia, a escola não o limitou aos maus encontros. Os amigos eram sua fortaleza, assim como Patrícia. Amizade era o que importava naquele lugar, pessoas que o reconheciam como iguais e o tiravam da tristeza.

O Equilibrista reflete que a Cartadiário reverbera como um acontecimento que tensiona a educação como pensamos hoje em dia. As questões que o Equilibrista formula são: A escola colocada em Cartadiário se pauta no presente? Ou o quanto dessa escola tradicional ainda permanece?

O Equilibrista infere que muitos pontos ainda permanecem atuais, por exemplo, ainda é possível ver a abordagem tradicional sendo servida de bandeja em muitas salas de aula. O Eremita testemunhou isso com a professora que entrava na sala e seus alunos eram assombrados pela sua presença. Além da presença autoritária da professora, os alunos ainda praticam chacotas e violências com os colegas; mesmo que o tempo

seja outro e tenhamos muitas realidades, a escola tradicional tem seus germes impregnados na educação.

O Eremita faz um contraponto, afirmando que não podemos limitar a educação esse cenário, ainda temos a professora de arte que resiste e busca trazer ao mundo da educação um novo possível. Como Deleuze e Guattari (2015b) escrevem: um pouco de possível senão eu sufoco. A professora tentava acolher os biografemas de vida dos alunos, para assim, conhecê-los e trazer à tona afetos profundos à superfície. Ela não abandonava o ensinar, mas fazia dele uma potência de criação de vida e afetos.

O Infante ainda salienta que a Cartadiário transborda sentidos de vida cunhados nos biografemas vividos no interior, "sítio" ou no "centro" (região rural). As vivências coletivas despertam a imaginação e nos fazem voltar ao momento em que éramos crianças, brincando livres, sem pressão de um tempo ou de um rumo.

O Infante olha para o lado e a vista uma pessoa se aproximando, o Palhaço Elétrico aparece de surpresa no jantar, e traz consigo uma vida-educação amazônica livre da decisão, uma liberdade pela qual podia passar horas na mata colhendo manga, buriti, cacau, pupunha, camapu, coco, cana de açúcar e entre outras frutas da região.

A vida ribeirinha estava entranhada no Palhaço Elétrico, bem como nos outros biografólogos anteriores, pois partilhavam algo que era singular: o afeto. Não há como desvencilhar a vida da educação, já que Amazônia, em seus traços e composições, nos lançam signos coletivos que aprendemos nos ensinamentos dos nossos pais, avôs, tios, primos e muitos outros conhecidos e desconhecidos.

O Palhaço Elétrico alcança o afeto nos encontros potentes e revolucionários de um devir-mundo amazônico, no rumor da revolução que começa quando aceita seu próprio desejo. Ele reverbera que a escola, como espaço de vida-educação, precisa acolher as multiplicidades e os desejos dos alunos, bem como suas vivências de mundo.

O Palhaço Elétrico diz que os biografólogos são repletos de biofragmentos criadores de biografemas, composições singulares de vida-educação que não cessam de recriar a visão de mundo e fazem compreender como um devir-mundo coletivo cheio de diferença, essa coletividade agencia múltiplas vozes, como o Equilibrista, Eremita, Infante e muitos outros andarilhos que os envolveram por suas potentes trajetórias de vida.

O Palhaço Elétrico sentiu um tom que reverberou afetos tristes, bordejando desejo de morte, mas não se deixou abalar pela tristeza. Foi preciso resistir por uma potência de existir, tornando o ressentimento algo secundário à alegria.

Os andarilhos reconhecem que o biografema de uma vida também vaza questões sociais e pessoais entranhados na sociedade, e que teremos que acolher na educação e problematizar como as violências, felicidades, sonhos, desejos, inquietações e lições... são partilhadas dentro desse cenário escolar.

A vida-educação se apresenta como um terreno amplo de experimentações, no qual se deleita sem julgar ou emitir juízo de valor pelos caminhos que os andarilhos caminharam. Desse modo, eles percebem que os biografólogos queriam apenas ser ouvidos, de tal modo que a jornada que trilharam experimentou um lugar seguro.

Desta forma, a escrita e à arte foram uma válvula de escape para que os biografólogos pudessem vivenciar momentos de choro, interdições, de sufocamento, de resistência, de afeto, de alegria, de silêncios... A vazão desses sentimentos estava atrelada à dificuldade de voltar ao passado e rememorar os sentimentos, muitos ainda dolorosos, mas que, pela escrita, puderam criar um rumo à superação.

O passado se apresenta como uma armadilha, parece que o trauma sempre se sobrepõe. O trauma vem à superfície e acaba por suprimir os momentos bons, assim que o trauma começa a vazar, começamos a deixar as memórias boas fluírem.

O Equilibrista lembra de Ariel, seu primeiro biografema, que se compôs com a dor. Ariel chorou ao contar o que tinha vivido na escola; o sofrimento era o primeiro sentimento que veio à tona. O Equilibrista ainda pergunta: Não há felicidade em seu caminho? Ariel, após enxugar as lágrimas, assentiu que sim.

O terror vivido na escola coexiste com os momentos de aventura, nos quais brincava na rua sem medo, praticando a sua esperteza, diversão e compondo um novo amanhã cheio de esperança e reconstrução. O Ariel sorri agora, pois a felicidade se constrói quando faz o tempo fugir e no momento que aceita a liberdade que há nele.

O Eremita lembrou dos meninos que brincavam em seu jardim. As crianças bem que poderiam ser Ariel, criando máquinas em prol da sua diversão. As brincadeiras eram múltiplas; tinham muitos momentos que brincavam de garrafão, taco, pega-pega, peteca e outras brincadeiras que o Eremita não sabia nomear.

O Infante também sabia que os momentos de diversão eram preciosos, a vida-educação escapa quando experimentamos ser livres. A liberdade de uma vida de diversão também toca o Equilibrista, ao lembrar da menina do Natal com meu Anjo, em seus muitos pulos da ponte, de brincar de “pira-pega” nas águas verdes do Rio Tocantins, de quem fica mais tempo no fundo (de baixo d'água), ou disputando quem nadava mais rápido.

A vida-educação amazônica se rizoma por biofragmentos dos banhos no rio, nas danças das bailarinas, nas viagens de barco, entre furos e igarapés. Os traços de um tempo redescoberto que muitos julgam “perdidos” acalentam a alma das nobres crianças.

O Eremita, Equilibrista, Infante e o Palhaço Elétrico roubam de Proust o escape do tempo administrado, pois dançam no tempo que voa na fabulação criadora de mil anjos em queda, nos cantos das sereias, nos uivam das *matintas*, nos picadeiros de circo e muitos outros encontros. A vida passa depressa, mas os biografemas de infância

permanecem neles como um acontecimento, um lembrete de viver a vida-educação no pleno prazer, celebrando todos os dias a infância.

O Infante sentia as pressões de uma vida adulta cheia de cobranças; as pessoas diziam: Já era hora de escolher o rumo da sua vida, decida logo, pintor ou músico. As decisões chegaram cedo, na flor da sua juventude, as suas inclinações artísticas foram acolhidas e incentivadas pela sua avó desde os seus primeiros traços, e ainda nas suas muitas idas à ópera com sua mãe, além das escolas de arte que frequentou.

Entretanto, já desconfiava que as escolas somente ensinavam a repetir os modelos no rumor de uma arte acadêmica; passava o dia pintando nus, para que no final do curso soubesse reproduzir os traços anatômicos com maestria. Desta forma, a academia diria com orgulho: “Agora és pintor”. Engano maior não existiria, pois o Infante reconhece na sua trajetória que se os liceus de arte o ensinassem o que mais tarde aprendeu na sua vida de aventura, sua experiência com a arte seria outra.

As pressões chegaram ao Equilibrista, a vida adulta desempenha outros desafios ao menino, as pessoas diziam que teria que seguir rumo ao comum. Uma vida comum? - questionava o menino. O comum cunhado no enfadonho ritmo do trabalho a cumprir horas. Todavia, sua vida no circo o presenteava com a descoberta. A cada nova mudança, um novo lugar para conhecer e pessoas para se conectar. Desta forma, faz o rigor escapar nas suas linhas inventivas de liberdade.

O Eremita faz fugir a dominação, assim abandonou as linhas duras da religião, pois não queria seguir o dogma e continuar em penitência. Nessa desterritorialização, decide experimentar o mundo na liberdade, sem julgamentos. Tornou-se andarilho para desbravar lições valiosas da vida, perpassando por lugares e questões indigestas na sua caminhada.

Desse modo, as aventuras se tornaram um território de aprendizagem que escancarou as mazelas da sociedade e o tornou

sensível ao mundo novamente. As cenas cotidianas se tornaram intoleráveis, as quais não poderá mais se dessensibilizar.

O Eremita, assim, viveu diversas vidas para poder compreender a dor do outro e se tornar aquele que resiste aos diferentes territórios, como o espaço em seu devir-tardígrado, o deserto mesmo na escassez de água e repouso, as ruas e seus muitos desafios, as matas no viver e pulsar coletivo de uma vida-educação amazônica, e muitos outros porvires pelo qual pode habitar.

A resistência dos andarilhos cria reverberações ao solo da vida, que se dobram no tecido da educação. Ao ponto de experimentar uma matéria cósmica que se movimenta nas constelações dos desejos e nas fabulações de modo de vida outro, mudando nossa visão. Assim, podemos vislumbrar sentidos velados no solo da escola e no seu arredor. Resistir!

Ah, como desejam resistir! Desejam mostrar suas forças ao mundo, para não limitar a vontade de fruir as coisas em liberdade. Oh, tomem o mundo por amizade e proporcionem encontros felizes, pois O Eremita, Infante, Palhaço Elétrico são corpos presente que resistem, biofragmentados em meio aos sonhos, imaginações e realidades, e se põem a viver andarilho.

O Eremita se põe em biofragmentos, já está acostumado em habitar a multiplicidade, viver biofragmentado para fazer fugir a completude. Barthes sinaliza que, longe de uma biografia, prefere o biografema, pois pode intensificar as potências de vida menor nos rumos das suas sensações e experiências. Nesse rumor, o Infante questiona: Quais os biofragmentos que mais lhe tocaram? O Eremita e Equilibrista ruminam por um tempo até formularem uma resposta.

O Equilibrista fica surpreso com o biofragmento da viagem do barco e os oito tiros: no entanto, esse biografema acabou por criar uma força de resistência no menino pelo traço de afeto avô e neto. Novamente, a crueldade o assustava, agora pelo viés dos piratas que não se importavam com a vida do outro, valorizando mais o material do

que qualquer coisa. Como a vida pode valer mais que um barco? - indagava o Equilibrista.

A incredulidade logo passava quando lembrava dos jornais a espremer sangue em prol da banalização da vida; as minorias viriam a se tornar dados estatísticos em uma métrica que não se sensibilizava com a dor do outro, morrem moradores de rua, travestis, negros, gays entre outras minorias, e tudo acaba por ser normalizado, "Doze minorias, doze assassinatos".

A banalização atinge o afeto no rumor da infância. Ao relembrar esse movimento, o Infante recorda um biofragmento sobre um mundo no qual as crianças nasciam sem afeto; a família negligenciava as suas presenças e, nas datas importantes, as crianças também eram esquecidas.

Assim, essas crianças cresceram sem um registro no álbum de família; toda a sua infância passou despercebida, até que, no futuro, sua ausência vem à tona quando a família toda reunida olha as fotos e não encontra a presença da criança. Mas criam logo uma desculpa para atenuar o constrangimento: "Você nem gosta de foto". A criança lança um sorriso amarelo, demonstrando sua insatisfação.

Às vezes, a vida nos surpreende, e não há como prever os rumos que tomará. Na surpresa, o Eremita lembra da Bailarina, que estava pronta para o espetáculo quando a morte atingiu sua tia. O sonho da menina se transforma em um lembrete de uma tragédia.

O fim da pequena bailarina abre margem para bordejar outros sonhos, mostrando que não devemos limitar a um único desejo. Temos a oportunidade de experimentar outras composições, ou até mesmo voltar a dançar e criar uma outra melodia, abandonando o ressentimento e vivendo pela vontade e o desejo.

O jantar transcorreu bem, as conversas se rizomavam com a experiência, pareciam velhos conhecidos. Em meio ao tempo que passou chegou a hora de partir, encerrado o repouso iriam desbravar novos caminhos.

O Infante pergunta: Qual será sua próxima jornada? O Eremita quer continuar a conhecer o mundo e permanecer a resistir. O Equilibrista disse que ainda habitava em seu íntimo um espírito jovial de descoberta e que ainda tinha muito a experimentar.

O Infante, na mesma corrente, queria fazer muitas viagens e conhecer muitos outros países como a Tunísia, Roma, Itália, França, e onde sua vontade o levasse. Ele sentia que precisava compor seu caminho próprio e se experimentar enquanto pintor, não querendo ficar horas preso em um liceu, apenas repetindo modelos já pré-configurados de arte. Ansiava que as escolas de arte ensinassem a criação, assim como aprendeu com a vida, no rumor da lentidão e da tentativa.

Os andarilhos resolveram se agenciar, agora estavam enlaçados nas linhas da vida, não podiam se desvencilhar. Eram um platô que criava caminhos e acolhiam afetos; agora, seus percursos reverberavam seus encontros.

Desta forma, não tinham como prever uma direção, pois as pessoas eram únicas e cheias de linhas singulares de vida. Uma flor podia ter vários sentidos; cada um imaginava uma composição possível, desde bons momentos, um pedido de namoro, ou como a dor de uma despedida quando uma flor era jogada em uma sepultura. Somos repletos de experiências únicas.

Os biografemas nasceram no seio da escola, e por meio dela, os andarilhos puderam caminhar e construir suas aventuras. Em meio às oficinas, muitos signos jorraram, e não pararam de acolhê-los, pois ensejavam liberar à criação. Desse modo, pelo espaço de educação, muitas questões de vida-educação foram experimentadas e transbordadas, pois não há como desvincular a vida da nossa formação.

Desde que aprenderam a andar, falar, cantar, brincar e a viver, os andarilhos estavam envolvidos no contato coletivo de uma vida-educação, nos biofragmentos de uma educação formal e informal, avançando para além da escola. Os andarilhos questionam: “Você deve

estar pensando? Se essa educação nos acompanha a vida inteira, por que a escola não a acolhe?".

A resposta para essa questão não será simples ou determinada. Estamos aqui tecendo pistas por meio de biofragmentos de uma vida-educação, os quais nascem desarranjadas nas experiências de vida dos biografólogos e que vazam pelo encontro com Klee e sua arte menor.

Foi nesse mergulho, que a arte menor criou um solo propício para a proliferação de afetos que transbordaram livres. De tal modo, não criamos um modelo de educação, mas sim um movimento de experimentação que pode agora adentrar as salas de aula por um viés acolhedor de uma multiplicidade que está disposta a ver a vida-educação como outro olhar.

Dessa forma, os limites que os andarilhos experimentaram se desenharam do encontro com os blocos de infância criados no interior de cada biografólogo, signos que dificilmente iriam subir à superfície se não fosse pelo encontro com a arte e sua liberdade sem julgamento. Um currículo engessado em conteúdos, prazos e determinações não criariam linhas de fugas, pois hoje vemos uma criação apenas atrelada às bases legais, limitando a ação de outras práticas no intervalo do conteúdo.

Nas oficinas, os biografólogos estavam livres para criar pela sua vontade. Não existia um caminho certo ou errado; cada um podia compor o que quisesse, sem a cobrança de avaliação ao final. Os temas sensíveis começaram a emergir dos porões dos biografólogos, sentidos escondidos de todos por uma máscara de felicidade que agora ganha vida pela arte menor de Klee.

As composições livres criadas na liberdade da arte menor tensionaram os limites. Os andarilhos se questionavam sempre: O quanto de educação há aqui? Não que buscassem quantificar, mas compreender que precisavam se libertar de uma vida limitada ao espaço escolar engessado, uma educação como modo de vida, que viva e conviva com a diferença e suas possibilidades. Isso é corroborado

pelos biografólogos, uma educação para além dos muros de fuzilamento.

Os biografemas ganham vida nas linhas de fuga de uma infância que não se limita ao passado, pois resistem no presente, apresentando-nos modos de existir que são tecidos na coletividade e despertam lições.

Os biofragmentos experimentados criaram linhas de vida-educação para ajudar a curar os corpos frágeis, ao modo deleuziano, um corpo frágil, mas potente, pois duram no tempo pelo desejo de potência. Assim, a educação guiada por biofragmentos atravessa a vida pelo afeto, como um lembrete de dias melhores que ainda podem surgir, e também, que a tristeza pode nos atingir, mas jamais nos imobilizar.

O jantar terminou, os andarilhos viveram muitos signos em só uma noite. Tornaram-se amigos, e esse laço de um dia durou para a vida toda. A cada dia se conheciam um pouco mais e cada encontro muitas outras visões de mundo. Conheceram muitas outras pessoas e outras realidades. O momento de partir chegou, e agora podem experimentar novos biografemas que sempre serão únicos. Cada encontro é um universo inteiro de descoberta. Os andarilhos em palavras finais, verbalizam: Venha, ande conosco, lance-se no caminhar sem medo. Mesmo no cansaço, busque força para continuar a seguir construindo encontros e celebrando a vida, com leveza e liberdade.

SEM TÍTULO (*Cidade de tendas nas montanhas*)



COMPANHIAS

ARTAUD, Antonin. A Painter of the mind. In: KLEE, Paul. **Some poems by Paul Klee. Translated by Anselm Hollo.** Scorpion Press, Manor House, Pakefield Street, Lowestoft, Suffolk, 1962.

BARTHES, Roland. **Aula.** Editora Cultrix, 1978.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes.** São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. **Friendship.** Stanford University Press, 1997.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita:** ausência do livro. Tradução de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.

CORAZZA, Sandra Mara. **Memorial de Vidarbo:** escrita biografemática. Porto Alegre, 2014.

CORAZZA, Sandra. Introdução ao método biografemático. In: FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luciano Bedin da. **Vidas do fora**: habitantes do silêncio. Porto Alegre: UFRGS, p. 281-298, 2010.

COSTA, Gilcilene Dias da. **Trilogia antropofágica** [a educação como devoração]. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

COSTA, Gilcilene Dias da; IGREJA, Fabíola de Fátima. **Devir-mulher e educação múltipla: cartografias clariceanas**. Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Editora 34, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. 3. ed. – Fortaleza: EdUECE, 2019

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix; **Kafka**: por uma literatura menor. Autêntica, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, 2015a.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**. Folha de São Paulo, v. 27, p. 4, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Maio de 68 não ocorreu**. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 8, n. 1, 2015b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia–I, trad. Luiz BL Orlandi. São Paulo: Editora, v. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Editora 34, 2016.

Entrevista José Saramago no documentário In: Jardim, João e Carvalho, Walter. 2001. **Janela da Alma**. Ravina Filmes.

FOUCAULT, Michel. Prefácio (Anti-Édipo). In: **Ditos e escritos**, v. 6, p. 103-106, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2019.

KLEE, Paul. **Diários**. Tradução de João Azenha Jr. Martins Fontes, São Paulo, 1990.

KLEE, Paul. **Paul Klee Equilíbrio Instável**. Exposição organizada pela curadoria de Fabienne Eggelhöfer, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, 2019.

KLEE, Paul. **Some poems by Paul Klee**. Translated by Anselm Hollo. Scorpion Press, Manor House, Pakefield Street, Lowestoft, Suffolk, 1962.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Editora Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

POE, Edgar Allan. **Histórias Extraordinárias**. Abril, Rio de Janeiro, 1999.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Tradução de Carlos Vogt. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze e o possível** (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SILVA, João Melchiades Ferreira da. **História do pavão misterioso**. Juazeiro do Norte, (Biblioteca Nacional do Cordel), 1990.

COMPOSIÇÕES

Aberturas

p.1 Composição do fundo da capa produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.6 Composição produzida em oficina em no ensino médio a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.9 Composição produzida em oficina em ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.10 Composição produzida em oficina no ensino médio a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.11 Composição produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.12 Composição produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.13 Composição produzida em oficina no ensino médio a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

PLATÔ I

p.14 Composição produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

As caixas: Os dois movimentos:

p.15 O primeiro movimento criado na oficina de composição no ensino médio a partir da obra de Paul Klee, "Cidade velejando" (1930); O título "As caixas" foi elaborado pelo aluno.

p.16 e 17 O segundo movimento trata-se da composição de uma biografema com as caixas pelo personagem conceitual Palhaço Elétrico, as obras de fundo são de Paul Klee, respectivamente, "Nas casas de St. Germain" (1914) e Um perfil e tanto (1939).

p.18 Linhas de invenção: A composição que está no início da seção foi criada por um aluno na oficina a partir da obra "Desperdício", de Roland Barthes, contida no livro Roland Barthes por Roland Barthes.

PLATÔ II

p.44 Composição produzida em oficina no ensino médio a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

Por que crescer é tão ruim?: Temos dois movimentos novamente:

p.45 e 46 A composição criada em oficina a partir da obra "E" (1918), de Paul Klee, respectivamente criada por um biografólogo no ensino médio e pelo Palhaço Elétrico.

p.47 Colagem com a produção da oficina no ensino superior e a caricatura do autor feita por Sidvan.

p.52 Composição produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.53 Obra de Klee intitulada "O Carrossel" de 1889.

p.54 Composição elaborada em oficina no ensino superior a partir da obra "Cavalo, trenó, 2 senhoras" (1884), biografólogo do ensino médio.

p.55 Composição produzida em oficina no ensino superior e fragmento do personagem conceitual, Palhaço Elétrico.

p.57 Composição livre elaborada em oficina no ensino superior.

p.60 Composição livre elaborada em oficina no ensino superior.

p.64 Composição livre elaborada em oficina no ensino superior.

p.69 Composição livre elaborada em oficina no ensino superior.

p.70 Composição produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.71 Composições produzidas em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.72 A obra de Klee "Teatro de marionetes" (1923) versa a capa do biografema "A menina que roubava giz". O biografema foi criado pelo Palhaço Elétrico com biofragmentos em oficina no ensino superior.

PLATÔ III

p.78 Composição produzida em oficina a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.79 A obra "Satanella" (1939), de Paul Klee, se faz presente no início do biografema de Ariel, o pacífico, bem como compõe o fundo. O Biografema foi criado pelo Palhaço Elétrico em oficina no ensino superior.

p.82 "Eremitania" (1918) obra de Paul Klee, alocada no início da seção, usamos para compor o personagem conceitual "Eremita".

p.89 Composição elaborada em oficina no ensino médio a partir da obra "Mulher semeando ervas daninhas" (1903).

p.91 Composição livre elaborada em oficina no ensino médio.

p.92 Composição criada a partir da obra "Riscado da lista" (1933), elaborado em uma oficina do ensino médio.

p.98 Composição livre elaborada em oficina no ensino médio.

p.100 Composição livre elaborada em oficina no ensino médio.

p.112 a 114 "Fronteira" obra de Paul Klee encontra-se no fundo do biografema "As aventuras de Ariel". O biografema foi criado pelo Palhaço Elétrico com biofragmentos coletado em oficina,

PLATÔ IV

p.115 Composição produzida em oficina no ensino superior a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.116 Composição "O almoço fantasioso" criada em oficina no ensino médio a partir das obras "Família à mesa" (1885) e "Crianças em sequência" (1885).

p.117 a 129 "O jantar fantasioso" se baseia na composição anterior para criar um biografema, nesse ensejo elencamos dois movimentos interessantes, o enredo buscar trazer uma visão da vida amazônica, outro ponto de interesse

que as ilustrações foram elaboradas depois do biografema pronto em outra oficina no ensino fundamental.

p.130 “Infante P” (1938) obra de Paul Klee, alocada no início da seção, usamos para compor o personagem conceitual “Infante”.

p.152 A obra de Klee “Árvore de Natal com anjo e trem de brinquedo” (1884) inspiração para o biografema “O Natal com meu Anjo”.

p.152 a 157 O fundo do biografema “O Natal com meu Anjo” foi composto em oficina no ensino médio.

p. 158 Colagem digital a partir do biografema criado com Klee.

PLATÔ V

p.159 Composição produzida em oficina a partir dos poemas e obras criados no encontro com Klee.

p.160 a 164 A obra de Klee “Queda” (1933) inspiração para o biografema “A Queda”, o biografema foi composto por duas inspirações diferentes, em oficinas no ensino médio; recriado pelo personagem conceitual Palhaço Elétrico.

p.165 Composição elaborada em oficina no ensino médio a partir da obra “Equilibrista” (1923).

p.191 Composição livre elaborada em oficina no ensino médio criada por inspiração “Insula dulcamara” (1938)

p.193 Composição criada em oficina no ensino médio a partir da obra “Mulher com roupa típica” (1940).

p.195 e 196 Composição criada a partir da obra “Soldado” (1938) em oficina no ensino médio.

p.197 Colagem com os poemas autorais do autor (desta tese) na fruição da obra de Klee em uma oficina do ensino médio.

p.198 Composição criada a partir da obra “Reconstrução de uma dançarina, uma tentativa” (1939) elaborada em oficina no ensino médio.

p.200 Composição criada a partir da obra “Busto de uma criança” (1933) elaborada em oficina no ensino médio.

p.202 Composição criada a partir da réplica do fantoche “Palhaço orelhudo” elaborada em oficina no ensino médio.

p.203 Biofragmento elaborado em oficina no ensino médio.

p.203 Composição elaborada em oficina no ensino médio.

p.204 Biografema elaborado em oficina no ensino médio.

p.206 Composição criada a partir da obra “Destruição e esperança” (1916) em oficina no ensino médio.

p.207 Composição criada a partir da réplica do fantoche “Espantalho fantasma” elaborada em oficina no ensino médio.

p.208 Colagem feita com biografemas elaborados em oficina no ensino médio.

p.210 Composição criada a partir da obra “Teatro dos exóticos” (1922) elaborada no ensino médio.

p.211 Colagem digital feito com biografemas elaborados em oficina no ensino superior a partir da obra “Anjo esquecido” (1939).

p.213 Composição criada a partir da obra “Com a marionete” (1919) elaborada em oficina no ensino superior.

p.216 Colagem digital feito com biografemas elaborados a partir da obra “Cidade Velejando”, “Autorretrato” e “Fantasma elétrico”.

PLATÔ VI

p.217 Colagem criada a partir da obra “Marte pequeno” (1937) elaborada em oficina no ensino superior.

p.232 Obra de Klee intitulada “SEM TÍTULO (*Cidade de tendas nas montanhas*)”.

Outras composições no link: <

<<https://issuu.com/jessecamppos/docs/composies>>.

Ou no QRcode.



2023

Composições

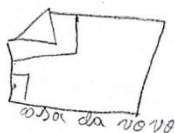


Jessé Campos



a Minha infância

foi um fase que marcou minha vida, uma fase muito
intelectual e emocionante. tenho muitas recordações lembro dos
desenhos todos ~~os~~ feitos que usava com tinta guache...
Sinto saudade de brincar na areia, em panelinhas,
e quando estávamos brincando não queríamos crescer
e agora queremos voltar pra ~~quando~~ ser crianças de novo
relaxado. Brincar de ser criança como é bom.



Você conta um pouco da minha história
eu foi muito apocalíptica, mas eu mudiei mais eu
tentei mudar mais, mas eu me diverti muito
Ainda me diverti muito.

6º ano D



* apocalíptica = mal da ra

na minha infância eu viajava
muito para Belém. Quando chegava
em Belém eu ia na praia

eu brincava muito mais ou seja
muito no campo, atreção que eu
gostei muito era sobre a
arte que eu desenhava
era um quadro com
um jardim com flores



No primeiro passo o
movimento começa...



#Infâncias



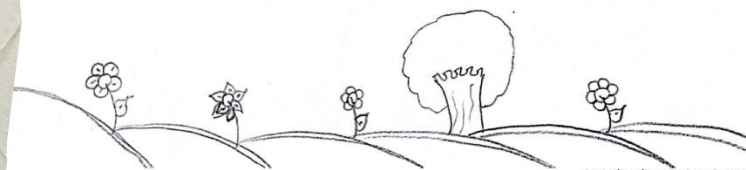
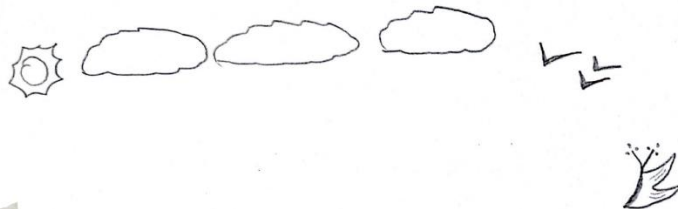
A Minha Infância
 Foi um amor-frei da minha vida.
 E minha infância morreu a minha vida.
 Sinto saudade dela, porque quando não creio
 a gente sempre sente saudade!
 Saudade dos brincadeiras, a pazinha perto
 de casa da vovó



Credeal

Na terra caminhada esteja
 disposto a enfrentar a
 imobilidade...

Me lembro no começo quando eu estava aprendendo a desenha
 desenha e uma coisa muito boa quando eu desenhava eu
 me sentia tão bem eu amava desenha.

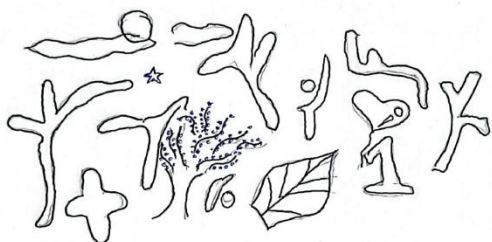


Digitalizado com CamScanner

#Infâncias



Esse desenho eu gostava muito de fazer pro Têtor
fazem um quodro pro vende seia um pouco engraçado por que
eu misturava tudo Anonés com outras plantas era divertido
desenho me sentia um pintor profissional essa era minha
meta desenho sempre gostei de pintar desenho até eu faço
alguns desenhos birutas mais o importante é fazer o que
gostamos não imonto se sair feio o que imonto é que
estego satisfeito com o que você faz.
Agora vou mostra como eu desenhava quando eu era
criança.

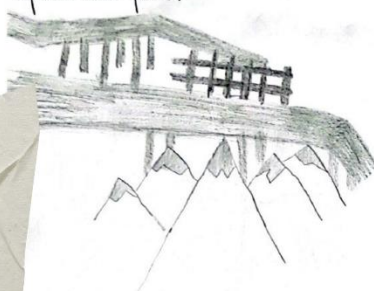


ESSA ERA MINHA BIRUTICE
MAIS EU AMAVA E AINDA AMO
DESENHA. ♥



3ª As forças intensivas reagem
as batidas do coração.

Esse desenho me lembra um personagem, mas eu não sei muita coisa sobre ele.
Mas ao mesmo tempo me lembrei que eu assistia a canais que mostravam a
vida animal. Agora que eu estou olhando bem para essa imagem, ~~(esse)~~
a maior parte da face desse animal eu estou vendo como se fosse um tipo de
montanha e em cima da montanha uma ponte que vai para a direção esquerda e não
aparece o seu fim, um pouco do lado da ponte tem outra imagem que me lembra um portão
e do lado do portão do outro lado do portão uma outra ponte no final dela posso ver os
suportes dessa ponte.



minha infância
foi quando a patreza do papai!
me deu um material de desenho
foi um kit de desenho eu amei
eu desenhava toda hora e dia
fim ♥



Final

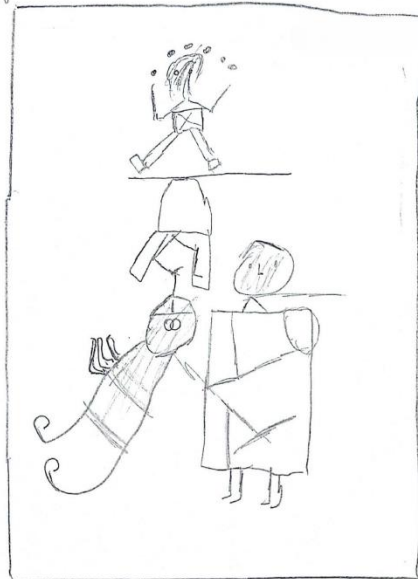


#Infâncias

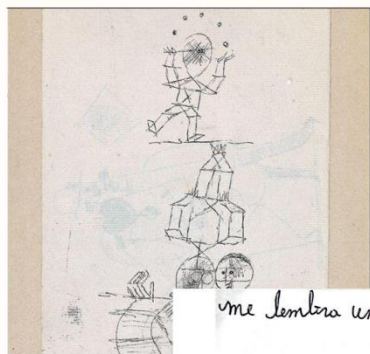
Esse desenho me lembra de muitas artes que eu fiz parecido quando era criança pois, fazia muitos desenhos parecidos. Esse desenho representa um corpo humano de uma mulher, parecida com uma bailarina. Esta arte está quando era um pouco menor, por que quando criança eu desenhava desenhos parecidos, além disso arte a muitas outras desenhos.



ISSO ME FAZ LEMBRAR EU ERA MUITO PACIFICO NA RUA NA
PRIMA ANDE POR EU NÃO PAREIA DE CORRER ISSO ME FAZ FELIZ
POR QUE EU NÃO TEMIA COM QUEM BRUCA MAS ISSO NÃO ME
DEIXA TRISTE EU POSSO FAZER MUITAS AMIGAS PELA CRIANÇA



Seu frenesi ora apazigua
ora se agita

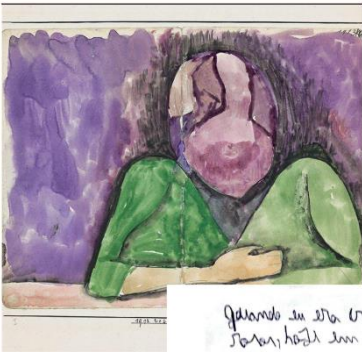
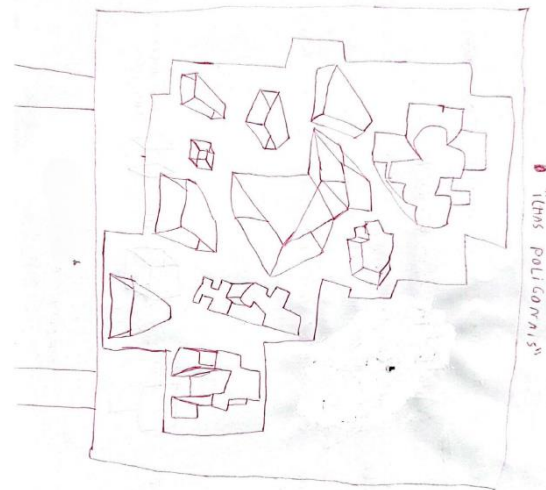
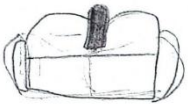
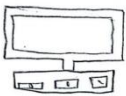


me lembra uma mulher um passarinho um dragão



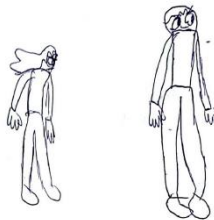
#Infâncias

essa imagem representa quando eu tava
 brincando Tr com minha irmã quando gostei
 muito quando eu fiz de duvida de eu
 eu fiz de um orkut quando tipo a da
 imagem



As constelações brilham no
 céu

Quando eu era criança gostava muito de desenhar, mas os meus desenhos eram todos
 sobre, hoje em dia desenho mais em uma folha.



Quando eu vi este desenho lembrei-me da minha infância.
Quando eu fazia desenhos como rabiscos e com vários tipos
de cores.
Eram desenhos personalizado em minha mente, bem parecia sinais-
los mas se usa-se a imaginação poderia, ver algo bonito por trás
daquelas figuras.

2º ANO



Podemos formar
agenciamentos.
Estrelas.
Luas.
Galáxias...



"Cidade Velejando"
"Sailing City"

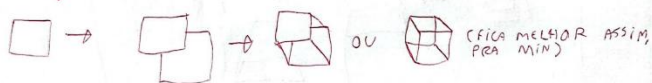
ESSA ARTE REPRESENTA MUITO SOBRE ~~ALGO~~...

~~A MINHA INFÂNCIA~~

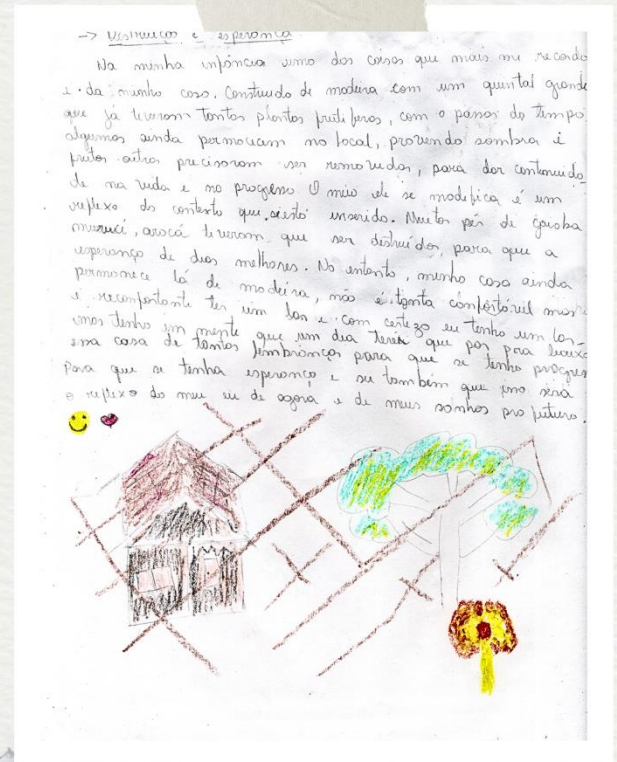
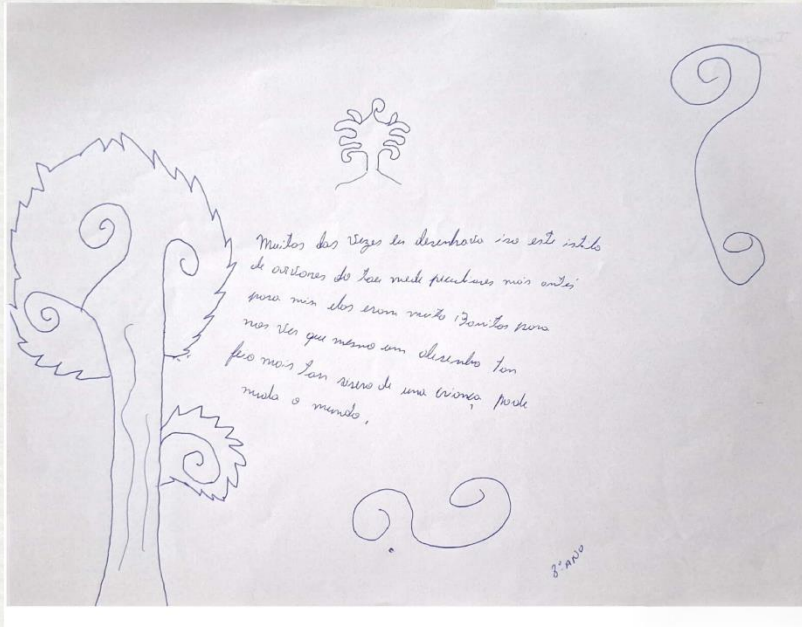
MINHA INFÂNCIA, ~~É~~ SIMPLES

~~ESSA ARTE~~ ELA FOI SIMPLES, MAS FOI DETALHA DE ALGUMA FORMA,
E EU GOSTAVA DE DESENHAR CUBOS EM 3 DIMENSÕES, OU
POLÍGONOS EM 3D, É SUPER FÁCIL DE SE FAZER, QUANDO VOCE FOR
FAZER UMA, VOCE VAI FAZER VÁRIOS, DEPENDENDO DA
SUA VONTADE.

ex:



#Infâncias



Um universo inteiro para
partilhar alegria.
E muitos outros encontros.

este desenhado me lembra a minha infância quando eu comecei a desenhar



#Infâncias

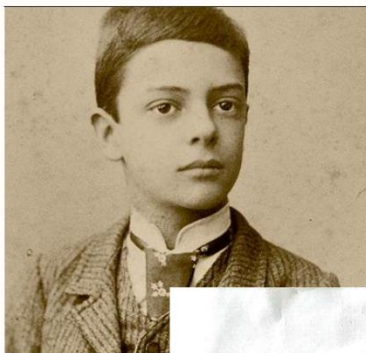


meu nome é Taiane e quando eu era criança eu adorava desenha mas pormas, que eu tentava não ficava bonito mas mesmo assim eu continuava a fazer o meu desenho e quando eu fiz esse desenho eu lembrei de como eu desen



O natal é um momento muito especial pra mim, por que o natal traz uma alegria enorme pra mim o natal é um momento que as famílias se reu ni para discutir e as crianças brincas, aquele sentimento de montar a árvore e tão especial montar com os primos e uma sensação única de chegar pra casa da minha avó comprando ela, abraça ela, gostava muito de abraçar meu avô mas faz um ano que ele se foi, infelizmente mais sei que ele ainda tá no natal comigo e com a minha família como o desenho fala que tem um anjinho no natal os anjinhos e meu avô.

Antes da minha mãe de tarde preparavam todos a comida e depois a casa lá estava colorida com aqueles pisca-pisca, então todos nós iam pro rio tomar banho e brincavamos muito, as horas passavam tão rápido mais logo a gente ia se arruma para fotos de família e depois nós comia tudo, mais o pior de tudo era que nessa foto não nós não tá lá, só na foto por que sei que meu anjinho tá lá e sempre sei que ele tá lá no lugar favorito dele.

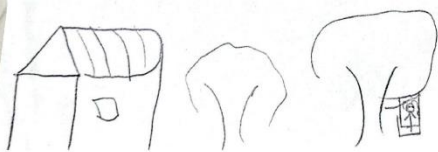


Sinta o afeto.
Abraça a vida.



Minha infância

Na minha infância eu gostava de brincar no quintal da minha casa e um dia o meu pai me levou pra um outro cidade na minha antiga escola era muito legal tanto amigos que eu tinha e tanto amigos que eu conheci eu me lembro que morava com meu tio morava três famílias sanando cada não foi muito bom por que, imus armas morar



#Infâncias

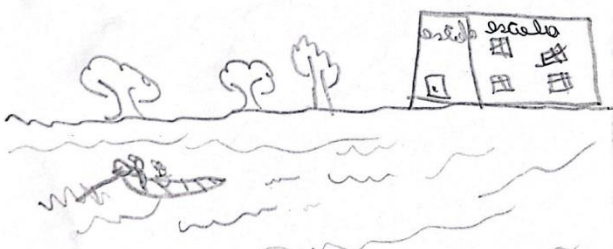


minha história da minha infância
quando eu era em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
que eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa

Minha infância foi muito ruim, cheia de brigas e
muita de coisas e o tempo passou.



com o passar do tempo isso mudou!



Aproveite o tempo.
Tudo dura pelo
acontecimento.

Minha infância
uma coisa que me fez a minha vida foi a minha infância
que eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa
e eu estava em casa



#Infâncias

